



HACKER

Ray Tavares

Copyright © 2019 Ray Tavares  
Todos os direitos reservados.

*"O grande mito do nosso tempo é que a tecnologia é comunicação." Libby Larsen*

## PRÓLOGO

Eu gostaria de poder dizer que essa é apenas uma história de amor, mas é bem mais complicado do que isso. Envolve gente importante e perigosa, infrações penais, corações partidos e uma pitada de traição.

Por mais complicada que seja, eu quero contá-la mesmo assim, para que eu possa ter certeza de que aconteceu e eu não estou inventando tudo isso na minha cabeça.

Às vezes, é difícil processar toda essa jornada e todas as decisões e consequências que me trouxeram até aqui.

Meu nome é Hannah Knight. Eu sou uma *hacker*. E essa é a minha história.

## UM

— Eu nem acredito que consegui te enfiar dentro de uma saia! — Emanuelle dava pulinhos de felicidade dentro do carro enquanto afivelava o cinto de segurança, fazendo com que o painel parasse de apitar de maneira irritante. — Aliás, eu nem acredito que você tem essas pernas bonitas! Tanto tempo morando juntas e eu nunca nem te vi pelada... que tipo de amizade é essa?

— Uma amizade em que pelo menos uma das partes não se sente confortável com nudez exagerada? — eu perguntei, fechando a porta do carro e ajustando o banco.

— Por um instante, eu pensei que você tiraria a calça e uma aranha sairia correndo do meio das suas pernas — Emanuelle continuou, como se eu não tivesse dito nada.

— Fico feliz em saber que eu passo esse tipo de impressão para as pessoas, Manu — as minhas palavras estavam carregadas de ironia. — Pernas feias e viveiro de aranhas. Minha mãe ficaria tão orgulhosa!

— Você vai adorar o Rodrigo — Emanuelle mudou subitamente de assunto, colocando o câmbio na ré e saindo da vaga apertada em que estava estacionada. — Ele tem ombros largos e cheira à primavera!

— Emanuelle, como eu sei que você não tem limites, eu vou precisar impor alguns — agora já estávamos deslizando pela rua, a minha melhor amiga dirigindo, eu no banco de passageiros. — Primeiro: eu não vou cheirar o seu novo namorado. Segundo: eu não vou tomar nada daqueles funis nojentos. Terceiro: se você me apresentar a qualquer homem, eu repito, *qualquer* homem, a nossa amizade acaba essa noite.

Emanuelle pareceu murchar um pouco no banco do motorista, mas não tirou o sorriso animado do rosto.

— Ai, Hannah... você vai passar pela vida sem ter vivido o melhor dela...

— Eu prefiro não viver nada em segurança, sentada na frente do meu computador e sem traumas psicológicos, obrigada — eu respondi, observando o meu reflexo pelo retrovisor do I30 de Emanuelle.

Por alguma artimanha do destino – ou talvez a culpa fosse dos cremes caros e cheirosos de Emanuelle –, o meu cabelo estava no lugar, ondulado nas partes certas e sem o volume exagerado de todas as manhãs. Além disso, os meus olhos, geralmente enfeitados por olheiras profundas e de um verde pantanoso, agora estavam iluminados e um pouco mais claros do que o normal.

Eu não sabia muito bem o porquê de ter deixado Hannah brincar de *extreme makeover* comigo naquela noite, mas era bom se sentir bonita.

— Você realmente está por fora do que rola nessas festas — a minha única e melhor amiga revirou os olhos castanhos lotados de corretivo, base, pó, sombra, delineador e rímel. — Há quanto tempo você não sai da frente daquele computador, aliás?

— Ele me entende e me aquece no inverno. Nós estamos apaixonados e você não tem nada que se meter no nosso relacionamento — eu coloquei os dois pés em cima do porta-luvas. — Vamos nos casar no verão.

Emanuelle gargalhou e ligou o rádio.

Ela era muito pequena para o carrão que dirigia; sumia dentro do esportivo. Eu vivia dizendo a ela que fôssemos de metrô para os lugares, mas ela teimava em dizer que tinha medo do assédio. Eu sabia que não era aquele o motivo... Emanuelle simplesmente não poderia ser vista andando de transporte público.

Eu não a julgava. Todo mundo tinha os seus defeitos. Não seria diferente

com a minha melhor amiga, por mais que todos a achassem perfeita.

Lembrava-me perfeitamente bem do nosso primeiro contato. Nós estávamos sentadas lado a lado na fila de espera da matrícula. Ela estava de mãos dadas com um senhor de idade que se parecia muito com ela, e os dois conversavam animados em uma língua que eu não conhecia. Mais tarde, eu descobri que aquele era o seu avô, o milionário e dono da rede de farmácias Kimura. Descobri também que ele cuidava de Emanuelle desde que ela era pequena, já que os seus pais estavam mais interessados em gastar toda a herança em drogas e festas caras.

A minha mãe estava ao meu lado naquele dia, encantada com tudo na Universidade de São Paulo; as cadeiras, as luzes, a arquitetura, a boa educação das pessoas, todas as atividades extracurriculares oferecidas. Eu estava sentindo o mesmo, afinal, todos aqueles anos de muito esforço e dedicação finalmente me levaram até aquele momento: Ciências da Computação na USP.

Nós não trocamos uma só palavra naquele dia e, apesar disso, ela me causou uma impressão diferente, como se eu estivesse diante de alguém que viria a se tornar importante na minha vida. Um mês depois, estávamos juntas na frente do mural de apartamentos para locação.

“Eu não pensei que fosse ser tão difícil dividir um apartamento, mas só encontrei gente doida nas poucas visitas que fui fazer”, ela comentou, analisando os anúncios no mural.

“Nem me fale, ontem eu fui ver uma república e encontrei um rato morto atrás da pia da cozinha”, eu respondi, concordando com a cabeça. Emanuelle apontou para um anúncio e o leu em voz alta. “Apartamento para meninas! Dois dormitórios, cozinha equipada, ampla sala de estar, sacada e banheiro.”

Então ela se virou para mim e sorriu. “Eu sou Emanuelle. Prazer em te conhecer. Quer ser minha colega de apartamento?”

E foi daquele jeito que ela se tornou a minha melhor amiga.

— ...e eu acho que vocês se dariam muito bem — eu saí da pequena viagem no tempo em que estava para ouvir o final da sentença de Emanuelle.

— Vocês quem?

— Você e o Oliver.

O meu coração parou um pouco de bater, para depois voltar com força total.

— Não vejo nada de mais nele — eu menti, entrelaçando as minhas mãos e respirando fundo. — Além do mais, ele é o seu ex-namorado.

— Eu não estou sugerindo que vocês namorem, só que você faça alguns amigos — ela deu seta e entrou na rua mais movimentada da Vila Madalena.  
— Você precisa fazer mais amigos, sair da frente daquele computador!

Os bares estavam lotados de estudantes. Música ao vivo se misturava ao som de artistas de rua e músicas ambiente de bares mais tradicionais. Jovens bebiam cerveja e casais tomavam vinho a luz de velas.

Eu odiava aquela rua, e só de pensar em me relacionar com desconhecidos fazia com que o meu estômago embrulhasse e eu sentisse vontade de chorar.

Era muito difícil ser do jeito que eu era, avessa à aglomerações e a estranhos, *hater* de convenções sociais e papo furado, ansiosa e antissocial, e mais difícil ainda convencer os outros de que eu era feliz na maneira como levava a minha vida, na frente do computador, fazendo o que eu gostava.

Emanuelle era incrível, mas nunca havia entendido, e eu suspeitava de que nunca entenderia.

— Você sabe que não é tão fácil assim, Emanuelle.

— Ok, tudo bem — ela deu seta e entrou no primeiro estacionamento que encontrou. — Não está mais aqui quem falou.

### XXX

— Hannah, esse é o Rodrigo. Rodrigo, essa é a minha melhor amiga, Hannah!

Eu apertei a mão calejada do garoto e sorri, já que ele estava sorrindo para mim. Ele então beijou a bochecha de Emanuelle e avisou que iria pegar cerveja para nós três. Ela concordou com a cabeça e esperou ele sumir entre as pessoas para começar a surtar.

— Ele não é um *sonho*? — ela soltou um gritinho agudo, sentando-se ao meu lado na mesa. — Meu Deus, ele é o cara mais lindo com quem eu já fiquei!

— Engraçado, você disse a mesma coisa daquele tal de Lucas semana passada — eu a alfinetei, mas ela só me lançou um olhar de desdém e voltou a observar a bunda de Rodrigo, que estava encostado no bar pedindo as cervejas para o *bartender*. — Quando é que você vai sossegar, eim, Emanuelle?

— Hannah, eu sou um espírito livre...

— *...e não nasci para ficar presa a ninguém* — eu completei o seu bordão, a frase que ela repetia como um mantra e parecia nem perceber. — Eu sei disso. Mas eu acho que os caras não estão mais levando você a sério.

— E isso é ótimo! — Emanuelle tirou um espelho da sua bolsa vermelha de verniz e passou a admirar os seus olhos no reflexo, retocando a sombra marrom. — Eu também não os levo a sério. É uma troca de favores. Sexo por sexo. Não acha justo?

Eu não respondi nada, um pouco desajeitada naquele ambiente. Com certeza Emanuelle me abandonaria em algum momento daquela noite, por mais que sempre jurasse que não iria. Na maioria das vezes, eu conseguia

escapar de ter que sair com ela, mas não tinha como naquela noite; o meu *notebook* estava no conserto e eu não tinha desculpas boas o suficiente para dar a minha melhor amiga.

O novo “parceiro sexual” de Emanuelle retornou a mesa e me entregou uma caneca de cerveja, sentando-se ao lado de Emanuelle e a abraçando pelos ombros.

— Mas me diz, Hannah, o que você estuda na USP?

— Ciências da Computação — eu respondi. — Converso sempre em 0 e 1!

Rodrigo ficou com cara de quem não havia entendido a piada e logo perdeu o interesse em ser simpático com a melhor amiga esquisita da sua futura transa. Em seguida, os dois estavam se agarrando na mesa e eu sozinha, passando a ponta do dedo indicador na borda da minha caneca de cerveja cheia.

Eu odiava cerveja.

Suspirando, peguei o meu OnePlus 6T de dentro da bolsa. Ele era o meu protegido; havia trabalhado em um caso particularmente complicado para conseguir comprá-lo. A minha mãe ficou muito chateada quando eu apareci com o meu novo celular em casa, já que ela estava economizando o ano inteiro para me comprar um como presente por ter entrado na USP, então eu fiz com que ela pegasse aquele dinheiro e comprasse um novo para ela e para a minha irmã.

Eu conectei o 4G e entrei no Chrome. Pensei em acessar a minha segunda conta, mas achei arriscado, levando em conta todas as pessoas a minha volta. Logo, optei só por entrar no Google e digitar “métodos mais fáceis de se matar em um bar”.

Eu estava em dúvida entre enfiar uma faca de pão no peito ou entrar em coma alcoólico quando Emanuelle me cutucou no ombro.

— Hannah, eu vou dar uma volta com o Rodrigo — ela sussurrou,

apontando para o garoto que já a esperava na porta do bar um tanto quanto impaciente. — Você me espera?

— Claro — eu sorri para Emanuelle, que beijou a minha testa e saiu correndo.

Eentão olhei em volta e me encontrei sozinha no meio da Vila Madalena.

### XXX

— Oi, Hannah! Você por aqui? — Pedro Santos sentou-se ao meu lado assim que Emanuelle me abandonou, quase como se estivesse planejando aquela abordagem. — Bateu a cabeça, foi?

Pedro era uma das únicas pessoas que sabia quem eu era na USP. Dentro desse grupo limitado, ele, além de Emanuelle, era o único que sabia o meu nome.

Não me pergunte como.

Não me pergunte o porquê.

— É, mais ou menos isso...

— Suspeitei desde o princípio... — ele sorriu, um sorriso brilhante em seu rosto de ônix. — Daqui a pouco eu vou fazer *stand up*. Vai ficar para assistir?

— Não sei — eu respondi com sinceridade. — Talvez eu tenha que pegar o metrô para voltar para casa, antes que ele feche.

— Ah... — ele pareceu um pouco desapontado. — Bom, eu espero que você arranje uma carona e consiga ficar. Eu só não te ofereço uma porque estou no carro com o Oliver e ele já está lotado.

Só de ouvir o nome “Oliver” o meu coração deu um salto no peito.

— Sem problemas — eu tomei um gole da minha cerveja quente, tudo para ocupar as minhas mãos; ela desceu queimando, um sentimento péssimo tomando conta de mim. — Se eu não ficar para te assistir, boa sorte!

— Obrigado — Pedro olhou em volta, avistando os amigos em outra mesa. — Bom, eu vou nessa. Foi um prazer conversar com você.

— Igualmente.

Eu olhei com o canto dos olhos para a mesa em que Oliver, Samuel e Caio estavam. Pedro juntou-se a eles e os quatro começaram a conversar, rindo de tempos em tempos. Eles formavam apenas um grupo de bons amigos, mas, para mim, que nunca tive muitos amigos, quem dirá um *grupo* deles, era fascinante vê-los interagir.

Pedro Santos cursava Educação Física. Ele jogava futsal pela Universidade e era o atacante titular do time. Nos tempos livres, fazia shows de *stand up* em bares pela cidade e quase sempre arrancava risadas desde as garotas histéricas que riam de tudo até os fregueses mau humorados. Claro que a sua aparência de Deus do ébano ajudava; os olhos negros como a noite e o cabelo afro conquistava a todos e todas.

Samuel Gomes estava ao seu lado na mesa. Assim como Emanuelle, cursava Biologia, mas era um ano mais velho que a minha amiga. Ele vinha de Belo Horizonte e tinha um sotaque divertido, além da pele queimada do sol e bíceps de quem não perdia um dia de academia.

Do outro lado da mesa, de frente para Pedro e Samuel, Caio Moreira mexia no celular. O favorito das garotas, do tipo militar. Alto, forte, malhado, olhos cor de mel e cabelo raspado. Era do tipo sério e empreendedor – cursava Economia e deveria assumir os negócios da família ao final do curso; ninguém sabia direito quem era o seu padrasto dele, que escondia aquela informação a sete chaves, mas, aparentemente, era alguém bastante rico e influente.

Finalmente, Oliver Morais estava ao lado de Caio e completava o grupo.

Mas Oliver Morais era indescritível...

### XXX

Eu esperei pacientemente por Emanuelle durante 45 minutos. Então, desisti da romaria e me levantei para pagar a única cerveja que *não* havia tomado, afinal, já começava a ficar chato; eu sozinha na mesa enquanto grupos de amigos esperavam por uma vaga do lado de fora.

Fui até o balcão e deposei a caneca cheia ao lado das outras. O *bartender* sorriu e me agradeceu pela ajuda, antes de voltar a atender outros clientes. Eu sequei as minhas mãos um pouco úmidas na borda da saia de cetim que Emanuelle havia me emprestado e caminhei até o caixa, determinada a não trocar olhares com ninguém. Não que estivesse preocupada em ser reconhecida sozinha em pleno sábado à noite, eu com certeza já havia feito coisas bem mais humilhantes do que apenas parecer uma solitária e triste jovem de 19 anos. Eu só não queria ser notada; sempre tivera a estranha necessidade de passar despercebida.

— Dez reais — a caixa, com mais ou menos 30 anos e cara de estar cumprindo o segundo turno no dia anunciou assim que passou a minha comanda pelo infravermelho. — Cartão ou dinheiro?

— Dinheiro — eu estendi uma nota de vinte reais.

A mulher guardou o dinheiro no caixa registrador e colocou o troco em cima do balcão. *Seria demais entregar na minha mão?*, eu revirei os olhos. Guardei o resto do dinheiro na minha carteira e a coloquei dentro da bolsa. Estava me virando para ir embora quando trombei em algo.

Não em algo, mas em *alguém*. Choquei o meu ombro contra essa pessoa e

olhei para o chão, envergonhada.

— Me desculpe — o alguém disse, gelando a minha espinha dorsal assim que a sua voz atravessou o meu campo de proteção.

Eu levantei o meu rosto lentamente e encontrei quem já esperava encontrar; aquela voz não me passaria despercebida nem no meio de um show de Heavy Metal.

Oliver Moraes.

Ele era tão alto que eu tinha que olhar para cima para encarar os seus olhos castanhos, que observavam distraídos algum ponto por cima dos meus ombros. De baixo, eu podia ver o sombreado da sua barba loira por fazer, que cobria todo o maxilar. O cabelo era quase da mesma cor da barba, um pouco mais escuro talvez. Emanuelle dizia que era cor de areia, mas eu teimava no loiro escuro — bom, eu teimava em pensamentos, nunca em voz alta.

A voz dele era rouca. Rouca de um jeito que mexia com a nossa alma.

— Sem problemas — eu respondi sem perder a compostura. Não era do tipo de menina que perdia a razão quando encontrava o amor da sua vida. Claro que por dentro eu já havia me transformado em um mar de nervos, mas era fria e calculista o suficiente para impedir que eles me dominassem. — Eu que não te vi parado aí.

Oliver olhou para baixo, parecendo me perceber pela primeira vez.

— Meio improvável você não reparar em um cara desse tamanho parado atrás de você — ele disse e sorriu para mim.

Toda vez que ele sorria o meu mundo parecia ficar em câmera lenta.

— É por isso que eu ando com dois seguranças para me proteger — eu aponte para um ponto qualquer e Oliver acompanhou o meu dedo. — Ih... eles foram embora...

Ele olhou de novo para mim e riu. Então a moça atrás do caixa chamou o próximo – um tanto quanto irritada, principalmente pela fila que se formava atrás de nós dois – e Oliver colocou uma das mãos em meu ombro.

— Minha vez — anunciou. — Tome cuidado com os homens grandes por aí.

— Eu vou tomar — eu sorri e deixei ele passar na minha frente.

E, mais uma vez, Oliver Morais não havia lembrado quem eu era.

Acho que aquela era a terceira vez que conversávamos. Primeiro, quando ele e Emanuelle começaram um curto namoro de dois meses e ela nos apresentou, segundo, quando nos trombamos certa vez nas lojinhas do centro e ali novamente, na Vila Madalena.

Ou ele tinha Alzheimer ou realmente não havia se interessado nem um pouco em mim, como a maioria das pessoas parecia não se interessar.

Eu gostava de acreditar que ele tinha Alzheimer.

### XXX

Eu cheguei em meu apartamento depois de uma longa peregrinação de metrô e mais uns quinze minutos de caminhada. Quando o trem parou na minha estação, eu quase chorei de felicidade; se Emanuelle visse aquela minha animação de pobre ficaria um tanto quanto decepcionada.

Na maçaneta da porta não havia nenhum aviso de que o apartamento estava “ocupado” – geralmente era uma plaquinha que eu havia feito para Emanuelle que dizia “não entre se não quiser ter que procurar um psicólogo”, mas quando ela não achava a plaquinha colocava uma meia qualquer —, então eu a destranquei, fui até o meu quarto e desabei na cama de solteiro.

Olhei para o teto e fiquei escrevendo o nome de Oliver no ar com o dedo indicador.

Se ele ao menos soubesse o quão próximos já éramos...

Virei o rosto na direção da escrivaninha, onde meu precioso HP estaria se ele não estivesse no conserto. Eu estava sem ele havia pouco mais de dois dias e já começava a sentir os sintomas da abstinência.

O meu mundo não era na vida real; o meu mundo era na rede.

*Online* eu não me chamava Hannah Carvalho Knight. Eu era K. Hunter, uma *hacker* em formação. Com certeza os meus amigos mais próximos da rede já estavam ficando preocupados com o meu sumiço. Eu havia mandando uma mensagem codificada para eles minutos antes de entregar o computador nas mãos do meu técnico de confiança, mas eles estavam tão envolvidos em teorias da conspiração que eu não me impressionaria muito se algum deles entrasse no meu quarto a qualquer momento, gritando “eles nunca vão te pegar viva!”

A minha placa de vídeo havia queimado e eu precisei entregar o meu bebê nas mãos de Thiago, o garoto prodígio que consertava as minhas coisas desde... bom, desde sempre. Meus amigos diziam constantemente que não se podia confiar em qualquer técnico fundo de quintal, mas o meu computador era muito protegido e eu confiava no moleque.

Eu comecei a me interessar por invasão de sistemas aos 14 anos. Eu já era muito evoluída em questões de conhecimento técnico antes disso, aprendendo quase tudo observando o meu pai e a sua paixão pela informática. Mas foi somente aos 14 anos que eu invadi o meu primeiro computador; o da minha vizinha de frente.

Ela vivia infernizando a minha vida, principalmente após a doença do meu pai, que o impedia de sair de casa. Como eu ficava sempre ao lado dele e quase nunca saía, ela havia espalhado para o condomínio inteiro que eu era um vampiro. Agora, aos 19 anos, aquele boato até me pareceria divertido, mas, no princípio da adolescência, afetou muito a minha já abalada

autoestima.

A gota d'água aconteceu quando ela jogou ovos na nossa porta de entrada e minha mãe, também doente, teve que limpar, já que não havia mais ninguém em casa no momento do ocorrido. Quando eu voltei do colégio e descobri o que tinha acontecido, passei as horas seguintes tentando acessar o sistema dela, motivada pela força do ódio e apanhando para os antivírus e para a minha falta de experiência. Porém, uma hora eu consegui, e encontrei uma mina de ouro; aparentemente, a minha vizinha comandava um esquema de gabaritos de provas no colégio onde estudava, e o meu prazer ao enviar tudo aquilo por e-mail para a diretoria da escola foi indescritível. Depois disso, a garota nunca mais espalhou boatos sobre mim e a minha família, já que estava ocupada demais vivendo em seu castigo eterno.

Quanto melhor eu ficava em invasões de sistema, mais computadores eu invadia. Comecei pelo os de conhecidos, mas logo estava invadido PC's alheios, de pessoas de outras cidades, estados e países. Mas foi somente quando o meu PC foi invadido que eu conheci a rede de *hackers*.

Eu tinha 17 anos na época e qualquer tempo livre que tinha entre os estudos para o vestibular eu usava para lapidar as minhas habilidades. Era de madrugada, e eu estava ao lado do meu pai, os olhos vidrados na tela. E de repente, o meu *mouse* não era mais meu, e um bloco de notas apareceu na minha tela. A pessoa que invadiu o meu sistema se autodenominava L. Love, e, de acordo com ele, estava monitorando os meus passos já havia algum tempo. Ele explicou que estava muito impressionado com as minhas habilidades, apontou os rastros que eu estava deixando para trás nas minhas invasões e me ofereceu ajuda, que eu aceitei de prontidão; só eu sabia o quanto estava precisando de um mentor. Depois de alguns meses de lições práticas, ele me adicionou em um fórum secreto com cerca de 500 *hackers*. Foi nesse fórum que eu recebi o meu primeiro pagamento por uma investigação.

Durante aquela época, a doença do meu pai havia piorado muito; a doença de Huntington se manifestou quando ele tinha cerca de 38 anos. Aos 48, ele já estava em estado terminal. Eu ficava ao seu lado dia e noite, de olho para

que ele não caísse da cama em algum de seus acessos.

Antes da doença do meu pai, nós tínhamos um padrão muito bom de vida, mas conforme ele ia piorando, minha mãe ia vendendo os diversos postos de gasolina que ele possuía para pagar os tratamentos, enfermeiras e exames. No final, vivíamos da renda de só um dos postos de gasolina, no qual a minha mãe ficava o dia inteiro, enquanto eu cuidava dele e da minha irmã pequena. Foi nessa época também que a esclerose múltipla de minha mãe piorou — ela havia descoberto a doença antes mesmo de se casar com o meu pai e a controlava muito bem, mas o estresse da situação pareceu piorar os sintomas.

Justamente por estar nessa situação que eu precisava do dinheiro, então nem pensei duas vezes antes de aceitar a proposta; eu teria que invadir o computador de um cara de 40 anos que ainda morava com os pais. Estes estavam preocupados com alguns comportamentos recentes do filho e, por aconselhamento de alguns amigos, entraram em contato com o submundo da Internet. E então, por 500 reais, fui obrigada a contar aos pais do homem que ele pretendia dar um golpe nos dois para ficar com a grana de um fundo de previdência.

Depois do susto logo no primeiro caso, eu comecei a pegar gosto pela coisa. O casal me pagou direitinho e L. Love, já meu amigo e conhecedor de toda a minha história, passou a procurar pequenos trabalhos como esse para mim. Eu ganhava entre 500 e 1000 reais, dependendo da complexidade do caso.

O meu pai era o único que sabia das minhas aventuras. Eu não tinha certeza se ele estava me ouvindo ou não, mas percebia que ele ficava mais calmo quando eu contava as novidades dos casos que estava investigando.

Talvez por isso fosse bastante difícil esquecer a última vez que eu conversei com ele.

Eu estava invadindo o computador de um cara a pedido de sua namorada, que achava que ele a estava traindo; estava lendo as conversas do homem com a suposta amante quando ouvi barulhos da cama do meu pai. Alarmada, sai correndo e sentei-me ao seu lado para tentar ampará-lo. Segurei a sua mão

até ele parar de se debater, e então ele olhou para mim e se acalmou. Eu fiquei olhando para o meu pai e passando a mão em seu cabelo já bem ralo. Ele estava muito magro, bem diferente do homem que um dia eu havia conhecido, cheio de vida e determinação.

— Pai, você não vai acreditar — eu disse, apontando com a cabeça para o meu computador velho em cima da escrivaninha. — Acabei de descobrir que o namorado da minha última cliente realmente tem uma outra namorada! Dá para acreditar? Não existem mais bons homens nesse mundo... não existem mais homens como o senhor.

Então o meu pai sorriu. Eu arregalei os olhos, tomando um susto, já que ele não sorria mais havia muito tempo. A última vez que eu o vira sorrir, ele ainda conseguia falar.

— Pai! Você está sorrindo! — eu sorri de volta, sentindo lágrimas embaixo dos meus olhos. — Você pode me entender, não pode?

Ele não tirou o sorriso do rosto. As lágrimas ficaram mais pesadas, mas eu não as derramei. Era um momento feliz, não um momento triste.

— O senhor sabe que eu te amo, não sabe?

Nós dois estávamos de mãos dadas e eu pude sentir que ele a havia apertado. Eu me curvei e o abracei com força. Ficamos alguns minutos daquele jeito, então ele voltou a dormir.

O meu pai faleceu naquela madrugada. A minha mãe estava ao seu lado na hora e me disse que ele havia ido embora calmo, como um anjo que havia cumprido o seu dever na terra. Eu não duvidava. Algumas pessoas vinham para esse mundo fazer a diferença na vida de alguém e por isso iam embora tão cedo.

O meu pai era uma dessas pessoas.

### XXX

Eu acabei adormecendo, e só fui acordar com Emanuelle me chacoalhando.

— Hannah, meu amor — ela sussurrou e eu abri os olhos —, você por acaso teria uma camisinha?

Eu olhei em volta e percebi Rodrigo apoiado no batente da minha porta. Eu então desci o olhar e percebi que ele estava bastante animado.

Se é que você me entende.

Eu me sentei lentamente e pisquei os olhos com força algumas vezes. Então lancei um olhar assassino para Emanuelle e neguei com a cabeça.

— De todas as pessoas do mundo, você achou prudente acordar uma virgem para pedir uma camisinha? — eu resmunguei, levantando-me, pegando o meu maço de cigarros de dentro da mochila em cima da escrivaninha e saindo do quarto sem nem olhar para o garoto.

— Ei, não precisa ir embora! — Emanuelle ainda tentou, mas eu já estava irritada o suficiente e não queria mais estar ali.

Eu desci as escadas de incêndio, pois sabia que às 2 horas da manhã de uma sexta-feira o *hall* estaria lotado de estudantes bêbados, já que aquele prédio era dominado por alunos da USP. Saí pelos fundos e sentei-me em um dos bancos de madeira que davam vista para a piscina.

Eu sabia que só poderia voltar para o meu quarto depois de uma hora mais ou menos, quando os barulhos começariam a diminuir. Por isso, peguei o meu maço de cigarros e acendi um. Emanuelle me proibia de fumar no apartamento, então aquele era praticamente o meu fumódromo; sempre que passava por ali, sentia a necessidade de acender um cigarro.

Eu odiava fumar, mas era algo que me acalmava nas minhas crises de

ansiedade e autodepreciação, então o hábito permaneceria até que eu desse um jeito na minha própria vida.

De longe, como alguma brincadeira cruel do destino, observei Oliver, Pedro e uma garota qualquer passarem pela portaria do prédio do outro lado da rua. Os dois também eram colegas de apartamento, e eu já sabia tudo o que aconteceria a seguir: Oliver entraria em casa, pegaria o seu *notebook* e desceria para o *hall*. Iria então se sentar em um dos sofás e passar o resto da madrugada no computador.

Escrevendo. E conversando comigo.

Eu fumei o meu cigarro inteiro e o apaguei na sola do sapato. Joguei-o em uma lixeira próxima e voltei para o meu prédio.

Eu tinha um encontro marcado com Oliver.

### XXX

**Oliver C. Morais está online.**

**K. Hunter está online.**

**Oliver C. Morais está digitando...**

**Oliver C. Morais diz:**

Eu estava te esperando, K. Chegou tarde hoje.

**K. Hunter diz:**

Eu te disse que o meu computador está no conserto. Tive que despistar o porteiro para entrar na sala de jogos do prédio. Desculpe pela demora.

**Oliver C. Morais diz:**

Sem problemas. O que você fez de interessante hoje?

**K. Hunter diz:**

Ah... a mesma coisa de sempre...

**Oliver C. Morais diz:**

Tentou conquistar o mundo?

**K. Hunter diz:**

Exatamente, Pink!

**Oliver C. Morais diz:**

Não acredito! Nós passamos o dia fazendo a mesma coisa, então!

**K. Hunter diz:**

Você tem que parar de me copiar, Oliver.

**Oliver C. Morais diz:**

Você tem que parar de *me* copiar, K. Hunter.

**K. Hunter diz:**

Aposto que esse nosso diálogo vai parar na sua história.

**Oliver C. Morais diz:**

Apostou certo. Por falar nisso, eu finalmente escrevi aquela cena em que o Bruno pega a Jéssica na cama com o irmão. Mas não sei se ficou legal... quer dar uma lida?

**K. Hunter diz:**

E você ainda pergunta, Oliver? Claro que eu quero!

Eu coloquei os dois pés na cadeira ao lado e olhei para a porta. Até então, o porteiro não havia passado pela sala para fazer a habitual vistoria noturna, mas eu duvidava que ele fosse me enxergar mesmo se entrasse na sala com uma lanterna; o coitado era mais míope que uma porta.

Eu estava imaginando Oliver sentado no sofá do *hall* do próprio prédio, o calcanhar de uma perna apoiado no joelho da outra, um cigarro entre os dedos e a tela do *notebook* iluminando o seu rosto. Pedro provavelmente estava no quarto com a garota que vi mais cedo, e Oliver só conseguiria se concentrar para escrever longe do barulho; eu e ele tínhamos isso em comum, colegas de quarto que gostavam bastante de transar.

Todas as sextas-feiras de madrugada eram daquele jeito... ele descia para escrever o seu romance e conversar comigo, enquanto eu ficava na varanda do meu apartamento, enrolada em um cobertor, conversando com ele e analisando as novas ofertas de trabalho. Mas naquela sexta-feira, não como habitualmente, eu estava sendo obrigada a usar o PC lento da sala de jogos.

Odiava quebrar a rotina, mas fazia de tudo para não perder uma daquelas sessões com Oliver.

Ele me mandou a cena que estava escrevendo e eu comecei a ler.

*“Bruno entrou no apartamento cansado após mais um dia de trabalho. Ele só queria abraçar a sua mulher e ter uma noite decente de sono; já não sabia mais há quanto tempo dormia 8 horas seguidas, principalmente depois dos escândalos recentes. Os problemas na redação o estavam deixando louco, e ele se perguntava se jornalismo havia sido mesmo a melhor decisão. Por mais que amasse o que fazia, era difícil ser um bom jornalista investigativo no mar raso que havia se transformado o jornalismo brasileiro.*

*Ele jogou as chaves em cima do aparador e marchou até o quarto. Abriu a porta enquanto afrouxava a gravata, mas parou de fazê-lo quando percebeu uma movimentação em sua cama.*

*Ele acendeu a luz e sentiu como se um buraco tivesse se materializado embaixo de seus pés.*

*Jéssica estava em cima da Bernardo, totalmente nua, olhando para ele com a boca aberta. Bernardo, embaixo dela, tentava cobrir a cena, como se aquilo pudesse apagar o que Bruno estava vendo.*

*“Mas que porra é essa aqui?”, Bruno perguntou, marchando em direção aos dois, sentindo um ódio que ele não conhecia o gosto tomar conta de si.*

*Com força, empurrou Jéssica para o lado e pegou Bernardo pelos ombros. O irmão, pelado, tentou se livrar do aperto do marido traído, mas Bruno foi mais rápido e desferiu um soco certo em sua boca.*

*Jéssica soltou um grito, mas já era tarde demais, e Bruno retirava a arma do criado-mudo, em uma atitude que o jornalista nunca pensou que fosse ter.”*

### **K. Hunter diz:**

Ah, meu Deus! Não acredito que a Jéssica foi capaz de trair o Bruno! Eles tinham uma história tão bonita... agora eu estou com raiva! O Bruno deveria

contar a verdade sobre o Bernardo e manda-lo para a cadeia! Alguma chance de isso acontecer?

**Oliver C. Morais diz:**

Se isso acontecer agora eu não tenho mais história, K!

**K. Hunter diz:**

Você é bonzinho demais com os seus personagens...

**Oliver C. Morais diz:**

Sou como uma mãe para eles! Mas acho que talvez eu devesse mesmo começar a mata-los. Todos eles! Quem sabe assim eu não viro um *best seller*? Deu certo com o George Martin!

**K. Hunter diz:**

Se você matar o Bruno eu juro que nunca mais falo com você.

**Oliver C. Morais diz:**

Ah, então é assim que eu me livro de você? “Bernardo, em um súbito acesso de ódio, pegou a arma do irmão e atirou três vezes contra o rosto de Bruno. Ele morreu na hora”. Pronto.

**K. Hunter diz:**

K. Hunter bloqueou você para sempre.

**Oliver C. Morais diz:**

Finalmente! Eu estou livre!

**K. Hunter diz:**

Às vezes eu não sei porque aceitei ser sua amiga.

**Oliver C. Morais diz:**

Pff, você que implorou para que eu fosse seu amigo!

**K. Hunter diz:**

“Alguém aí estaria interessado em dar opiniões sobre uma história que eu estou escrevendo? Estou procurando por opiniões sinceras!” Fala sério, Oliver... durante alguns meses eu achei que você fosse uma mulher naquele fórum!

**Oliver C. Morais diz:**

Tinha uma foto minha no perfil.

**K. Hunter diz:**

Exatamente.

**Oliver C. Morais diz:**

Você é muito engraçadinha para quem nunca me mostrou o rosto. Como eu posso saber que você não é um velho de 40 anos querendo se aproveitar de

um jovem estudante de audiovisual com 21 anos e sonhos de se tornar um escritor?

**K. Hunter diz:**

Acho que ninguém nesse mundo possui um fetiche tão específico assim, Oliver. E, de qualquer modo, eu estou aqui para dar opiniões sinceras sobre a sua história, não para tirar a roupa na *webcam*!

**Oliver C. Morais diz:**

Nunca assinamos um contrato. Você poderia diversificar a sua prestação de serviços.

**K. Hunter diz:**

Eu acho que você deveria segurar um pouco na maconha que já está te fazendo mal.

**Oliver C. Morais diz:**

Eu ainda vou te conhecer, K. Hunter. E ainda vou te conquistar.

**K. Hunter diz:**

Tudo bem, Don Juan. Agora eu preciso dormir.

**Oliver C. Morais diz:**

Já? Mas eu nem te mostrei o próximo capítulo!

**K. Hunter diz:**

Eu sei, mas amanhã eu preciso acordar cedo e tenho que ir. Nos encontramos na segunda-feira?

**Oliver C. Morais diz:**

Eu odeio passar o final de semana sem conversar com você.

**K. Hunter diz:**

Tenho certeza que essa saudade passa assim que você bota os olhos na primeira gostosa que passa pela sua frente.

**Oliver C. Morais diz:**

Você me conhece tão bem...

**K. Hunter diz:**

Boa noite, Oliver.

**Oliver C. Morais diz:**

Boa noite, K. Tenha bons sonhos!

**K. Hunter diz:**

Você também! Sonhe comigo!

**Oliver C. Morais diz:**

Eu sempre sonho. Mas em meus sonhos você é a Scarlett Johansson.

O meu rosto estava quente quando eu saí do *chat* e desliguei o computador. Por mais que eu e Oliver sempre trocássemos aqueles flertes inofensivos e brincalhões, era difícil separar o faz de conta da realidade. Na vida real, ele parecia nunca lembrar quem eu era, já na Internet, agia como se quisesse algo a mais.

Mas eu precisava me lembrar constantemente de que vivíamos na vida real, e não na Internet.

Eu não tive muito tempo para saborear o sentimento de me sentir desejada, já que o porteiro passou pelo corredor empunhando a lanterna para dentro da sala. Num movimento muito ágil, joguei-me embaixo da mesa e esperei ele ir embora. O senhor de cerca de 60 anos ainda ficou algum tempo tentando descobrir a origem do barulho de cadeira arrastada, mas desistiu ao ouvir os gritos de algumas garotas bêbadas do lado de fora do prédio.

Eu esperava que Emanuelle estivesse apenas conversando com o garoto da vez, talvez até dormindo, porque eu precisava de uma boa noite de sono para enfrentar as quatro horas de ônibus do dia seguinte até Ribeirão Preto para visitar a minha mãe e a minha irmãzinha.

Subindo para o meu quarto, repassei a conversa que tivera com Oliver e pensei em como aquelas indiretas começavam a ficar cada vez mais diretas. Nós conversávamos naquele chat havia pouco mais de seis meses, mas, nas últimas semanas, Oliver não queria mais apenas saber as minhas opiniões sobre o seu livro, nem conversar sobre política e economia, adicionando um interesse repentino nas roupas que eu estava usando e nas partes anatômicas do meu corpo.

Claro que aquilo me deixava um tanto quanto constrangida, mas eu precisava admitir que o auge do meu dia era ler sobre como Oliver me imaginava. Quero dizer, se ele me fantasiava bonita, ele provavelmente deveria me achar uma pessoa legal e divertida.

Eu parei em frente ao meu apartamento e não vi sinal de meias ou placas na porta. Sem paciência para especulações, entrei como um cavalo e suspirei

aliviada quando não encontrei Emanuelle completamente nua em cima do seu novo namorado no sofá.

Cansada, tirei a minha roupa e coloquei o pijama. Deitei-me na cama e me cobri até o pescoço com um lençol fino, para não morrer de calor e também evitar os pernilongos. Com apenas a cabeça descoberta, eu fechei os olhos e dormi no mesmo instante.

Eu sonhei com Oliver aquela noite.

## DOIS

Acordar no dia seguinte foi mais difícil do que eu pensei que fosse ser. Afinal, despertar aos primeiros raios de sol de um sábado sempre me parecia uma certa blasfêmia.

Assonada e irritada, arrastei-me até a sala e encontrei Emanuelle dormindo no sofá e babando no travesseiro, sem a companhia de Rodrigo. Sob o fino lençol que ela usava para se cobrir eu podia ver o contorno da sua bunda. Eu desviei os olhos com certo desconforto; estava sempre brigando com a minha amiga para que usasse mais roupas em nosso apartamento, mas ela não se importava nem um pouco com a própria nudez. Claro que, por conta disso, os nossos vizinhos de frente estavam sempre nos espionando para poder vê-la praticando yoga pelada na sacada.

Eu fui até o nosso pequeno banheiro e tomei um banho rápido. Escovei os dentes e me troquei. De calça jeans e camiseta dos Stones, sai do cômodo e encontrei Emanuelle na mesma posição, a baba seca no canto da boca.

— Emanuelle, estou indo — eu avisei, puxando a alça da minha mala de rodinhas.

“*Hm... me traz um churros...*”, ela resmungou e eu sai do apartamento rindo.

Desci os dois lances de escada do nosso prédio sem elevador com a mala fazendo barulho atrás de mim. Quando cheguei no *hall* de entrada, já bastante irritada e com os braços doendo, encontrei uma zona de estudantes que estava esperando seus Ubers e táxis para a estação, a maioria com cara de quem nunca mais iria beber na vida – ou até a próxima festa, pelo menos.

Como eu nunca pegava táxi – do prédio até a estação eu gastaria mais de

20 reais, luxo que eu não poderia me dar –, passei por eles quase como uma sombra e andei até o ponto. O meu ônibus chegou quinze minutos depois e eu arrastei a minha mala barulhenta para dentro dele. Cumprimentei o motorista, passei pela catraca e me sentei. Já acomodada, coloquei meus fones de ouvido e encostei a cabeça no vidro.

A minha vida era tão parada e sem graça que, às vezes, eu me perguntava se fazia mesmo parte daquela Universidade ou se era algum sonho do qual eu não conseguia acordar.

### XXX

O ônibus para Ribeirão Preto estava lotado, como de costume. Sábado de manhã era o dia nacional de ir visitar a família, e eu não era uma exceção à regra.

Sentei-me na primeira poltrona que encontrei e fiquei aliviada por não ter ninguém ao meu lado para puxar conversa. Eu geralmente tinha o azar de me sentar ao lado de velhinhas animadas que contavam toda a história de vida para mim no intervalo de quatro horas. Só de saber que eu poderia ouvir as minhas músicas sem ter de tirar os fones de ouvido de cinco em cinco segundos já me trazia uma grande paz de espírito.

Enquanto eu ajeitava as minhas coisas no bagageiro, eu senti alguém parar atrás de mim. Não me importei muito, o corredor era estreito e a pessoa teria que esperar. Mesmo assim, eu olhei com o canto dos olhos para o restante do ônibus, percebendo que o único lugar vago era ao meu lado – lá se iam os meus planos de ter uma viagem tranquila.

Eu estava lutando contra a incompatibilidade do minúsculo bagageiro e a minha mala de tamanho normal quando a pessoa atrás de mim resolveu se manifestar.

— Quer ajuda?

Eu me virei com uma velocidade supernatural. Não podia ser...

Sim, podia ser. E era.

Oliver estava parado atrás de mim, sorrindo daquele jeito desencanado e malicioso.

— Ah... — eu travei na onomatopeia de pensamento e fiz força para empurrar a mala. Fiquei tão nervosa que acabei forçando demais; a mala entrou no bagageiro com barulho e por cima dos meus dedos. Por dentro eu senti a pior dor de toda a minha vida, por fora eu só respondi. — Agora acho que vou precisar na hora de *retirar* a mala daqui de dentro.

Virei-me de costas para poder fazer a careta de dor que estava segurando e massagear os meus dedos doloridos uns nos outros. Oliver soltou uma risadinha divertida e colocou a sua mala ao lado da minha no bagageiro, sem nenhuma dificuldade.

— Acho que seremos companheiros de viagem.

— Sim — eu me virei para ele, já restabelecida da dor. — Parece que sim.

Eu me sentei na janela e Oliver sentou-se ao meu lado.

Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Era demais para mim! Quero dizer, eu estava usando uma calça jeans surrada e uma camiseta larga dos Stones, que eu geralmente vestia para ficar em casa! Além disso, a minha cara estava lavada, o meu cabelo ainda úmido e grudando no rosto e eu não tinha passado perfume, apenas um desodorante sem cheiro. E aquilo nem era o pior! O pior era saber que o meu cabelo secaria ao longo da viagem e ficaria no estilo Maria Bethânia em menos de uma hora.

Porra, destino! Será que seria tão difícil assim colaborar um pouco?

— Quatro horas de viagem... — Oliver comentou, colocando os fones de

ouvido e sorrindo para mim.

Ele estava usando uma camiseta preta e calça jeans clara. Nos pés, um par de chinelos qualquer. Ele parecia ter acabado de acordar e ainda assim continuava lindo. Até o seu cheiro de travesseiro parecia totalmente erótico para mim.

Sim. Ele estava certo. E aquelas quatro horas seriam as mais longas da minha vida.

### XXX

— Trufas? — quinze minutos após o início da viagem, na qual eu e Oliver nos distraímos com os fones de ouvido – ou pelo menos *ele* se distraiu, já que eu percebia qualquer contração muscular vinda da sua perna direita encostada à minha –, uma senhora de cabelos grisalhos presos em um coque dentro de uma rede apareceu na nossa frente, segurando uma bandeja cheia de trufas recheadas.

Nós dois retiramos os fones ao mesmo tempo.

— Eu quero uma de maracujá...

— Uma de maracujá, por favor...

A senhora riu e pegou duas trufas envoltas em papel amarelo, enquanto eu revirava a minha bolsa a procura de alguns trocados. Enquanto eu fazia isso, o joelho de Oliver roçou o meu algumas vezes, e toda vez que isso acontecia eu perdia a conta das moedas.

— Aqui, pode cobrar os dois — Oliver entregou uma nota de 10 reais, pegou os chocolates e entregou um para mim. — Não se preocupe.

— Não precisa pagar para mim — eu finalmente achei as moedas que

estava procurando.

— Não tem problema, eu estava precisando mesmo trocar esse dinheiro.

A senhora entregou o troco para Oliver e sorriu para mim.

— Aceite o agrado do seu namorado, querida. Não se fazem mais cavalheiros como antigamente!

— Ele não é meu... — eu ia dizendo, mas Oliver me atravessou.

— Eu venho dizendo isso para ela há muito tempo! — ele negou com a cabeça, visivelmente transtornado com aquela minha recusa em deixá-lo pagar pelas trufas. — Eu sempre tento fazer um agrado, mas ela nunca deixa...

— Faz muito bem, querido — a senhora recomeçou a andar com a bandeja. — Não deixe a relação azedar, faça sempre esses gestos de carinho que vocês dois irão longe!

— Com certeza — Oliver se virou para mim quando a senhora sumiu pelo corredor. — De nada.

— Eu disse que queria pagar! — Oliver estava rindo de mim. — Qual é a graça?

— Nenhuma, esquentadinha, eu estou brincando!

Eu franzi o cenho. Como alguém podia ser daquele jeito, tão casual e íntimo com pessoas desconhecidas.

Ou será que ele lembrava de mim?

— Qual é o seu nome? — ele quis saber, enrolando os fones em volta do iPhone.

Não, ele não se lembrava de mim. Como sempre.

Será que ele sabia que sofria de mal de Alzheimer? E por que ele estava enrolando os fones de ouvido? Ele queria *conversar* comigo?

— Hannah — eu estendi a minha mão em sua direção. — Prazer.

— Prazer, Hannah, eu sou Oliver — ele apertou a minha mão e eu senti os seus dedos quentes sobre os meus.

Aquilo foi o suficiente para esquentar o meu corpo inteiro.

— Eu sei — Oliver franziu o cenho e eu me amaldiçoei mentalmente por ter dito aquilo em volta alta. Mas, com um enorme jogo de cintura, eu consegui me recompor. — Você estuda na USP e namorou a minha melhor amiga e companheira de apartamento por alguns meses. A Emanuelle.

— Você é a colega de apartamento da Emanuelle? — ele perguntou, animado. — Caramba! Você está diferente daquela vez que ela nos apresentou... aliás, como foi que eu consegui não te reencontrar uma só vez depois daquele dia? Sei que o nosso namoro foi curto, mas era a sua casa também, e nós estávamos sempre lá.

*Eu sei.*

— Eu gosto bastante de ficar no meu quarto — eu respondi, sentindo-me imensamente patética e triste logo em seguida.

Era justamente aquela impressão que eu gostaria de passar ao grande amor da minha vida: uma perdedora que não saia do quarto.

Mas era melhor aquilo do que admitir que eu fugia deles como o diabo da cruz, porque simplesmente não conseguia vê-lo com a minha melhor amiga e fingir que estava tudo bem, porque não estava.

— Bom, de qualquer maneira, a Emanuelle não calava a boca sobre você — Oliver continuou, dando de ombros. — Sinto que sei mais de você do que você mesma.

Eu ia matar a Emanuelle. Ah, como eu ia...

— Ah, nossa... pensei que a última coisa que vocês fizessem juntos fosse conversar sobre mim!

Oliver pareceu ficar um pouco envergonhado com o meu comentário, e eu me xinguei mentalmente pela mancada. Acho que ele não deveria gostar muito de recordar o fato de que fazia *muito* sexo com a ex-namorada.

Eu sei, porque eu ouvia.

— Nós conversávamos sobre muitas coisas — ele olhou para baixo e começou a cutucar a unha do dedão.

Oliver ainda gostava de Emanuelle, e aquela reação era a prova de que ele ainda não havia esquecido a minha companheira de apartamento. É claro que Hannah Knight não sabia daquilo, mas K. Hunter sabia. O que Hannah Knight sabia era que o furacão Emanuelle sempre deixava rastros.

— Ela me contava muitas histórias sobre você também — eu tentei animá-lo, também enrolando os fios do meu fone de ouvido. — E me disse que você é escritor?

— Sou — o rosto de Oliver pareceu iluminar-se.

— Onde posso encontrar os seus livros? — questionei, mesmo que já soubesse a resposta.

— Tenho alguns publicados *online*, mas estou em busca da minha primeira publicação física — ele sorriu.

Oliver inclinou o banco e encostou-se no apoio do mesmo, sem tirar os olhos de mim.

Aquela era a primeira conversa decente que eu tinha com ele cara a cara, depois de dois anos apaixonada por ele e seis meses de conversa *online*. Era quase irônico que tivesse sido de uma maneira tão espontânea, já que eu

costumava seguir todos os seus passos, na rede e na vida real.

— Então você é a famosa Hannah... — ele comentou, distraído. — Está gostando de Ciências da Computação?

— Bastante! — eu concordei. — E você, está gostando de Audiovisual?

— Ah, estou no terceiro ano já, se não estivesse gostando já teria desistido. Mas a verdade é que eu quero escrever. Roteiros, novelas, livros, o que for. Eu gosto mesmo é de escrever. E roteiro na ECA é bem fraco...

— Nossa, que inesperado — eu tentei soar a mais surpresa possível, por mais que já soubesse de tudo aquilo. — Eu realmente invejo pessoas que sabem escrever. Eu escrevo meu nome sem erros de concordância e olhe lá!

— Engraçado — ele se ajeitou na poltrona. — Uma grande amiga minha me disse quase a mesma coisa. Ela estuda na UNESP.

Ele estava mencionando K. Hunter e eu sabia disso. Eu precisava começar a pensar antes de falar as coisas, se não ele ligaria uma a outra com muita facilidade.

— Que esquisito — eu concordei, já mudando de assunto. — Mas e então, como você planeja publicar o seu primeiro livro?

— Ah, eu estou com um novo agente literário, ele parece ser bom — Oliver explicou. — Ele é agente de artistas da música, e está entrando no negócio dos livros agora.

Aquela era novidade.

— A é? Qual o nome dele?

— Sergio Maia.

— Sergio Maia. O Sergio Maia? Empresário de... de todo mundo?

— Esse mesmo! — Oliver sorriu mais ainda, cheio de si. — Sou o primeiro

escritor que ele agencia. Não é foda?

— Muito! Caramba, animal... logo logo você vira *best seller* então!

— Eu realmente espero que sim — Oliver olhou de um lado para o outro.  
— Eu odeio ir para Ribeirão... quatro horas sem poder fumar.

— Nem me fale — eu estava com a mão dentro do bolso da minha calça jeans e senti o isqueiro entre os dedos. — Eu passo por isso todos os sábados.

— Você também fuma? Ótimo, vou poder usar com você o que os meus pais usam comigo: uma moça tão bonita, tão jovem, fumando... que desperdício...

*Uma moça tão bonita.* Eu tive que me segurar para não sorrir como uma idiota.

— As minhas tias me dizem isso todas as vezes que me encontram — eu comentei. — E o que você está indo fazer em Ribeirão?

— Um bate e volta — eu bati os olhos em seu queixo e a barba por fazer não estava mais lá. Ele ficava ainda mais bonito sem ela. — Estou indo visitar uma ex-namorada.

Eu estava analisando a perfeição do seu nariz quando aquelas palavras me atingiram em cheio. Visitar uma ex-namorada? Como é que ele não havia dito aquilo para K. Hunter? E que ex-namorada era aquela? Pelo o que ele havia me dito, Emanuelle havia sido sua única namorada!

— Ah, parece divertido — foi a única coisa que eu consegui dizer.

— E você, vai fazer o que em Ribeirão?

Eu estava um tanto quanto perdida. Enquanto ele estava indo para um *remember*, eu estava indo visitar a minha mãe doente.

— Estou indo visitar a minha família — ele me olhou daquele jeito como se estivesse com pena de mim e eu acrescentei — e o meu namorado.

— Seu namorado mora em *Ribeirão Preto*? E você vai visita-lo todos os sábados? — Oliver riu, negando com a cabeça. — Uau, isso que é amor!

— Sim, nós nos amamos muito — eu vomitava aquelas mentiras sem nem ao menos me dar conta do que estava fazendo. — Namoramos desde adolescentes.

— Que legal — Oliver olhou para o lado, coçando a nuca por alguns instantes. Depois voltou a me encarar. — Acho que eu vou tirar um cochilo,

O que? Ele iria simplesmente cortar a conversa no meio e ir dormir?

— Eu também — eu rebati de imediato, já desenrolando os meus fones de ouvido.

O meu coração batia descompassado dentro do peito.

— Nos falamos em Ribeirão — ele sorriu para mim e eu pude sentir o meu mundo girar mais devagar.

— Sim — eu abaixei os olhos. — Nos falamos em Ribeirão.

Oliver ainda sorriu como se soubesse o poder que tinha sobre mim e colocou os fones. Inclinou-se para trás e fechou os olhos. Eu virei de lado e coloquei Queen para tocar.

E então passei as três horas seguintes olhando para fora do vidro e tendo pequenos espasmos toda vez que o joelho de Oliver encostava no meu.

**XXX**

— Finalmente! — o ônibus parou na estação e Oliver se levantou no mesmo instante, como se quisesse desesperadamente se ver livre de mim.

Nós não havíamos trocado uma só palavra pelo resto da viagem. Eu suspeitava que ele estivesse acordado por debaixo dos óculos escuros, mas não me atrevi a puxar outro assunto.

Qual era o meu problema, afinal? Depois de passar dois anos procurando um motivo para conversar com Oliver, ele praticamente caía em me meu colo e eu não conseguia fazer nada além de inventar um namorado falso?

— Foi um prazer... — ele franziu o cenho, aparentemente vasculhando a própria memória em busca do meu nome.

Eu não quis fazê-lo sofrer mais ainda. Pacientes com Alzheimer podiam ficar realmente agressivos.

— Hannah — eu sorri. — Hannah Knight.

— Que sobrenome exótico — ele comentou. — Foi um prazer, Hannah Knight.

Ele sorriu para mim como se pudesse ler os meus pensamentos e como se soubesse que eu estava totalmente apaixonada por ele. Seu sorriso era sacana e um tanto quanto piedoso.

— Igualmente — eu tentei não sorrir para ele, mas não consegui; as minhas bochechas pareciam ter vida própria.

Oliver retirou a sua mala do bagageiro e logo em seguida a minha, sem nenhuma dificuldade. Entregou-a para mim e eu agradei com um movimento de cabeça. Então, como se não passássemos de meros desconhecidos, ele sumiu por entre as pessoas e eu não mais o vi.

Um tanto quanto frustrada, arrastei a minha mala para fora do ônibus e caminhei até o ponto mais próximo, embaixo do calor de 50 graus da minha cidade.

Eu com certeza nunca me perdoaria por ter deixado passar a chance da minha vida. Quero dizer, por que eu não conseguia ser como Emanuelle, sexy

e divertida? Por que eu sempre tinha que ligar um luminoso na testa que dizia “garota totalmente sem graça e um tanto quanto neurótica, não perca o seu tempo!”

### XXX

— Hannah!

Eu larguei a minha mala no chão e corri para abraçar a minha irmãzinha, que pulou em meu colo. Eu estava cansada e deprimida, mas deixei tudo de lado quando vi a minha pequena pré-adolescente correr em minha direção.

Eu amava aquela garota com todas as minhas forças.

— Como tem passado, Pietra? — eu baguncei o seu cabelo.

Diferente de mim, que tinha cachos – quase nunca – definidos e castanho claro, Pietra tinha o cabelo bem escuro e liso. Ela tinha saído a minha mãe, enquanto eu tinha todos os traços do meu pai.

— Eu estou bem, mas a mamãe...

— Hannah! — a minha mãe apontou no topo da escada e Pietra parou de falar, me soltando para que eu pudesse abraça-la.

— Não precisa descer, mãe — eu avisei, subindo os degraus de dois em dois.

— Vocês duas me tratam com uma inválida — ela revirou os olhos. — Da última vez que eu chequei, eu ainda conseguia andar pela minha própria casa!

— Não queremos que nada aconteça com você mamãe, é só isso — a minha irmã gritou do *hall* de entrada.

Eu abracei minha mãe bem apertado e respirei fundo, tentando guardar o cheiro que só ela tinha.

Nós duas descemos as escadas. Ana Knight descia com dificuldade, mas não deixou que eu a ajudasse.

— Por favor, eu estou bem — ela disse de modo ríspido.

Chegamos no *hall* de entrada e eu olhei em volta pela primeira vez. Nosso pequeno sobrado geminado estava um caos – poeira por todo o lado, roupas espalhadas, móveis fora do lugar. Mais ou menos como se um furacão tivesse passado por ali.

Eu não podia culpar a minha irmã; ela era bolsista em um colégio de período integral e só voltava para casa às 20h todos os dias. E minha mãe não tinha condições de arrumar a casa, muito menos de pagar por alguém que pudesse ajudar.

Mas aquele caos estava me incomodando, como sempre me incomodava a cada sábado que eu voltava para casa.

Mas naquele sábado em especial eu tinha um plano.

— Olha só, eu tenho uma ideia — eu abracei minha mãe e minha irmã pelos ombros. — Por que vocês duas não vão dar uma volta no shopping enquanto eu descanso um pouco? Sair dessa casa, respirar o ar puro!

— Eu acho uma ótima ideia! — Pietra exclamou.

A minha irmãzinha estava sempre em casa nos finais de semana, e não saía porque tinha medo de que algo acontecesse com a nossa mãe. Por mais que a dona Ana dissesse sempre que estava bem e que não precisava da nossa ajuda, nós víamos os sintomas da esclerose piorarem aos poucos. Pietra estava até cogitando sair do colégio integral e ir para um de meio período, mas nossa mãe não permitiu. Depois que o nosso pai morreu, ela levou muito a sério o seu mantra: educação em primeiro lugar.

Apesar de ter seguido esse conselho à risca para preservar os planos e sonhos do meu pai, era difícil morar do outro lado do estado, sempre com a cabeça em casa, perguntando-me como estaria minha mãe, se ela estaria bem, se a minha irmã, tão jovem, estaria dando conta de um fardo tão pesado... às vezes, eu me sentia muito mal por ter deixando Ribeirão para fazer faculdade tão longe, mas eu não podia mencionar a palavra “transferência” sem deixar a minha mãe irada.

A senhora Ana Knight não era flor que se cheirasse.

— Eu realmente estou precisando dar uma volta — ela suspirou e me olhou com o canto dos olhos. — E você, por que não vem com a gente?

— Ah, eu estou cansada da viagem... vão vocês duas, eu fico por aqui.

— Tem certeza disso? — Pietra me olhou como se soubesse que eu estava tramando alguma coisa.

— Total — eu sorri.

— Bom, então vamos! — a minha mãe pegou a bolsa de cima da mesa da sala de jantar e beijou a minha testa. — Estaremos de volta em algumas horas.

— Aproveitem!

As duas saíram porta afora, conversando animadas, e mal elas haviam saído eu já estava organizando as coisas.

Minha mãe teria uma surpresa boa quando voltasse para casa.

**XXX**

Eu estava orgulhosa de mim mesma. Tudo arrumado, limpo e brilhando.

Eu havia até conseguido adiantar a lavagem de algumas roupas! Haviam sido quase 3 horas de trabalho duro, mas a recompensa seria a minha mãe e a minha irmã vivendo em um ambiente agradável – por alguns dias pelo menos.

Destruída, com as costas doendo e com os dedos formigando, sentei-me na frente do computador velho da minha casa e senti um alívio tão grande quando o liguei que tive até de fechar os olhos.

Foi meio difícil me *logar* no fórum em um computador tão velho e lento. Além disso, ele estava totalmente desprotegido, então eu tive que perder alguns minutos com segurança básica.

Toda vez que eu voltava para casa, usava o meu próprio note. Além disso, eu quase sempre evitava entrar no fórum em outros computadores, mas eu precisava saber o que estava acontecendo. Era quase como uma crise de abstinência.

Logo que entrei, L. Love me mandou uma mensagem.

*L. Love [mensagem enviada às 18h45]:*

Você já foi mais discreta, K. Invadi o seu computador em exatos três minutos e 48 segundos.

*K. Hunter [mensagem enviada às 18h45]:*

É o computador velho da minha casa. Não existe nada aqui que possa me comprometer, a não ser alguns sites de maquiagem no histórico da minha irmã.

*L. Love [mensagem enviada às 18h46]:*

Sites de maquiagem, o nome Roberto Knight, Pietra Knight, Ana Knight e Hannah Knight. Fotos em família e senhas salvas em sites de bancos. Em pouco mais de 5 minutos eu tive acesso aos estratos bancários da sua mãe que, diga-se de passagem, não andam muito positivos. Qualquer imbecil poderia ligar K. Hunter a esses nomes, já que você está *online* nesse fórum usando esse computador. Uma pesquisa básica para saber que Roberto Knight é falecido. Ana Knight? Talvez não, muito velha para esse tipo de

brincadeira. Pietra Knight? Muito provavelmente sim, um gênio da informática aos 13 anos, talvez, mas acredito que o nome mais relacionável seria Hannah Knight, seus 19 anos e sua graduação em Ciências da Computação pela Universidade de São Paulo. É isso, sua identidade tão bem guardada revelada em menos de 10 minutos.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h04]:*

Tente novamente.

*L. Love [mensagem enviada às 19h04]:*

...

*L. Love [mensagem enviada às 19h04]:*

Agora sim, essa é a minha garota. Mas não precisava me deixar uma mensagem tão desagradável assim na interface.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h05]:*

Você e sua desagradável mania de apontar os meus erros estava merecendo.

*L. Love [mensagem enviada às 19h05]:*

Eu só estou tentando te ajudar.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h05]:*

Você só está tentando ser um babaca.

*L. Love [mensagem enviada às 19h05]:*

Eu não preciso tentar. De qualquer forma, tenho um novo servicinho para você. Coisa fácil.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h05]:*

Manda ver.

*L. Love [mensagem enviada às 19h06]:*

Andressa Maia, esposa de Sergio Maia, quer investigar o marido. O que procura? Suposta traição. O que busca? Uma pensão milionária se conseguir incriminá-lo. Segue anexo a mensagem que eu recebi:

*“Olá, L. Love,*

*Uma amiga minha entendida desse seu meio me indicou os seus serviços.*

*Eu preciso de uma investigação completa e sem falhas do meu marido, Sergio Maia. Eu suspeito de traição com algumas “muitas” mulheres.*

*Gostaria de um dossiê completo para entrar na justiça. Isso não é uma brincadeira; eu realmente quero destruí-lo.*

*Estou disposta a pagar 50 mil reais por isso. É pegar ou largar; eu sei que*

*um detetive particular qualquer não iria conseguir tudo o que eu procuro. Aguarde o seu retorno e, por favor, seja discreto. A. Maia”*

Você consegue acreditar nisso? “Por favor, seja discreto”. Como se eu fosse algum tipo de arruaceiro da Internet. Essas madames se acham realmente donas do mundo.

Eu fiquei parada em frente a tela do computador, com os olhos grudados nos “50 mil reais”.

Por que diabos L. Love estava me oferecendo aquele serviço? 50 mil reais era dinheiro para profissionais; eu era uma amadora, ganhando 500 reais e muito feliz com isso, obrigada.

Além disso, Sergio Maia era o novo agente literário de Oliver. Eu não podia simplesmente estragar a sua única chance de realizar o próprio sonho porque uma golpista qualquer queria ganhar 100 mil reais por mês de pensão!

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h09]:*

Você está louco, Love? 50 mil reais?

*L. Love [mensagem enviada às 19h10]:*

Acho que está na hora de você começar a receber mais crédito pela sua inteligência, K. 50 mil reais ainda é um pagamento modesto. Precisa ver o que colegas meus ganham por invasões de sites de inteligência. Nós estamos falando de milhões aqui. 50 mil reais não é nada, e eu acredito que você esteja pronta. Além disso, com esse dinheiro vai poder comprar o carro que você sempre quis, não é mesmo?

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h10]:*

Não, eu não estou pronta. Além do mais, não quero me envolver com gente poderosa. Se algo acontecer, a bomba vai estourar para o meu lado.

*L. Love [mensagem enviada às 19h10]:*

Qual é, K. Aceite a proposta. Vai ser bom para a sua carreira.

Eu mordei o lábio inferior. Não podia negar que era tentador; mas também era aterrorizador. Se *qualquer coisa* desse errado, eu iria para trás das grades por crimes digitais, dentre tantos outros.

Eu não podia arriscar perder a minha única fonte de renda e dar um passo maior que a perna.

L. Love teria que me perdoar, mas aquela eu iria passar.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h10]:*

Não vai dar, L. Encontre outro para isso. Eu já fico feliz com os meus pequenos serviços. Não sei se me sentiria confortável nessa posição.

*L. Love [mensagem enviada às 19h11]:*

Bom, é você quem manda. Tenho até segunda para dar uma resposta para ela, mas você é minha preferida para o serviço. Se mudar de ideia, me avise.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h11]:*

Com certeza. Estou ouvindo barulhos lá embaixo, acho que a minha mãe chegou. Depois nos falamos.

*L. Love [mensagem enviada às 19h11]:*

Até mais.

*K. Hunter está offline.*

Eu ainda passei um bom tempo pensando se recusar aquela oferta teria sido realmente o melhor a se fazer. Só realmente parei de pensar no assunto quando Pietra gritou o meu nome do primeiro andar.

Ela parecia desesperada.

### XXX

— O que aconteceu? — eu desci as escadas correndo.

— Ela estava bem até descer do ônibus — Pietra segurava a minha mãe pelos ombros. Ela estava pálida e tremia muito. — Não sei o que está acontecendo. Ela não fala!

Eu olhei para a minha mãe. Os seus olhos estavam se movimentando de modo irregular e os seus membros inferiores tremiam. Ela estava branca e não conseguia pronunciar nenhuma palavra inteira.

— Chama um táxi, nós vamos para o hospital — eu subi correndo as escadas para pegar a minha bolsa.

O táxi chegou em 5 minutos.

E eu nem tive tempo de mostrar a elas o que havia feito em casa.

### XXX

— Pietra, vá buscar algo para comer — eu entreguei a minha última nota de 20 reais para minha irmã, que suspirou de alívio e correu em direção a cafeteria.

Meu estômago estava doendo de fome, mas eu sabia que não conseguiria comer nada nem se tentasse. Minha mãe estava internada e eu não tinha nem notícias do que estava acontecendo. Ninguém se dignava a responder as minhas perguntas e a recepcionista estava me olhando de cara feia, pois eu já havia tentando invadir a UTI algumas vezes.

*Vamos lá, mamãe*, eu pensei, entrelaçando os meus dedos. *Você vai sair*

*dessa.*

Um tanto quanto desamparada, eu peguei o meu celular e liguei para a única pessoa que conseguiria me acalmar naquele momento.

— Ah, então alguém resolveu dar sinais de vida? — Emanuelle exclamou assim que atendeu o celular. — Não é porque eu transo que eu deveria ser tratada como a escória da humanidade, Hannah, eu só acho engraçado que...

— Emanuelle — eu respirei fundo e Emanuelle se calou.

Ela percebeu, pelo tom da minha voz, que algo estava errado.

— O que foi? O que aconteceu, Hannah?

— É a minha mãe — eu olhei em volta e segurei o choro. Pietra não podia me ver chorando; garotinhas de 13 anos eram muito influenciáveis. — Ela está na UTI. Eu não sei o que aconteceu, eu...

— Ah, querida... — a minha melhor amiga parecia realmente comovida. — Onde você está?

— No hospital público de Ribeirão Preto.

— Eu estou em São Carlos. Chego aí em 50 minutos.

— Emanuelle, não precisa, eu só...

— Isso não é um pedido, é um aviso.

Então ela desligou o telefone sem nem se despedir.

**XXX**

— Olá, querida! — Emanuelle abraçou Pietra, que estava ao meu lado devorando um sanduíche.

Ela havia me oferecido um pedaço, mas eu recusei.

Minha irmã abraçou Emanuelle com força e ofereceu o sanduíche a ela.

Emanuelle havia chegado em exatos 52 minutos. Ela parecia esbaforida, mas continuava linda.

— Não, muito obrigada, eu estou de dieta — Emanuelle revirou sua bolsa e tirou de lá uma trufa de maracujá amassada. — Mas como eu sei que a sua irmã deve estar recusando comida, eu trouxe isso comigo.

Só de olhar para o chocolate a minha boca encheu d'água.

— Obrigada, Manu — eu peguei o embrulho e o abri.

— Pietra, você pode comprar uma Coca-Cola zero para mim, querida? — Emanuelle estendeu uma nota de cinco reais para Pietra, que concordou e novamente sumiu pelo corredor. — E então, como ela está?

Eu dei uma mordida na trufa e Emanuelle sentou-se ao meu lado.

— Não sei, ninguém me informa de nada nessa porra desse hospital.

— Então vamos esperar — Emanuelle envolveu meus ombros de modo maternal e eu suspirei, afundando a minha cabeça em seu ombro direito. — Vai dar tudo certo.

— Eu espero que sim.

**XXX**

Depois de mais de três horas de espera, o médico que havia atendido a minha mãe no pronto socorro saiu por entre as portas vai e vem e parecia procurar por alguém.

— Doutor! — eu exclamei e ele me olhou. Veio até mim com uma prancheta em mãos.

— Você é a filha de... — ele olhou para a ficha. — Ana Knight?

— Sim, sou eu. O que ela tem, como ela está?

— Sua mãe está bem, a pressão estabilizou e nós já demos um imunossupressor. Ela está dormindo agora. Foi um episódio agudo da esclerose múltipla.

— Ela quase nunca ficou assim. Em toda a minha vida, eu só a vi desse jeito duas vezes, e foi na época em que meu pai estava muito doente, então o estresse causou os dois episódios agudos. O que pode ser, doutor?

O médico abaixou a ficha e olhou em meus olhos.

Alguma coisa estava errada.

— Sua mãe teve sorte de ter sido diagnosticada ainda jovem, então a deterioração foi lenta e não tão agressiva. Mas agora parece que a doença resolveu acelerar.

— O que você quer dizer com isso? — eu quis saber e Emanuelle segurou a minha mão.

— O que eu quero dizer é que ela precisa ser tratada com urgência, ou está com os dias contados.

— Então existe um tratamento? — o meu coração desacelerou um pouco.  
— Ótimo! Ela pode começar quando?

— Bom... — o médico olhou para Emanuelle. — Será que poderíamos conversar a sós?

— Tudo bem, ela é da família — eu olhei para a minha melhor amiga com o canto dos olhos.

— Já que você insiste — o médico riscou algo em sua ficha. — Consta na ficha da sua mãe que ela não tem um plano de saúde.

— Sim, isso é verdade — eu já começava a ficar envergonhada por ter deixando Emanuelle ouvir aquilo. Não gostava que os outros sentissem pena de mim. — E daí?

— O tratamento de saúde da sua mãe irá custar 25 mil reais. Por ser um tratamento relativamente novo, ele ainda não está disponível pelo SUS. Vocês podem custear isso?

Não, nós não podíamos.

Eu deixei os meus ombros caírem.

— Bom, não... — eu evitava olhar para Emanuelle, mas a sua mão continuava apertada na minha. — Não podemos custear 25 mil reais. Será que não existe outra maneira? O governo não paga metade, eu não sei como essas coisas funcionam...

— Esse é um tratamento novo e nós só o usamos em casos extremos, como é o de sua mãe.

De longe, eu avistei Pietra sentada no banco, olhando para nós três como se tentasse ouvir a conversa; ela tinha lágrimas nos olhos.

— E quais são as chances dela sem o tratamento?

— Eu não posso te dar certeza, mas com o tratamento nós prolongaríamos a vida dela em anos.

Os meus olhos se encheram de lágrimas; então a minha mãe tinha menos tempo do que eu pensava.

— Eu não sei, eu...

A minha voz estava embargada. Eu não conseguia falar e não queria que Pietra me visse daquele jeito, mas era quase impossível não chorar diante daquela situação.

Primeiro meu pai, depois minha mãe. Será que eu nunca pararia de sofrer?

— Você pode iniciar o tratamento então — Emanuelle falou ao meu lado, mas era como se ela estivesse gritando de outro corredor, a voz distante e abafada. A minha pressão estava baixa, eu podia sentir tudo escurecendo. — Eu vou pagar.

— Você o quê?

Minha visão voltou ao normal assim que eu entendi o que Emanuelle havia dito.

— Eu vou pagar, Hannah — ela me olhou com aqueles enormes olhos castanhos e sorriu. — Você sabe muito bem que dinheiro nunca foi problema para mim.

— Eu vou te pagar — eu nem perdi o meu tempo tentando recusar, já que aquela era a minha única esperança. Bancos não me emprestariam o dinheiro e a única coisa que eu poderia vender para pagar o tratamento seria a minha casa, comprada em nossos tempos de classe média, mas e então onde minha mãe e minha irmã morariam? Não tínhamos dinheiro para pagar aluguel. — Eu juro que eu vou te pagar.

— Eu sei que você vai. Você iria mesmo que eu recusasse o pagamento — Emanuelle deu de ombros.

— Então me acompanhe e nós vamos começar a parte burocrática — o médico recomeçou a andar e nós duas fomos atrás, com Pietra em nosso encaço, sem entender nada.

Emanuelle podia estar sempre me colocando em enrascadas e me

expulsando de nosso próprio apartamento, mas ela era, sem dúvidas, a melhor amiga que alguém poderia pedir.

### XXX

Emanuelle passou o domingo comigo em Ribeirão Preto. Ela ficou com a minha irmã em casa enquanto eu passei o dia com a minha mãe no hospital; ela havia acordado e estava se sentindo muito melhor. Pedi ao médico que não contasse o valor do tratamento à minha mãe, algo que eu gostaria de contar a sós, e nem que Emanuelle contasse que pagaria o tratamento, já que aquilo seria apenas um empréstimo. Além disso, se Ana Knight soubesse que estávamos pagando 25 mil reais pelo seu tratamento, aquilo só a estressaria mais e pioraria o quadro.

No final do dia, a minha mãe foi liberada e nós a levamos de volta para a casa. O tratamento começaria no dia seguinte, e a minha tia Elisa, irmã mais velha da minha mãe, que morava sozinha em Sertãozinho, comprometeu-se em ficar hospedada em casa e ajuda-la por alguns dias, já que nem eu, nem a minha irmã podíamos perder tantos dias letivos – ainda tentamos convencer a nossa mãe de que queríamos ficar, mas aquilo a deixou tão transtornada que cedemos, com medo de que ela pudesse passar mal novamente. Agradei minha tia pela ajuda e comecei as despedidas, passando algumas recomendações a minha irmã mais nova antes de ir embora.

Emanuelle estava de carro, então a viagem de volta a São Paulo foi mais confortável do que a ida; o único desconforto foi não viajar ao lado de Oliver.

Ela tentava me acalmar, mas eu só conseguia pensar na minha mãe e na minha irmã. Só eu sabia o quão doloroso seria perder a minha mãe pouco tempo depois de perder o meu pai da pior maneira possível.

Para me agradar, Emanuelle passou na casa de Thiago e eu finalmente peguei o meu HP de volta. Meu humor melhorou 200% e eu agradei a minha

melhor amiga imensamente por tudo o que ela havia feito por mim naquele final de semana.

— Eu preciso pegar um livro com a Amanda — ela anunciou assim que chegamos em nosso apartamento, jogando a sua bolsa caríssima em cima do sofá. — Volto em alguns instantes. Vê se descansa um pouco, você não pregou os olhos de sábado para domingo.

— Vou tentar — eu menti e, assim que minha colega de apartamento saiu porta a fora, eu liguei o *notebook* e fiz *login* no fórum.

*K. Hunter [mensagem enviada às 21h22]:*

L., está aí?

*L. Love [mensagem enviada às 21h26]:*

Estou pelo celular, mas pode falar. Pegou o HP de volta?

*K. Hunter [mensagem enviada às 21h26]:*

L., o serviço ainda está de pé?

*L. Love [mensagem enviada às 19h26]:*

Da madame? Sim. Eu estava prestes a oferece-lo a outra pessoa...

*K. Hunter [mensagem enviada às 21h27]:*

Por favor, eu aceito. Eu preciso desse serviço e do dinheiro.

*L. Love [mensagem enviada às 19h27]:*

Então ele é seu.

*K. Hunter [mensagem enviada às 21h27]:*

Obrigada, L. Eu nunca vou me esquecer disso.

Eu pagaria Emanuelle.

Pagaria a qualquer custo.

## TRÊS

— Ah, meu Deus, quem é essa *delícia*? — Emanuelle falou em alto e bom som para um cara alto e bem forte que passou por nós duas.

Ele tinha pinta de espanhol, o cabelo muito bem arrumado e os dentes brancos como pérolas. Sua pele era bronzeada e os ombros largos; ele parecia um Deus grego.

— Oi — ele sorriu para Emanuelle.

— Oi, lindo! — ela respondeu, mordendo o lábio inferior. — Vem sempre aqui?

O cara riu e passou por nós. Eu suspirei.

— Emanuelle, Emanuelle... você nunca vai tomar vergonha nessa sua cara...

— Que os anjos digam amém!

Todas as segundas-feiras eu ia até a biologia para poder almoçar com Emanuelle. Depois, nós íamos para a biblioteca e ela me ensinava um pouco de francês durante uma hora. Naquela segunda não foi diferente, apesar dos acontecimentos drásticos do final de semana, e lá estávamos nós duas, saindo do bandejão e caminhando com lentidão até a biblioteca.

Emanuelle estava mais agitada do que o normal; já era o segundo cara que ela assediava sexualmente pelos corredores.

“Se eles podem me chamar de gostosa por onde eu passo, por que eu não posso também?”, ela me perguntava todas as vezes que eu pedia para que ela

parasse com aquilo. Depois de todo aquele tempo, já era de se esperar que eu estivesse acostumada com o jeito dela.

Mas eu não estava.

— Bom, mas voltando ao assunto, eu realmente acho que você deveria fazer umas luzes nesse cabelo — Emanuelle enfiou os seus dedos habilidosos entre os meus fios, tirando-os logo em seguida. — Dar uma vida a esse emaranhado de cachos!

— Vou pensar na sua sugestão — eu menti, porque seria difícil explicar para Emanuelle que a última coisa que eu queria naquele momento era pensar no meu cabelo, uma vez que a minha mãe estava muito doente e eu estava a quilômetros dela, totalmente imponente.

— Ah, olha lá o Oliver! — a minha melhor amiga exclamou, jogando os cadernos em cima de mim e correndo até o ex-namorado.

Ela pulou nas costas de Oliver, que tomou um susto e deixou o celular cair no chão. Eu fiquei para trás, só observando a cena e sentindo o meu coração ficar apertado dentro do peito. Eu sempre ficava para trás no breve período em que Emanuelle e Oliver namoraram, quase sempre dando um jeito de sumir do mapa, e aquele sentimento estava mais uma vez tomando conta de mim.

Passado o susto, Oliver descobriu que a sua agressora era Emanuelle e sorriu de um jeito totalmente apaixonado. Ele beijou-lhe a bochecha enquanto apertava a sua cintura em um gesto carinhoso. Os seus olhos brilhavam de excitação. Ele amava Emanuelle mais do que podia suportar, parecia um cachorrinho animado ao descobrir que iria passear.

Era difícil suportar aquilo sem me desmanchar em lágrimas.

Muito difícil. Porque algo dentro de mim sabia que Oliver nunca seria meu. Oliver nunca me olharia como olhava para Emanuelle. Oliver nunca pensaria em mim antes de dormir.

Oliver nunca me amaria. Não enquanto o seu coração estivesse preso a minha melhor amiga.

E não havia nada que eu pudesse fazer.

— Hannah, vem cá! — Emanuelle berrou, gesticulando com ambas as mãos.

Eu respirei fundo e caminhei até o casal. Em uma situação normal, como durante os dois meses de namoro deles, eu nem estaria mais ali, mas, àquela altura do campeonato, eu já havia perdido as esperanças de que algum dia Oliver lembrasse do meu nome, então eu não tinha muito mais a perder...

O ex-namorado da minha melhor amiga se forçou a retirar os olhos de Emanuelle e sorriu para mim com profissionalismo.

— Ah, aí está a famosa Hannah. Recuperada da viagem?

“Aí está a famosa Hannah”. Ele havia lembrado o meu nome. Oliver Morais havia lembrado o meu nome.

— Que viagem? — Emanuelle entrou no meio antes que eu pudesse responder.

A minha bochecha doía de tanto forçar o sorriso, e eu pedia mentalmente para que ele não mencionasse o meu suposto namorado, pois aquilo seria realmente difícil de explicar para Emanuelle.

Ao mesmo tempo, todo o meu corpo parecia se derreter pelo simples fato de que Oliver parecia ter se lembrado de mim pela primeira vez.

— Nós sentamos juntos na viagem para Ribeirão — eu estendi os cadernos de Emanuelle que segurava e ela os pegou de qualquer jeito.

— Ribeirão? O que você foi fazer em Ribeirão? — Emanuelle apertou os olhos para Oliver e depois virou-se para mim. — E por que você não me contou isso?

— Com tudo o que aconteceu eu acabei esquecendo — eu menti.

Eu não havia me esquecido. Aliás, eu havia passado o final de semana inteiro revivendo a cena do ônibus, criando diálogos imaginários, inventando diferentes desfechos... tudo o que eu poderia ter dito e não disse.

Aquilo estava me torturando.

— Fui visitar uma ex-namorada — Oliver coçou a nuca.

Ele esperou que Emanuelle fosse ter algum acesso de ciúmes, mas tudo o que ela fez foi concordar com a cabeça.

O desapontamento era nítido em seu rosto.

— Mas me digam, meninas, o que vocês vão fazer hoje à noite? — ele mudou de assunto bruscamente, um pouco desconcertado pela indiferença de Emanuelle.

— A Hannah vai ficar no computador a noite inteira e eu vou caçar alguma coisa interessante para fazer. Por que?

Eu senti o meu rosto esquentar, principalmente porque Oliver riu daquilo.

— Bom, eu tenho algo muito mais interessante do que ficar a noite inteira no computador ou mendigando por um pouco de diversão no Facebook — ele começou a vasculhar a mochila a procura de algo.

— Babaca — Emanuelle resmungou, pois ele havia mencionado o fato de que ela passava as tardes de grupo e grupo perguntando qual era a festa boa daquela noite.

— Aqui estão! — ele retirou dois *flyers* amassados do meio da zona que era a sua mochila e entregou um para Emanuelle e um para mim.

Os nossos dedos se tocaram na entrega; ele nem notou, mas eu perdi o ar.

Dei uma olhada no convite e pude ler “Noite do Rock no *Templers Pub!*”

*Elvis Não Morreu, Peixe Com Batata, Hangar 45* e o lançamento do primeiro single da banda *Shut Up and Smile!* Entrada gratuita para mulheres a noite inteira. Homens de graça até meia-noite.”

— A *Shut Up and Smile* é a banda de alguns amigos — ele comentou, coçando a nuca novamente. — O meu novo agente literário, o Sergio, vai estar lá. Ele também é o empresário da banda. Estão afim de ir?

— Você tem um novo agente literário, é? — Emanuelle sorriu. — Quem é?

— Sergio Maia — Oliver sorriu com orgulho.

— O Sergio Maia? — Emanuelle questionou, o sorriso desaparecendo do rosto.

— É, por que? Não gosta dele?

— Não, não é isso... é só que ele só peixe gente grande, né? — Emanuelle refez a expressão de felicidade perdida. — E você é um peixinho pequeno ainda, ingênuo...

— Ah, vai se ferrar, Manu — Oliver riu, empurrando-a pelos ombros.

A menção do nome Sergio Maia me arrepiou inteira. Eu não podia aceitar aquele convite! O cara que eu pretendia começar a investigar estaria lá! E se ele fosse um cara legal, pai de família? Eu nunca poderia ferrar com a vida de alguém bom! Mas, ao mesmo tempo, eu precisava pagar Emanuelle.

Porém, todas as minhas dúvidas existenciais foram em vão, porque eu não tive muita voz naquela decisão, já que a minha melhor amiga exclamou antes que eu pudesse raciocinar.

— É claro que nós vamos! Pode contar com a gente, não é, Hannah?

Eu sorri amarelo para Emanuelle e depois para Oliver, que me olhava com os mesmos olhos divertidos de sábado no ônibus.

— Claro... claro que nós vamos...

— Ótimo! — ele exclamou, beijando Emanuelle no rosto e logo em seguida me beijando também.

O meu coração parou de bater; o seu cheiro de livro novo, cigarro e perfume caro pareceu instalar-se confortavelmente em meu cérebro e eu quase caí para trás.

— Nos vemos lá então! — ele disse animado, correndo atrás de Pedro que passava por ali naquele exato momento e gritando. — *Ei, Pedro, seu escroto! Você me trancou para fora ontem de novo!*

— Ah, isso vai ser divertido — Emanuelle olhou com certo desprezo para Pedro antes de continuar a desfilar pelo corredor.

Eu fui atrás dela.

Mas não estava nem um pouco feliz com aquilo.

### XXX

— Hannah, meu amor, eu vou fazer as unhas com as meninas do andar de cima — Emanuelle saiu do banheiro de banho tomado e uma toalha rosa na cabeça. Ela usava uma calça larga de moletom e uma camiseta branca, e, mesmo assim, continuava deslumbrante. — Quer ir comigo?

— Minhas unhas já estão lindas — eu mostrei minhas mãos para Emanuelle, que fez uma careta de nojo. Eu voltei a roer a unha do dedão e ela jogou uma almofada em mim. — Ei, ei, ei! O que é isso? Não permitimos agressões físicas nesse apartamento!

— Agressão é você mostrar essas unhas em sociedade — ela revirou os olhos, saindo do quarto ainda com a toalha enrolada na cabeça.

Eu gargalhei e abri o meu HP. Só estava esperando Emanuelle sair para poder conversar com Oliver. Havia me dado um dia de folga do fórum e L. Love estava respeitando aquilo, sem nenhuma mensagem mal-educada e difícil de decodificar no meu e-mail. Depois de tudo o que havia acontecido com a minha mãe e com a aceitação de um trabalho que, se desse errado, poderia me prejudicar para sempre, eu precisava de um pouco de distração... e ninguém melhor do que Oliver para cumprir aquela função.

Eu mal abri o chat do fórum de escritores do qual participávamos quando a sua janela subiu do lado direito da tela.

Eu sorri sozinha.

**Oliver C. Morais diz:**

K., eu tenho um convite para te fazer.

**K. Hunter diz:**

Oi, Oliver, tudo bom comigo sim... e com você?

**Oliver C. Morais diz:**

Oi K.! Tudo bom? Ah, que bom... comigo vai bem também! Posso te fazer o convite agora?

**K. Hunter diz:**

Meu Deus, faça antes que morra de indigestão!

**Oliver C. Morais diz:**

Olha, eu sei que você mora longe, mas me escute antes de tomar uma decisão! Hoje vai ter o show de uma das bandas do meu novo agente literário, e, não sei, eu gostaria muito que você fosse.

**K. Hunter diz:**

Ah... Oliver... eu não posso! Amanhã eu tenho prova, vou passar a noite estudando!

**Oliver C. Morais diz:**

Que merda! Eu queria muito te conhecer. Pensei que se eu implorasse você me daria a honra da sua presença. Além disso, preciso de apoio moral, a minha ex-namorada vai nesse show e eu não quero ter que chorar no banheiro de novo.

**K. Hunter diz:**

Oliver, nós já conversamos sobre isso. Você precisa superar! Sei que é difícil, eu também já fui apaixonada e não correspondida. Mas você não pode fazer nada além de a) chorar e se humilhar na frente dela ou b) encontrar um novo amor.

**Oliver C. Morais diz:**

Eu acho que você deveria escrever os meus livros.

**K. Hunter diz:**

Pessoas com o emocional bem resolvido não podem escrever livros. Só lunáticos e românticos podem.

**Oliver C. Morais diz:**

Obrigado pela parte que me toca. Bom, se mudar de ideia, me avise! Eu preciso ir agora, tenho um trabalho para terminar.

**K. Hunter diz:**

Tudo bem, Oliv.

**Oliver C. Morais diz:**

Ah, estamos nos chamando por apelidos agora? Ok, Kazinha, nos falamos depois!

**K. Hunter diz:**

Beijos, Liv!

**Oliver C. Morais diz:**

Beijos, Hunt!

**XXX**

O pub estava lotado. Tão lotado que demoramos cerca de 40 minutos para conseguir entrar, e a espera do lado de fora me custou quatro cigarros.

— Você está fedendo a cinzeiro — Emanuelle comentou assim que finalmente adentramos o estabelecimento.

O bar era decorado com quadros de lugares do mundo inteiro. Passamos pelas muralhas da China, pela torre Eiffel e pelo Cristo Redentor antes de

chegarmos a nossa mesa. Já bem acomodadas, retirei a minha jaqueta emprestada de Emanuelle, assim como todo o resto do figurino, e peguei o cardápio. Era difícil ler, pois o lugar estava bem escuro, então eu demorei para encontrar a opção mais barata.

— O que acha de pedirmos batatas fritas? — eu olhei por cima do menu para Emanuelle, que retirava o casaco que usava e lançava olhares sensuais para a mesa do lado. — Emanuelle, foco em mim, depois você pode dar em cima dos meninos.

— Batatas fritas iriam direto para a minha bunda — ela se virou para mim. — Mas, ah, que se foda... estou cansada desse regime imbecil!

— Essa é a minha garota!

Nós chamamos o garçom e ele anotou o pedido: duas porções de batata frita, uma cerveja para Emanuelle e uma água para mim. Assim que ele saiu, a minha amiga me olhou de cima a baixo e sorriu.

— Fico feliz que você seguiu os meus conselhos e colocou esse decote para funcionar — ela apontou para a camisa de seda que eu usava, os dois primeiros botões abertos. Eu não me sentia muito confortável com a quantidade de homens olhando para mim, mas era aquilo ou ficar ouvindo Emanuelle reclamar a noite inteira de como eu era bonita, mas não me valorizava.

— Não sei se a palavra “funcionar” é a que mais se encaixa nesse contexto.

— Ah, cala a boca, você é linda — Emanuelle revirou os olhos.

— Olá, meninas — Pedro brotou do nosso lado e sorriu para mim.

Emanuelle então se ajeitou na cadeira e respirou fundo.

A minha companheira de quarto tinha um relacionamento difícil com o único garoto que parecia notar a minha existência em toda a comunidade estudantil, principalmente por ele ter sido o único a não se apaixonar por ela

depois que eles ficaram pela primeira vez. Além disso, Pedro foi o primeiro garoto com quem Emanuelle ficou na USP, bem antes do namoro com Oliver.

Eu tinha a teoria de que, no fundo, os dois eram secretamente apaixonados um pelo outro, principalmente pelo fato de serem tão iguais: dois galinhas incorrigíveis.

— Oi, Pedro — eu apoiei as minhas costas na cadeira.

— Olá — Emanuelle rosnou.

Pedro deu dois passos para o lado e eu pude ver Sergio Maia conversando com Oliver a algumas mesas de distância. Eu sabia que aquele era Sergio pois o tinha visto diversas vezes em revistas de fofoca da alta sociedade, mas ele nunca me parecera tão jovial e informal; ele usava uma calça jeans surrada, camiseta branca e tênis. A sua barba estava por fazer e a barriga de Chopp esticava a camiseta na frente.

Ele e Oliver pareciam amigos íntimos, e eu fiquei estática, observando Sergio enquanto Emanuelle e Pedro trocavam farpas de maneira passivo-agressiva ao meu lado.

O homem não parecia uma má pessoa. Espírito jovem, bons modos e boa aparência. Mas, ainda assim, algo nele disparava todos os meus alarmes. Algo em seu sorriso me parecia forçado...

Claro que desconfiança era o meu segundo nome, e aquilo não devia passar de um pré-conceito, principalmente depois de ler o e-mail da mulher do cara.

Sim, com certeza... eu deveria estar exagerando.

— ...pois é, Pedro, não é todo mundo que tem tempo para levar uma vida de comediante — Emanuelle comentou, tirando-me dos devaneios.

Voltei-me para ela e Pedro, os dois vermelhos de raiva.

— Ah, sim, eu entendo. Deve ser realmente muito difícil o emprego de herdeira — ele rebateu.

Assim que Emanuelle abriu a boca, prestes a surtar como sempre surtava quando ficava mais do que cinco minutos na presença de Pedro, eu resolvi intervir.

— As batatas fritas! — exclamei, apontando para o garçom que saia da cozinha. — Elas estão chegando!

### XXX

— Boa noite, pessoal — o vocalista da terceira banda da noite desejou ao microfone. Ele era razoavelmente bonito, mas as botas de cowboy que usava estragavam toda a sua imagem. — Nós somos a Elvis Não Morreu e esperamos que vocês aproveitem o show!

Emanuelle já estava na quarta cerveja e começava a flertar com o garçom, que parecia estar adorando. Eu estava me divertindo também, observando os trejeitos da minha melhor amiga, quando Pedro resolveu retornar, sentando-se entre nós duas.

Ele estava com os olhos vermelhos e falava enrolado.

Totalmente chapado.

— Hannah! — ele pareceu ignorar a presença de Emanuelle. — Você nem ficou para me ver aquele dia! Foi um dos melhores shows de *stand up* que eu já fiz!

— Ah, eu realmente não podia ficar... foi mal — eu tomei um gole da minha água e Pedro acompanhou o movimento. Envergonhada, olhei para Emanuelle, que nos vigiava incrédula. — Hm... Pedro, você tá legal?

— Claro, eu tô ótimo! — ele gargalhou, virando-se para Emanuelle repentinamente. — Emanuelle, fiquei sabendo que a sua última vítima foi o Rodrigo da FEA.

— E do que isso te interessa, Pedro? — ela perguntou, fazendo-o rir novamente.

— Não me interessa nem um pouco, eu só gostaria de poder te acompanhar... você é muito rápida! Daqui a pouco toma o meu posto.

Emanuelle só olhou para Pedro com certa descrença e voltou a chamar o garçom, nos ignorando.

Pedro voltou-se para mim novamente.

— Você está linda hoje, Hannah.

Eu senti o meu rosto esquentar. O que diabos estava acontecendo ali? Pedro era sempre muito gentil comigo, mas nunca dera em cima de mim abertamente como estava fazendo.

— Obrigada — eu tomei mais um gole de água.

— Não, é sério, eu nunca te vi tão linda como hoje.

Eu olhei para baixo como num reflexo. Usava a já referida camisa de seda rosa, uma saia branca que Emanuelle me fez vestir e sapatilhas pretas. Emanuelle havia feito minha maquiagem e o meu cabelo estava solto.

A minha aparência realmente estava mais refinada do que o normal, mas nada muito extraordinário. Eu só não estava usando camisetas de banda e calça jeans surrada.

— Er... bom, eu fico feliz que tenha gostado.

— Ei, Pedro, seu bêbado de merda! — Caio Moreira gritou a algumas mesas de distância. — Vem aqui, porra!

— Ops, preciso ir — ele comentou, sorrindo.

Começou então a se afastar, mas, antes de sumir completamente, piscou para mim.

Simplesmente... piscou para mim.

— Mas que merda foi essa? — eu perguntei, e Emanuelle curvou-se sobre a mesa.

— Escuta aqui, mocinha — ela murmurava com ódio. — Eu posso te arranjar qualquer homem dessa faculdade inteira em um piscar de olhos, pois sei o quão bonita, inteligente e interessante você é, mas eu me recuso a deixar você chegar perto do Pedro. Ele vai destruir o seu coração, cagar em cima dele e jogá-lo para os tubarões. Está me ouvindo?

Eu só consegui arregalar os olhos. Nunca havia visto Emanuelle tão transtornada.

— Não caia na lábia dele. Ele só vai te usar e jogar fora.

— Emanuelle, eu não ia...

— Sem “Emanuelle, eu não ia...”, só me prometa que *nunca* vai ficar com esse babaca!

— Tudo bem, eu prometo! — eu exclamei, pedindo mais uma água ao garçom por mímica e voltando-me para Emanuelle, que ainda me olhava intensamente. — Eu prometo, agora pode parar com essa loucura! Jesus!

— Bom mesmo — Emanuelle cruzou os braços e emburrou, ignorando a mesa lotada de garotos do nosso lado, o que só podia ser sinal de demência.

Peixe Com Batata, a penúltima banda da noite, agradeceu aos convidados e se retirou do palco sob uma forte onda de aplausos. Eu aplaudia mais por educação do que por qualquer outra coisa; a banda era razoável, mas nada que me fizesse cair de amores.

Os *roadies* retiraram os instrumentos do palco e a *Shut Up and Smile* entrou, atraindo a atenção dos convidados. Os amigos da banda começaram a fazer barulho e a quantidade de pessoas no pub pareceu dobrar.

Talvez aquele fosse o efeito Sergio Maia na vida de um artista, o que me deixava mais receosa ainda. Se eu descobrisse algo sobre ele, com certeza prejudicaria o futuro de Oliver como escritor. Mas eu também poderia não descobrir nada, o que tentava pensar constantemente para acalmar os meus ânimos.

Até aquele momento, Oliver havia passado a noite inteira conversando com Sergio, mas agora estava de pé próximo ao palco. As pessoas se acotovelavam para chegar perto da banda e Emanuelle resolveu fazer o mesmo, puxando-me pelo braço, apesar das minhas objeções. Quando ficamos a uma distância boa, ela me abraçou pelos ombros e gritou em meu ouvido com o hálito forte de cerveja.

— Gostou do vocalista? Eu conheço ele, posso te apresentar!

— Eu prefiro comer vidro! — gritei de volta.

Então Oliver se aproximou de nós duas. Ele parecia alegre, segurando uma caneca de cerveja.

— E não é que vocês vieram? — ele comentou, sorrindo para nós duas.

Mais para Emanuelle do que para mim.

— Claro que viemos! — Emanuelle exclamou. — Esqueceu que eu sou arroz de festa?

— Como poderia esquecer? Nosso namoro significou os dois meses mais

agitados da minha vida social — ele berrou por cima da música.

Emanuelle riu e os dois engataram uma conversa íntima de quem já havia visto um ao outro pelado, e eu fiquei entre eles, querendo morrer. A banda demorou cerca de quinze minutos para passar o som, e eu já estava suando pela nuca quando o vocalista fez sinal de positivo para o cara da mesa de som e colou os lábios no microfone.

— Boa noite, Templers Pub.

Os amigos da banda faziam uma algazarra terrível, e eu fui obrigada a sorrir com a criatividade dos apelidos que estavam sendo jogados no palco.

— Estão prontos para ouvirem o nosso novo *single*? — o vocalista continuou, rindo a cada vez que algum de seus amigos berrava alguma bobagem. — Então vamos lá!

A música que começou quebrou um pouco toda a animação bêbada do bar; era uma balada mela cueca, e seria constrangedor o suficiente estar ali ao lado de Emanuelle e Oliver ouvindo sobre um amor não correspondido, só que ficou bem mais constrangedor quando eles começaram a dançar.

Juntos. De rostinho colado.

Eu senti o meu corpo gelar. A pontas dos meus dedos pareciam pedras de gelo, e eu não tive reação imediata.

Eu não abri a boca. Desconfiei que se o fizesse, começaria a chorar.

Oliver estava tão lindo em seus jeans favoritos e seu blazer azul marinho. O cabelo loiro escuro, normalmente bagunçado, estava alinhado e mais claro do que o normal. Os seus pés, enfiados em um par de All Star pretos, iam de um lado para o outro ao ritmo da bateria, e ele permanecia de olhos fechados, o rosto encostado ao de Emanuelle.

Eu desviei o olhar deles e peguei Pedro me encarando a alguns metros dali. Os seus olhos escuros me fuzilavam, e Emanuelle com certeza me daria uma

bronca se não estivesse dançando com o amor da minha vida.

Emanuelle nunca havia dado muita moral para Oliver, todos sabiam daquilo. Ele sempre foi mais um bom amigo do que um namorado, e com certeza a parte mais apaixonada do relacionamento, que durou tão pouco porque ela ficou com receio de magoa-lo se as coisas ficassem mais sérias. Emanuelle era mesmo um espírito livre, gostava da própria liberdade, mas gostava mais ainda de ter Oliver como amigo e se encontrava naquele limbo em que queria mantê-lo por perto, mas sabia que era errado.

Mas lá estava ela, dançando agarradinha com ele.

E o que eu poderia fazer? Nada! Nenhum dos dois sabia como eu me sentia, não eram adivinhos, não tinham como saber o sofrimento que aquela cena estava proporcionando; e eu trabalharia para que continuassem ignorantes quanto aos meus sentimentos. Além disso, Emanuelle era a minha melhor amiga, sempre tão boa comigo, e Oliver era o homem que eu amava, e se eles quisessem dançar juntos, eu deixaria que eles dançassem juntos, porque só queria que eles fossem felizes.

Aquela era a história da minha vida. Sempre abrindo mão da minha felicidade para que as pessoas em minha volta fossem felizes.

No refrão, Oliver abriu os olhos escuros e sorriu para Emanuelle, que sorriu de volta.

Eu senti o chão se abrir sob os meus pés.

— Está muito quente aqui — eu disse para ninguém, porque ninguém estava ouvindo —, eu vou sair, tomar um ar. Depois eu volto.

Eu sai cambaleando do pub. Porém, ainda pude ouvir a última estrofe da música antes de passar pela porta, que pareceu dilacerar o meu coração.

*E você, garota, é quem eu quero,*

*quem eu sempre quis,  
e quem eu sempre vou querer...*

### **XXX**

— Você pode me emprestar o isqueiro? — eu pedi para o segurança do pub, que vasculhou o bolso de seu terno e entregou um isqueiro vermelho para mim.

Eu acendi o meu cigarro, trêmula, e agradei ao segurança, devolvendo o objeto e caminhando para longe da aglomeração do fumódromo.

Apoiei-me na parede áspera do lado de fora e traguei demoradamente. Estava próxima das lixeiras, mas não me importava com o cheiro; tentar adivinhar o que diabos havia morrido naquele beco era uma ótima distração para esquecer o que havia acabado de presenciar.

A minha boca ainda tremia quando fui sugada para uma conversa que já acontecia ao meu lado.

— ...eu quero saber quem foi o filho da puta que deixou o papelote na casa do Perez...

Os meus ouvidos curiosos foram aguçados pela voz que ecoava no beco e, por um instante, eu esqueci um pouco do fato de que o amor da minha vida estava naquele exato momento se declarando para a minha melhor amiga.

Silenciosamente, dei dois passos para o lado e encontrei uma silhueta atrás das lixeiras.

— ...eu não quero saber, eu quero nomes, caralho!

Inclinei a cabeça para trás e encontrei Sergio Maia ao celular. Ele parecia

transtornado.

— Você acha que eu estou brincando, Falcão? Eu te mato! Eu entro na sua casa com uma porra de um espeto de churrasco e enfio no seu cu, depois eu mato a sua esposa e a sua menininha. Qual o nome dela mesmo? Sandy?

Eu arregalei os olhos, o coração batendo rápido dentro do peito.

Completamente incrédula, esqueci que estava fumando e deixei o meu cigarro cair. Ele caiu com a brasa no peito do meu pé e eu soltei uma exclamação de dor.

Agachei-me com velocidade e joguei o cigarro longe. Gritei de dor em silêncio e percebi uma sombra se aproximar.

Lentamente, e com o coração na boca, eu levantei minha cabeça.

Sergio estava em pé na minha frente...

...e ele não parecia feliz.

## QUATRO

Muitas coisas se passaram pela minha cabeça. Sair correndo e gritando por socorro foi uma delas. Mas, ao contrário do que eu pensei que fosse acontecer – Sergio tiraria uma arma do bolso e daria um tiro no meio da minha testa –, o empresário da *Shut Up and Smile* e agente literário de Oliver apenas sorriu e estendeu a mão para mim.

— Está tudo bem aí? Você está legal?

Eu pisquei os olhos algumas vezes, tentando entender o que estava acontecendo. Aquele homem, que até alguns instantes atrás estava ameaçando de morte um homem e toda a sua família, estava sendo agradável e me oferecendo ajuda.

Sergio continuava em pé na minha frente, com a mão estendida para mim. Tive medo de que ele tivesse algum daqueles paralisantes que o Gerard Butler usou contra o cara que matou a sua mulher e filha no filme *Código de Conduta*; se eu aceitasse a sua ajuda, poderia acordar presa a uma maca, sem as pálpebras, com adrenalina injetada para que eu não dormisse devido ao choque e assistindo todos os meus membros serem arrancados com uma serra elétrica.

Mas, mesmo correndo esse risco, eu aceitei a sua ajuda.

Com certeza a minha mãe ficaria orgulhosa. Aquela era a criação que ela havia me dado; dar a mão para qualquer estranho em qualquer beco escuro.

— Sim, eu estava fumando e o cigarro caiu no meu pé — eu respondi, tentando soar o mais casual possível.

Entretanto, a minha voz tremia, o que com certeza deve ter passado a ideia

de que eu estava ouvindo a conversa e sabia que ele gostava de assassinar pais de família com espetos de churrasco.

— Odeio quando isso acontece — ele comentou com um sorriso encantador no rosto. — Já me queimei inteiro com cigarro.

Era a primeira vez que eu via um psicopata de perto. Porque, convenhamos, ele sabia que eu havia escutado a conversa. Não tinha como o cara ter mudado da água para o vinho daquele jeito.

— Eu também.

Sergio guardou o celular no bolso da calça e apontou com a cabeça para o segurança do fumódromo. A cada movimento seu, o meu sexto sentido ficava mais e mais aguçado.

Aquele cara era problema.

— Melhor entrarmos. Ele já está nos olhando feio. A fila para o fumódromo deve estar imensa! E você está perdendo o show dos seus amigos.

— Sim, é melhor entrarmos.

Nós dois passamos pelo segurança, que realmente estava nos olhando feio.

Já dentro do bar, o volume alto da música me pareceu acolhedor; lá dentro eu estava segura. Ou pelo menos achava que sim.

— Eu preciso voltar ao *backstage* — Sergio comentou, colocando a mão pesada em meu ombro. Eu permaneci estática, olhando para frente. — Aproveite o show.

— Eu vou — discretamente, eu dei um passo para o lado e o empresário retirou a sua mão de mim. Eu virei o meu rosto para ele e forcei um sorriso. — Com certeza.

Sergio ainda sorriu para mim mais uma vez antes de sumir entre as pessoas

que lotavam aquela parte do bar.

Completamente aliviada e bastante apavorada, eu soltei o ar e corri para o banheiro. Aquela adrenalina toda havia me deixado com uma vontade imensa de fazer xixi!

### XXX

*A Shut Up and Smile* ainda estava no palco quando eu retornei do banheiro, animando a todos os que estavam presentes. Eu me direcionei automaticamente para a frente do palco, onde antes assistia a Emanuelle e Oliver dançarem agarradinhos; depois do que havia acontecido no fumódromo, eu apreciava bem mais as dores de um coração partido, bem diferentes das dores de ficar com medo de ser assinada. Quando enfim alcancei o lugar de origem, não encontrei o pseudocasal.

Eu olhei em volta a procura da minha melhor amiga, ainda anestesiada pelo encontro com Sergio Maia, e a encontrei no mezanino, trocando beijos apaixonados com alguém.

Tudo pareceu congelar e eu senti como se pudesse morrer a qualquer instante. Emanuelle e Oliver haviam voltado? Tudo estava mais perdido do que estava antes?

Porém, o sentimento não durou muito tempo, porque logo percebi que não era Oliver com a minha amiga, e sim um cara qualquer. Todo o sangue voltou de uma só vez para o meu corpo, esquentando-me de cima a baixo.

Sem conseguir acreditar naquilo, voltei as minhas atenções para a pista e encontrei Oliver parado do outro lado do palco. Ele parecia fazer esforço para não olhar para o mezanino, e a sua boca estava branca. E então, como se pudesse sentir a minha presença, ele olhou para mim e sorriu com certa tristeza.

Eu dei de ombros, como se entendesse a sua dor, e sorri de volta. Sem nem pensar muito bem no que estava fazendo, eu ainda adicionei por mímica labial “sinto muito”, ao que ele respondeu “eu também”.

Um pouco constrangida, eu saí do meio da multidão e fui me sentar em alguma das mesas vazias. Oliver não podia me ver ali, mas eu pude aproveitar o resto do show sem tirar os olhos dele.

Veza ou outra, ele fixava os olhos escuros no andar de cima, e quase sempre o seu cabelo estava por cima dos olhos; ele não queria que Emanuelle o pegasse olhando, por mais que, conhecendo a minha amiga, ela estivesse em outro mundo naquele momento.

O show acabou mais de 2 horas da manhã. Eu estava prestes a procurar por Emanuelle quando ela se materializou na minha frente.

— Hannah! — ela berrou, arrastando a vítima da vez pelas mãos. — Esse é o Matheus. Matheus, essa é a minha colega de quarto, Hannah.

— É um prazer, Hannah — ele estendeu a mão para mim.

Sim, era mesmo um prazer. Seria principalmente um prazer quando ele estivesse transando com a minha amiga no nosso apartamento e eu não estivesse por lá. Com certeza era naquilo que ele estava pensando.

— Prazer — eu respondi, cumprimentando-o rapidamente. Depois, voltei os meus olhos suplicantes para Emanuelle. — Manu...

— Estamos indo. Vamos? — ela beijou a minha testa, pegando a sua bolsa na mesa.

Pela primeira vez ela não me deixava para trás, e eu comecei a me levantar, aliviada. Mas então pensei nas horas de gemidos que teria que aguentar, e acabei estancando no mesmo lugar.

— Quer saber? Acho que eu vou ficar mais um pouco.

— Olha só! — Emanuelle exclamou, sorrindo. — Está se divertindo?

— Sim — eu menti.

No final das contas, era até uma benção ser deixada para trás por Emanuelle às vezes. Acho que ela fazia para me poupar. Eu não tinha como proibi-la de transar, mas podia não estar por perto quando ela o fizesse, não é mesmo?

— Então se divirta e volte com cuidado! — ela exclamou, pegando Matheus pela mão e desaparecendo bar adentro.

Eu suspirei e apoiei a testa na mesa de madeira, me arrependendo instantaneamente daquela decisão.

Como diabos eu iria embora agora?

### XXX

Eu andava em direção ao ponto de táxi, fumando um cigarro e me amaldiçoando por não ter pego uma blusa antes de sair de casa. Fazia um frio atípico para o verão e eu me remoía de medo; a rua estava deserta. Além disso, gastaria tudo o que eu tinha e o que eu não tinha para voltar para casa, já que o metrô só abriria em algumas horas.

Eu pensava na minha mãe, e em como era estúpido e idiota que eu tivesse aceitado sair de casa quando ela passava por um tratamento caro e complicado, que apenas prolongaria a sua vida, mas não a curaria. Eu deveria estar em Ribeirão, ao lado dela e da minha irmã, e não sofrendo por amor e aceitando trabalhos que poderiam me matar ao final.

Conforme me perdia em pensamentos, avistei o ponto iluminado no final da rua e dei uma corridinha. Quando estava quase o alcançando, senti uma

luz forte atrás de mim. Virei-me e a luz ficou mais forte ainda. Cobri os meus olhos com a mão e esperei. O carro foi diminuindo a velocidade e parou ao meu lado.

— Hannah! — Pedro exclamou do banco do motorista. Pude ver uma menina ao seu lado e Oliver, Samuel e Caio no banco de trás. — O que está fazendo aqui sozinha?

— Indo para casa — eu dei de ombros. — Perdi a minha carona.

— Entra aí — ele destravou o carro. — Nós te deixamos em casa.

Eu não estava me sentindo muito segura em entrar naquele carro, principalmente porque Pedro havia bebido, mas caminhar sozinha no meio da rua de madrugada também não me parecia uma boa possibilidade, muito menos pegar um táxi com um homem desconhecido. Além disso, estava frio!

Ah, as escolhas que uma garota precisa fazer...

Conforme entrava no carro, percebia que tínhamos ali um problema de logística; o banco de trás já estava lotado com os três meninos. Eu tentei me sentar direito, mas Samuel e Caio começaram a berrar que estavam próximos demais um do outro, causando uma comoção de risadas. Então, Oliver envolveu a minha cintura com o braço e me puxou para cima, e eu fiquei metade no banco e metade em seu colo.

Eu estava no colo de Oliver.

— Você está desconfortável? — ele perguntou, mas como nós estávamos muito próximos, a sua boca roçou a minha nuca, e eu não pude evitar me arrepiar inteira.

— Não estou na primeira classe, mas dá para o gasto — eu comentei, e ele riu. — Obrigada pela carona, Pedro.

— Não tem problema — Pedro aumentou o som do carro e voltou para a pista.

Oliver não retirou o braço da minha cintura.

— O que acha disso, eim? — ele quis saber, a voz embolada de quem havia bebido demais. — Namorei a sua melhor amiga e nós nunca trocamos ideia. Agora aqui está você, no meu colo.

— Teoricamente, estou metade no seu colo, metade no banco — eu rebati, fazendo força para a minha voz não sair tremida.

Quero dizer, eu estava ficando com calor naquela posição.

Muito calor.

— Hm... você é uma menina muito perspicaz...?

— Hannah — eu revirei os olhos, todo o encanto do momento sendo quebrado como um espelho em mil pedaços. — Meu nome é Hannah.

Porra! Ele havia lembrado o meu nome mais cedo... qual era o problema dele?

— Hannah — ele murmurou de olhos fechados. — É um nome muito bonito.

— Obrigada.

— De nada.

Eu apoiei a cabeça no encosto do banco do motorista e fechei os olhos. De repente, senti outro braço em volta de mim. Olhei para trás e encontrei Oliver dormindo de boca aberta, abraçando-me como se eu fosse um ursinho.

Por que é que o destino gostava tanto de brincar comigo?

**XXX**

Pedro estacionou o carro na vaga do prédio e todos nós saímos da lata de sardinhas. A mim foi designada a função de acordar Oliver, já que Pedro se direcionava ao prédio com a bola da vez e Caio parecia entretido demais bebendo com Samuel.

— Oliver — eu o chacoalhei, e ele abriu um só olho. — Chegamos.

— Ah... eu vou dormir aqui hoje... — ele voltou a fechar o único olho aberto.

— Não! — eu o chacoalhei mais uma vez. — Nós precisamos entrar. É perigoso ficar aqui fora.

— Eu não vou deixar que nada nos aconteça, Hanninha — ele murmurou, puxando-me para si.

Eu me desequilibrei e acabei caindo em cima dele.

— Nós vamos subir, casal — Caio anunciou, aparecendo na porta. — Façam sexo seguro, tranquem a porta do carro!

— Nós não vamos fazer sexo! — eu berrei, virando-me de barriga para cima e saindo do carro.

— Para de falar merda, Caio — Oliver pareceu voltar a vida, olhando irritado para o amigo. — Você nem conhece a mina.

Eu estava parada entre eles, completamente desconfortável. Eu não estava acostumada com aquele mundo, não tinha amigos e muito menos amigos que faziam piadas sexuais. Eu estava me sentindo mal, e acho que eles perceberam.

— Foi mal, Hannah, não quis te ofender — Caio pediu, e eu me volvei para eles.

— Não tem problema — dei de ombros.

— Ótimo! Então vamos ficar aqui embaixo com a gente, nós vamos beber e jogar pôquer! — Samuel exclamou.

— Ah, não, eu preciso mesmo ir — comecei a me afastar, em pânico com a possibilidade de interagir com outros seres humanos que não aquelas que já havia permitido no meu minúsculo círculo de amigos.

— Ei, qual é! Vamos lá, só uma partida! — Oliver berrou, e eu parei no mesmo lugar.

Eu mordi o lábio inferior. Os três me olhavam com carinha de arrependimento, e eu não sabia o que fazer. Não estava acostumada com interação social, não me dava bem na presença de outros seres humanos, não tinha amigos. Mas, mesmo assim, lá estavam eles, querendo a minha presença, pedindo para que eu ficasse.

Por mais que todo o meu corpo rejeitasse aquela ideia, eu me ouvi respondendo com uma confiança que eu não conhecia até então.

— Tudo bem. Mas só uma partida!

### XXX

— Ah, só pode ser brincadeira — Caio exclamou, jogando as cartas em cima da mesa. — Nem o meu padrasto consegue me vencer no pôquer e agora vem ela e...

Ainda estava escuro do lado de fora, e nós quatro estávamos no salão comum; eu, Caio e Oliver jogávamos, enquanto Samuel, que já havia perdido 50 reais no seu *all in*, dormia no sofá desgastado do hall de entrada do prédio.

— Caio, aceite que você está tomando uma surra — Oliver também abaixou as suas cartas.

— Você também está tomando uma surra! — Caio rebateu, emburrado.

— Calem a boca que eu quero dormir — Samuel resmungou com a boca colada no encosto do sofá.

— É, *game over* para mim também — Caio tirou a carteira de dentro do bolso da calça e contou as notas. Depois, as entregou para mim. — Aqui está o que eu te devo. Agora eu vou para o meu quarto chorar em posição fetal por ter perdido toda essa grana.

— Muito bom fazer negócios com você, Caio — eu sorri, guardando as notas na minha carteira.

Foi como tirar doce de criança.

— Boa noite, Oliv. Boa noite, ladra.

— Boa noite, perdedor.

Caio puxou Samuel do sofá e o arrastou até a saída da sala. Logo os dois desapareceram pelos corredores, deixando-nos sozinhos.

Eu e Oliver.

— Se eu soubesse que você era campeã mundial de pôquer nem teria te convidado — ele comentou, já sóbrio, guardando as cartas e puxando a toalha da mesa.

— Campeã mundial do bairro — eu respondi, levantando-me. — Obrigada pela distração, mas agora eu preciso mesmo ir.

— Ah, qual é! A noite é uma criança! — Oliver exclamou, levantando-se também.

— Você só diz isso porque não quer voltar para o apartamento e ouvir Pedro transando — eu sorri. — Eu conheço esse sentimento, cara.

— É, você me pegou no pulo — ele deu de ombros. — Mas, pensando por outro lado, você *também* não pode voltar para o quarto ainda.

— Ah, a maldição de ser colega de quarto de alguém que tem a vida sexual muito mais ativa que a sua — eu suspirei, jogando-me no sofá em que Samuel dormia minutos antes.

— Fale por você! A minha vida sexual vai muito bem, obrigado — ele se sentou ao meu lado. — Mas eu não trago as meninas para o meu quarto. Sabe como é, não quero que elas se apeguem.

— Um cavalheiro — eu comentei, e Oliver riu.

Era uma risada triste. Uma risada de quem queria encontrar humor no fato de que a ex-namorada estava naquele exato momento transando com outro cara.

— Onde você aprendeu a jogar desse jeito? — Oliver perguntou bruscamente, mudando de assunto.

— Com o meu pai. Ele era sensacional... — eu suspirei, lembrando-me das noites de sábado em que passava assistindo ao meu pai jogar cartas com os amigos. — Todo sábado à noite ele reunia os amigos e eles entravam em uma disputa acirrada, apostando ingressos para jogos de futebol e, vez ou outra, maços de cigarro.

— Parece divertido — Oliver se espreguiçou e colocou o braço no encosto do sofá, envolvendo os meus ombros sem tocá-los. — Para um garotinho.

— Ah, por favor — eu revirei os olhos. — Garotas também jogam pôquer.

— Jogam e destroem todos os homens da mesa — ele complementou, sorrindo.

Eu voltei a olhar para frente, um sorriso bobo de timidez e felicidade no meu rosto. Eu podia sentir o braço de Oliver atrás de mim, mesmo que não estivesse me encostando.

— Gostei muito do show da *Shut Up And Smile*.

— É, foi legal — ele se apoiou no encosto do sofá, depois de retirar um cigarro do seu maço e acendê-lo. Eu estendi a mão e ele me passou o cigarro; traguei profundamente e o devolvi. — Deve ser legal ter uma banda.

— Não sei não... eu nunca, na minha vida inteira, seria capaz de subir em um palco e cantar.

— Em alguma coisa você tinha que ser ruim, não é?

Eu sorri involuntariamente, com os olhos fechados e a cabeça mole.

— Eu sou ruim em várias coisas.

— Tipo...?

— Tipo basquete. E em fazer amigos. E geografia. Eu odeio geografia... — eu abri os olhos e virei o rosto para o lado. Oliver me olhava achando graça, o cigarro preso entre os lábios. — E flertar. Tá aí uma coisa que eu sou muito ruim...

— Não me parece — ele murmurou, tirando o cigarro da boca.

Naquele momento, eu deveria ter somente fechado os olhos e beijado o amor da minha vida. Mas o meu cérebro, um tanto quando subdesenvolvido na arte de pegar as indiretas no ar, resolveu fazer uma piada.

— É porque você ainda não me viu na balada.

— Não seja por isso! — Oliver se ajeitou no sofá, separando a proximidade de nossas bocas e pegando o celular do bolso. Colocou uma música eletrônica qualquer e aumentou o volume no máximo. Depois, bagunçou o cabelo e apagou o cigarro. Levantou-se e me levantou com ele. — Vamos lá. Finja que não me conhece.

Eu estava rindo, enquanto Oliver atravessava a sala e me olhava do outro lado, dançando como imbecil. Eu não conseguia parar de rir, e ele gritou

comigo do outro lado.

— Pare de rir! Entre no personagem!

Eu parei de rir e ajeitei os ombros. Enrolei uma mecha de cabelo entre o dedo indicador e o do meio e comecei a me mexer de um lado para o outro, lançando olhares sensuais para ele – ou pelo menos era isso que eu achava que estava fazendo.

Oliver aproximou-se ainda dançando de um jeito muito engraçado e me segurou pela cintura.

— E aí, gata — ele murmurou em meu ouvido. — Vem sempre aqui?

— Ah, quase nunca — eu dei de ombros. — Eu não gosto de balada. Eu não gosto dessa música. Eu não gosto de ninguém que está aqui.

— Pô, nem de mim?

Eu ri mais uma vez, mas Oliver me lançou um olhar feio e eu parei, voltando ao personagem.

— Eu nem te conheço!

— Prazer, Daniel — ele estendeu a mão para mim e eu o cumprimentei. — Mas pode me chamar de Dani.

— Sou Marcella, mas todos me chamam de Cella.

— Cella, você está linda essa noite.

— Obrigada. Eu tomei banho.

— Que coincidência, eu também!

Oliver me puxou para mais perto e nossos narizes ficaram muitos próximos. Eu ainda estava rindo um pouco, mas, com aquela proximidade, fui obrigada a ficar séria. Nossas respirações se cruzaram, e Oliver me olhava

como se me desejasse, encarando a minha boca.

Eu engoli a seco.

— Então o destino nos uniu essa noite.

— Sim — ele disse com a voz rouca. — Dois adoradores de banho se encontram na balada.

— Podemos escrever um livro.

— Ou um roteiro. Já imagino o sucesso que faria em Hollywood.

— Nicole Kidman me interpretaria — eu sussurrei, e Oliver riu.

— Alex Pettyfer faria o meu papel.

— Não acha que Nicole seja um pouco velha demais para Alex? — eu perguntei, e Oliver fez cara de pensativo.

— É, você tem razão. Então eu seria Tom Cruise.

— Mas eles já foram casados. Será que não rolaria uma briga nos bastidores?

— Meu Deus, você é muito exigente! — Oliver revirou os olhos e eu gargalhei. — Tudo bem, vou ser o Brad Pitt então.

— Ótimo — eu concordei. — Brad Pitt daria certo.

— Acho que vou ser obrigado a concordar com você, Hannah — Oliver sussurrou em meu ouvido, e eu apertei os seus braços de leve. — Você realmente não sabe flertar.

— *Eu disse!* — eu gritei, separando-me dele. — Eu disse pra você!

— Como você conseguiu transformar todo um diálogo elaborado em “quais atores me interpretariam no cinema”?

— Eu não sei — eu deixei os ombros caírem. — Eu juro que não faço de propósito!

— Vai, vamos dormir — ele pegou o seu maço de cigarros de cima da mesa em que jogávamos pôquer minutos antes e o guardou no bolso. Depois, me deu dois tapinhas nas costas e apontou com a cabeça para a porta. — Te levo até o seu prédio.

— Não precisa, vai dormir.

— Eu sou um cavalheiro! Não vou deixar uma mocinha de família andar por aí às 4h da manhã!

— Eu não sou uma mocinha de família.

— Tudo bem — ele sorriu de lado para mim, andando até a porta. — Eu também não sou um cavalheiro.

### XXX

Despedi-me de Oliver no *hall* do meu apartamento com um beijo na bochecha. Ele colocou a mão na minha nuca para beijar o meu rosto e eu senti os meus joelhos ficarem moles.

Eu subi correndo para o apartamento e fiquei aliviada ao não encontrar uma meia na maçaneta. Mas também, seria bizarro se a encontrasse; quem tinha pique para transar por tanto tempo?

Entrei correndo, não me preocupando com o barulho. A porta do quarto de Emanuelle estava fechada e eu revirei os olhos; ela ainda iria pegar alguma DST. Mas eu não tinha tempo para sermões. Peguei o meu HP e corri para a varanda. Lá fora, sentei-me no chão e observei Oliver caminhar de volta para o próprio prédio enquanto eu ligava o portátil.

Mal me conectei na Internet e já entrei no fórum.

**K. Hunter está online.**

**K. Hunter diz:**

Me abandonou hoje por causa de um showzinho qualquer...

Eu acendi um cigarro e esperei, observando alunos bêbados chegando da rua e falando alto, dirigindo-se até os seus próprios prédios. Quando terminei de fumar, torcendo para que Hannah não sentisse o cheiro e me mandasse descer, Oliver respondeu à minha mensagem.

**Oliver C. Morais está online.**

**Oliver C. Morais diz:**

K.! Meu Deus... que noite...

**K. Hunter diz:**

Ah, eis que surge a Cinderela! Me conte sobre a sua noite... encontrou o Príncipe Encantado?

**Oliver C. Morais diz:**

Não, mas tomei no cu direitinho... dancei com a minha ex-namorada e dois minutos depois ela estava se agarrando com um calouro qualquer.

**K. Hunter diz:**

Uau! Quantas emoções! Eu disse que você tinha que superar ela, não disse?

**Oliver C. Morais diz:**

Você não me dá uma chance! Tenho que viver do passado...

**K. Hunter diz:**

Aaaaaah, me poupe Oliver... a sua fama chegou até a UNESP! Você não me engana!

**Oliver C. Morais diz:**

Que fama? A de bom moço?

**K. Hunter diz:**

A de galinha! Com quem você passou a noite hoje?

**Oliver C. Morais diz:**

Que bom que perguntou! Agora entra a segunda parte da minha noite. Estava até agora com a melhor amiga de Emanuelle!

O meu coração disparou dentro do peito. Eu estava brincando de *Inception*; Oliver estava falando de mim para mim.

A que ponto eu havia chegado... talvez aquele *stalk* estivesse indo longe demais.

Mas eu não me importava. Nem um pouco.

*Forever alone level* Hannah Knight.

**K. Hunter diz:**

Não está perdendo nem a melhor amiga da sua ex, Oliver? Desse jeito fica difícil te defender, miga.

**Oliver C. Morais diz:**

Para com isso! A menina é sensacional... muito engraçada! Um pouco esquisita e um tanto quanto antissocial, mas muito engraçada.

**K. Hunter diz:**

Estou com ciúmes.

**Oliver C. Morais diz:**

Quem mandou não aparecer hoje...

**K. Hunter diz:**

Babaca. Mas me conte mais sobre a engraçadinha! Finalmente encontrou alguém para substituir Emanuelle?

**Oliver C. Morais diz:**

Encontrei, mas você não quer me dar uma chance...

**K. Hunter diz:**

Você nunca nem me viu! Não sabe se eu sou esquisita e fedida!

**Oliver C. Morais diz:**

E você só viu a minha foto de perfil. Eu posso ser completamente diferente...

**K. Hunter diz:**

Eu sei quem você é, Oliver. Já conheço a sua fama. Me esquece um pouquinho e me conte mais dessa menina!

**Oliver C. Morais diz:**

Caramba, mas que interesse é esse? Não tem muito o que contar! Ela é divertida. Um pouco estabanada... tem potencial para se tornar uma grande amiga.

**K. Hunter diz:**

Uma grande amiga? Só isso?

**Oliver C. Morais diz:**

Por que? Você está torcendo por ela? Você é #TeamHannah? Vai fazer um fã clube?

**K. Hunter diz:**

Não, eu só estava curiosa, torcendo para que você pudesse superar a sua ex... eu preciso ir agora, Oliver. Depois a gente se fala mais.

Eu nem esperei a resposta de Oliver para sair do fórum, lágrimas se acumulando embaixo dos meus olhos.

Então estava bem claro para mim e para K. Hunter: Oliver nunca se interessaria.

Aliás, quem eu pensava que era achando que algum dia o cara mais lindo da USP pudesse nutrir sentimentos por mim? Ou ao menos me achar bonita?

Fechei o *notebook* com certa força e entrei de volta no apartamento.

Feliz era Emanuelle, que não sofria por amor.

**XXX**

Fui acordada pelo meu celular, que vibrava incansavelmente em cima do

criado mudo.

Despertando lentamente, ouvi movimentos no quarto ao lado, e imaginei que Emanuelle estivesse expulsando o seu último parceiro sexual; nenhum deles passava a noite.

Tateei cegamente em busca do aparelho e o coloquei em cima do rosto, não sem antes constatar que ainda eram 5h34 da madrugada e eu só havia dormido uma hora.

*Putá que pariu*, eu pensei, abrindo a mensagem codificada que só podia ser de L. Love. *Maldito celular conectado na Internet.*

**A Sra. Maia está ficando impaciente.**

**E você quer que eu faça o que? Não tive tempo para nada!**

**Não precisa ser grossa comigo.**

**Então pare de me acordar às 5h da manhã.**

**Só me prometa que vai dar uma atenção especial para isso hoje?**

**Prometo. Agora vá dormir.**

**Você sabe que eu nunca durmo.**

**Boa noite, L.**

**Boa noite, K.**

Eu joguei o celular de volta ao criado-mudo e dormi quase que instantaneamente.

### XXX

— ...o beijo era bom, mas todo o resto era horrível! — Emanuelle berrava de dentro do banheiro enquanto passava delineador.

Eu fui obrigada a rir.

— Emanuelle, você não existe.

— Quero dizer, eu estava toda empolgada — ela voltou para o próprio quarto e jogou o estojo de maquiagem em cima da cama em que eu estava sentada de pernas de índio, ignorando o meu comentário —, para ser recebida por mãos geladas e unhas do pé compridas? Não, brochei na hora... inventei que estava menstruada e nós só dormimos juntos.

— Você é uma pessoa horrível.

— Não sou uma pessoa horrível, sou uma mulher livre que merece transar com homens que cortam as próprias unhas — ela amarrou o cabelo em um rabo de cavalo alto e pegou a bolsa de cima da escrivaninha.

— E se ele fosse o homem da sua vida e você o recusou porque ele apenas se esqueceu de cortar as unhas?

— O homem da minha vida nunca se esqueceria de cortar as unhas — ela rebateu, me olhando feio. — Você saberia que isso é péssimo, se não fosse...

Ela parou de falar, impedindo que as próximas palavras saíssem da sua boca.

— Nós já discutimos sobre isso — eu revirei os olhos.

— Só não acho saudável essa sua espera pelo príncipe encantado, só isso — a minha companheira de quarto suspirou. — Enquanto homens merda

estão por aí tirando proveito de suas sexualidades, mulheres incríveis como você a suprimem em prol de uma ideia romantizada e machista de virgindade e pureza.

Eu me espreguicei, optando por ignorar o seu discurso. Minha virgindade era minha, e eu só a perderia quando achasse necessário. Não a estava guardando para o príncipe encantado, mas sim para alguém com que me sentisse confortável o suficiente para tirar a roupa, mas ela não parecia entender e não adiantava discutir.

Emanuelle estava acabando de se arrumar enquanto eu procurava o momento ideal para abordar a noite anterior; como o ele não apareceu, perguntei como quem não queria nada:

— E aquela dança de rosto colado com o Oliver, eim?

— O que tem ela? — Emanuelle me olhou pelo espelho que segurava.

— Você não acha que isso pode, sei lá, magoar ele?

Ela fechou o espelho e olhou para mim. Os seus olhos pequenos, castanhos e sensuais estavam sérios e um tanto quanto céticos.

— Hannah, ele só sente falta do sexo — ela disparou de uma só vez. — Ele não gosta de mim, nem nunca gostou, se é isso o que você está querendo dizer. Mas homens são assim, quando o sexo é bom, eles sentem falta.

Eu só pisquei algumas vezes, não acreditando no que estava ouvindo.

— Ah, qual é? Você está incrédula? Espere só até começar a transar. Você vai ver! Não tem joguinho, não tem amor, é tudo sexo.

Emanuelle fechou a bolsa e se levantou.

— Não vai para a aula mesmo?

— Não, tenho algumas coisas para fazer no computador, e a aula de hoje é inútil.

— Certo — ela jogou uma trufa de maracujá que havia tirado da bolsa em cima de mim. Eu sorri como uma criança. — Nós vemos mais tarde então. Não bagunce tudo e não passe muito tempo nesse seu computador!

— Boa aula, mamãe.

— Bom dia, filhinha.

### XXX

Invadir o computador de Sergio Maia foi uma tarefa quase impossível. Passar pelo *Firewall* me levou boas duas horas; eu estava suando ao final do processo de decodificação, depois que meu *Trojan* finalmente funcionou.

Antes de qualquer coisa, eu instalei um *worm* e copieei todo o HD do computador dele. Depois, instalei um *key logger* para poder vigiar a todo e qualquer movimento seu na rede. Tudo o que ele digitaria futuramente seria enviado para mim. Então, sai do seu sistema e comecei a busca por informações valiosas.

Passei por algumas pastas de fotos da família, documentos pessoais, documentos do trabalho... nada muito anormal. Eu estava abrindo mais uma pasta que pensei ser pessoal, com o título "os meninos", quando uma avalanche de informação invadiu o meu quarto.

Ao abrir aquela pasta, eu senti medo. Muito medo por Oliver e todos que estavam envolvidos com Sergio Maia.

Tudo o que chegou aos meus olhos só me deixou com nojo e desespero.

Sergio era um homem doente.

## CINCO

Além de imagens comprometedoras com mulheres um tanto quanto suspeitas – que tipo de idiota *casado* e com filhos tirava fotos com prostitutas e as deixava no próprio computador? –, Sergio ainda mantinha algumas imagens com homens que, pela aparência, pareciam capangas de um mafioso. Que, no caso, seria ele próprio. Mas aquilo não me dizia muita coisa, afinal, ele poderia apenas ser amigo de pessoas estranhas, ou eu poderia estar julgando seres humanos por suas aparências, e aquelas pessoas não passavam de colegas da Igreja com *muitas* tatuagens e músculos.

Porém, o que eu encontrei depois me deixou assustada.

Saindo da pasta de fotos, resolvi investigar os seus e-mails, mas não encontrei nada, apenas mensagens do trabalho, transações econômicas da sua empresa de peças de porcelana, mensagens trocadas com artistas famosos, marcando encontros e organizando apresentações... eu já começava a ficar frustrada, quando reparei em um programa na sua área de trabalho chamado "GoAndGone". Curiosa, resolvi abri-lo, e fiz *login* com o seu e-mail e senha. E foi dentro do aplicativo que eu descobri que Sergio era a cabeça pensante de um esquema de tráfico de entorpecentes e influência.

O programa nada mais era do que uma rede social de troca de mensagens instantâneas, mas com um diferencial: elas desapareciam em 24 horas. Eu só consegui ler as mensagens trocadas em um curto intervalo de tempo, mas as coisas que eu li me deixaram bastante impressionada, para dizer o mínimo. Sem qualquer pudor, o empresário conversava sem códigos, gírias ou proteções, com ordens diretas e claras. Dentre elas, “apague ele” parecia ser a mais comum.

Ele parecia ser um homem sem temores e muito poderoso, mas qualquer

um com um pouco de conhecimento de informática poderia invadir o seu computador e se *logar* no programa "GoAndGone", inclusive o governo brasileiro; eu tinha comigo que se ele não havia sido pego até aquele momento, era porque alguém muito importante não queria que aquilo acontecesse, e, tomando como base as muitas fotos dele ao lado de políticos e religiosos, sua rede de proteção era imensa.

Alguns homens simplesmente nasciam com o dom de influenciar. Tanto para o bem, quanto para o mal.

Eu passei a manhã inteira lendo as trocas de mensagem e ficando cada vez mais enjoada. A gota d'água foi ler uma onde Sergio planejava a morte de uns de seus companheiros por ele ter "olhado demais para a minha mulher".

Fechei tudo o que eu estava fazendo, assustada demais para continuar. Aquele homem me dava muito medo... e somente uma pessoa poderia me ajudar. Sentindo os meus dedos tremerem, entrei no fórum a procura de L. Love, e não me surpreendi nem um pouco ao encontra-lo *online*.

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h12]:*

Está aí?

*L. Love [mensagem enviada às 10h12]:*

E isso é pergunta que se faça? É claro que eu estou aqui.

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h12]:*

L., eu já invadi o computador do Sergio.

*L. Love [mensagem enviada às 10h12]:*

Mas isso é ótimo! Pensei que você fosse ter problemas... homens como ele não costumam deixar rastros, sabe como são essas coisas.

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h12]:*

Não, eu *não* sabia como eram as coisas, mas agora eu sei. Você é louco de me passar um serviço desses? O cara é um *assassino*, L.! Eu não estou preparada para isso...

*L. Love [mensagem enviada às 10h13]:*

Eu confio na sua capacidade, K. Se eu não confiasse, não teria te pedido

para realizar esse trabalho.

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h13]:*

Eu não quero estar envolvida nisso. Eu estou com medo! O cara pode descobrir, pode mandar me matar... ele mandou matar um *amigo* porque ele olhou para a sua mulher, L.! Eu posso não ter a vida mais feliz do mundo, mas eu definitivamente não quero morrer. Muito menos virgem!

*L. Love [mensagem enviada às 10h13]:*

K., não existe essa possibilidade. Ele não tem como saber que você invadiu o computador dele, só se você deixou rastros, o que eu acredito que não tenha feito, já que eu te ensinei como não os deixar. Pare com isso, você é uma *hacker* muito talentosa e está contribuindo para ferrar um cara que merece ser ferrado. Com as informações que está coletando, mais a raiva de uma mulher traída, esse cara pode acabar atrás das grades!

*L. Love [mensagem enviada às 10h13]:*

E, sobre morrer virgem, acho que só você pode fazer algo a respeito disso.

Eu estava realmente com muito medo. A minha vida estava em risco ali! Um homem poderoso como Sergio deveria ter alguns *hackers* a sua disposição. Eu tinha quase certeza de que não havia deixado nenhum rastro, mas não tinha como saber direito.

Sem pensar direito e dominada pelo medo, eu comecei a digitar uma resposta para L. de que queria desistir do trabalho. Estava para apertar o *enter* quando o meu celular começou a tocar.

— Hannah — eu atendi ao primeiro toque, sem nem me dar ao trabalho de olhar para a tela do aparelho.

— Filha! — a voz quente e aconchegante da minha mãe ricocheteou nas paredes do meu cérebro, e eu esqueci completamente o que estava fazendo até aquele momento. — Desde quando você atende o celular desse jeito tão formal?

— Mãe! Nossa, eu não vi quem era, só atendi... não sabia que era você!

Como você está? Como está a Pietra? Você está melhor? Como andam as coisas? Eu não liguei antes porque a Pietra me prometeu que ligaria se houvesse alguma melhora... por que ela não me ligou?

— Meu deus, Hannah, calma! — a minha mãe exclamou, e eu percebi que estava sem respirar, então engoli uma quantidade significativa de ar. — Eu acabei de chegar em casa e a Pietra me pediu para te ligar. Eu estou ótima!

— Mesmo? Como está o tratamento?

— Está muito no começo, filha, não tem como saber, mas eu já estou mostrando uma melhora significativa... não é uma cura, mas melhorou muito os meus sintomas. Eu não me sinto tão bem assim desde antes de descobrir a doença!

— Ah, mãe... — eu suspirei, segurando o choro; eu não tinha o direito de preocupa-la com as minhas lágrimas. — Eu fico tão feliz em ouvir isso! Você nem acredita!

— Você está em aula? — ela quis saber, e eu logo me recompus.

Mãe era mãe, e eu podia estar na USP, mas se ela soubesse que eu estava matando aula, aquela conversa não seguiria um bom rumo.

— Sim, sai para atender o celular, mas agora eu preciso voltar.

— Isso, volte para a aula e não se preocupe comigo, eu estou ótima! — ela me garantiu.

— Beleza, mãe. Manda um beijo para a Pietra quando ela voltar da escola — eu pedi, não contendo o sorriso que se formava em minha boca.

A minha mãe estava bem. Aquilo era tudo o que eu podia desejar!

— Pode deixar que eu mando. Um beijo, filha!

— Outro, mãe. Fica com Deus — eu completei; eu poderia ser atea, mas sabia que dizer aquelas palavras a confortavam, então não seria nenhum

sacrifício para mim.

— Você também.

Eu desliguei o telefone e voltei-me para o computador. A mensagem de desistência escrita momentos antes já não fazia o menor sentido; eu precisava continuar. Tinha que pagar Emanuelle, pois ela havia proporcionado uma melhora de vida para a minha mãe, era o mínimo!

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h18]:*

Você está certo. Eu vou continuar com o caso.

*L. Love [mensagem enviada às 10h18]:*

Essa é a minha garota! Por que a demora para responder?

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h19]:*

Eu estava analisando as minhas possibilidades.

*L. Love [mensagem enviada às 10h19]:*

Se te deixa mais tranquila, eu nunca deixaria que algo de ruim te acontecesse, K., e nunca te passaria um trabalho mais difícil do que você conseguiria lidar. Eu acredito em você. E, pode não parecer, mas eu me importo com você também.

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h19]:*

Obrigada, L. Você é realmente um ótimo amigo. Ou amiga. Vai saber?

*L. Love [mensagem enviada às 10h20]:*

O melhor que você pode encontrar. Qualquer dúvida me mande uma mensagem. Preciso ir agora, tenho um compromisso importante.

*K. Hunter [mensagem enviada às 10h21]:*

Claro! Tenha um bom dia, então, L.

*L. Love [mensagem enviada às 10h21]:*

Você também, K.

*L. Love está offline.*

O restaurante universitário estava cheio, e eu soube disso assim que virei a esquina e trombei na última pessoa da fila.

O problema de ser mão de vaca em meio a tantos estudantes é que todos eles *também* eram mãos de vaca e os bandejões lotavam como formigueiros.

De qualquer maneira, eu esperei cerca de meia hora e consegui entrar. Enchi o meu prato de arroz, feijão e carne de porco e fui me sentar. Consegui uma das poucas mesas vazias – um grupo de quatro meninas havia acabado de sair e eu participei de um racha silencioso com um casal, que acabou perdendo quando a garota derrubou o copo de suco no chão – e me ajeitei confortavelmente nela.

Estava cutucando a carne com o meu garfo quando senti alguém se aproximar. Quase que por instinto, levantei o meu garfo na direção da sombra em minhas costas, com medo de ser Sergio querendo me matar após descobrir a invasão no seu computador.

Talvez eu estivesse ficando paranoica. Mas só talvez!

— Uou! Calma lá, Indiana Jones, eu vim em paz!

Pedro estava atrás de mim, segurando a sua bandeja e rindo da minha reação exagerada. Eu abaixei o garfo um pouco envergonhada e acabei sendo contagiada pela sua risada.

— Me desculpe, Pedro... uma menina precisa andar sempre em guarda nos dias de hoje.

— Ainda não estamos no apocalipse zumbi, Hannah — ele observou, sentando-se ao meu lado. — Se importa se eu me sentar aqui? O Oliver me abandonou hoje.

— Sem problemas — eu sorri a simples menção do nome “Oliver”.

Eu estava indo de mal a pior.

Reparei que Pedro usava as roupas do treino e resolvi puxar assunto, já que ele havia sido legal o suficiente para salvar a minha reputação de ser “a menina esquisita que come sozinha”.

— Saiu do treino agora?

— Sim — ele colocou uma batata assada pequena inteira na boca e continuou mastigando. — Treino puxado... o treinador novo é o rascunho do capeta!

— Deve ter aprendido com a minha professora de cálculo — eu comentei, cortando a minha língua em pedacinhos pequenos. — Se dependesse dela, os professores ainda estariam usando palmatórias.

Pedro riu e limpou a boca com as costas da mão esquerda. Depois, roubou uma língua do meu prato e a colocou inteira na boca, sorrindo como se nada tivesse acontecido.

— Ei! Isso é roubo! Eu vou chamar a polícia especializada em roubo de alimentos!

— Um pouco tarde demais para isso — ele murmurou, apontando com a cabeça para a porta de entrada do restaurante. — Estão todos mortos. Matei-os com as minhas próprias mãos — ele mostrou os dedos sujos de molho de tomate para mim —, você está sozinha nessa, Knight.

— Eu nunca vou me render! — eu exclamei, franzindo o cenho. — Nunca!

— Veremos — Pedro ficou sério, encarando-me com aqueles olhos escuros.

Eu o encarei de volta por alguns segundos, entrando na brincadeira. Mas algo naquelas duas pedras ônix me fizeram desviar o rosto e rir nervosamente, como uma adolescente envergonhada.

Pedro voltou a comer em silêncio, e eu fiz o mesmo.

— Você chegou bem em casa ontem? — ele perguntou depois de algum tempo.

— Depois de destruir os seus amigos no pôquer, sim — eu sorri, repousando o garfo na borda do prato.

— Ah! Por isso que o Caio estava de mal humor hoje pela manhã? — ele questionou, rindo.

Pedro e eu passamos o almoço conversando sobre diversos tópicos. Começamos com o show da *Shut Up and Smile*, passamos pela minha vitória no pôquer em cima de Caio e acabamos em *The Walking Dead*.

Depois, ele me levou até o ponto de ônibus e precisou ir embora, alegando que tinha uma entrevista de emprego; eu desconfiava que ele na verdade tinha algum encontro e não queria falar, mas não investiguei muito.

Não entendia muito bem porque Pedro havia resolvido ser ultra simpático comigo, do nada, mas sentia que ele era um cara meio sozinho, assim como eu, e que precisava de uma amiga.

E eu havia sido escolhida para o cargo.

### XXX

O sol já descia preguiçoso no horizonte quando eu cheguei na portaria do meu prédio. Resolvi aproveitar o resto da tarde para comprar alguns livros de Programação e algumas coisas das quais eu precisava, como calcinhas.

Atravessei o *hall* de entrada e cheguei nos elevadores. Ao lado de um deles, avistei duas cabeças unidas em uma sincronia perfeita; um casal qualquer aos beijos. Aquilo me deprimiu um pouco, e eu não sabia muito

bem o porquê.

Suspirei e apertei o botão do elevador, observando os dois pombinhos subirem pelas escadas aos risos.

Quando eu cheguei no apartamento, joguei-me no sofá da sala e observei o nada. Depois de algum tempo de amargura, fui até o meu quarto e joguei as minhas sacolas no canto, abrindo o meu HP em seguida. No fórum de escritores, pude ler as últimas mensagens de Oliver depois da minha saída repentina na noite anterior.

**Oliver C. Morais diz:**

Nossa, espera aí, me dá um tchau decente!

**Oliver C. Morais diz:**

Não vai se despedir direito?

**Oliver C. Morais diz:**

Eu vou *floddar* o seu chat então.

**Oliver C. Morais diz:**

K.

**Oliver C. Morais diz:**

Ok, eu cansei. Não vou mais correr atrás de você.

**Oliver C. Morais diz:**

O nosso relacionamento acabou.

**Oliver C. Morais diz:**

Não, é mentira. *Volta para mim, K.!*

**Oliver C. Morais diz:**

...

**Oliver C. Morais diz:**

Não?

**Oliver C. Morais diz:**

Bom, eu vou sair. Espero que você chore com o meu desespero ao ler isso.

**Oliver C. Morais diz:**

Adeus.

Eu ri um pouco, só para depois lembrar de suas palavras, que me cortaram como adagas. Irritada, eu não respondi nada e coloquei o notebook de lado.

Eu não tinha nada para fazer; os meus trabalhos estavam em dia, assim como os meus estudos – quando não se tinha amigos, se tinha muito tempo livre.

E o que uma garota entediada e com o coração partido poderia fazer?

Sentindo-me brilhante, fui até o frigobar de Emanuelle e peguei um pote de sorvete importado, que ela nem repararia no sumiço. Depois, liguei o Netflix na TV e passei algum tempo procurando por algo que me interessasse. Quando vi a capa de O Diário de Bridget Jones, meu coração se alegrou em uma nostalgia atípica.

A minha tarde na fossa estava completa.

**XXX**

Eu já me sentia melhor quando alcancei a metade do filme. Quero dizer, nada poderia ficar pior do que a vida de Bridget Jones. Ou poderia, mas eu não gostava de pensar naquela possibilidade...

Bridget Jones cozinhava a sua sopa azul quando ouvi o barulho do *chat* do fórum de escritores. A minha garganta foi parar na boca e, sem conseguir me controlar, pausei o filme e peguei o meu HP.

**Oliver C. Morais diz:**

Você está *online*. Eu posso sentir que você está *online* pelo seu cheiro.

**Oliver C. Morais diz:**

E também porque a bolinha do lado do seu nome está verde.

**Oliver C. Morais diz:**

K.?

**Oliver C. Morais diz:**

K., eu fiz algo que te desagradou? Pode me falar, eu sou homem, homens não percebem essas coisas até que alguma mulher conte...

**Oliver C. Morais diz:**

Kzinha, vamos lá! Fale comigo!

**Oliver C. Morais diz:**

Bom, você não quer falar comigo, mas eu vou ficar *online* por bastante tempo hoje. Quando quiser me contar o que aconteceu, eu estarei aqui.

**Oliver C. Morais diz:**

Me desculpe por qualquer coisa.

**Oliver C. Morais diz:**

E me perdoe logo, eu quero te mandar mais cenas... não sei se elas estão boas, preciso da sua opinião!

Os meus dedos estavam literalmente coçando para responde-lo, dizer que não havia nada de errado, que eu só estava ocupada com trabalhos da faculdade. Mas eu não podia. Não depois de vê-lo dançar agarrado com a minha melhor amiga. Não depois de receber na cara que eu tinha potencial para me tornar uma grande amiga, e apenas isso. Não depois de me fazer de idiota de novo e de novo, só para vê-lo sempre nos braços de outra garota.

Então, ao invés de responde-lo, eu fechei o meu *notebook* e dei *play* no

resto do filme. Sim, eu estava magoada, mas existia limite para ser idiota, e eu havia atingido o meu.

## SEIS

Quarta-feira começou como um dia qualquer, mas eu me sentia um pouco vazia. Precisava admitir que ignorar Oliver pelo *chat* dos escritores não estava sendo tão fácil quanto eu imaginava, e as suas últimas mensagens no fórum estavam abertas no meu computador como um lembrete de mal gosto.

Acho que ser uma mulher empoderada não era tão simples quanto as propagandas de cosméticos queriam fazer parecer.

Antes de ir para a aula, liguei em casa e fiquei umas boas duas horas conversando com a minha mãe, sobre o seu tratamento, sobre Pietra, sobre a minha tia... sobre todas as coisas que eram importantes para ela. Depois que desliguei, senti-me um pouco melhor.

O meu dia letivo não foi muito diferente do restante de todos eles – sentei-me no último computador do laboratório e passei seis horas sendo invisível. Ao final da última aula, levantei-me, peguei a minha mochila e parti em direção ao refeitório. Comi na minha velocidade padrão e, até a sobremesa, as coisas estavam indo como o planejado; então eu poderia partir com tranquilidade para a minha casa e passar o resto do dia no computador.

Não fosse um pequeno imprevisto.

Ou melhor, não fosse Pedro Santos.

Eu estava pagando o meu almoço ao mesmo tempo em que equilibrava a minha carteira e o resto da minha gelatina quando ele se materializou atrás de mim.

— Bom dia, Hannah — ele desejou, apoiando-se no caixa. A atendente atrás do balcão falava ao celular e fez sinal para que eu esperasse alguns

instantes. — Como foi o seu dia?

— Agradável — eu sorri, ajeitando a mochila nas costas. Por alguma razão inexplicável, Pedro estava me deixando um pouco desconfortável, principalmente pela sua proximidade. — E o seu?

— Tediioso.

— Sim, foi isso o que eu quis dizer com “agradável” — ele sorriu e eu ajeitei a mochila nas costas mais uma vez.

Qual era o meu problema?

— Diz aí — ele recomeçou, desencostando-se do caixa e arrumando a postura —, o que você vai fazer hoje à noite?

— Dormir, provavelmente — a garota do caixa desligou o telefone e entoou um “em que posso ajudar?” entediado. — Ah, sim, um almoço e uma Coca.

— Seis reais.

Eu estendi o meu cartão a ela e me virei para Pedro.

— Por que a pergunta?

— Porque eu vou fazer um show de *stand up* e queria saber se você estava a fim de ir. Vai ser em Campinas e eu preciso levar público. Sabe como são essas casas... não pagam cachê e ainda pedem que você lote de pessoas.

— Aqui está. Você quer o seu recibo?

Eu me voltei para a garota e balancei a cabeça em negativa, um pouco atordoada. Pedro queria que eu fosse ao show dele em outra cidade? Por que?

— Hm... não sei, posso ver com a Emanuelle...

— Ah, não, olha, só tem um lugar no carro — ele começou franzindo o

cenho, falando de uma maneira esquisita —, eu estou te chamando porque gostaria que você fosse, mas se a Emanuelle for as coisas complicariam um pouco.

— O próximo da fila, por favor?

Pedro retirou a carteira do bolso e voltou-se para a garota do caixa.

— Um almoço e uma Coca-Cola, por favor.

— Seis reais.

Ele entregou uma nota de 10 reais e me empurrou para fora da fila. Eu me deixei levar; estava um tanto quanto incrédula com tudo aquilo. Até alguns dias atrás nós dois éramos apenas colegas de amenidades, e agora ele queria me levar para outra cidade para que eu pudesse assistir ao seu show de *stand up*?

Aquilo não fazia o menor sentido.

— E aí, o que você acha?

Claro que eu iria negar. Eu não seria cara de pau ao ponto de dizer que sim. Eu nem o conhecia direito! Não tinha porque aceitar aquela proposta!

Mas a chegada de Oliver naquele exato momento impediu que eu tomasse aquela decisão.

— Pedro, caralho, você enfiou o celular no cu? Eu estou te mandando mensagens o dia inteiro!

Eu virei totalmente o corpo para trás e lá estava ele. Calça jeans, Adidas, camiseta branca e a cara amassada de quem havia passado a aula inteira dormindo.

— Ah, oi, Hannah, foi mal pelo linguajar — Oliver acenou com a cabeça e eu me desconcentrei inteira. — Não tinha te visto aí.

Claro que ele não tinha me visto.

Oliver se virou inquisitivo para Pedro, como se não entendesse o porquê de ele estar conversando comigo, mas logo perdeu o ar de confusão e recomeçou a falar.

— Que horas vamos sair hoje?

— Já falei, cara, às 18h — Pedro respondeu. — Você tem problema de memória?

— Não, porra, eu só tenho que resolver algumas coisas com o Sergio antes e queria saber o horário certo — ele rebateu.

Então Oliver também iria.

— Por falar nisso — Pedro me abraçou pelos ombros e eu senti o meu rosto esquentar —, estou tentando convencer a Hannah a ir, mas ela está se fazendo de difícil.

— Vamos lá, Hannah! Vai ser divertido!

— Eu não sei... — eu não acreditava que estava cedendo àquele convite inescrupuloso, mas eu também não conseguia entender porque, de repente, aqueles dois garotos estavam interessados em conviver comigo.

Interessados na minha amizade.

Eles gostavam de mim? Gostavam da minha companhia? Ou eu era apenas uma maneira que eles haviam encontrado de chegar até Emanuelle?

Aquilo era inédito na minha vida, e eu não sabia muito como reagir.

Oliver estava me olhando, sorrindo para mim. Ele parecia ansioso pela minha resposta; era quase como se ele *quisesse* que eu fosse.

Ah... puta que pariu...

— Tudo bem, pode ser.

— Ae! Boa, Hannah! — Pedro me chacoalhou e eu me senti a mais idiota das idiotas.

— A minha noite acaba de ficar completa — Oliver comemorou, bagunçando o meu cabelo como se eu fosse um pequeno cachorrinho de estimação. — E por mais que eu adorasse perder os meus preciosos minutos aqui com vocês, queridos, eu preciso ir, tenho aula de inglês. Tchau Hannah, falou Pedro, nos vemos mais tarde.

Oliver se afastou trotando e eu me vi mais uma vez sozinha com Pedro.

— O que te fez mudar de ideia? — ele quis saber, e algo em seu sorriso denunciava que ele sabia muito mais do que deveria saber.

— Nada, eu só queria que vocês parassem de encher o meu saco.

— Ótimo, já sei que posso te vencer pelo cansaço — ele me beijou o rosto e começou a se afastar, não sem antes berrar. — *Te pego às seis!*

### XXX

Quando eu cheguei em casa, encontrei Emanuelle sentada no sofá, fazendo as unhas do pé.

— Posso saber por onde andou a Cinderela que não foi comigo para a aula hoje? — eu perguntei assim que entrei no apartamento.

— Caçando príncipes por aí — ela respondeu, fechando o tubinho de esmalte. — Como foi o seu dia?

— Mesma coisa. E o seu?

— Mesma coisa — ela sorriu. — O que vai fazer hoje à noite? Tá a fim de ir ao cinema? Parece que faz décadas que eu não vou...

Eu travei. Pedro, o arqui-inimigo de Emanuelle, havia me convidado para assistir ao seu show de *stand up* em outra cidade, junto com o seu ex-namorado, e ela não havia sido convidada.

Até aquele momento, eu não havia parado para pensar naquilo.

— Ah... bom... não vai dar, eu vou para Campinas.

— A é? Com quem? Fazer o que? — ela perguntou, distraída, levantando-se com os pés duros para não borrar sua arte.

— O Pedro me convidou para assistir ao seu show de *stand up*.

Emanuelle, que antes tinha um sorrisinho leve no rosto, ficou séria no mesmo instante e olhou para mim, com seus olhos de gata.

— Como assim?

— Como assim “como assim”? Ele convidou e eu aceitei. Você deveria estar orgulhosa de mim! Não era você que vivia dizendo que eu tinha que sair mais de casa?

— Sim, mas não com o Pedro!

— Por que? — eu me ouvi entrando na defensiva.

Que Pedro era um cafajeste incorrigível eu sabia, mas ele era só meu amigo! O que ela achava que eu iria fazer?

— Porque ele é um babaca completo que só vai brincar com os seus sentimentos! — ela berrou, e aquela conversa começou a ficar tensa. — Hannah, você não tem estruturas emocionais para lidar com o Pedro! Ele pode ter te convencido de que quer ficar só com você, mas ele não é assim! Ele é um jogador, Hannah, e está jogando com você!

— Ah, por favor, Emanuelle! Pedro é meu amigo e é só isso que ele quer de mim, a minha amizade! Se os caras só se aproximam de você com segundas intenções, isso não é problema meu!

Silêncio. Emanuelle me olhou de boca aberta e eu respirei fundo, arregalando os olhos.

O que eu havia dito?

— Tudo bem — ela murmurou, pegando um blusão de cima do sofá e se direcionando até a porta. — Vá fundo, aproveite bem a sua noite. Mas depois não diga que eu não avisei.

— Emanuelle, espera, eu não quis...

Mas antes que eu pudesse terminar a frase, a minha melhor amiga saiu do quarto e bateu a porta atrás de si com tamanha violência que eu senti o chão tremer.

### XXX

Eu estava no *hall* de entrada do meu prédio às 17h58. Fumava um cigarro atrás do outro e esperava por Pedro, já arrependida daquela decisão e do que havia dito para Emanuelle. Ela só estava tentando me proteger, e eu havia sido uma idiota completa. Eu tinha consciência daquilo e já havia mandando milhares de mensagens a ela pelo *WhatsApp*, obtendo apenas um silêncio magoado em resposta.

Às 18h08, Pedro apareceu com uma garota estranha ao seu lado.

— Hannah, nós estamos nas vagas lá atrás!

— Ah... — eu olhei para a garota, que tinha um dos lados da cabeça raspado e usava uma calça de couro. — Tudo bem.

— Hannah, essa é a Paula. Paula, essa é a Hannah. Ela vai viajar com a gente.

Paula me lançou um aceno com a cabeça e entrelaçou a sua mão a de Pedro.

Queria tirar uma foto e mandar para Emanuelle com os dizeres “viu só? Ele não quer nada comigo”, mas achei que seria cedo demais, levando em consideração a nossa briga recente, então apenas segui os dois rumo ao carro.

Ao chegarmos lá, Oliver estava apoiado no porta-malas e fumava um cigarro. Ele parecia aborrecido.

— Oliver está de mal humor — Pedro sussurrou no meu ouvido assim que Paula se afastou de nós dois —, parece que o tal do Sergio está enrolando com a publicação do livro, disse que ainda não está bom o suficiente.

— Coitado — eu sussurrei de volta.

— Estamos todos prontos? — Oliver bateu o porta-malas e olhou para mim. — Onde está a sua mala?

— Mala? Que mala?

— O Caio e o Samuel já estão na estrada — Pedro me atravessou, indo em direção ao banco do motorista —, vamos logo antes que a gente pegue muito trânsito.

— Por que eu precisaria de uma mala? — eu perguntei mais uma vez, mas a pergunta pareceu desaparecer no ar assim que Oliver me envolveu pelos ombros e me escoltou em direção ao carro.

Mala? Que mala? Oliver estava me abraçando.

O mundo poderia explodir naquele instante.

### XXX

— Não! Eu não acredito! — eu exclamei, rindo tanto que tinha que me curvar para frente.

— Eu juro! Eu juro que ela falou isso! — Pedro gritava do banco da frente por cima da música e das risadas. — Eu não inventaria uma história dessas!

— Pedro, você tem problemas mentais — Oliver espreguiçou-se e colocou o braço esquerdo no encosto do banco.

Os seus dedos estavam encostando o meu ombro direito.

Nós já estávamos viajando por cerca de uma hora e toda a viagem havia sido bem agradável. Paula era muito quieta, mas sempre que abria a boca era para contar alguma piada que nos matava de rir. Pedro contava as suas histórias mais bizarras e Oliver sempre tinha um comentário sarcástico para jogar no meio da conversa. O meu estômago doía de tanto rir quando chegamos a Campinas.

E os dedos de Oliver ainda encostavam o meu ombro.

Assim que entramos em Campinas, Pedro começou com as instruções.

— Vamos fazer o *check-in* no hotel agora, deixamos as nossas coisas e vamos direto para o bar, assim podemos...

— *Check-in* no hotel? Como assim, *check-in* no hotel? — eu atravessei Pedro, que abaixou o som do carro.

— Ué, nós vamos passar a noite aqui. Eu não te disse?

Então era por isso que eu precisava de uma mala.

Hannah, sua imbecil!

— Não! Eu pensei que iria assistir ao show e voltar para São Paulo!

— Ops. Falha minha.

— Falha sua? — eu me virei desesperada para Oliver, querendo assassinar Pedro. — Eu não tenho dinheiro para isso!

— Nós vamos dar um jeito — Oliver sorriu para mim e eu me acalmei um pouco. — Para tudo se dá um jeito nessa vida.

### XXX

— Você não precisava ter feito isso — eu disse pelo o que parecia ser a milésima vez.

— Hannah, cale a boca, por favor — Oliver revirou os olhos, apertando o botão que nos levaria ao segundo andar. — Eu já iria pagar esse preço de qualquer jeito, o quarto individual e o duplo tem o mesmo preço, então não se sinta tão agradecida assim.

— Nossa — eu deixei os ombros caírem —, você realmente sabe como ser um cavalheiro.

— Você não me deixa ser um cavalheiro! — ele exclamou, rindo. — Não para de falar que eu não precisava ter feito isso! Eu só quero que você fique quietinha e aproveite a estadia.

— Tudo bem — eu funguei e nós descemos no *hall* do segundo andar.

O hotel em que estávamos era bem antigo, com um carpete vermelho que cheirava a mofo e um papel de parede descascado e assustador. Só havia duas janelas no corredor inteiro e elas se encontravam nas extremidades. Algumas luzes estavam queimadas e as numerações nas portas quase apagadas.

— Que romântico — Oliver comentou com ironia, procurando pelo quarto 27.

O quarto 27 nada mais era do que um cubículo mal iluminado que cheirava a naftalina. As duas camas de solteiro quase se encontravam e uma porta branca ao lado do pequeno armário de madeira velho só poderia nos levar ao banheiro.

Eu não queria entrar no banheiro.

— Por 40 reais a diária? Isso aqui é um palácio! — Oliver comentou, como se pudesse ler a minha mente. Ele jogou a sua mochila na cama da direita e foi em direção ao banheiro. — Preciso mijar antes que faça nas calças.

— Que romântico — foi a minha vez de brincar, e Oliver fechou a porta rindo.

Sentei-me na cama da esquerda e olhei em volta, deixando os meus ombros caírem.

O que eu estava fazendo? Passando a noite com um cara que nunca me notaria e que já havia me colocado na *friendzone* desde que botara os perfeitos olhos em mim? Aceitando convites de estranhos para dormir em outras cidades?

A minha mãe não se orgulharia daquilo.

— O seu namorado não se incomoda de você estar dormindo com outro cara?

— Meu namorado? Eu não tenho... — eu estava prestes a me desmentir quando o dia em que Oliver foi o meu companheiro de ônibus para Ribeirão voltou a minha memória. Ele colocou a cabeça para fora do banheiro de modo inquisitivo e eu tropecei nas próprias palavras. Quero dizer, ele não conseguia recordar o meu nome depois de quatro encontros, mas a história do falso namorado ele se lembrava. Homens... — Eu não tenho... não tenho... não tenho mais namorado.

— Jura? — ele parecia estar se divertindo com tudo aquilo, como se soubesse que havia acabado de me pegar na mentira. — Mas que propício!

— Sim, eu estou devastada — foi tudo o que eu consegui balbuciar, voltando-me para as minhas unhas.

Oliver saiu do banheiro e sentou-se ao meu lado, um pouco próximo demais para a minha própria sanidade mental.

— Por que vocês terminaram?

— Ah, não estava mais dando certo, sabe como é, problemas — eu disse de maneira bem vaga, porque não tinha a menor ideia do que seria um problema dentro de um relacionamento, já que eu nunca havia tido um.

— Que tipo de problemas?

Eu levantei o meu rosto e ele me olhava com um sorrisinho sacana.

— Problemas de casal. Vamos mudar de assunto, eu não quero falar sobre isso.

— Por que? Ele era brocha?

Eu me levantei e corri até a janela do quarto, observando o movimento do lado de fora e sentindo o meu rosto corar.

Eu não queria falar sobre sexo com Oliver.

— Ele não era bom de cama? Tinha o pinto pequeno?

— Oliver, eu...

— Falava sacanagens esquisitas? Assistia filmes pornôs com cavalos?

— Eu não...

— Gostava de te amarrar na cama? Falava palavrões demais?

— *Eu não quero falar sobre isso!*

Oliver ficou mudo, segurando a risada, e eu dei as costas para ele no mesmo instante em que Caio bateu na porta.

— Pessoal — a sua voz soou abafada do outro lado —, vocês estão prontos? Estamos indo para o bar!

### XXX

— Animal, cara! Animal! — Samuel gritava animado do banco da frente, dirigindo em alta velocidade de volta para o hotel. — Esse foi um dos seus melhores shows, Pedro! Eu me mije de rir!

— E eu quase nem acreditei na quantidade de pessoas! — Oliver exclamou, abrindo a janela ao lado de Samuel e acendendo um cigarro. — Vou convidar o Sergio para o próximo show, quem sabe você não descola um empresário?

Somente à menção do nome Sergio me fez perder o ar; um pouco zozna, eu abri a janela e acendi um cigarro próprio. Não podia ter aquela reação toda vez que eles mencionassem Sergio, mas não conseguia evitar.

O show havia sido realmente muito bom, arrancando risadas dos fregueses mais exigentes, mas eu passei o tempo todo pensando em Emanuelle e em como ela estaria se divertindo ali conosco.

Talvez por isso eu estivesse quieta no meio das exclamações animadas dos garotos. Ou talvez eu realmente não tivesse nada a dizer.

— Foi realmente muito bom — Pedro concordou, parecendo em êxtase com tudo o que havia acontecido naquela noite, olhando distraído para fora do carro. — As pessoas estavam gostando muito!

— Claro que elas estavam, você é sensacional! — Oliver exclamou.

— Eu só espero que essa *after party* seja tão sensacional quanto — Samuel comentou, aumentando o som do rádio.

E eu esperava apenas sobreviver a ela.

### XXX

Chegamos na tão comentada *after party* já perto das duas da manhã. O quarto do mesmo hotel em que nós estávamos hospedados pertencia a duas garotas que haviam gostado muito do show de Pedro e oferecido “um lugar para beber a noite inteira”. Ao meu ver, parecia mais “um lugar para foder a noite inteira”.

A suíte era bem maior que a que eu dividia com Oliver, com varanda e dois ambientes, e eu imaginei que elas deveriam estar pagando bem mais por aquele luxo.

— Sejam bem-vindos, meninos! — a anfitriã abriu a porta segurando uma garrafa de *Absolut* em uma mão e um maço de cigarros na outra. — Vamos entrando!

Eu entrei atrás de Paula para não me sentir muito deslocada e fui direto para o canto mais vazio da festa.

— Oi — um dos poucos caras que estavam por ali me cumprimentou, estendendo-me uma cerveja quente. — Chegou agora?

— Sim — eu aceitei a cerveja e forcei um sorriso. — E você?

— Cheguei faz tempo... — o cara parecia muito chapado, um sorriso nos lábios e os olhos vermelhos. — Faz muito tempo...

— Ah. Legal.

Eu me afastei um pouco e fui até onde Pedro estava. Paula não estava mais por perto.

— Festa legal — ele disse, batendo com o seu mais novo drink em minha cerveja quente. — Você vai mesmo tomar isso aí?

— Aparentemente — eu olhei para a garrafinha verde sem graça e dei de ombros.

— Vamos lá, vamos nos divertir de verdade! — Pedro me segurou pelos ombros e chamou Caio por cima deles. — Ei, Caio, me arranja um baralho e vamos jogar *sueca*!

Eu não fazia ideia do que aquilo significava, mas concordei com a cabeça só para agradar.

### XXX

— Você não tirou o duende do copo, Hannah! — uma das muitas garotas barulhentas que povoavam aquele quarto de hotel berrou em minha direção, rindo até perder o equilíbrio e cair no ombro direito de Samuel. — Bebe de novo!

— Será um prazer — eu levantei o meu copo acima da cabeça, derrubando um pouco da vodca nas pessoas ao redor, e tomei um longo gole do que já achava ser água. — Minha vez!

Eu retirei uma carta do baralho. Um 8 de copas – eu poderia ir ao banheiro.

— Finalmente! — berrei, levantando-me com dificuldade da roda em que estávamos sentados no chão. — Não esperem por mim!

Nós passamos a madrugada inteira jogando *sueca*, o que eu descobri ser somente um jogo idiota para deixar todos os presentes mais bêbados que gambás. Eu sentia muito calor e tinha a visão prejudicada. Além disso, havia descoberto uma versão de mim que até então não conhecia: a sociável e bêbada Hannah.

Cambaleei até o banheiro do pequeno quarto de hotel e me tranquei lá dentro. Estava tão apertada que, quando me sentei na privada, um arrepio percorreu todo o meu corpo.

Quando acabei, lavei as minhas mãos e sai do banheiro, trombando com Oliver.

Eu não havia visto Oliver durante toda a festa – ele provavelmente estava em outro quarto com alguma das meninas.

— Ah! Olha só quem resolveu aparecer! — eu me ouvi exclamar, segurando o braço de Oliver para não cair no chão. — Onde você se meteu?

— Hannah! — ele exclamou. — Pensei que você não bebesse! Tem carinha de careta...

Percebi que Oliver se esquivou da minha pergunta. As suas bochechas estavam vermelhas e o cabelo bagunçado, o bafo de whisky denunciando a sua embriaguez.

— Eu faço o que der na telha, não sou careta — murmurei, dando abertura para que ele entrasse no banheiro.

Mas, ao invés de entrar, Oliver fechou a porta atrás de nós dois e me encarou profundamente.

Recobrando um pouco a minha lucidez, eu pisquei diversas vezes.

— O que foi?

— O que foi o que?

— O que você está fazendo? — eu perguntei, voltando o meu rosto em sua direção.

— Te olhando — ele sorriu. — Não pode?

— Não... sei...

Eu estava  *muito* bêbada e não conseguia raciocinar direito. Mas, pelo o que estava entendendo, Oliver estava me olhando.

— Você é muito gente boa, sabia? — ele disse, do nada, uma conversa completamente de gente doida.

Oliver também parecia  *muito* bêbado.

— É, é o sonho de toda garota ouvir que é “gente boa” — rebati, não conseguindo conter as palavras dentro da boca.

— O que mais você gostaria de ouvir, Hannah?

E, antes que eu pudesse responder qualquer coisa, Oliver me beijou.

Não foi o beijo tímido e delicado que eu idealizei que seria desde que vira Oliver pela primeira vez. Estávamos bêbados demais para ter qualquer tipo de coordenação motora, então parecia mais uma briga de línguas. Além disso, o gosto de destilado em sua boca era muito forte, e eu suspeitava que na minha também.

Mesmo assim, eu descolei as minhas mãos da parede e envolvi os seus ombros, entrelaçando os meus dedos em seu cabelo. Ele colocou as mãos na minha nuca com certa firmeza.

E, de repente, eu me dei conta de que estava beijando o ex-namorado da minha melhor amiga, e o prêmio de pior ser humano seria entregue na minha casa de três a cinco dias úteis.

— Para com isso — eu encontrei forças sobrenaturais para separar os nossos corpos, tentando parecer sóbria —, você é o ex da Manu!

Oliver também pareceu recobrar a consciência, dando-se conta do que estávamos fazendo. Ele me olhou assustado, e eu retribuí o olhar.

O que havíamos feito?

Porém, não tivemos muito tempo para raciocinar, uma vez que Pedro se jogou entre nós dois, parecendo completamente louco.

— Oliveeeeeeeer! Hannaaaaaah!

— Pedro?

— Cara... — ele desabou em cima de Oliver e começou a rir. — Cara, eu vi uns dragões...

— O que você usou, cara?

— Uns dragões coloridos...

Eu ainda estava incrédula pelo o que havia acabado de acontecer. Eu e Oliver havíamos nos beijado. Eu e Oliver.

Era tudo o que eu mais queria e, ao mesmo tempo, tudo o que eu mais temia.

— Acho que você vai ter que cuidar dele essa noite — murmurei, sentindo uma vontade estranha de chorar e sair correndo dali. — Nós vemos amanhã de manhã, Oliver.

— Hannah, espera aí...

Sem responde-lo, deixei-o sozinho com Pedro, que parecia alucinado demais para sequer saber quem era.

Na metade do caminho para o meu quarto, eu caí em um choro que só foi parar quando os primeiros raios de sol invadiram o cômodo.

Eu adormeci pouco tempo depois disso.

Oliver não voltou para o quarto aquela noite.

## SETE

— Hannah. Acorda aí, Hannah! Nós precisamos fazer o *check-out* antes que nos cobrem outra diária.

A minha cabeça doía muito e os meus lábios estavam secos.

— Hannah — eu senti algo macio atingir a minha cabeça. — Vamos lá, Bela Adormecida, precisamos sair!

Eu abri somente um olho, observando Oliver andar de um lado para o outro no minúsculo quarto, juntando as suas coisas.

— Hmmm... — foi tudo o que eu consegui responder.

Mal-humorada, levantei-me da cama e me arrastei até o banheiro. Bebi meio litro de água da torneira e encontrei-me com o espelho sujo pendurado em cima da pia. Os meus olhos estavam inchados da maquiagem do dia anterior e do choro da madrugada, o meu cabelo parecia ter vida própria e o meu nariz estava vermelho na ponta, como uma rena que havia cheirado muita cocaína.

— Estou linda — murmurei, colocando o cabelo atrás da orelha.

Eu não tinha me esquecido do acontecimento da noite anterior – acordei com aquilo na cabeça, e tinha medo de que não fosse capaz de esquecer por um bom tempo.

Respirando fundo, eu saí do banheiro.

— Preciso escovar os dentes.

Oliver pegou a pasta de dentes de dentro da bolsa e a jogou em minha direção. Com os reflexos rápidos, peguei-a no ar e voltei para dentro do cômodo. Escovei os dentes durante alguns minutos e voltei para o quarto. A cama de Oliver estava feita, dando a entender que ele não havia passado a noite ali *mesmo*.

— Vamos?

— Vamos.

Nós saímos lado a lado e pegamos o elevador juntos. Descemos até o *hall* e fizemos o *check-out*. Fomos até o carro e viajamos com Pedro e Paula de volta para São Paulo. Quando chegamos na rua dos nossos prédios, nos despedimos na calçada e combinamos de sair aquele final de semana – uma coisa vaga e sem qualquer intuito de acontecer de fato.

E, durante todo aquele dia, Oliver não disse uma só palavra sobre a noite anterior.

Nem eu.

### XXX

Emanuelle estava deitada de barriga para cima no sofá quando eu entrei no apartamento. Ela deu um pulo com o barulho da porta se abrindo e sentou-se ereta.

— Oi.

— Oi.

Eu joguei a bolsa em cima da mesa de jantar e me sentei no outro sofá, retirando os tênis. Depois, tirei as minhas meias e, antes que eu pudesse conter, estava chorando como uma criança.

— Ei, ei, ei! O que foi? O que aconteceu? — Emanuelle veio ao meu amparo, sentando-se ao meu lado no sofá e me abraçando pelos ombros. — Por favor, não chore.

Eu poderia muito bem ter sido sincera com a minha melhor amiga naquele momento. Ela me entenderia se eu dissesse que estava apaixonada pelo o seu ex-namorado; ela me entenderia e me ajudaria. Mas eu não consegui. Não consegui pela vergonha que estava sentindo e fui obrigada a mentir.

Não que fosse uma mentira completa, já que a briga com Emanuelle era um dos motivos da minha tristeza, assim como a condição da minha mãe.

— É tudo, a minha mãe... e eu odeio brigar com você...

— Ei, vamos lá, não precisa ficar assim — ela me chacoalhou de um lado para o outro. — A sua mãe já está bem melhor. E eu nem sou tão importante assim!

Aquilo me fez rir um pouco em meio as lágrimas.

O meu coração estava tão cheio de mágoas que eu não conseguia fechar a torneira que eram os meus olhos.

— Por favor, eu não gosto de te ver chorando — Emanuelle parecia desesperada.

— Você nunca me viu chorando — eu comentei, secando as lágrimas com as costas da mão.

— Por isso mesmo.

Nós duas rimos mais um pouco e ela me soltou.

— Isso aí! Seque essas lágrimas, já passou, eu te perdoo. Se você me perdoar, claro.

— Eu não tenho porque te perdoar, eu que fui uma idiota com você.

— Eu não deveria ter duvidado da sua capacidade de discernimento —  
Emanuelle levantou-se e foi até a mesa da sala, pegando os seus produtos de  
unha. — Você é bem grandinha e inteligente para saber com quem deve ou  
não deve se relacionar. Eu só queria te proteger, me desculpe.

— Nós duas erramos. Eu não deveria ter dito aquelas coisas...

— Não foi o que você disse que me ofendeu, Hannah — ela sentou-se  
novamente na cama e puxou as minhas pernas para ela. — Os homens  
realmente me procuram com um só objetivo, e isso não me incomoda nem  
um pouco... o que me magoou foi a sua reluta em me escutar, mas eu pensei  
bastante sobre isso e cheguei à conclusão de que eu devo parar de tentar ser a  
sua mãe e ser mais a sua amiga. O que eu vou começar a fazer a partir de  
agora, arrumando essas suas unhas nojentas.

Eu ri daquele comentário e abracei os meus joelhos.

— Eu sei que nós só ficamos um dia sem falar, mas eu senti a sua falta.

— Eu sei que senti. Eu causo esse efeito nas pessoas.

### XXX

— Bom, eu te contei tudo sobre a minha noite, agora é a sua vez —  
Emanuelle comentou, terminando de lixar o meu pé.

Nós já estávamos ali havia um bom tempo, Emanuelle tentando me distrair  
com as suas histórias. Quando o seu repertório acabou e ela percebeu que eu  
já estava mais calma, começou a rondar o terreno.

— A minha noite foi boa — eu menti, ajeitando-me desconfortavelmente.

— Gostou do show?

— Sim, foi bem legal.

Emanuelle voltou ao silêncio completo, concentrada nas minhas unhas.

Eu observava o seu trabalho quando ela levantou o rosto para mim.

— Você está ou não está a fim do Pedro, Hannah?

Aquilo me pegou desprevenida.

— Não! É claro que não! — “*Eu estou apaixonada pelo o seu ex-namorado*”, eu pensei em dizer, mas toda vez que tentava admitir a minha paixão por Oliver, sentia a boca secar e o meu estômago embrulhar. — Pedro é só meu amigo. Eu juro!

— Eu não quero ser chata — ela deu de ombros, voltando a pintar as minhas unhas de branco —, mas eu sei como ele funciona, porque eu funciono igual. A última coisa que eu quero é você nas garras de uma versão masculina de mim. Quero dizer, eu sou uma pessoa horrível.

— Você não é uma pessoa horrível! — eu exclamei, porque ela realmente não era.

Ela havia salvado a vida da minha mãe sem nem pensar duas vezes, sendo que poderia usar todo aquele dinheiro com coisas muito mais úteis para si própria.

Emanuelle era um ser humano maravilhoso e eu tinha sorte de tê-la como melhor amiga, mesmo com todas as implicações com o meu jeito esquisito de ser e os homens que passavam a noite.

— Você é uma das melhores pessoas que eu conheço.

— Você é muito gentil — ela pegou o *spray* de secagem rápida de unhas e o espirrou nos meus pés. — Mas eu realmente sou uma babaca com todos os caras que eu conheço. E o Pedro é um canalha com todas as mulheres que caem na sua rede. E eu não quero que você se magoe. Você é especial demais

para ser usada por ele.

— Não se preocupe comigo — eu sorri, afagando o topo da sua cabeça. — Eu sei me proteger.

Mal sabia Emanuelle que eu sabia muito bem me proteger de Pedro, mas era Oliver que me deixava indefesa.

### XXX

Emanuelle saiu do quarto algum tempo depois para se encontrar com um novo “amigo”. Enfim sozinha, resgatei o meu computador e entrei no fórum de escritores.

As últimas mensagens de Oliver ainda estavam lá.

**Oliver C. Moraes diz:**

E me perdoe logo, eu quero te mandar mais cenas... não sei se elas estão boas, preciso da sua opinião!

Sem conseguir me controlar – os meus dedos pareciam ter vida própria –, eu comecei a escrever uma resposta. Eu sabia que ele estava *online*, mas, mesmo assim, não parei de digitar.

**K. Hunter diz:**

Oi Oliver. Você não fez nada! Eu fiquei enrolada com trabalhos e provas. Me desculpe por não ter respondido.

**Oliver C. Moraes diz:**

K.! Eu pensei que você estivesse morta! O que eu faço com o buquê de flores brancas?

**K. Hunter diz:**

Engraçadinho.

**Oliver C. Moraes diz:**

Acho que eu vou vendê-lo para alguma noiva...

**K. Hunter diz:**

Ah, o seu senso de humor...

**Oliver C. Moraes diz:**

Ou, não sei, vou invadir algum velório vazio só para fazer número...

**K. Hunter diz:**

Oliver, pare de graça.

**Oliver C. Moraes diz:**

Parei. Você pelo menos foi bem nas provas? Eu quero só 10 por ter sido trocado.

**K. Hunter diz:**

Eu sempre vou bem nas minhas provas.

**Oliver C. Moraes diz:**

Senhora humildade.

**K. Hunter diz:**

E os seus dias sem mim, como foram?

**Oliver C. Moraes diz:**

Tristes e solitários. Passei esses dias todos na cama, comendo sorvete e assistindo comédias românticas.

**K. Hunter diz:**

Até parece!

**Oliver C. Moraes diz:**

Fui ao show de um amigo também, em Campinas. Foi um show muito bom!

**K. Hunter diz:**

Que bom! Show do que?

**Oliver C. Moraes diz:**

De *stand up*.

**K. Hunter diz:**

E vocês passaram a noite por lá? Muitas festas?

**Oliver C. Moraes diz:**

Ah, fomos em uma festa em um quarto de hotel, mas ela foi meio chata...

**K. Hunter diz:**

Por que?

**Oliver C. Morais diz:**

Gente chata, o meu melhor amigo ficou muito bêbado... esse tipo de chatice...

**K. Hunter diz:**

E você, ficou com alguém?

**Oliver C. Morais diz:**

Por que quer saber? Está com ciúmes?

**K. Hunter diz:**

Nem um pouco. Só estou curiosa.

**Oliver C. Morais diz:**

Acho que você vai ficar contente em saber que troquei um beijo rápido com a Hannah, amiga da minha ex. Aquela que você criou um fã-clube, sabe?

**K. Hunter diz:**

Jura! Conte-me mais sobre isso.

**Oliver C. Morais diz:**

Ah... nós estávamos muito bêbados. Não me lembro muito bem o que aconteceu, e parece que ela também não, porque o dia seguinte foi estranho que só a porra. Além disso, o nosso amigo que foi fazer o show estava loucão e atrapalhou tudo.

**Oliver C. Morais diz:**

Olha só, eu preciso ir, o meu grupo de projetos acabou de chegar e nós precisamos decidir se vamos filmar um curta ou um longa para esse semestre. Depois nos falamos mais!

**K. Hunter diz:**

Nos falamos mais tarde. Tenha um bom dia!

**Oliver C. Morais diz:**

Você também!

O meu coração batia rápido. Então Oliver se lembrava?

### XXX

Eu não esbarrei em ninguém durante o dia na Universidade, o que foi um alívio. Eu precisava de um pouco de tranquilidade e paz naquela tarde. Era tudo o que eu mais queria: um tempo para mim.

Assim que voltei para casa, joguei a minha mochila pesada em cima da cama e sentei-me na estreita escrivaninha que tinha no quarto, cheia de bugigangas e papéis da faculdade.

Abri o meu HP e liguei a rede, sendo bombardeada por mensagens codificadas de L. Love na mesma hora.

*L. Love [mensagem enviada às 19h23]:*

E então, algum avanço com o Sergio?

*L. Love [mensagem enviada às 19h23]:*

A mulher dele está me enchendo o saco.

*L. Love [mensagem enviada às 19h23]:*

“Eu estou te pagando por isso, você sabia?”, ela me mandou ontem.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h24]:*

Ah, céus, eu andei tão ocupada! Mas pretendo passar a noite nisso. Eu já sei que ele não é flor que se cheire, mas eu preciso descobrir qual é o esquema, no que ele está envolvido exatamente.

*L. Love [mensagem enviada às 19h24]:*

Andressa quer respostas sobre traição, K., não sobre os negócios do cara. Ele mexe com artistas, né? Não queremos mexer *nesse* vespeiro...

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h24]:*

Se eu apenas enviar as fotos dele com todas as mulheres com quem ele traiu a esposa, o que ela ganha com isso? Apenas a fama de corna. Se ela quiser mesmo destruir o cara, precisa fazer com que ele pague pelos crimes que cometeu, não acha?

*L. Love [mensagem enviada às 19h25]:*

Não sei não, K., não quero você metida em problemas, é um trabalho

simples!

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h26]:*

Olha só, me dá mais alguns dias, se eu não conseguir chegar até o fundo disso tudo, eu desisto e mando só as fotos dele com as mulheres. Pode ser?

*L. Love [mensagem enviada às 19h26]:*

Ok. Mas, por favor, tome cuidado! Você mesma disse que o cara parece ser perigoso, e eu não sei o que faria se descobrisse que um trabalho que passei te causou algum mal.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h26]:*

Não precisa se preocupar, eu vou tomar cuidado.

*L. Love [mensagem enviada às 19h27]:*

Eu espero que sim. Preciso ir agora, K. Boa noite.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h25]:*

Boa noite.

*L. Love está offline.*

Eu tinha noção de que estava procrastinando. Então estalei os meus dedos, apoiei-me nos meus cotovelos e comecei a invasão.

Aquela seria uma longa noite.

**XXX**

A minha vista já estava ficando cansada. Se Sergio deixava rastros ridículos de prostitutas, armas e ameaças, ele não era assim tão desleixado com os esquemas dos quais fazia parte.

Eu passei a noite inteira vasculhando o seu computador atrás de explicações e não encontrei nada, a não ser vestígios da sua maldade. Claro que aquilo era o suficiente para que a sua mulher conseguisse o tão esperado divórcio, mas eu estava empenhada em condená-lo, e todos aqueles que

partilhavam daquela maldade sem fim. E, para isso, eu precisava descobrir *tudo*.

Eu só parei um pouco de procurar vestígios quando Oliver me chamou no *chat* dos escritores.

**Oliver C. Moraes diz:**

Sai dessa Internet e vai ler um livro!

**K. Hunter diz:**

Eu te digo o mesmo.

**Oliver C. Moraes diz:**

Você está ocupada? Posso te mandar outra cena?

**K. Hunter diz:**

Claro!

Eu esperei um pouco enquanto Oliver me mandava o e-mail, e o abri assim que o *download* de alguns segundos terminou. Eu estava ansiosa para ler aquela cena – adorava sinceramente tudo o que Oliver escrevia.

*“Bruno não sabia mais como agir naquelas situações. Ele passou tanto tempo casado... o que um cara de meia idade poderia querer em uma festa? No que ele estava pensando quando aceitou aquele convite?”*

*Claro que ele estava pensando em Jéssica e na sua traição – não conseguia tirar aquilo da cabeça, por mais que tentasse.*

*Ele deu mais um gole em seu whisky e saiu da varanda. Precisava mijar.*

*Assim que alcançou o banheiro, louco para se aliviar, encontrou Ana, quem o havia convidado. Ela estava bonita, do jeito natural dela de ser bonita.*

*— Ah! Olha só quem resolveu aparecer! — ela exclamou, segurando o seu braço e parecendo bem bêbada. — Onde você se meteu?*

— Ana! Pensei que você não bebesse! Tem carinha de careta — Bruno respondeu, tentando parecer descolado e espirituoso, por mais que se sentisse mais como um idiota de 40 anos em uma festa.

Talvez ele tivesse bebido um pouco demais.

— Eu faço o que der na telha, não sou careta — ela murmurou, dando passagem para que Bruno entrasse no banheiro, pressupondo que era aquilo que ele estava fazendo ali, esperando o banheiro vagar.

Mas, ao invés de entrar, Bruno fechou a porta e a observou.

Não sabia porque estava fazendo aquilo, mas sentiu algo entre os dois. Algo que não sentia havia muito tempo, porque era um homem fiel.

O início de um flerte.

— O que foi? — ela perguntou, o hálito de vodca acertando em cheio o rosto dele.

— O que foi o que?

— O que você está fazendo?

— Te olhando — Bruno respondeu dubiamente, porque não conseguiu pensar em mais nada. — Não pode?

— Não... sei...

Ana piscou algumas vezes, nitidamente confusa. Confusa como Bruno, que não conseguia tirar os olhos da boca dela.

— Você é muito gente boa, sabia?

E ela era mesmo. Uma das mulheres mais simpáticas que Bruno conhecia – sempre que ela entrava na redação, o clima mudava. Por mais que fosse tímida e na dela, havia algo em Ana que tinha o poder de modificar o mundo ao seu redor.

— É, é o sonho de toda garota ouvir que é “gente boa” — Ana fez aspas com as mãos, rindo.

— O que mais você gostaria de ouvir, Ana?

E, antes que a mulher pudesse responder, Bruno a beijou.

Nada muito romântico, como o primeiro beijo que dera em sua ex-mulher – baile de formatura do Ensino Médio, ela brilhava no vestido rosa e ele a beijou como se não houvesse outra mulher no mundo –, mas sim uma coisa bem mais... descoordenada. A boca da garota tinha um gosto diferente e ele gostava daquilo. Não beijava outra mulher havia muito tempo, e os seus movimentos delicados e precisos eram bastante apreciados.

Ela envolveu os seus ombros e ele segurou a sua nuca.

— Bruno!

*Bruno ouviu aquela voz conhecida ecoar por todo o corredor e soltou a garota como se fosse uma tocha em chamas.*

*Não podia ser!*

*Recusando-se a acreditar, ele virou o rosto para o lado e avistou Jéssica parada no final do hall, parecendo decepcionada”.*

O meu coração batia muito rápido, e eu não sabia como deveria me sentir lendo aquilo. Seria eu apenas uma amiga, alguém que nunca despertaria o interesse de Oliver, ou alguém digno de ser transformada em personagem em seu novo romance?

Oliver me deixava mais confusa do que resolver equações de quarto grau sem derivação.

**Oliver C. Moraes diz:**

E aí, o que achou?

**K. Hunter diz:**

Uma ótima cena. Bem descrita... quase como se você tivesse vivido isso.

**Oliver C. Moraes diz:**

Que ótimo! É isso que eu espero que as pessoas sintam lendo os meus livros.

**K. Hunter diz:**

Belíssimo trabalho.

**Oliver C. Moraes diz:**

Obrigado.

**Oliver C. Moraes diz:**

Eu preciso ir, K. A cama me convida... só passei para te mostrar essa cena. Boa noite! Amanhã conversamos mais.

**K. Hunter diz:**

Boa noite, Oliver.

Eu fechei o meu *notebook*, coçando os olhos de cansaço. Aproveitando a deixa, deitei-me na cama e adormeci quase instantaneamente.

Eu sonhei com Oliver aquela noite. Ele estava sentado em um grande trono de ouro, usando uma máscara de macaco e sorrindo diabolicamente para mim. Aos seus pés, Pedro estava acorrentado e não sorria, o seu rosto em uma profunda expressão de dor.

Se eu contasse aquele sonho para a minha mãe, ela provavelmente aconselharia que eu parasse de passar as noites no computador.

Talvez eu devesse começar a obedecê-la.

## OITO

Nós estávamos no meio de uma aula insuportável sobre o átomo social – eu com certeza não teria prestado Ciência da Computação se soubesse que iríamos ter aulas sobre *seres humanos* – quando o representante dos alunos bateu na porta, querendo falar com o professor. Alguns minutos depois, estávamos sendo escoltados pelos corredores claros do IME até o auditório do prédio.

O salão não era tão grande, com janelas brancas e cadeiras estofadas. Eu segui os meus colegas de classe e sentei-me entre uma intercambista chinesa e um garoto com o cabelo mais comprido e bem cuidado que o meu.

Eu observei a movimentação no palco alto revestido de madeira escura e fiquei surpresa quando o reitor da Universidade, em carne e osso, apareceu rodeado de alguns homens que eu não conhecia.

O salão silenciou-se pela presença da sua figura.

— Bom dia — ele falou ao microfone, e todos respondemos com sussurros de “bom dia”. — Vocês devem estar se perguntando porque estão todos aqui reunidos.

A intercambista chinesa ao meu lado abriu um pacote de algum doce chinês e o colocou na boca. O cabeludo prendeu a cabeleira em um rabo-de-cavalo baixo.

— Há tempos nós estávamos precisando reformar o prédio do IME. O instituto sempre foi um dos nossos orgulhos, tanto para os docentes quanto para os discentes. E é justamente por isso que estamos aqui hoje. Por favor, uma salva de palmas para Sergio Maia!

O meu coração gelou e tudo pareceu ficar em câmera lenta. Levantei o rosto e lá estava ele.

Sergio Maia em pele, osso e maldade.

— Obrigado, obrigada — o empresário agradeceu ao microfone, enquanto as palmas cessavam. — Muito obrigado.

O salão voltou ao mais completo silêncio e ele continuou, não sem antes pigarrear.

— Eu estou muito feliz em contribuir para que a Universidade de São Paulo continue sendo o modelo de excelência que é. Modelo este copiado e invejado mundialmente. Só me enche de orgulho e alegria fazer parte dessa história.

O meu coração batia tão rápido que eu tinha a nítida sensação de que o garoto ao meu lado podia ouvi-lo.

Aquilo só podia ser brincadeira. Uma brincadeira de muito mal gosto de L. Love!

— Vocês devem saber quem eu sou — ele continuou, fazendo a todos rirem. O meu rosto continuava impassível; eu não conseguia esboçar nenhuma reação. — E também devem ter ouvido por aí quanto dinheiro eu tenho na minha conta bancária.

Mas uma rodada de risadas, e Sergio parecia maravilhado com a sua capacidade de fazer os outros rirem. A sua aparência nada sofisticada contribuía para a aceitação da plateia – calça jeans, camisa polo e tênis.

Quase como um de nós, se ele não fosse um estelionatário, traficante e assassino. Mas ninguém, além de mim, sabia daqueles pequenos detalhes.

— Mas de que realmente importa ter o dinheiro que eu tenho, se eu não posso ajudar outras pessoas a sonharem alto como eu um dia sonhei?

Dinheiro sujo. Dinheiro nojento.

Aquele homem era nojento. Ele e os seus trejeitos de garoto.

Àquela altura, eu estava com asco demais para continuar olhando para o empresário e agente literário de Oliver, e enfim reparei na figura enigmática parada a poucos metros dele. Jovem, muito mais jovem que o empresário, morena, alta – por volta de 1.80m – e muito bonita, a mulher de Sergio Maia era um manequim estático. Ela sorria, mas não estava exatamente ali.

Ela parecia estar em outra dimensão.

— ...é por isso que hoje eu tenho a honra de doar essa quantidade ínfima para o Instituto de Matemática e Estatística, se comparado com a minha vontade de impulsionar a juventude brasileira a ser a mudança que queremos ver no mundo!

Os alunos voltaram a bater palmas, e eu só continuei parada, em estado de choque.

Sergio abraçou Andressa Maia pela cintura e os dois sorriam enquanto os fotógrafos da Universidade tiravam algumas fotos que, com certeza, estampariam os jornais do dia seguinte. O reitor trocou apertos de mão com o empresário e a sua mulher e, como se aquilo não tivesse sido previamente ensaiado, mandou trazer um pequeno busto de bronze. A vice-reitora o trouxe dos fundos do palco e ele era uma cópia exata da jovialidade de Maia.

Mais palmas, alguns agradecimentos, e nós fomos liberados.

No meio da confusão de comentários e alunos apressados para voltar a aula, avistei Sergio conversando animadamente com dois garotos. Os três pareciam entrosados e riam de tempos em tempos.

— Aí está você! — eu ouvi Emanuelle berrar atrás de mim, pegando-me pelo braço e desviando a minha atenção daquele trio suspeito. O que ela estava fazendo no IME eu não sabia, e também não estava interessada em saber. — Meu Deus, eu estava *hiperventilando* com aquele homem! Reitor,

largue a sua mulher e venha me fazer feliz!

— Emanuelle — eu a censurei, caminhando para longe da multidão sem tirar os olhos de Sergio. — Por favor, fale mais baixo.

— Por que? E eu lá tenho vergonha de desejar um homem lindo desses?

— A mulher dele pode estar aqui — eu usei uma desculpa qualquer, arrastando Emanuelle comigo para o canto do salão.

— Se ela estiver, vou cumprimenta-la pela conquista!

Eu não respondi Emanuelle, gravando na mente a fisionomia daqueles alunos que conversavam com Maia. Um deles era alto e com o cabelo tingido de vermelho, bem malhado e agradável aos olhos, com sardinhas enfeitando as bochechas. O outro, menor, tinha cachos castanhos e um sorriso malicioso. Os seus olhos eram bem separados um do outro e um nariz protuberante deixava o seu rosto mais feio do que já era.

— Está tudo bem com você, Hanns?

Eu me virei para Emanuelle, que parecia intrigada com a minha distração.

— Comigo? Ah, sim, sim, tudo bem... escuta só, Emanuelle, eu preciso voltar para a aula. Nos vemos hoje à noite?

— Não prometo nada — ela deu de ombros, parecendo engolir a minha explicação. — Hoje é sexta. Você sabe que sextas são sagradas para mim.

— Sim, eu sei — eu revirei os olhos, afastando-me da minha melhor amiga. — Nos vemos, então. Use camisinha, por favor.

Emanuelle só me olhou como se eu fosse um alienígena e afastou-se de mim, sem dizer uma palavra. Sem dar muita importância, atravessei o salão bem na hora em que o ruivo e o moreno se afastavam do empresário. Sentindo-me o próprio Sherlock Holmes, os segui salão afora.

Eu iria descobrir no que Sergio estava envolvido.

### XXX

Segui os garotos salão afora; o sol brilhava quente e incômodo no céu, e eles dirigiam-se para o instituto de química da USP. Os estudantes pareciam animados com algum assunto, mas eu não podia ouvi-los tamanho a nossa distância.

Eu estava com medo de me aproximar demais e ser descoberta.

Olhei em volta, em busca do rastro de Sergio ou Andressa, mas eles haviam desaparecido com o reitor – provavelmente acertando detalhes daquela doação bondosa e sem segundas intenções.

— ...até...domingo...falta...

— ...grana...alta...

Os alunos riram mais uma vez e eu apertei o passo com os meus tênis velhos. Estávamos quase no instituto quando eles pararam e sentaram-se em um banco de concreto. O ruivo alto acendeu um cigarro, enquanto o moreno somente o observou.

Eu passei direto pelos dois, para evitar qualquer suspeita, mas dei meia volta ao sair do campo de visão deles. Aproveitando que o banco ficava perto do mural de avisos, voltei sem ser percebida e parei atrás dos dois.

Agora eu podia ouvi-los perfeitamente.

— Vai ser fácil, cara, fácil como tirar doce de criança.

— Esse velho boçal acha que está nos passando a perna — o moreno riu mais uma vez. — Cinquenta reais o grama? Nós vamos ficar ricos! Mais ricos que ele.

— Com certeza — o ruivo tragou o seu cigarro e relaxou no banco de concreto. — Vamos usar a sua iniciação científica como desculpa?

— Sim, é perfeito — os dois pareciam cheios de si. — E a minha mãe que disse que eu nunca seria ninguém. Olha só, mamãe, estou fornecendo cocaína para Sergio Maia, o empresário que você tanta venera!

— Ah, se minha velha fosse viva... estaria com os cabelos brancos de preocupação!

Os dois se levantaram e continuaram a caminhada.

Mas eu não precisava ouvir mais; as minhas pernas já tremiam o suficiente.

### XXX

A primeira coisa que fiz chegando em casa, depois de não voltar para a tediosa aula que estava tendo antes de ser convocada para o salão, foi comer umas duas trufas de maracujá, tentando me acalmar.

Devidamente alimentada, liguei o meu computador e errei duas vezes a mensagem antes de finalmente conseguir enviá-la a L. Love.

Os meus dedos tremiam.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h02]:*

L., ele está usando dois alunos da USP para entrar na Universidade e vender aqui dentro! Eu descobri o esquema dele! Pelo menos um dos...

*L. Love [mensagem enviada às 11h02]:*

Bom dia para você também. O meu dia está bastante produtivo, obrigado por perguntar.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h02]:*

Eu estou falando sério, L.! Eu estou tremendo... tremendo dos pés à cabeça! São alunos da faculdade! Eles poderiam ser meus amigos! Metidos nessa... ah, puta merda...

*L. Love [mensagem enviada às 11h03]:*

Vamos lá, acalme-se, menina! São seres humanos, seres humanos dotados de escolhas. Mas me diga, como descobriu isso?

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h03]:*

Sergio Maia doou dinheiro para a reforma do IME. Ele esteve aqui hoje com a mulher e, ao final da sua palestra inspiradora, o vi conversando com esses dois garotos. Depois que eles terminaram de conversar, eu os segui... os idiotas estavam falando abertamente dos seus planos, em voz alta, em plena luz do dia! Ah, L., são duas crianças! Duas crianças...

*L. Love [mensagem enviada às 11h04]:*

Duas crianças estúpidas, realmente.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h05]:*

Eu estou me sentindo muito mal...

*L. Love [mensagem enviada às 11h05]:*

K., eu disse para você que não precisava ir tão fundo nessa investigação, mas, agora que você já foi, não adianta ficar com peso na consciência. São dois garotos? Sim, mas são dois alunos da melhor Universidade da América Latina que com certeza tiveram acesso do bom e do melhor e sabem exatamente onde estão se metendo. Não são crianças, eles conhecem as consequências das próprias escolhas, sabem que o que estão fazendo vicia e mata. Não são totalmente vítimas dessa situação.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h05]:*

Eu só queria não ter me envolvido nisso... maldita hora em que eu precisei desse dinheiro!

*L. Love [mensagem enviada às 11h06]:*

Vai dar tudo certo. Não faça pelo dinheiro, faça pela justiça. E, se sentir que está ficando perigoso, caia fora na primeira oportunidade.

*L. Love [mensagem enviada às 11h06]:*

Mas se for continuar, você sabe que temos que ter uma prova concreta disso, K. Não podemos basear toda uma investigação em conversas ouvidas em corredores da Universidade.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h06]:*

Sim, eu sei... eu estava justamente pensando nisso. Eu vou dar um jeito.

Até domingo que vem eu terei todas as respostas, se não o meu nome não é K. Hunter.

*L. Love [mensagem enviada às 11h06]:*

Mas o seu nome não é K. Hunter.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h07]:*

Não, mas você me entendeu. E agora eu preciso ir.

*L. Love [mensagem enviada às 11h07]:*

Nos falamos mais tarde. Tenha um bom dia, K.

*K. Hunter [mensagem enviada às 11h07]:*

Você também, L.

*K. Hunter está offline.*

### XXX

Por volta das seis horas da tarde, eu ouvi batidas firmes na porta de entrada do apartamento.

Intrigada – quem diabos poderia ser, se Emanuelle tinha a chave? –, arrastei o meu corpo quentinho pelas horas embaixo das cobertas até a entrada. Fiquei na ponta dos pés e olhei pelo olho mágico, avistando Pedro parado do outro lado.

A última pessoa que eu esperava que estivesse parada na minha porta seria o moreno. Eu esperaria até Sergio Maia com a sua gangue para me assassinar pela invasão do seu computador, mas não Pedro.

— Pedro? — abri a porta e os olhos escuros do comediante varreram o ambiente atrás de mim, como se procurassem por alguém. — O que faz aqui?

— Bom — ele coçou a nuca, parecendo constrangido. — Você faz Ciência da Computação, não faz?

— Faço.

— O meu computador não quer ligar.

Eu pisquei os meus olhos algumas vezes.

— Sim...?

— Será que você poderia consertá-lo?

Pedro coçou a nuca mais uma vez. Ele usava uma bermuda jeans, uma camiseta preta e calçava chinelos velhos; eu podia sentir o seu cheiro de erva doce.

— Eu não sou técnica de computadores — foi tudo o que eu consegui dizer.

Porque, bem... era verdade.

— Será que você poderia pelo menos dar uma olhada? Eu pago! — ele então tirou a carteira da bermuda e pescou cinco reais lá de dentro, aparentemente tudo o que ele possuía. — Dá para comprar um maço de cigarros, não dá?

— Na verdade, não — eu fechei a porta atrás de mim, suspirando. — Mas vamos lá, eu não tenho nada mais interessante para fazer mesmo...

Mas, na verdade, eu sabia que se continuasse presa naquele apartamento matutando sobre os esquemas de Sergio Maia ficaria louca. Eu estava pensando naquilo desde que chegara em casa e, seis horas depois, ainda não havia chegado a nenhuma conclusão.

Eu precisava espairar um pouco. E o computador quebrado de Pedro era a solução perfeita.

**XXX**

— E aqui é onde a mágica acontece — Pedro sentou-se na cadeira do computador depois de me guiar para dentro do seu quarto, dando tapinhas na velharia que ele possuía.

Quase igual a velharia que eu mantinha em casa.

Mas eu estava mais interessada em finalmente conhecer o reduto impenetrável de Oliver; o apartamento que eu tanto imaginei, diversas vezes, como poderia ser. E, diferente da zona que eu tinha certeza que encontraria, o local era limpo, arejado, claro e bastante simples. A única coisa minimamente interessante eram os três consoles de videogame diferentes ligados a TV da sala.

Eu queria poder ter a oportunidade de ver o quarto de Oliver, mas sabia que se pedisse para vê-lo, Pedro, muito provavelmente, chamaria a polícia.

— Saia daí — eu disse, por fim, enxotando-o da cadeira —, uma mulher precisa trabalhar.

Ele sentou-se onde eu estava, na cama de edredom vermelho, e apoiou os cotovelos nas coxas, apoiando a cabeça nas mãos em seguida. O seu quarto era bem diferente do resto da casa, mais escuro e muito mais bagunçado. Mas não sujo, como pude reparar pela limpeza da escrivaninha.

Eu liguei o computador e esperei.

— Ele é sempre demorado assim? — eu perguntei, e ele riu.

— Ele geralmente é pior... até que está rapidinho hoje! Acho que ele gosta de mulheres.

Eu ri da sua gracinha e passei algum tempo trabalhando na tela azul, enquanto Pedro continuava a tagarelar.

— O que achou do show da outra noite? Nós nem chegamos a conversar!

— Achei ótimo, de verdade — eu digitei algumas coisas, intrigada com o

que estava acontecendo naquela peça de museu. — Você é muito engraçado. E eu gosto bastante de comédia.

— A é? — Pedro pareceu se interessar pelo meu comentário, aprumando-se na cama. — Qual é o seu comediante favorito?

— Você não deve conhecer.

— Quer apostar?

Eu desviei os olhos da tela do computador, encontrando Pedro com um sorrisinho debochado nos lábios.

— Bo Burnham.

— Mentira! Eu amo esse cara! — ele riu, e eu tive que o acompanhar.

— Ah, que fofo!

— Sério, foi amor a primeiro especial. *What* é uma obra prima!

— Sim! E *Make Happy* consegue ser melhor ainda!

— *Repeat stuff, repeat stuff...* — ele cantarolou a minha música favorita do comediante, e eu ri.

Nós parecíamos dois adolescentes empolgados, e eu fiquei um pouco envergonhada por compartilhar com ele aquele momento.

— Nós deveríamos ter apostado — ele comentou por fim.

— Você ia adorar isso, não ia? — eu perguntei, voltando os meus olhos para a tela do computador.

Mas, por detrás daquele diálogo amigável, eu estava envergonhada com o que havia acabado de acontecer. O que estava acontecendo comigo? Eu, sempre tão centrada, tão introspectiva, estava agora beijando ex-namorados das minhas melhores amigas e compartilhando momentos íntimos com os

melhores amigos dos mesmos?

O meu coração pareceu encolher-se dentro do peito.

— E aí? Algum resultado?

Pedro pareceu perceber que eu estava desconfortável e voltou ao porquê de eu estar ali.

— Ainda não... parece que o seu HD foi corrompido.

— Ah, que merda — ele murmurou. — Eu tenho alguns trabalhos aí que preciso entregar. Além de alguns roteiros de *stand up*...

— Roteiro? Vocês usam roteiro?

— Por que? — ele pareceu achar graça naquilo. — Você achou que fosse tudo improvisado?

— Ah... — mais uma vez, senti o meu rosto esquentar, tamanha a minha burrice. — Bom, eu achei...

— Eu escrevo tudo antes — ele deu de ombros. — Não consigo ser genial no *open mic*, apenas incrível.

— Ah, mas que humildade — eu neguei com a cabeça.

— Você não assistiu nenhum *open mic* meu, né? Só shows mesmo.

— Não, nem sabia que isso existia.

— Eu vou participar de um nesta quarta-feira. Se quiser assistir... vai ser lá na Augusta.

— Argh. Eu odeio aquele lugar — eu disparei, me arrependendo logo em seguida ao ver os seus olhos suplicantes. — Mas eu faço uma forcinha!

Eu não iria fazer forcinha alguma. E, aparentemente, Pedro sabia daquilo,

porque mergulhou no mais completo silêncio e deitou-se na cama, mexendo no celular.

Eu trabalhei por mais algum tempo no computador dele, mas as coisas pareciam um pouco perdidas. O HD estava totalmente comprometido. Pelo menos era aquilo que eu achava, até encontrar uma brecha e conseguir trazê-lo novamente à vida.

— Eureka! — eu exclamei, e Pedro levantou-se com um pulo. — *It's alive!*

Ele fez menção de mexer no computador, mas eu dei um tapa de leve em suas mãos grandes.

— Não! Primeiro você vai fazer um *backup* das suas coisas!

— Beleza — ele disse meio a contragosto, e completou, emburrado. — Mãe.

Eu ri enquanto ele procurava o HD externo entre as suas coisas.

— E aí, quais são os seus planos para hoje? — ele quis saber, quando finalmente encontrou o dito cujo.

Eu o conectei ao computador e comecei o *backup*. Enquanto esperava, virei-me de frente para ele, suspirando.

— Talvez algum filme pedante francês sobre incesto, que eu vou achar interessante nos três primeiros minutos e depois vou ficar fazendo piadas mentais sobre como tudo o que eles falam em francês parece sexual.

E, por dizer aquele tipo de coisa aos poucos garotos que conversavam comigo, era o motivo de eu estar solteira. E virgem.

Qual era o meu problema?

Mas Pedro pareceu achar graça, mostrando os lindos dentes alinhados enquanto ria gostoso.

— Parece divertido — ele parecia sincero. — Mas, ao invés disso, podíamos tomar uma cerveja. O que acha?

Eu perdi a fala por alguns instantes.

Não entendia porque ele era sempre tão agradável comigo... lembrava-me perfeitamente da primeira vez em que conversamos, e aquilo pareceu criar um laço quase invisível entre nós dois.

Estávamos na fila da xerox e eu fumava o meu segundo cigarro do lado de fora. Estava impossível de entrar... o início do ano letivo era sempre caótico, e os calouros rapidamente descobriam isso.

Pedro estava parado perto da porta e me olhava com uma curiosidade quase acadêmica. Era como se ele estivesse me estudando.

Eu apaguei o cigarro com a sola do sapato e ele se aproximou de mim.

— Oi — ele sorriu, estendendo a mão. — Sou o Pedro.

Achando tudo aquilo muito desconfortável e esquisito, apertei a sua mão com certa relutância – quem chegava em desconhecidos e dizia o próprio nome? Aquele garoto tinha que ser muito cheio de si mesmo.

— Hannah.

— Acho que nunca te vi por aqui... você é caloura?

— Sim, acabei de chegar. Sou aluna de Ciência da Computação. Colega de apartamento da Emanuelle. Kimura. Emanuelle Kimura.

Eu não sei porque senti a necessidade de falar o nome inteiro de minha colega de apartamento como se ela fosse o James Bond, mas Pedro não se importou. Ao contrário, pareceu adorar aquela informação.

Eu não sabia, mas naquela época eles já haviam ficado na primeira grande festa da faculdade – a qual eu passei jogando Mario Kart no meu Nintendo 64, trancada no quarto –, e Pedro já estava aplicando o seu grande golpe em

Emanuelle: ignorá-la no dia seguinte, como se ela não existisse. Eu havia reparado que a minha mais nova colega de apartamento, sempre tão segura de si, andava sempre checando o celular e o Facebook, e sempre parecia mais desanimada ainda com o que encontrava.

Mas eu não podia saber que o causador da única decepção amorosa da vida de Emanuelle era o lindo moreno que puxava assunto comigo na frente daquela xerox abarrotada.

— Ah, sim. Eu conheço a Emanuelle — ele disse.

O modo como ele sorriu me deixou um pouco frustrada e na defensiva. Com “eu conheço a Emanuelle”, eu, que acabara de conhecê-la, sabia que ele queria dizer que já havia transado com ela.

Claro que ele só estava falando comigo para se aproximar da minha colega de quarto, então eu passei a trata-lo com uma frieza educada.

Nós trocamos mais meia dúzia de palavras e eu me afastei.

Depois daquele dia, Pedro sempre me cumprimentava pelos corredores e puxava assunto comigo, mesmo que as nossas conversas nunca passassem de amenidades. Eu não entendia o porquê, mas também nunca cheguei a questioná-lo; era reconfortante saber que o maior pegador da USP podia ficar perto de uma mulher sem ataca-la. E que aquela mulher era eu.

Não que aquilo ajudasse muito a minha já baixa autoestima – nem o cara que enfiava a língua em qualquer coisa que se movesse sentia-se atraído por mim –, mas, ao mesmo tempo, era bom ter alguém com quem conversar além de Emanuelle, que, às vezes, me tirava do sério.

E ali estava ele, esperando uma resposta para o seu convite.

E eu não me senti nenhum pouco envergonhada em responder.

— Claro. Por que não?

### XXX

Eu estava rindo tanto que o meu fôlego era só um fio. Tive que parar para respirar, puxando o ar com força para os meus pulmões já debilitados pelo cigarro. O ar quente daquela noite pareceu esquentar todo o meu interior.

— ...não! E não acaba aí! Depois que ela abaixou a minha cueca, ainda gritou para todo mundo ouvir “olha só, mamãe, um passarinho!”

— Ah, meu Deus! Pare, por favor, pare!

O meu estômago doía de tanto rir.

— É verdade — ele levantou o copo da cerveja para mim e tomou um gole.

Eu me sentia um pouco deslocada naquele barzinho; usava com uma camiseta larga dos Strokes, calça jeans e tênis, enquanto todas as meninas estavam produzidas em cima de saltos.

Mas Pedro era tão divertido que me fez esquecer aquilo com as suas histórias malucas.

— Irmãos menores sabem mesmo como te envergonhar — eu limpava as lágrimas de risada dos cantos dos olhos enquanto falava. — A minha irmãzinha costumava dizer para as amiguinhas que a irmã mais velha dela era uma bruxa, só porque eu lhe mostrei algumas mágicas com o baralho.

— Eu tenho saudades da minha irmã — Pedro suspirou, encostando-se no apoio da cadeira. — E da minha família... viver sozinho parece um paraíso no primeiro ano, mas depois tudo o que nós queremos é o velho assado da velha mãe.

— Nem me fala... ainda mais com tudo o que aconteceu lá em casa...

De repente, dei-me conta de que estava conversando com um conhecido, e não com algum amigo. Não que eu tivesse muitos, mas eu não costumava dividir a minha história com ninguém.

— O que aconteceu na sua casa? — ele parecia genuinamente interessado.

— Bom... o meu pai faleceu quando eu tinha 14 anos e a situação financeira ficou bem ruim. E a minha mãe tem esclerose múltipla, o que não deixa as coisas mais fáceis. É basicamente isso...

— Eu sinto muito — Pedro deu mais um gole na cerveja e eu imitei o seu gesto. — Família é sempre muito difícil... o meu pai nos abandonou quando éramos muito pequenos.

Eu fiquei em silêncio, como um incentivo para que ele continuasse.

— Eu não tenho muitas memórias dele, mas a que não me sai da cabeça é a pior de todas. Ele arrumando as malas enquanto a minha mãe chorava baixinho sentada no último degrau da escada, grávida da minha irmãzinha... eu nunca mais o vi. Foram tempos difíceis.

Pedro abaixou os olhos.

— Não sei o que é pior. Amar alguém tanto e, de um dia para o outro, tirarem-no de você ou... amar alguém tanto e esse alguém te abandonar por livre e espontânea vontade.

Eu senti compaixão por Pedro. Uma compaixão que nunca havia sentido por ninguém.

— De qualquer jeito — ele então levantou os lindos olhos escuros para mim, e a sua expressão se suavizou —, a minha mãe encontrou o Roberto, o nosso padrasto, e nós vivemos felizes para sempre.

Eu ri, terminando o meu segundo copo de refrigerante.

Sentia-me aliviada por compartilhar aquela história com mais alguém além

de Emanuelle e os meus amigos virtuais. Ainda mais por saber que Pedro entendia a minha dor.

— Eu sempre te achei diferente, Hannah — ele recomeçou, pedindo mais uma cerveja e um refrigerante por gestos para a garçonete. — Você sempre foi diferente das meninas com quem eu converso. Com você eu posso, de fato, conversar. Você nunca está me julgando. Nem a mim, nem a ninguém.

— Obrigada — eu sorri, sentindo-me tímida.

— Aqui está — a garçonete trouxe o nosso pedido e se afastou.

Eu tomei um gole e olhei para Pedro por cima do recipiente de vidro.

Ele sorria para mim.

Nós passamos horas e mais horas conversando. Sobre tudo! Política (Pedro era a favor da extinção do Estado, e eu defendia uma visão mais racional e menos anarquista das coisas), música (eu e ele tínhamos a mesma paixão por Beatles, mas ele não suportava Queen, e eu passei meia hora xingando-o por isso), religião (ateus, ateus até o último fio de cabelo) e assuntos em geral. Tínhamos muito em comum, mas discordávamos de muitas coisas também.

No final da noite, havíamos bebido, comigo e conversado como nunca antes.

Eu sabia que, saindo daquele bar, Pedro não seria mais um conhecido, e sim um amigo.

— E Educação Física? De onde veio esse desejo?

— Eu sempre gostei de todos os tipos de esporte — ele retirou o maço de cigarros da minha mão depois de uma luta silenciosa de mãos sem coordenação —, ei, ei, não! Chega! Você já fumou o que? Uns 20?

— Foram 5, por favor.

— Não, chega, isso faz muito mal para você — ele colocou o maço no colo

e continuou, mesmo com a minha cara amarrada. — De qualquer forma, todo mundo sempre me disse que eu me daria bem no curso de Educação Física, já que eu sempre fui vidrado em esportes e atividade física, e foi assim que eu acabei escolhendo. E não me arrependo, eu gosto do curso. E você? Desde quando gosta de *hackear* computadores alheios?

Eu paralisei com o que Pedro disse e ele percebeu a minha reação, rindo mais um pouco.

— Ei! É brincadeira! Mas pela sua cara, você anda invadindo computadores por aí, eim, sua fora da lei?

— Não, eu... nunca fiz isso...

Eu tinha noção de que, a cada palavra trôpega que saía da minha boca, Pedro tinha mais certeza que eu invadia computadores. Mas, pelo menos, ele teve a decência de mudar de assunto.

— Não, mas sério, como você se interessou pelo curso.

— Na escola — eu respirei fundo, tentando me recompor. — A minha matéria favorita era informática, e eu sempre tirava notas boas.

— As minhas notas eram um desastre. Mas, pelo menos, a maioria das minhas avaliações hoje em dia são físicas. E com isso eu não tenho com o que me preocupar.

E não tinha mesmo. Pedro não era tão alto quanto Oliver — e lá estava Oliver, sempre nos meus pensamentos —, mas continuava sendo mais alto do que eu. Os seus braços se destacavam pelas magas da camiseta e eu sabia que as suas pernas, agora escondidas embaixo da mesa, também eram bem torneadas devido ao futebol.

Eu abaixei o rosto e olhei de relance para o horário no celular do baixista. Eram 2h34.

— São 2 horas da madrugada! — eu exclamei, subindo o rosto feito um

raio. — Caramba! O tempo passou muito rápido! Eu preciso ir.

— Por que? — Pedro quis saber, franzindo o cenho. — Você tem alguma coisa para fazer agora? Vai virar abóbora?

— Não — eu menti, chamando a garçonete e pedindo a conta —, não tenho, mas amanhã eu viajo para Ribeirão e preciso acordar cedo!

— Ah, sim, visitar a sua mãe — ele pareceu se lembrar, tirando a carteira de dentro da bermuda, junto com o meu maço de cigarros. — Toma aqui o seu câncer. E deixa que eu pago dessa vez, como agradecimento por você ter ressuscitado o meu computador.

— Não! Eu posso pagar!

— Crédito, por favor — Pedro me ignorou e entregou o cartão a garçonete, que passou tudo tão rápido que eu não tive tempo de reclamar.

— Poxa, eu queria ajudar.

— Você ajuda na próxima.

Nós nos levantamos e eu me senti uma traidora por estar indo embora para falar com Oliver pelo computador, principalmente depois de Pedro ter pago por toda aquela noite.

Fomos caminhando até o estacionamento e Pedro abriu a porta do carro para mim. Eu achei aquilo esquisito, já que nós não estávamos em um encontro, mas eu assumi que ele fosse um cavalheiro com todas as meninas — afinal, ele era um conquistador — e não me ative àquele detalhe.

Conversamos até os prédios e ele estacionou na sua vaga de costume; ainda se ofereceu para caminhar comigo até o meu prédio, mas eu o impedi — ele estava do lado do prédio dele e já tinha sido legal o suficiente por uma noite.

Estávamos nos despedindo “você vai no meu show quarta-feira, não?”, “claro, claro que vou!”, quando ouvimos passos. Olhamos juntos para trás e

encontramos Oliver parado perto da entrada do prédio deles.

— E aí, Pedro — ele disse, apertando os olhos. — E Hannah. Tudo bem?

— O que está fazendo aqui a essa hora? — Pedro retraiu os ombros e cruzou os braços.

A sua pergunta saiu um pouco como uma acusação.

— Vim fumar um cigarro — Oliver levantou a mão em que seu cigarro pela metade pendia. — Você não me deixa fumar no apartamento, lembra?

Pedro fungou. A sua expressão estava séria, por mais que ele sorrisse.

— Bom... é isso aí... boa noite, Hannah — ele desejou, beijando-me o rosto.

— Boa noite, Pedro — eu me virei para Oliver. — Oliver.

— Hannah.

Eu me afastei, aquela cena esquisita ainda pulsando nas minhas veias. Mas, quanto mais eu me afastava do carro, mais me apegava ao diálogo que havia tido com Pedro no bar.

“Poxa, eu queria ajudar.”

“Você ajuda na próxima.”

Então, existiria uma próxima.

E aquilo pareceu me animar mais do que o esperado.

**XXX**

Mas, ao chegar no meu quarto, eu já havia varrido Pedro completamente da minha mente e só conseguia pensar em Oliver e se ele estaria *online* para me explicaria aquela pequena cena no estacionamento.

Para a minha sorte, a bolinha ao lado do seu nome estava verde, e ele veio falar comigo assim que eu entrei.

**Oliver C. Morais diz:**

Boa noite, sumida.

**K. Hunter diz:**

Boa noite, Oliv.

**Oliver C. Morais diz:**

Os seus apelidos não irão me fazer esquecer do seu atraso.

**K. Hunter diz:**

Me desculpe, eu estava presa na casa de umas amigas... temos um trabalho particularmente difícil para fazer esse semestre.

**Oliver C. Morais diz:**

Não. Eu sou difícil.

**K. Hunter diz:**

Nem se eu pedir por favor?

**Oliver C. Morais diz:**

Bom, é... não sou tão difícil assim.

**K. Hunter diz:**

Eu sabia.

**Oliver C. Morais diz:**

E, de qualquer jeito, acho que eu estou ficando louco.

**K. Hunter diz:**

Por quê?

**Oliver C. Morais diz:**

Lembra da Hannah?

**K. Hunter diz:**

Sim, a do meu fã-club. O que tem ela?

O meu coração estava na boca.

O que ele contaria sobre mim?

Cada segundo de espera equivalia a um ano. O *digitando...* da caixa de mensagens era torturante e eu queria chacoalhar o *notebook* para que Oliver fosse mais rápido.

Finalmente, ele falou.

**Oliver C. Moraes diz:**

Sei lá, ela acabou de voltar com o meu melhor amigo sei lá de onde, e eu... bom, eu fiquei enciumado.

**K. Hunter diz:**

Enciumado? Jura? Essa é novidade!

**Oliver C. Moraes diz:**

E eu nem sei explicar o porquê! Nós não temos nada, trocamos um beijo bêbado e nunca mais falamos sobre isso... acho que fiquei com ciúmes de vê-la com ele. Acho que ela é boa demais para o Pedro.

**K. Hunter diz:**

O que esse tal de Pedro tem de errado?

**Oliver C. Moraes diz:**

Não me leve a mal, ele é meu melhor amigo, mas ele também é um jogador. Ele gosta de jogar... principalmente com garotas ingênuas como ela.

**K. Hunter diz:**

Mas se você não tem nada com ela, por que não o deixa jogar?

**Oliver C. Moraes diz:**

Eu não sei. Eu me sinto assistindo a um crime e ficando quieto. Entende?

**K. Hunter diz:**

Entendo, Robin Hood.

**Oliver C. Moraes diz:**

O que eu faço?

**K. Hunter diz:**

Conversa com ele!

**Oliver C. Morais diz:**

E eu vou falar o que? “Ei, cara, para com essa merda, ela é uma garota legal!”

**K. Hunter diz:**

É, bom... basicamente isso.

**Oliver C. Morais diz:**

Sei lá... eu vou me sentir invadindo a privacidade dele.

**K. Hunter diz:**

Então fique assistindo a esse crime em silêncio.

**Oliver C. Morais diz:**

Bom, eu vou pensar no que dizer. Mas mudando de assunto, posse te enviar outra cena?

Eu ainda conversei bastante com Oliver antes de me despedir e desligar, mas ele não voltou a falar de mim.

Mas eu não me importava.

Ele estava com ciúmes.

Com ciúmes de mim.

Eu poderia escrever uma música naquele momento. E ela se chamaria “O Homem Que eu Amo Diz Ter Ciúmes de Mim!”

Eu estava tão feliz que esqueci Sergio, esqueci L. Love, esqueci a doença da minha mãe e as preocupações que tinha com a minha irmã e dormi mais leve do que dormira em muito tempo.

## NOVE

Eu acordei com o meu despertador se esgoelando. Irritada, chutei as cobertas para longe e me arrastei até o banheiro. Com o estômago roncando de fome, tomei um banho rápido e me vesti. Roubei algumas bolachas salgadas do armário de Emanuelle na cozinha, peguei a minha mala e fiz o mesmo trajeto que fazia todos os sábados.

Já na estação, o ônibus para Ribeirão não demorou muito a chegar; logo, eu estava do lado de dentro, procurando algum lugar para me sentar. Arrastei a minha mala de rodinhas até o fundo, onde encontrei dois lugares vagos. Um era ao lado de um senhor barrigudo que ocupava 2/3 do banco e o outro era ao lado de ninguém mais, ninguém menos, que Oliver.

Aquilo me pegou desprevenida. Sem saber o que fazer, imaginei que ele não queria conversar comigo, principalmente depois do desfecho daquela noite em Campinas. Decidi então sentar-me ao lado do senhor, que não gostou muito da minha escolha.

Eu estava lutando novamente contra o bagageiro quando senti alguém se aproximar das minhas costas. Oliver encaixou a minha mala com destreza e voltou a sentar-se, sem dizer uma só palavra.

**XXX**

— Trufas?

Eu abri os olhos para encontrar o assento ao meu lado vazio e a senhora

das trufas passando com o carrinho.

— Duas, por favor — ouvi nitidamente a voz de Oliver e pulei um assento para ficar na janela.

Eu não sabia onde o senhor de mais cedo estava, mas suspirei aliviada por poder me mexer com mais tranquilidade.

Evitando olhar para o lado, eu passei a prestar total atenção nas bandas que povoavam o meu acervo.

— E você, querida, quer alguma coisa? — a senhora me perguntou e eu fui obrigada a levantar os olhos.

— Ah, não, muito obrigada, eu...

— Tudo bem, eu já comprei o que ela gosta — Oliver nos atravessou, sentando-se ao meu lado e me abraçando pelos ombros. — Não é, amor?

— Olha se não é o casal de semana passada! — a senhora exclamou, sorrindo para nós dois. — Estou vendo que você ouviu os meus conselhos, querida.

— Sim — eu fui obrigada a responder e Oliver riu. — O nosso namoro está às mil maravilhas agora!

A senhora nos olhou com carinho e continuou o seu trajeto. Eu retirei o braço de Oliver do meu ombro e aceitei a trufa que ele me ofereceu.

— Você só se alimenta disso? — ele quis saber, abrindo sua própria embalagem.

— Isso e lágrimas de crianças — eu respondi, fazendo-o rir.

Nós comemos os nossos chocolates em silêncio. Oliver olhava para mim de tempos em tempos e eu evitava fazer contato visual.

— Tudo bem, eu desisto — ele jogou as mãos para cima depois de algum

tempo, em sinal de rendição. — Eu preciso saber. Por que você está agindo desse jeito comigo?

A minha vontade foi de esbofeteá-lo diversas vezes, berrando a cada tapa: VOCÊ. AINDA. PERGUNTA?

Mas, ao invés disso, eu só dei de ombros.

— De que jeito?

— Fria, calculista... você nem quis se sentar ao meu lado.

— Sei lá, eu só achei esquisito... nós somos conhecidos, nada demais...

— Isso não faz o menor sentido — Oliver coçou a barba por fazer, com um ar de riso no rosto. — Eu pensei que, a essa altura do campeonato, nós já fôssemos amigos.

*Amigos.*

Aquilo doeu mais do que depilar a virilha.

— Ah. Bom, ok, foi mal, da próxima vez eu sento do seu lado.

— E como eu te considero uma amiga — ele continuou, como se não tivesse ouvido o meu comentário; eu sabia que me arrependeria daquilo, mas virei-me para o lado e me desmanchei na carteira ao encontra-lo parado há centímetros de mim —, eu te peço desculpas pelo modo como agi com você.

— Quando? — eu me fiz de desentendida, porque alguma parte do meu orgulho ainda estava viva, mesmo que desabrigada e com fome.

— Depois do show do Pedro de quarta-feira — o meu coração batia como uma furadeira desgovernada; ele estava tão próximo de mim que eu podia ver as linhas dos seus lábios, e desconfiava que ele também estivesse olhando para os meus. — Primeiro que eu não pensei nas consequências antes de te beijar, e nem de quem somos amigos e ex-namorados. Segundo que eu agi como se nada tivesse acontecido no dia seguinte. Não sei o que deu em

mim... você é a melhor amiga da minha ex-namorada. Eu fiquei um pouco apavorado com tudo isso.

— Eu também fiquei — eu murmurei, pigarreando logo em seguida para não parecer uma garotinha de 12 anos repetindo as falas do Crepúsculo para o espelho. — Eu nem sei porque agi daquela maneira, eu estava muito bêbada...

— Eu também. Mas você não merece esse tipo de tratamento, então... me perdoe.

— Tudo bem — eu dei de ombros, ajeitando-me na cadeira e diminuindo a nossa proximidade. — Não tem problema. Já passou.

— Ótimo. Porque eu preciso te admitir uma coisa.

Por um instante, eu pedi para que ele admitisse que era gay e acabasse com toda aquela angústia que eu vivia desde que havia colocado os meus olhos nele. Mas, como nada funcionava de acordo com as minhas preces desesperadas nessa vida, ele continuou.

— Aquele dia no trem, eu não estava indo visitar uma ex-namorada em Ribeirão. Mesmo porque, a única ex-namorada que eu tenho é a Emanuelle.

*Eu sabia!*, eu pensei em gritar, mas ele iria me perguntar como e a existência de K. Hunter estaria em jogo, então só me dignei a concordar com a cabeça.

— Estou escrevendo um próximo livro que se passa em Ribeirão e tenho alguns amigos na cidade, então volta e meia eu vou para me inspirar. Eu nem sei porque menti para você... acho que eu estava com medo de julgamentos, tenho a tendência de sentir isso quando o assunto é a minha ficção.

*Eu também menti. Qual é a minha justificativa?*

— Mas eu era uma completa desconhecida, não tinha porque ter medo de julgamentos — comentei, sendo covarde demais para admitir a minha própria mentira.

— Não, você nunca foi uma completa desconhecida para mim — Oliver sorria como se soubesse que o que estava prestes a dizer me afetaria muito. — Eu podia nunca lembrar o seu nome, porque minha memória é realmente muito ruim, mas sempre soube da sua existência.

— E, mais uma vez, fomos surpreendidos — eu deixei escapar, fazendo-o rir. — Eu já estava começando a achar que você tinha Alzheimer.

— Pode até ser. Alzheimer para nomes próprios. Mas pode ter certeza que eu lembro de todas as vezes em que nos encontramos.

— Eu duvido.

— Bom, teve a primeira vez, quando a Emanuelle nos apresentou — Oliver levantou o dedo indicador para não perder a conta. — Aí, depois disso, eu nunca mais te vi, durante todo o nosso namoro... você nunca estava por perto quando estávamos no seu apartamento, sempre no seu quarto, e nunca saía com a gente para lugar nenhum.

— Sim, obrigada por apontar a minha falta de tato social.

— Aí teve aquela vez nas lojinhas lá no centro, quando eu perguntei as horas para você — Oliver levantou o dedo do meio. — Eu sabia que você era a melhor amiga da Emanuelle, mas achei melhor me fazer de desentendido... talvez você nem lembrasse da minha existência. Lá você me disse o seu nome novamente, mas eu me esqueci dois segundos depois.

— Essa conversa fica cada vez melhor para a minha autoestima...

— Aí teve aquele dia no bar da Vila Madalena — ele me ignorou, levantando o dedo anelar. — Quando a Emanuelle te deixou lá sozinha para ir se agarrar com outro cara qualquer. Nós pagamos a comanda juntos, pouco tempo depois que o Pedro foi conversar com você.

Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Depois de tanto tempo acreditando que eu não passava de uma reles desconhecida para Oliver, ele me provava exatamente o contrário.

Tudo o que eu mais queria naquele momento era entrelaçar os meus dedos no seu cabelo cor de areia e beijá-lo, dessa vez sóbria, saber como seria beijá-lo de uma maneira menos descoordenada. Mas optei por continuar calada, ouvindo as suas explicações.

— Mas aquele dia eu admito que demorei a perceber que era você, a colega de quarto da Emanuelle, e quando eu me lembrei, você já havia dito o seu nome, e eu achei meio constrangedor dizer que sabia quem você era.

— Você está esquecendo uma.

— Paciência, jovem gafanhoto — Oliver levantou o dedão. — E teve a viagem para Ribeirão. Eu até sabia o seu nome naquela ocasião, mas fingi que não sabia só para me divertir um pouco.

— A sua ideia de diversão é um tanto quanto distorcida.

— Você nem imagina.

— Obrigada por dividir isso comigo — Oliver deu de ombros, um pouco constrangido. — Não, sério. Acho que isso muda um pouco a visão que eu tenho de você.

Aquilo não deixava de ser verdade. De completamente apaixonada eu passava a perdidamente apaixonada. Ele se lembrava de mim, e de todos os encontros que havíamos tido ao longo de tanto tempo... sim, ele não era perfeito, ainda amava a ex-namorada e havia dito que eu tinha potencial para ser apenas uma boa amiga, além de fingir demência depois que nos beijamos. Mas nada mudava o fato de que eu conhecia o verdadeiro Oliver, o Oliver escritor, e sentia que ele estava sendo verdadeiro comigo naquele exato momento.

— Que bom. Vai parar de me ignorar agora?

— Só se você parar de ser um idiota comigo — eu tive que responder, o que gerou uma risada curta da sua parte.

— Eu, Oliver Morais, prometo nunca mais ser idiota com Hannah...?

— Knight. Hannah Knight. E vê se não esquece!

— Pera aí — Oliver retirou o celular do bolso e abriu o bloco de notas. — Acho melhor anotar.

### XXX

— Ah, finalmente! — Oliver exclamou ao entrarmos na estação de Ribeirão. — Não aguentava mais esse maldito ônibus.

— Experimente vir todos os finais de semana — eu resmunguei, o que tirou o sorrisinho presunçoso dele.

Nós conversamos a viagem inteira. Eu descobri que Oliver tinha algum tipo de fixação por filmes antigos e nós analisamos minuciosamente a antiga Fábrica de Chocolate e chegamos à conclusão de que não era um filme feito para crianças.

Além disso, ele me contou um pouco mais sobre o seu próximo romance, ambientado em Ribeirão, novidades que nem a própria K. Hunter sabia.

Era a primeira vez que conversávamos daquele jeito, sem parar. Ele não lidava muito bem com opiniões contrárias à dele e parecia bem empenhado em mudar a minha. Claro que aquilo não aconteceu, e nós entramos em discussões ferrenhas, como qual saga épica era a melhor: Senhor dos Anéis ou As Crônicas de Gelo e Fogo.

Chegamos a um empate técnico, mas, na minha cabeça, o livro das peripécias de Westeros ganhava de lavada.

— Você vai almoçar com os seus amigos? — eu perguntei, já entrando em pânico com a perspectiva de me despedir.

— Não... preciso arranjar algo para fazer até às 16h. Da última vez eu comi em um desses botecos perto da estação e quase vomitei tudo algumas horas depois.

— Ah, a intimidade — eu comentei, e o ônibus parou completamente. Nós dois nos levantamos e Oliver ficou parado atrás de mim para retirar as nossas malas do bagageiro. O seu peito encontrou as minhas costas e eu respirei fundo. — Bom, se você quiser, pode almoçar lá em casa.

— Isso seria ótimo! — ele exclamou, colocando a minha mala de rodinhas no chão. — Realmente ótimo.

— Nada que a perspectiva de um bom almoço não possa causar.

— Conquistá-los pela barriga — Oliver olhou no fundo dos meus olhos. — Esse é o caminho a se seguir.

### XXX

— Mãe, Pietra, cheguei! — eu berrei assim que abri a porta de casa. — E tenho visita!

Pietra desceu as escadas feito um furacão e pulou em cima de mim. A minha mãe veio logo atrás, sorrindo para nós duas. Vi que ela olhou de relance para Oliver, curiosa.

— Oi, minha linda — eu coloquei a mala de rodinhas no chão e abracei direito a minha irmã. Depois, soltei o abraço e apontei com a cabeça para trás. — Esse é Oliver, meu amigo da faculdade.

— Oi Oliver amigo da faculdade — Pietra estendeu a mão para o estranho, que sorriu e a apertou vividamente.

A minha mãe finalmente nos alcançou, abraçando-me.

— Olá, querida.

— Oi mãe. Como você está? Melhor? Como está o tratamento?

— O tratamento está ótimo, mas falaremos sobre isso mais tarde. Me apresente a sua visita, sua mal-educada!

Oliver riu e estendeu a mão mais uma vez.

— Sou Oliver, faço faculdade com a sua filha.

— É um prazer, Oliver. Vai ficar para almoçar?

— Se não for nenhum incômodo — ele era do tipo galanteador, e a minha mãe parecia analisar cada palavra dita.

— Ah não, nenhum... vamos, vamos entrar!

Eu olhei para Oliver, que sorria para mim de um jeito debochado. *Você não é fofo como a sua família*, ele disse por mímica labial, e eu fui obrigada a mostrar-lhe o dedo do meio.

### XXX

— Então, Oliver — a minha mãe voltou da cozinha com um assado de dar água na boca. Os olhos de Oliver se abriram mais ainda e eu fui obrigada a rir. — O que você faz na USP?

Nós estávamos na mesa da sala de jantar esperando havia uns 15 minutos, e Oliver não parava de falar que aquele cheiro o estava matando.

— Eu estou no terceiro ano de audiovisual — ele dizia enquanto seguia o assado com os olhos. — Produção audiovisual, essas coisas...

— Ah, me parece divertido — ela comentou. — Você gosta? *Pietra*, o almoço!

— Nossa, mãe, para quê gritar desse jeito? — eu peguei algumas batatas que estavam na travessa e comecei a me servir.

— Ela não me escuta! Fica o dia inteiro ouvindo música com o fone de ouvido, aqueles coreanos que dançam e cantam... assim fica difícil, não é? Eu teria 10 filhos criança, mas mais nenhum adolescente!

— A minha mãe dizia a mesma coisa — Oliver riu, colocando uma batata inteira na boca. — Mas depois que crescemos e saímos de casa ela reclama que sente a nossa falta. Somos em três meninos lá em casa.

— Eu invejo a sua mãe.

— Eu estou aqui, não precisa gritar — Pietra apareceu na porta da sala de jantar.

— E vocês dois se conhecem de onde? — a minha mãe continuou, sentando-se a mesa.

— Oliver é o ex-namorado da Emanuelle — eu dei de ombros.

Eu não tinha porque mentir para a minha mãe. Ela me olhou desconfiada por cima dos óculos de leitura e Oliver concordou com a cabeça, um pouco constrangido.

— E quais são os seus planos para o futuro, Oliver?

— *Mãe* — eu abaixei o garfo, arregalando os olhos. — O que é isso?

— Eu só estou querendo puxar conversa, Hannah — Ana Knight sorriu feito um anjinho, mas eu sabia onde ela queria chegar, e não ia permitir aquilo.

— Não, tudo bem, Hanns — Oliver usou o meu apelido e aquilo me acalmou um pouco. — Eu sou escritor. No momento, estou trabalhando para

publicar o meu primeiro livro.

— Um livro, é? — a minha mãe tomou um gole de água. — Sobre o que fala esse livro?

— Sobre um homem que precisa se adaptar a vida de solteiro depois de muito tempo casado — Oliver pigarreou. — Nada merecedor de prêmios, mas eu gosto de escrever...

— Me parece uma história agradável. E você...

— Mãe, eu tirei um 10 em história! — Pietra exclamou, e a sra. Knight se esqueceu completamente da presença de Oliver, virando-se para a minha irmãzinha e começando a tagarelar sobre o orgulho que estava sentindo.

Pietra me olhava com o canto dos olhos e eu a agradei por mímica labial. Depois, olhei para Oliver, que parecia compenetrado na tarefa de destroçar um pedaço de carne assada, não se importando nenhum pouco com aquele interrogatório.

Pelo menos eu esperava que não.

Nós terminamos de almoçar – Pietra não calou a boca por um só segundo, e eu seria eternamente grata por aquilo – e Oliver se ofereceu para lavar a louça. A minha mãe não permitiu e nós fomos para a sala assistir TV. Assistimos um episódio inteiro de *F.R.I.E.N.D.S* morrendo de rir, e, perto das 15h, ele avisou que precisava ir.

— Eu te levo até o ponto para te mostrar o ônibus que você precisa pegar — eu me levantei. — Mãe, eu vou levar o Oliver até o ponto!

A minha mãe apareceu na porta da cozinha secando as mãos no pano de prato.

— Foi um prazer, Oliver.

— O prazer foi todo meu — ele foi até ela e a abraçou. — Obrigado pelo

almoço.

— Venha sempre que quiser.

Nós saímos e caminhamos lado a lado até o ponto. Lá, mostrei a rota do ônibus que Oliver tomaria e onde ele deveria descer.

— Obrigado — ele sentou-se nos bancos. — Você fez o meu sábado menos depressivo.

— É, Ribeirão é um lugar meio parado — eu tirei o meu maço de cigarros do bolso da calça jeans e acendi um. Oliver estendeu a mão e eu lhe dei outro. — Mas eu gosto daqui. Às vezes.

— É um bom lugar para escrever, isso eu preciso admitir.

— E um bom lugar para descansar — eu me sentei também, e nós tragamos juntos o cigarro. — Eu reclamo, mas é sempre bom visitar a minha família.

— A sua mãe — Oliver trouxe mais uma vez, parecendo um pouco relutante em perguntar o que queria saber.

Para ajudá-lo, eu falei de uma só vez.

— Esclerose múltipla.

— Ah... — ele abaixou os olhos. — Eu sinto muito.

— Eu também.

O ônibus número 28 apontou na esquina e Oliver apagou o cigarro na sola do sapato. Depois, abriu os braços para que eu o abraçasse. E eu o fiz, recebendo tapinhas nas minhas costas por parte dele, que me fizeram rir.

— Tchau, Oliver. Nos vemos na USP.

— Nos vemos na USP — ele se levantou e fez sinal, desapareceu dentro do

ônibus.

Eu ainda fiquei um pouco no ponto, terminando o meu cigarro.

### XXX

Eu cheguei na USP segunda pela manhã, já atrasada para a primeira aula. Deixei as minhas coisas no apartamento e voei para o campus. Entrei esbaforida na sala e o professor fez vista grossa para o meu atraso.

Sentei-me na última carteira e abri o meu computador. Aproveitando que ninguém podia me ver, abri o e-mail do “trabalho” e, dentre as diversas ofertas de pequenos casos, L. Love havia me enviado um e-mail com o título “abra logo essa merda”.

Ele dizia:

*“Querida K. Hunter,*

*Acha mesmo que irá conseguir me enviar um dossiê completo de Sergio Maia até domingo? Não queria estar te cobrando novamente, mas a mulher dele é uma criaturinha desprezível que está bastante ansiosa, e seria ótimo que pudéssemos acalma-la, pelo bem de ambas as nossas cabeças. Não acha?*

*Com amor e muita pressa,*

*L. Love.”*

Irritada, eu fechei o *notebook* com força e me forcei a prestar atenção no

professor.

### XXX

Eu não consegui prestar atenção na aula, afinal de contas. O prazo para as minhas investigações estava acabando e eu não sabia mais o que fazer. Já havia vasculhado todos os cantos do computador de Sergio, sem muito sucesso... qual era o esquema? Para quem ele vendia? Quem eram os seus sócios? Eram muitas perguntas sem resposta. Além disso, tinha o fato de que eu estava baseando todas as minhas suspeitas em uma conversa ouvida no meio do campus, que poderia significar diversas coisas.

Ao final do dia letivo, eu estava tremendo. Saí apressada do prédio, caminhando a esmo pelo campus, a mente à mil. O que eu poderia fazer? Invadir a casa de Sergio Maia? Interrogar seus capangas? Invadir o laboratório onde os garotos da USP estavam produzindo a cocaína?

Desesperada e sem perspectivas, aquilo não me pareceu uma má ideia, e eu me vi correndo entre as faculdades dentro da cidade universitária, evitando torcer o pé e cair como um cocô de pomba no chão. Não sabia porque estava correndo, acho que a adrenalina tomou conta do meu corpo, e era bom sentir os pulmões arderem um pouco.

O instituto de química nunca me pareceu tão sombrio. Ele estava quase vazio, com alguns alunos indo e vindo como sombras, agarrados aos seus livros e focados em seus fones de ouvido. Ninguém queria ficar na faculdade depois da aula.

O meu coração estava na boca quando eu entrei, tentando me localizar. As placas indicavam os laboratórios no segundo andar e eu subi as escadas. Caminhei pelo longo corredor de laboratórios, uma sequência de portas fechadas com pequenas janelas que permitiram dar uma espiada no lado de dentro; para a minha frustração, estavam todos vazios. Eu já pensava em

desistir daquela ideia estúpida e sair dali em busca de outras pistas quando ouvi passos, desesperei-me e entrei em um laboratório qualquer, o de número oito.

No susto, vasculhei o local com os olhos e me escondi dentro do armário dos fundos, sentindo um cheiro horrível e forte de produto químico que ardeu os meus olhos. Assim que me aconcheguei lá dentro e sequei as lágrimas involuntárias, a porta foi aberta mais uma vez e, pela fresta do armário, pude ver nitidamente o ruivo e o moreno de sexta-feira.

Mal podia acreditar na minha sorte. E no meu azar também.

— ...não dá para deixar isso aqui por muito mais tempo, cara.

Com uma presença incrível de espírito, tirei o celular do bolso da calça lentamente e coloquei a câmera no vão, filmando aquela conversa. Sabia que não teria outra oportunidade como aquela.

— O Sergio não disse que viria hoje?

— E não chegou até agora, aquele filho da puta daquele Maia! — o ruivo se abaixou e abriu uma das bancadas, mexendo no forro enquanto continuava a praguejar.

O moreno começou a andar em círculos, passando muito perto de onde eu estava diversas vezes; ele parecia desesperado. Eu tentava não respirar, mas sentia que estava ligada a um amplificador e qualquer suspiro estourava os meus tímpanos.

— Eu vou levar cinco e deixar o resto aqui — o ruivo colocou cinco pacotes de cocaína em cima da bancada, levantando-se. — Vou dar um jeito de cancelar a iniciação amanhã, vou inventar que estou doente. Esse laboratório tem que ficar vazio até acabarmos com isso.

— Não sei não, cara... — o moreno sussurrou, assustado. Por que ele estava com tanto medo? — Pensei que isso fosse ser mais fácil...

— Cala essa boca e me ajuda com isso, caralho! — o ruivo colocou dois pacotes dentro da jaqueta e mais um dentro da calça.

O moreno colocou os outros dois na mochila e eles se viraram para sair. Aliviada por não ter sido pega, soltei o peso do meu corpo tenso, e a porta abriu alguns centímetros. Apavorada, a puxei de volta, fazendo um barulho alto.

Os dois se viraram em minha direção e eu abaixei o celular, colocando a mão na boca para não fazer barulho. Eu estava perdida, e sabia disso. Mordi o meu lábio inferior quando os dois se aproximaram. Pensava no que fazer – sair correndo ou soca-los no rosto – quando nós três ouvimos um barulho alto vindo do corredor.

— Puta que pariu — o ruivo saiu correndo para olhar pela janela da porta, mas o moreno continuou olhando para o armário onde eu estava, intrigado. — Cara, é o zelador. Vamos sair daqui!

— Mas... — o moreno apontou para o armário com a cabeça.

— Esquece, alguma coisa deve ter caído, vamos *logo!*

O garoto saiu correndo atrás do ruivo e os dois deixaram o laboratório.

Eu saí do armário algum tempo depois, finalmente soltando o ar acumulado nos pulmões. As minhas pernas tremiam e, quando dei por mim, estava correndo para fora do laboratório e para fora daquele prédio. Corri tanto que só fui parar perto do Instituto de Letras. Lá chegando, apoiei-me nas barras de ferro dos portões e agarrei o meu celular dentro do bolso.

Eu havia conseguido as provas das quais precisava, mas a que custo?

## DEZ

Eu corri para o notebook assim que cheguei no apartamento, jogando-me na cama e abrindo o fórum de hackers para mandar uma mensagem a L. Love.

*K. Hunter [mensagem enviada às 14h12]:*

L., você não sabe o que aconteceu!

*L. Love [mensagem enviada às 14h12]:*

Não sei mesmo. Da última vez que chequei, eu não sabia ler mentes.

*K. Hunter [mensagem enviada às 14h12]:*

Brincadeiras de mal gosto à parte, eu consegui filmar os garotos de quem te contei outro dia. Eles seguravam pacotes de cocaína e falavam o nome de Sergio Maia!

*L. Love [mensagem enviada às 14h13]:*

Isso é ótimo, K.! Quero dizer, ótimo para nós dois, terrível para a sociedade. Me manda esse vídeo, deixa eu dar uma analisada.

Eu enviei o vídeo para L. Love, que o assistiu rapidamente. Logo, ele estava tão animado quanto eu.

*L. Love [mensagem enviada às 14h17]:*

Isso foi genial, K.! Eu nem quero saber como você conseguiu, porque eu não consigo imaginar a minha garotinha correndo perigo... mas, *porra!* Eu estou aqui orgulhoso como um pai!

*K. Hunter [mensagem enviada às 14h17]:*

E eu estou aqui orgulhosa de mim mesma.

*L. Love [mensagem enviada às 14h18]:*

Agora você só precisa saber: a) para quem ele está vendendo? e b) quem está envolvido nesse esquema?

*K. Hunter [mensagem enviada às 14h18]:*

Eu pretendo ter essas informações o quanto antes, L.

*L. Love [mensagem enviada às 14h18]:*

Fico feliz, K., de verdade. Mas, por favor, não se arrisque mais dessa forma. Agir atrás de um computador é uma coisa, na vida real é outra completamente diferente! E agora eu preciso ir, o dever me chama. Tenha um bom resto de segunda-feira e tome cuidado, por favor!

*K. Hunter [mensagem enviada às 14h19]:*

Pode deixar, L., eu vou tomar cuidado.

*L. Love está offline.*

### XXX

A tarde de segunda-feira se arrastou, e eu aproveitei para fazer alguns trabalhos da faculdade que estavam atrasados devido a toda loucura da doença da minha mãe, da investigação de Sergio Maia e da minha recente vida social; eu estava prestes a arrancar os meus cabelos de irritação com um trabalho particularmente difícil de Algoritmos Avançados e Aplicações quando senti o meu celular vibrar em cima da escrivaninha.

Procurando por qualquer motivo que me distraísse, levantei-me e o peguei, um número desconhecido estampando a tela.

**Estou sozinho nessa segunda-feira solitária e quero retribuir o almoço da sua mãe. Topa jantar comigo? Garanto que pelo menos a comida será boa. Ah, é o Oliver. Lembra dele?**

O meu coração martelou forte contra o peito, como se quisesse sair pela boca.

Onde Oliver havia encontrado o meu número? E por que ele queria jantar comigo?

**Oi Oliver! Eu topo! Mas estou indo pela comida, que fique bem claro.**

**E eu estaria indo por que? Por você? Faz-me rir, Hannah Knight!**

**Você lembrou o meu nome. Ah, Deus, eu estou tão emocionada...**

**Te pego às 20h. Me espera na portaria do meu prédio?**

**XXX**

Eu estava no meio da maior crise existencial da minha vida quando Emanuelle entrou no meu quarto carregando algumas sacolas de lojas de grife como se fossem sacos de supermercado.

— Mas o que está acontecendo aqui? — ela quis saber, enquanto eu, enrolada em uma toalha de banho, observava as roupas sem graça do meu armário. — Vai sair?

— Vou — murmurei distraída. Mas aí me lembrei de que sairia com o ex-namorado da garota que falava comigo, e assumi uma postura mais defensiva. — Vou jantar com uns colegas de sala.

Hannah Knight, a mentirosa, atacava novamente.

— *Mentira!* — Emanuelle berrou, correndo até mim e retirando minha

toalha com um puxão. Nua, eu soltei um gritinho e corri até a minha cama, me escondendo embaixo do edredom. — *Você fez novos amigos, Hannah? Isso é tão bom!*

— Sim, isso é ótimo, mas você poderia, por favor, devolver a minha toalha? — eu pedi, envergonhada por estar mentindo e deixando Emanuelle tão animada.

Por que eu apenas não contava a verdade?

— Não! Eu vou te vestir! Levante essa bunda daí que eu vou te deixar mais linda do que nunca! Ah, eu estou tão *animada!*

### XXX

Às 19h40 eu estava pronta, me olhando no espelho, embasbacada com os poderes de transformação de Emanuelle. Ela havia conseguido me colocar em um vestido, veja só.

— Eu não sei como você consegue usar calças jeans quando tem *essas* pernas! — Emanuelle suspirou, lembrando-se de algo subitamente. — Espera! O toque final!

Ele saiu correndo pelo corredor e voltou correndo dele com um frasco azul claro.

— Esse é o meu perfume favorito, mas eu parei de usar há alguns anos porque estava me dando alergia... — ela espirrou um pouco na minha nuca, pescoço, entre meus seios e nos meus punhos. — Pronto! Agora vai! E arranje um namorado *nerd* que vai ficar rico e bancar as nossas viagens!

Eu peguei minha bolsa em cima da cama e sorri, me sentindo a pior amiga do mundo; não tinha como saber como Emanuelle reagiria se eu contasse que

estava indo jantar com Oliver, mesmo que apenas como amigos, já que ela havia ficado bastante chateada quando aceitei ir até Campinas com Pedro.

Emanuelle era um livro aberto em todos os aspectos de sua vida, menos em relação aos seus sentimentos: ela gostava de Oliver? Gostava de Pedro? Não gostava de ninguém? Gostava dos dois?

Eu não sabia o que fazer: contar a verdade e correr o risco de perder a minúscula chance que poderia ter com Oliver, já que se ela se mostrasse chateada eu cortaria todo o contato com ele, uma vez que a sua amizade era bem mais importante para mim, ou omitir aquilo e correr o risco dessa bomba explodir mais para frente, quando as linhas já estivessem todas borradas.

Como proceder?

— Obrigada, Manu — eu agradei, abrindo a porta. — Você é maravilhosa.

Emanuelle me lançou beijos no ar e já estava ocupada digitando no celular, e eu saí antes que as minhas dúvidas me sabotassem.

### XXX

Eu cheguei na porta do prédio de Oliver às 20h03, e ele já estava lá, apoiado na parede com um só pé, fumando um cigarro e olhando distraído para o celular, mais ou menos como todas as capas de *fanfic* do mundo.

Ele usava um blazer preto, camisa social branca por baixo, calça jeans de lavagem escura e tênis. O vento levava o seu cabelo ainda molhado para todos os lados, mas ele parecia não se importar; estava tão lindo que eu tive que respirar fundo para entender o que estava acontecendo ali: eu e Oliver estávamos indo jantar. Juntos.

Era difícil entender o porquê eu havia me apaixonado tanto por ele ainda à primeira vista, anos atrás, mas ali, observando-o a distância, essa dificuldade ia embora. Claro que eu havia me apaixonado, não existia homem no mundo mais lindo que ele. E, depois que nos tornamos íntimos pela internet, soube que não existia garoto mais sensível, profundo e interessante.

Era como se eu o estivesse vendo pela primeira vez, tudo de novo.

Não demorou muito para que Oliver me percebesse ali. Seus olhos varreram toda a extensão do meu corpo e terminaram analisando o meu rosto. Um sorriso simples, sem nenhum significado além de felicidade, brotou em seus lábios.

— Hannah, você está linda — ele disse simplesmente, vindo até mim e beijando o meu rosto. — E cheirosa. Pronta para irmos?

— Nasci pronta — graciei, e nós caminhamos até o seu carro, um Corolla marrom e bem antigo, mas ainda assim muito bonito. — Onde vamos?

— Você vai ver — ele abriu a porta do passageiro para mim e logo em seguida sentou-se ao meu lado, ligando o carro. — Você está realmente muito bonita.

— Obrigada. Fui dar uma voltinha no cemitério e roubei essa roupa de um cadáver muito conservado.

*Ah, pelo amor de Deus Hannah, será que você não consegue ficar dois segundos sem fazer uma piadinha ruim?*, pensei, enquanto Oliver ria e colocava o cinto de segurança. Eu repeti o seu gesto e nós saímos da vaga em que o carro estava estacionado.

— Você também está muito... hm... agradável aos olhos — eu arrisquei, sentindo meu rosto esquentar. Abri a janela e peguei um cigarro de dentro da bolsa, tentando não parecer tão apaixonadinha. — Posso fumar no seu carro?

— Pode. E acho que vou receber isso como um elogio, Hannah — ele comentou, e logo nós estávamos na rua.

Oliver olhou para mim e sorriu, e eu fui obrigada a fazer o mesmo. Borboletas carnívoras atacaram o meu estômago e eu me senti feliz.

Feliz como não me sentia havia muito tempo.

### XXX

Oliver estacionou em uma das ruas mais badaladas da Liberdade. Ainda que fosse segunda-feira, o bairro estava lotado de jovens que saíam tarde da noite de seus empregos em *startups* e procuravam algum lugar para jantar, como zumbis do capitalismo.

Sáímos do carro e começamos a andar lado a lado. O clima estava ameno e eu queria guardar todos os detalhes daquela noite na memória.

— Espero que você goste — Oliver ia dizendo, quando me fez virar em uma pequena viela apertada — de comida japonesa.

— Eita! — foi tudo o que eu consegui dizer, maravilhada com a visão daquele lugar.

A viela era composta por cerca de cinco casas em arquitetura japonesa, todas decoradas a caráter e protegidas por um portão bronze. Um pequeno senhor japonês nos recebeu e nos levou para dentro, nos guiando através de corredores interligados. De repente, saímos nos fundos, onde as casas interligadas faziam um semicírculo, olhando para um pequeno poço de pedras vermelhas. Esse poço era rodeado por mesas baixas em cima de tatames e algumas destas estavam ocupadas por casais ou famílias. Do teto das casinhas saíam barbantes de todas as cores, ligando-se ao topo do poço vermelho; no meio desses fios de barbante, luminárias japonesas de todas as cores iluminavam o local, além da luz da lua e das estrelas.

— Por aqui — o senhor tinha um sotaque muito carregado, e nos levou até

uma mesa um pouco afastada, ajoelhando-se em seguida. Oliver me olhou divertido e fez o mesmo, e eu fiquei um pouco constrangida em ajoelhar com aquele vestido curto de Emanuelle, mas o fiz mesmo assim. — O garçom que irá servi-los essa noite se chama Ikeda e irá atendê-los em breve. Tenham uma boa refeição.

— Obrigada — Oliver fez uma mesura e eu ri.

— Obrigada, senhor — adicionei, e o homem se afastou lentamente. — Oliver! Esse... esse é o lugar mais lindo que eu já visitei, eu nem sei...

— Então sente-se e aproveite — ele sorriu para mim, depois lançou um olhar nada cristão para as minhas pernas.

Senti meu rosto esquentar, mas não disse nada, sentando-me de um jeito que ele não pudesse inspecionar os meus ovários.

— Eu só espero que você goste da comida — ele tirou o cabelo dos olhos, revelando-os mais escuros do que o normal. — O Pedro vive recomendando esse lugar, mas eu estava esperando um momento... *especial*.

— E por que esse momento é especial? — eu quis saber, olhando em volta, ainda sem acreditar naquele lugar. Depois voltei-me para Oliver, arregalando os olhos. — Você descobriu que é o príncipe herdeiro de Genóvia?

— Que? — Oliver ergueu uma das sobrancelhas, sem entender.

— Ah... acho que você não leu O Diário da Princesa então? — rebati, agindo como se estivesse decepcionada.

— Não, Hannah, acho que não sou muito o público-alvo desse livro — Oliver comentou, me fazendo rir. — Não, na verdade... eu consegui o contrato. O Sergio conseguiu, aliás. Vou publicar o meu primeiro livro!

Ficamos em silêncio por alguns segundos, muitas informações rodopiando pela minha cabeça, como a menção do traficante Sergio Maia, a realização do sonho de Oliver e as minhas tentativas de descobrir o quanto custaria aquele

jantar e se eu teria que lavar pratos para pagar por aquela noite.

— Oliver! Isso é maravilhoso! — eu exclamei enfim, engatinhando até mais perto dele para abraça-lo. — E eu espero que esse livro valha a pena, porque estou mostrando a minha bunda para metade do restaurante para poder parabeniza-lo.

Oliver riu com o nariz enfiado no meu pescoço, me fazendo cócegas. Depois, soltou-me e olhou feio para uma mesa atrás de nós.

— O que foi, camarada? Nunca viu uma bunda na vida não?

Eu olhei para trás fazendo cara feia, e o moço passou a receber um sermão demorado de sua namorada. Eu me ajeitei no tatame e nós dois gargalhamos da situação.

Instantes depois, o garçom chegou.

— Boa noite, meu nome é Ikeda e eu vou servi-los essa noite. Podemos começar com shimeji? — eu olhei para Oliver, porque era completamente leiga na culinária japonesa, mas ele parecia entender do assunto, e logo o garçom estava anotando todos os seus pedidos com um sorriso no rosto, provavelmente esperando receber uma bela gorjeta no final daquela noite. — Muito bem, ótimo pedido, senhor! E para beber, o que vão querer?

— Saquê para mim e — ele me olhou, e eu acabei concordando com a cabeça — para a moça também.

### XXX

No meio do jantar, já estávamos um pouco altos do saquê e do clima daquele lugar.

— Ah, pelo amor de Deus, você não pode estar falando sério! A Cersei é

terrível! — exclamei, derrubando um sushi em cima da mesa. — É a personagem mais diabólica da série! Aliás, é a pior personagem de todos os tempos!

— Sério que você acha a Cersei pior que o Joffrey? — Oliver disse de boca cheia, aparentemente não conseguindo conter a sua indignação. — Esse é o tipo de mulher que eu estou levando para jantar?

— Ok, talvez ela não seja a personagem mais diabólica, mas é uma das. E é a mãe dele!

— A Cersei é manipuladora, inteligente e tem uma ótima história de *background* — Oliver deu de ombros. — Eu não gosto dos personagens porque eles são bons ou ruins, gosto dos personagens que me intrigam, e a Cersei é um desses personagens.

— Ela não me intriga, só me deixa com raiva — eu provoquei, fazendo-o rir. — Mas eu sou apenas uma telespectadora, o escritor é você.

— Nós nascemos para fazer as pessoas passarem raiva — ele concordou.

— Está tudo bem por aqui? — Ikeda surgiu das sombras, sempre sorrindo, sempre educado.

— Tudo ótimo — respondi, levantando o copo de saquê para ele. — Isso aqui é muito bom!

Ele e Oliver riram.

— Fico feliz que tenha gostado, senhorita — o garçom desapareceu mais uma vez, e eu me voltei para Oliver.

Não tinha reparado o quão próximos nós estávamos no meio da calorosa discussão sobre Game of Thrones. As nossas mãos quase se tocavam no tatame, e eu podia sentir a mistura de cigarro e perfume caro dele. Estava alta pelo saquê, mas, de repente, fiquei sóbria demais para aquela proximidade.

— Que bom que você está se divertindo — Oliver comentou, ajeitando-se para ficar mais próximo ainda de mim.

A sua voz estava baixa e rouca.

— Bastante — olhei para os seus lábios, hipnotizada. — Obrigada por me trazer aqui. É um lugar muito especial.

— Você merece — eu subi os olhos e percebi que ele também olhava para os meus lábios. — Você também é muito especial.

— Obrigada — ele se aproximou mais ainda, seu nariz esbarrando no meu.

Eu fechei os olhos, sentindo a respiração dele se misturar a minha. No mesmo instante, ouvimos uma salva de palmas e barulhos de talheres batendo em vidro. Eu abri os olhos e me afastei. Oliver fez o mesmo, sem entender direito o que estava acontecendo.

Uma mesa bem próxima a nossa comemorava, enquanto um homem de mais ou menos 30 anos colocava um anel de noivado no dedo de sua agora noiva, que chorava copiosamente.

— Ah, que lindo — eu deixei escapar.

Oliver afastou-se um pouco, tomando um gole de saquê.

O seu rosto estava vermelho.

### XXX

— Vocês desejam mais alguma coisa? — Ikeda ajoelhou-se ao nosso lado.

Oliver estava quase deitado, reclamando que havia comido demais, e eu me sentia da mesma maneira, mas permanecia sentada devido a falta de tecido

que cobria o meu corpo.

— Não, pelo amor de Deus! — ele exclamou, olhando para mim. — Quer mais alguma coisa, Hannah?

— Não, muito obrigada — respondi, tomando um gole de água; se bebesse mais saquê, corria o risco de vomitar no carro de Oliver. — Estava tudo maravilhoso, Ikeda.

— Fico feliz em ouvir.

— Você pode trazer a conta, por favor? — Oliver pediu, já retirando a carteira de dentro da calça jeans.

Ikeda desapareceu para dentro das casas e eu comecei a vasculhar a minha bolsa em busca do meu cartão de crédito – estava um tanto quanto temerosa da quantidade de números que teria aquela conta, mas não podia deixar de pagar pelo menos alguma coisa.

— O que você está fazendo? — Oliver perguntou, me olhando engraçado.

— Procurando o meu cartão — eu respondi sem olhar para ele, colocando tudo que havia na minha bolsa em cima da mesa. — Onde eu enfiei essa merda?

— Você sabe que eu não vou te deixar pagar, não sabe? — ele quis saber, e eu levantei os olhos. — É sério. Isso aqui é uma comemoração particular que requeria companhia. Além disso, estou te agradecendo pelo almoço na casa da sua mãe. E, na última das hipóteses, quero pagar a conta no nosso primeiro encontro.

Primeiro encontro.

Primeiro. Encontro.

Eu estava prestes a argumentar que aquilo era ridículo e que eu iria pagar metade sim e que agora ele estava sendo muito machista, mas resolvi desistir

de ser sempre tão briguenta e somente concordei, guardando meus objetos inúteis de volta na bolsa.

— Isso foi mais fácil do que eu esperava — ele comentou, satisfeito.

— Eu vou te dar o prazer do meu silêncio — rebati, e o garçom voltou com a conta e a máquina de cartões.

Tentei olhar por cima dos ombros de Oliver o valor do nosso jantar, mas ele foi mais rápido, escondeu a conta e a conferiu com agilidade. Depois, estendeu o cartão para Ikeda, que pareceu bastante satisfeito com a gorjeta dada por Oliver.

Aproveitando a deixa, tirei uma nota de 10 reais de dentro da minha habilitação e estendi para ele.

— Aqui, Ikeda, pelo ótimo serviço.

— Muito obrigado, senhorita — eu tinha certeza de que a gorjeta de Oliver havia sido maior, mas o garçom parecia bastante agradecido mesmo assim. — Muito obrigado por jantarem conosco essa noite. Voltem sempre!

— O prazer foi todo nosso — Oliver se levantou e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

Eu ainda olhei em volta mais uma vez, com medo de esquecer que já estivera naquele lugar maravilhoso um dia, e caminhei de braços dados com. Já do lado de fora, nós dois acendemos os nossos cigarros e ficamos observando a noite estrelada.

— Eu preciso admitir que esperava bem menos de você, Oliver — comentei, e Oliver trouxe seu cigarro com um sorrisinho presunçoso nos lábios.

— Os meus pais também, Hannah — ele rebateu, e foi a minha vez de rir. — Eu posso ser um príncipe quando quero.

— Então vamos lá, vossa alteza, vamos para casa — eu apaguei o cigarro, caminhando em direção ao carro.

### XXX

— É isso aí — Oliver tirou o cinto de segurança e olhou para mim. — Entregue.

— Obrigada pelo jantar, Oliver — agradei, tirando meu próprio cinto e abrindo a porta. Estava para sair, mas algo me fez voltar. — E... obrigada pela noite. Foi realmente muito divertido. Estou muito feliz pelo seu contrato. Tenho certeza de que você será um grande escritor!

Nós nos olhamos. Oliver se curvou para frente e eu pensei que ele fosse me beijar, mas ele fechou a minha porta e ficou muito próximo, me encarando.

Eu não conseguia respirar.

— E... er... boa noite, então... eu...

Com um sorriso encantador, ele colocou o meu cabelo atrás da orelha e disse:

— A noite não precisa acabar ainda.

O beijo que veio a seguir foi bem diferente do primeiro que trocamos; Oliver estava mais tranquilo, mais calmo. Colocou uma mão na minha nuca e a outra na minha perna, e eu abracei os seus ombros, retribuindo o beijo e sentindo todo o corpo esquentar. Ele se curvou para frente e eu apoiei as costas na porta, sentindo a trava cutucar as minhas escápulas.

Eu estava um pouco preocupada por estar no estacionamento em frente ao meu prédio; Emanuelle poderia passar por ali a qualquer instante, e eu não estava preparada para ter que dar explicações. Além disso, era perigoso e

irresponsável. Mas, de qualquer jeito, não parei o beijo.

Oliver subiu a mão pela minha coxa lentamente e eu suspirei.

No calor do momento, separei as nossas bocas e joguei a cabeça contra o vidro, ofegando. Aproveitando a deixa, Oliver desceu os seus beijos pelo meu pescoço até o tecido do vestido o impedir de descer mais. Com isso o atrapalhando, ele tirou a mão da minha coxa e puxou o tecido para baixo, relevando meu sutiã.

Um pouco assustada com a rapidez que tudo estava se desenrolando, eu me ajeitei na cadeira, puxando o vestido para cima e respirando fundo.

Oliver pareceu acordar de um transe, piscando várias vezes.

— Eu preciso ir, Oliver, me desculpe, mas...

— Ei, espera, desculpa — ele pediu, negando com a cabeça. — Acho que fui longe demais. Foi mal. Mesmo.

— Tudo bem — eu neguei com a cabeça. — Tá tudo certo. Eu só preciso ir, tem aula amanhã e eu preciso acordar cedo.

— Sem problema, Hannah — Oliver sorriu. — Boa noite, então.

— Boa noite — murmurei, abrindo a porta.

Antes de sair, porém, Oliver me puxou e beijou os meus lábios de leve, sussurrando perto de mim.

— Dorme bem.

— Você também — respondi, lhe dando mais um beijo antes de sair do carro.

**XXX**

Quando cheguei no apartamento, Emanuelle dormia no sofá, um fio de baba escorrendo pelo travesseiro. Entrando no meu quarto, tirei o vestido com cuidado e o coloquei em cima da cadeira. Depois, coloquei o meu pijama mais confortável, peguei o notebook e fui para a varanda.

Assim que entrei no fórum de escritores, mandei uma mensagem para Oliver, que não demorou a entrar e responder.

**K. Hunter diz:**

Cadê você? Te esperei o dia inteiro!

**Oliver C. Morais diz:**

Eu fui para a aula, depois dormi a tarde inteira, agora estou aqui, de corpo, alma e cansaço.

**K. Hunter diz:**

Cansaço por que se dormiu o dia inteiro?

**Oliver C. Morais diz:**

Cansaço de comer. Fui jantar em um restaurante japonês hoje... agora não consigo dormir. Meu estômago está muito cheio.

**K. Hunter diz:**

Hm... me deu vontade agora! Foi com os seus amigos?

**Oliver C. Morais diz:**

Fui com a Hannah.

**K. Hunter diz:**

A “somente amiga” Hannah?

**Oliver C. Morais diz:**

A própria. Que foi promovido de “somente amiga” para “pretendente em potencial”.

**K. Hunter diz:**

Que lindo! A criação do meu fã clube não foi em vão!

**Oliver C. Morais diz:**

Não foi. Mas acho que assustei ela... a gente trocou uns beijos e eles esquentaram um pouco, e aí ela simplesmente saiu correndo do meu carro.

**K. Hunter diz:**

Vai ver ela não tem muita experiência.

**Oliver C. Morais diz:**

Não sei... você sabe que eu não confio muito nas pessoas depois do meu último namoro. É tudo muito confuso, sempre acho que estou sendo feito de idiota. Faz sentido?

**K. Hunter diz:**

Faz. Mas eu acho que a melhor maneira de saber se alguém está sendo honesto é dando uma chance. Você não concorda?

**Oliver C. Morais diz:**

Concordo. Mas é mais fácil falar do que fazer.

Nós passamos o resto da noite conversando. Oliver me contou do seu novo contrato e me mandou mais algumas cenas do livro, e depois entramos em assuntos mais leves.

Perto das 23h, fechei o notebook e voltei para dentro de casa. Com o coração explodindo de felicidade, me deitei e adormeci.

**XXX**

A aula de terça-feira pareceu interminável. Tudo o que o professor falava parecia grego, e eu não conseguia me concentrar direito, pensando na noite anterior e em tudo o que eu deveria fazer até domingo, inclusive desvendar o esquema de um perigoso traficante de drogas que, por acaso, era o agente literário do amor da minha vida.

O dia finalmente acabou e eu me arrastei até o bandejão. Fiquei na fila por intermináveis 20 minutos e consegui uma mesa afastada, o que me fez parecer mais *forever alone* ainda.

Eu comia de cabeça baixa e os meus pensamentos estavam longe, por isso nem percebi quando Pedro se aproximou; só tomei um susto quando ele bateu com a lata de Coca-Cola na mesa.

— Bom dia — ele sorriu. — Posso me sentar aqui?

— Pedro! Você quase me matou do coração! — eu exclamei. — Pode sentar, se as minhas veias explodirem eu vou precisar de alguém para me levar ao hospital.

— Senhoras e senhores — ele exclamou, enquanto se sentava —, com vocês, a rainha do drama! Palmas, por favor.

Eu ri com a piadinha e olhei em volta, percebendo olhares curiosos em nossa direção. Todos vindos de mulheres.

— Hm, Pedro — eu murmurei, curvando-me para frente. Ele me olhou com uma sobrancelha erguida. — A população feminina inteira do refeitório está olhando para nós dois.

— Que olhem — ele deu de ombros, abrindo a sua Coca e enfiando o canudinho nela logo em seguida. — Eu não devo nada a ninguém. Será que não posso almoçar em paz com a minha querida amiga Hannah?

Eu voltei a minha atenção para a comida, com medo de que ele percebesse as minhas bochechas coradas.

— Mas e aí, você vai amanhã?

Eu levantei os olhos, perdida.

— Ao meu show de *stand up open mic*, no Black Horse — ele continuou, percebendo que eu não fazia ideia do que ele estava falando. Seu semblante ficou mais sério, e ele parecia decepcionado. — Eu te convidei quando a gente saiu, lembra?

— Ah! Sim! Eu vou, claro que eu vou — eu sorri, e ele desfez a carranca,

sorrindo também. — Eu não perderia por nada nesse mundo!

— Preciso admitir que vou ficar nervoso com a sua presença — ele comentou, desviando os lindos olhos escuros dos meus, encarando as suas batatas.

— Não precisa. Eu prometo que vou rir, mesmo se suas piadas forem ruins — ele voltou a me olhar. — Vou rir até do seu “boa noite”!

— Isso que eu chamo de uma boa plateia!

— Ei, eu nasci para aplaudir.

— Não concordo — Pedro tomou um gole da Coca antes de continuar. — Acho que você nasceu para ser grande, Hannah Knight.

Eu sorri envergonhada, espetando um grão de milho com o meu garfo. Depois, levantei os olhos e os cruzei com os de Pedro. Diferente dos olhos de Oliver, tão quentes e sensuais, os olhos dele eram mais tranquilos e reconfortantes.

— Como você sabe o meu sobrenome? — perguntei, porque foi a única coisa que me veio a cabeça.

Além de, claro, uma vontade imensa de apertar as bochechas dele.

— Eu sei muito mais do que você imagina — ele colocou uma batata na boca e sorriu, me fazendo rir.

— Pedro, o homem que lê mentes.

— Pedro, o homem que te adicionou no Facebook ontem — ele tomou mais um gole da sua Coca e apontou com a cabeça para o meu prato. — Para de papo furado e coma as suas verduras, menina!

— Ok, foi mal, pai.

Nós dois voltamos a comer, conversando animadamente sobre qualquer

assunto que surgia. Ao final do almoço, ele se desculpou e teve que sair correndo para o treino. Eu ainda fiquei um pouco por ali, observando o refeitório se esvaziar e pensando no que Pedro havia dito.

*Acho que você nasceu para ser grande, Hannah Knight.*

### XXX

Eu caminhava para o ponto de ônibus quando o meu celular vibrou, avisando que eu havia recebido um novo e-mail. Curiosa, abri a minha conta e senti o coração diminuir no peito; havia esquecido que havia grampeado a conta normal de e-mail de Sergio Maia e ele havia acabado de receber um com o título “responder asap”.

*“Sergio,*

*Está tudo combinado para amanhã? Eu preciso saber, porque os meninos vão levar a carga para o Black Horse às 20h.*

*Aguardo uma resposta,*

*Vincent”*

Aquela informação me deixou ao mesmo tempo animada e com medo.

Por um lado, eu estava mais próxima de desvendar o esquema de Sergio do que nunca, mas, por outro, estava receosa de mexer pessoalmente com ele. Na Internet eu era destemida, mas na vida real não passava de uma garotinha indefesa e fraca.

Eu respirei fundo e continuei a minha caminhada, sem saber ao certo o que pensar sobre aquela situação.

### XXX

— Cara... — Dênis sussurrou, segurando o braço de João. — Isso vai dar merda...

— Cala a boca, Dênis — o ruivo sussurrou de volta, concentrado na tarefa em que havia se proposto. — Você não ajuda em nada com esses resmungos de mocinha. Nós entramos nessa e agora vamos até o final, caralho!

— Devia ser apenas algum inseto, ou qualquer coisa do tipo — o moreno se aproximou do ruivo, agachando-se. — Isso aqui é invasão de propriedade privada e roubo. Nós podemos ser presos!

— Sim, e nós estamos fornecendo cocaína para um dos maiores traficantes do Brasil, ser preso por invasão de propriedade privada não é nada comparado ao que ele faria se soubesse que alguém sabe dos esquemas dele — o ruivo respondeu, e isso calou a boca de Dênis, por fim.

Depois de algum tempo, João conseguiu abrir o quarto onde as fitas das câmeras de segurança eram guardadas. Os dois entraram sem fazer barulho e acenderam a luz.

— Que dia foi ontem? — o ruivo questionou.

João sempre fora corajoso; era sempre o primeiro a entrar em casas abandonadas com os coleguinhas no ensino fundamental, e aquele que sempre iniciava as brigas de rua. Mesmo assim, ele tinha que admitir que nunca havia sentido tanto medo em toda a sua vida, mesmo que serem pegos ali fosse o menor de seus problemas. E Dênis, com o seu papinho de gente fraca que não entendia nada da vida, só piorava as coisas.

Já Dênis sempre fora o oposto: um medroso com sede de vitória. Ele sempre fora rejeitado, por tudo e por todos, e via naquele esquema uma possibilidade de se dar bem como o incrível João, cara que via como um ídolo. Com o seu cérebro e a coragem de João, os dois iriam longe! Entretanto, quanto mais afundavam naquele barco, mais Dênis via que o ruivo não passava de um imbecil mesquinho que não pensava nas consequências dos seus atos.

— Dia 14 — Dênis murmurou, pegando a fita certa entre os dedos. — Aqui está. Vamos sair logo daqui.

— Sim — João pegou a fita de Dênis e a analisou com os olhos brilhando. — E vamos descobrir quem foi o filho da puta que invadiu o nosso laboratório.

## ONZE

Dênis e João assistiram a fita assim que chegaram no apartamento que dividiam, perto da segunda portaria da USP. Observaram embasbacados aquela garota desconhecida, alta e um pouco desengonçada invadir o laboratório com certa pressa e trancar-se no armário dos fundos. Voltaram e a assistiram mais algumas vezes, sem ter ideia de quem aquela poderia ser.

Foi então que resolveram envolver a perna invisível do tripé; quem os ajudava desde o começo naquele esquema todo.

Ele entrou no apartamento sentindo-se ligeiramente pequeno. Odiava que ligassem em seu celular, principalmente para tratar de assuntos como aqueles. Mas Dênis e João estavam tão desesperados que ele não teve alternativa a não ser ir até eles.

— Ok, vamos logo com isso — ele disse, sentando-se em uma cadeira bamba afastado dos colegas de negócio. — Por que vocês precisam tanto assim da minha ajuda? Eu já não cansei de dizer que só funciono bem quando estou invisível?

— O laboratório foi invadido — Dênis começou, dando *play* na fita. — E nós descobrimos isso. Ou melhor, *ela*. Só não sabemos quem é!

O grandalhão se ajeitou na cadeira, visivelmente entediado com aquele teatrinho que os palermas estavam fazendo. Fixou os olhos na TV, mais por curiosidade do que por preocupação, mas o que viu o fez mudar totalmente de ideia.

— *Caralho!* — ele exclamou, levantando-se e indo até mais perto da tela para poder enxergar melhor. — É a Hannah!

### XXX

Quarta-feira amanheceu com uma neblina incomum, mas eu já estava com os olhos abertos antes mesmo das 7 horas da manhã, olhava para o teto, sentindo o estômago fundo e sorrindo sozinha. Se pudesse definir um sentimento bom, eu descreveria aquele amanhecer.

Virei-me para o lado e observei o celular descansar em cima do criado mudo. Ele não havia emitido nenhum som desde que eu havia voltado do encontro com Oliver, e aquilo já começava a me preocupar.

*Ele deve estar dormindo, sua maluca,* pensei, pescando o celular de cima do móvel. *Pare de encanar.*

Mesmo assim, eu continuava encanada. Com os dedos rápidos, desbloqueei o celular e fui até as mensagens.

*Não faça isso!,* o meu cérebro dizia,  *você vai espantar o cara!*

Por outro lado, o meu coração parecia totalmente alheio aquele fato, berrando a plenos pulmões: *vamos lá, mande a maldita mensagem, você sabe que quer!*

Eu passei 19 anos da minha vida ouvindo a razão. *Hannah, você não tem tempo para sair com os amigos com o seu pai doente desse jeito,* ou *Hannah, você não precisa ir ao cinema, precisa estudar!,* eram pensamentos comuns no meu dia-a-dia. Mesmo com Emanuelle pegando sempre no meu pé, eram pouquíssimas as vezes que eu escolhia entretenimento aos estudos e ao trabalho.

Com esses pensamentos martelando a minha cabeça, digitei o que queria digitar e enviei, sentindo o coração bater com força dentro do peito.

**Bom dia, Oliver. Obrigada por ontem, eu me diverti muito!**

### XXX

O dia passou voando. As aulas foram tediosas, o almoço sofrido, a tarde insuportável e, ao cair da noite, eu queria sumir. E o motivo era um: Oliver não havia respondido.

Nada! Nem um “oi”, nem um “vá se foder”, nada. Nada!

Ao mesmo tempo, eu havia ligado para casa e Pietra me deu a bela notícia de que a minha mãe não estava muito bem. Eu disse que voltaria para casa, mas ela me pediu para esperar até o final de semana, o que eu resolvi acatar. Com tudo o que estava acontecendo na minha vida, passar o resto da semana em Ribeirão seria completamente impensável. De qualquer jeito, aquela notícia havia me deixando completamente aérea.

Quando Emanuelle chegou, eu já estava de pijama, com o celular no colo, olhando para o nada.

— Ah, oi, já chegou? — ela cumprimentou, jogando a bolsa em cima da mesa e começando a tirar a roupa. A janela estava aberta, e logo metade do prédio da frente olhava pela sacada para dentro do nosso apartamento. — Eu vou tomar um banho. Não vai se arrumar?

— Me arrumar para o que? — eu me virei para ela.

— Todo mundo vai no Black Horse hoje. O Pedro vai fazer um show de *stand up* ou qualquer coisa do tipo, pensei que você soubesse, já que agora são tão *amigos*.

Eu me lembrei do convite de Pedro e suspirei; teria que ir, eu havia

prometido que iria. E teria que fazer cara bonita, mesmo que Oliver estivesse lá.

Oliver. Que não havia respondido a minha mensagem.

— Ah — foi tudo o que eu disse, levantando-me da cama.

Emanuelle entrou no chuveiro e eu fechei a janela da sacada e as cortinas, acabando com a festa do prédio vizinho. Separei a minha roupa – calça jeans, camiseta e tênis. Quando a minha amiga saiu do banheiro, inundando o apartamento de fumaça quente, eu tirei o pijama e entrei em seguida. Tomei um banho rápido e, quando saí, Emanuelle já secava o cabelo. Ela usava um vestido justo e vermelho e saltos altos.

— Mudei um pouco o seu look — ela apontou com a cabeça para a minha cama.

No lugar da roupa que eu havia escolhido havia um vestido verde escuro de alcinhas, sapatilhas e jaqueta de couro preta.

— Mas está frio! — resmunguei, mesmo que fosse apenas um friozinho leve no meio do verão.

— Eu te esquento — ela apontou o secador em minha direção, jogando ar quente na minha cara. — Para de resmungar e vai se vestir.

Eu ainda xinguei baixinho, mas obedeci Emanuelle mesmo assim.

### XXX

Chegamos no Black Horse de Uber, já que Emanuelle queria beber e eu não gostava de dirigir o seu carro. Ficamos na fila por cerca de quinze minutos, e, quando achei que fosse acabar com o meu maço de cigarros antes mesmo de entrar, o segurança nos entregou nossas comandas.

Pegamos uma mesa de canto e pedimos uma porção de batatas fritas, além da cerveja de Emanuelle. Algum tempo depois, alguns amigos dela se juntaram a nós.

Eu estava ouvindo a história de um deles, que jurava ter visto um disco voador, quando o ruivo e o moreno “sócios” de Sergio Maia entraram juntos no local. Eles pareciam apreensivos, olhando em volta. Eu podia jurar que o ruivo passou os olhos por mim, mas em questão de segundos eles já haviam sumido no mar de pessoas.

— Emanuelle, eu vou pegar algo para beber, quer mais uma cerveja? — eu perguntei baixinho a minha amiga, que ria da história do OVNI.

— Sim, por favor — ela respondeu, voltando a sua atenção aos amigos.

Eu me levantei e caminhei a passos apressados pelo meio da multidão de jovens. Encontrei o ruivo e o moreno no bar. Ao lado deles, Samuel e Caio conversavam animados.

Aproveitando as artimanhas do destino, aproximei-me dos dois.

— Olá, meninos — sorri, enfiando-me ao lado deles. Naquela posição, poderia ouvir perfeitamente a conversa do ruivo e do moreno, mas não poderia ser vista, o que era perfeito. — Posso me enfiar aqui para pegar umas cervejas?

— Hannah! — Caio sorriu, beijando-me no rosto.

Samuel repetiu o seu gesto.

— Vai nos destruir no pôquer de novo? — Samuel perguntou.

— Só se vocês quiserem — eu sorri.

— Que bom que o Pedro te convidou — Caio completou.

— Sim! Vai ser uma noite legal — concordei.

Eu ouvi alguns murmúrios atrás de mim e aproximei a minha cabeça do ombro, tentando ouvir melhor com todo aquele barulho.

— ...ele disse que iria manter o laboratório trancado, mas você confia...

— ...professores tem esse direito...

— ...ele só está querendo ganhar em cima do nosso trabalho...

— ...o Moura nunca faria isso...

— ...ingênuo demais...

— Hannah? — Samuel chamou a minha atenção e eu levantei a cabeça. — Caio perguntou se você vai sábado no aniversário dele.

— Onde? — perguntei, querendo ganhar tempo.

— Lá naquele bar onde a cotação da bebida sobe ou desce durante a noite — Caio explicou.

— Vou sim, claro que vou — sorri.

Eu estava um pouco em choque em saber que Ricardo Moura, um dos professores mais queridos da Universidade inteira, talvez estivesse envolvido naquele esquema todo. Porém, não podia deixar transparecer o meu choque.

Percebi uma movimentação atrás de mim, e o ruivo e o moreno se afastaram juntos, segurando as suas cervejas.

— Que bom que você vai, Hannah — Caio sorriu, fazendo sinal para o *bartender*. — Duas, por favor?

— Três, na verdade — eu dei de ombros. — Preciso levar uma para a Emanuelle.

Eu segui o ruivo e o moreno com os olhos, e eles se sentaram em uma mesa comprida, lotada de alunos do terceiro ano de química.

— Aqui está — Caio estendeu a cerveja para mim. — Nos vemos por aí, então. E se não nos trombarmos de novo, até sábado, Hannah!

— Até sábado, meninos — eu sorri para Caio e Samuel, que se afastaram.

Quando me voltei para a mesa de química, senti mais uma vez que o ruivo me olhava.

Eu tirei aquilo da cabeça e fui até a minha mesa com Emanuelle.

Era só a minha imaginação pregando peças.

### XXX

Depois de um tempo vigiando o ruivo e o moreno, percebi que eles estavam ali para curtir, não para traficar. Eles estavam conversando e rindo com os amigos, e eu desisti de tentar descobrir alguma coisa; com certeza havia outra pessoa na jogada, mas eu não tinha ideia de quem poderia ser.

— Emanuelle, vou sair para fumar — eu avisei a minha amiga, que concordou, trocando olhares com o *bartender*.

Peguei a fila do fumódromo e sai alguns minutos de espera depois. Sozinha, fui até o canto, acendi o meu cigarro e me apoiei na parede.

Eu estava cuidando da minha própria vida quando um garoto se aproximou de mim.

— E aí — ele cumprimentou, acendendo um cigarro.

— Oi — eu sorri, sendo educada.

O garoto tinha mais ou menos a minha idade, talvez um pouco mais velho. Usava uma jaqueta de couro marrom, calça jeans e tênis. Tinha os lábios

grossos, nariz fino e olhos escuros, com sobrancelhas grossas enfeitando o rosto. Não era bonito, mas não chegava a ser feio.

— Você parece alguém que está precisando se divertir — ele comentou, depois de um longo período de silêncio.

— Me divertir? — eu finalmente olhei para ele, com uma sobrancelha erguida.

O garoto olhou de relance para o segurança do fumódromo, que organizava a fila atarefado, e virou-se para mim.

— Tenho coca. Tá afim? 100 reais a grama.

— O quê? Eu não — eu estava dizendo, quando um 'clic' na minha cabeça me fez mudar a abordagem — tenho todo esse dinheiro. Que exploração!

— Ei, não sou eu que digo os preços — o garoto deu de ombros. — Eu só revendo. É pegar ou largar.

— E como funciona? — perguntei, tragando meu cigarro e tentando parecer tranquila. — Quero dizer, não te revistaram para entrar aqui? Não é perigoso?

— Por favor — o garoto abanou o ar com as mãos —, você realmente acha que os donos dos estabelecimentos não saem ganhando com isso? Tem que ser realmente muito ingênua para acreditar nisso.

— Eu tive amigos que foram pegos por muito menos — eu menti, tentando retirar alguma coisa daquele garoto, qualquer coisa. — Qual é o esquema?

O garoto me olhou com desconfiança, e eu pude ver uma pequena cicatriz brilhante embaixo do seu olho direito.

— O esquema é o mesmo esquema que sempre existiu. Quem tem poder tem, quem não tem, se vira. Mas olha, não vai querer, eu preciso ir.

O garoto se afastou, mas eu ainda fiquei apoiada na parede, terminando

meu cigarro e sentindo as minhas mãos tremerem.

### XXX

Na volta do fumódromo, fiquei presa entre um grupo que acabara de entrar e estava se acomodando em sua mesa. Parei atrás deles e esperei, irritada com tudo aquilo. Quando percebi que eles demorariam uma eternidade para se sentar, resolvi dar a volta e passar pela outra sala, que parecia mais vazia e íntima.

Mas, assim que entrei nela, me arrependi amargamente de ter mudado de trajeto.

Oliver estava sentado em uma mesa de canto com uma morena muito bonita. Ela estava sentada de frente para ele, mas as suas mãos estavam dadas por cima da mesa.

Eu senti o meu coração diminuir e uma dor potente no estômago. Pensei que fosse vomitar, e esse sentimento aumentou muito quando Oliver percebeu que estava sendo observado e olhou para mim.

Diretamente para mim.

Então voltei correndo de onde havia saído. O grupo ainda estava se arrumando, mas eu empurrei duas meninas para o lado e consegui passar, ignorando os seus xingamentos.

Sentei-me ao lado de Emanuelle e peguei uma caneca de cerveja que estava dando sopa em cima da mesa, de algum de seus amigos que não estava mais ali. Ela estava cheia, mas eu a tomei inteira em alguns goles, limpando a boca em seguida. Sentia que poderia chorar a qualquer momento, então precisaria ocupar a minha cabeça.

— Nossa! — Emanuelle exclamou, rindo. — Isso que é sede!

Um garçom passava ali por perto, e eu o puxei pela manga da camiseta.

— Pois não?

— Dois chopps e dois shots de tequila, por favor.

O garçom anotou o meu pedido na comanda e desapareceu pelo balcão. Eu me virei para Emanuelle, que estendeu a sua cerveja para mim.

— Eu ainda não acabei a minha.

— Eu sei — eu respirei fundo. — É tudo para mim.

### XXX

Quando o dono do pub subiu no palco e avisou que o show de Pedro iria começar, eu já estava muito bêbada. Emanuelle não ficava muito atrás, rindo com uma hiena de tudo o que os seus amigos falavam.

Eu virei o meu terceiro shot de tequila e guiei o rosto vagarosamente em direção ao palco. Oliver ainda estava no fundo da minha mente, e tudo o que eu sentia era vontade de ir no banheiro e um incômodo no fundo do estômago.

Tudo rodava, e meus olhos já estavam pesados.

— Boa noite, Black Horse — Pedro desejou.

Eu me ajeitei na cadeira, jogando o cabelo para trás de uma maneira um pouco desgovernada. Apertei os olhos para poder enxergá-lo melhor, e ele olhou sorrindo para a nossa mesa.

Pedro usava uma camiseta de manga comprida azul, calça jeans escura e tênis. O cabelo estava um pouco úmido e os olhos pareciam mais escuros do que o normal. A sua pele cor de café reluzia com a luz.

— Como vocês estão? Eu estou uma merda — ele começou, andando de um lado para o outro com o microfone nas mãos. O show nem tinha começado e as pessoas já riam do jeito que ele falava. Eu ria também, mas porque estava mais bêbada do que um gambá. — Meu computador quebrou esses dias. E eu percebi o quanto eu dependo daquela máquina infernal. Nos primeiros cinco minutos foi tranquilo... nos outros cinco eu invadi o apartamento do meu vizinho e tentei transar com o notebook dele.

Todo mundo caiu na risada mais uma vez, e eu acompanhei.

— Então eu pedi para uma amiga minha me ajudar, que está cursando Ciência da Computação no IME. Alguém de CP aí?

Alguns garotos de uma mesa próxima a nossa berraram, e Pedro apontou para eles.

— Ali! Ali estão os caras que batem punheta jogando Skyrim!

O pub caiu na risada mais uma vez, e Pedro voltou ao assunto original.

— De qualquer maneira, eu pedi ajuda a uma amiga, que consertou o meu computador sem pedir nada em troca, o que foi bem legal da parte dela — ele olhou para mim e sorriu. Eu olhei para Emanuelle rapidamente, mas ela não parecia ter ligado uma coisa a outra, e continuava rindo, hipnotizada por ele. — Aí eu resolvi fazer *backup* das minhas coisas, né? E eu vi o quão patético eu sou. Vocês já pararam pra ver as suas fotos de, sei lá, 5 anos atrás? Não? Então façam. A minha versão de 15 anos tinha uma cara de sofrido que se eu me encontrasse na rua eu me daria 300 reais para consertar a minha cara.

Dessa piada as pessoas riram tanto que perderam o fôlego, e eu tomei mais um gole da minha cerveja, rindo genuinamente de todas as piadas de Pedro.

O show durou cerca de uma hora, em quando ele saiu do paco, foi

aplaudido em pé.

Pedro havia tirado Oliver da minha cabeça por cerca de uma hora.

E eu seria eternamente grata a ele por isso.

### XXX

Pedro saiu do palco e não apareceu mais. E eu continuei bebendo com Emanuelle, tentando desesperadamente tirar Oliver da cabeça. Mas, ao invés disso, só piorei toda a minha situação.

Eu era o tipo de bêbada que abria a boca para falar a verdade. E foi exatamente o que eu fiz depois do meu quinto shot.

— Foi um bom show — comentei, virando o resto da minha cerveja. — O que você achou?

— Um bom show — ela concordou, olhando em volta, procurando por alguém. — Eu vi o Oliver por aqui agora mesmo, mas não estou vendo mais, onde será que ele se meteu? Você o viu por aí? Queria conversar com ele...

— Eu vi — murmurei, sentindo tudo rodar.

Abaixei a cabeça, lembrando-me da visão de Oliver e a morena de mais cedo, querendo chorar mais uma vez.

— Hannah? O que foi, vai vomitar? — Emanuelle perguntou, levantando o meu rosto. Ela viu que eu tinha lágrimas embaixo dos olhos, por mais que eu estivesse me segurando para não as soltar, e arregalou os olhos. — O que foi?

— Eu saí com ele — murmurei, choramingando como uma criança imprestável, e Emanuelle franziu o cenho. — Eu saí com o Oliver. Ele me levou para jantar, para agradecer o almoço em Ribeirão. Nós nos beijamos, e

hoje ele está com outra garota. Eu não... me perdoe.

As palavras saíram da minha boca e eu senti os ombros mais leves, finalmente contando tudo para Emanuelle. Ela com certeza não havia entendido nada de almoço em Ribeirão ou qualquer outra coisa que eu havia dito, mas parecia em choque mesmo assim.

— Você o quê?

— Me perdoa, Emanuelle, eu gosto dele. Eu sempre gostei dele. Eu sou apaixonada por ele desde que vocês começaram a namorar. Eu só... aconteceu, e eu...

— E nunca te passou pela cabeça me contar isso? — ela perguntou, mas não parecia brava, apenas decepcionada. — Eu pensei que nós fôssemos amigas!

— Nós somos, você é a minha melhor amiga, mas ele é o seu ex, e eu...

— É, pois é, ele é o meu ex-namorado, e, sinceramente? Gosto muito dele, e amo você, e só quero ver os meus amigos felizes, e eu teria ajudado se você fosse honesta comigo, mas fazer tudo isso pelas minhas costas não foi nem um pouco legal — Emanuelle se levantou. — Eu esperava mais de você, Hannah.

Emanuelle saiu batendo os pés e eu me levantei, ignorando todos os olhares em cima de nós. Foi só quando eu me levantei que percebi como estava bêbada. Eu ainda tentei ir atrás dela, mas só consegui andar trançando as pernas. Apoiei-me em várias pessoas caminho afora, passando pelo segurança e saindo para a noite de São Paulo.

— Manu! — exclamei, procurando pela minha melhor amiga entre as pessoas.

De longe, avistei-a entrando em um Uber. Totalmente sem chão, sentei-me no meio fio e enfiei a cabeça entre as mãos, chorando copiosamente. Chorando de medo do que poderia acontecer comigo se Sergio Maia

descobrisse a minha espionagem, de medo de perder a minha mãe, por ter visto Oliver com outra menina e por ter brigado com a minha melhor amiga.

No meio do meu choro, senti que alguém se sentou ao meu lado. Assustada, levantei a cabeça e encontrei Pedro me olhando.

— O que aconteceu, Hannah? — ele perguntou, abraçando-me pelos ombros. — Eu te vi sair correndo do bar e vim atrás. Por que você está chorando?

— Pedro — eu deixei uma lágrima cair pelo rosto —, eu só preciso ficar sozinha...

— Não precisa não. É perigoso aqui fora, não vou te deixar aqui sozinha — ele disse, parecendo bravo.

Eu me virei para ele, consciente de que a minha maquiagem deveria estar toda borrada. Maquiagem essa feita por Emanuelle.

Pedro me olhou e secou uma das lágrimas que escorria pela minha bochecha.

— Vamos lá, pare de chorar — ele apertou mais ainda o abraço. — Estou odiando te ver assim.

— Me deixe sozinha, por favor — pedi mais uma vez, mas agora não tinha mais certeza se queria que ele fosse embora.

Ele aproximou o seu rosto do meu.

— Eu não posso te deixar aqui sozinha — ele murmurou, descendo os olhos para os meus lábios vermelhos e inchados do choro. — Você ainda não percebeu que eu me importo com você?

— O que você quer dizer com isso? — eu perguntei, e ele subiu os olhos para encontrar os meus.

Pedro parecia estar sofrendo, como se dizer tudo aquilo estivesse sendo

doloroso.

— Sei lá, eu gosto de você! Eu me importo com você — Pedro me olhava como se eu fosse a única pessoa no mundo. — Eu gosto de fazer você rir, e estou odiando te ver chorar nesse exato momento.

Eu abaixei o rosto, sentindo o meu corpo inteiro mole.

— Olhe para mim, por favor — ele pediu, e eu levantei os olhos novamente. — Eu não estou dizendo isso da boca pra fora. Hannah, eu só preciso...

Pedro nunca chegou a terminar a frase, já que a sua boca estava muito ocupada encostada a minha.

Nós nos beijamos com certa urgência. Eu segurei a sua nuca com as duas mãos e ele fez o mesmo. O beijo dele era doce e sensual ao mesmo tempo, e eu senti como se fosse sair flutuando a qualquer instante. Sua língua era macia e experiente e seus dedos estavam quentes contra a minha pele.

Com os olhos fechados, eu me lembrei de tudo o que Emanuelle havia sofrido nas mãos de Pedro, e de todos os conselhos que ela havia me dado. Se ela já me odiava por ter saído com Oliver, com certeza nunca me perdoaria por ter ficado com ele.

E aquele pensamento me atingiu em cheio. Com uma força fora de mim, eu o empurrei para longe e me levantei, ainda cambaleante.

— Eu não posso fazer isso — eu murmurei, um pouco rouca. — Me desculpe.

E quando dei por mim, estava correndo pela rua, sentindo novas lágrimas caírem pelo meu rosto. Estava próxima do ponto de ônibus quando senti tudo doer e rodar, e vomitei tudo o que havia no meu estômago no meio do asfalto.

## DOZE

Eu estava observando o líquido vermelho escuro e denso que saía pela minha boca quando senti duas mãos segurarem o meu cabelo em um rabo de cavalo improvisado. Mais uma rajada de vômito atingiu o chão perto dos meus pés e meus olhos se encheram de lágrimas. As mãos apertaram o meu cabelo e eu vomitei mais três vezes.

Quando senti que não tinha mais nada para colocar para fora, virei o rosto em direção as mãos que me amparavam e encontrei Oliver parado atrás de mim.

— Bebeu demais? — ele perguntou, sorrindo como se segurasse cabelo de estranhas que vomitavam no meio da rua todos os dias.

— Hannah! — a voz de Pedro atravessou o murmuro que eu estava prestes a proferir e Oliver me soltou. Tufos de cabelo se espalharam pelas minhas costas e um deles atingiu a minha boca com resquícios de vômito, o que foi um tanto quanto nojento. Pedro enfim percebeu Oliver ali parado e resmungou. — Oliver.

— Pedro — Oliver perdeu o sorrisinho presunçoso e afastou-se um pouco de mim. — Muito bom o seu show, parabéns.

— Você nem assistiu — Pedro olhava sério para o melhor amigo, e eu limpei a boca com as costas da mão. — Onde está a sua...

— Eu ouvi — Oliver o cortou, antes que ele pudesse terminar a frase, mas eu sabia que ele iria dizer “amiga” ou “acompanhante”. — Eu estava ouvindo. Foi muito bom.

— Valeu — Pedro se voltou para mim. — Você está bem, Hannah?

— Sim, eu estou bem — eu murmurei, envergonhada por estar rodeada por Pedro, Oliver e o meu vômito.

— Por que o interesse? — Oliver perguntou casualmente, mas eu pude perceber um fundinho de impaciência em sua voz.

— Eu não posso me interessar pelo bem-estar das minhas amigas? — Pedro rebateu, aproximando-se de nós dois.

Eu olhava de um para o outro, sem entender o que caralhos estava acontecendo ali. Tudo o que eu queria era ir embora, antes que recomeçasse a chorar ou vomitar. Quero dizer, Emanuelle me odiava, Oliver estava com outra e Pedro havia me beijado; estranho era que eu não estivesse aos prantos novamente.

— Só achei o interesse repentino — Oliver sorriu.

— Você me conhece há tantos anos, Oliv — Pedro também sorriu, mas algo entre os dois parecia forçado —, sabe como eu me preocupo com as pessoas.

— Acho que eu te conheço bem o suficiente, por isso a pergunta — Oliver rebateu.

Pedro abriu a boca para responder, mas as suas palavras foram encobertas por gritos agudos e desesperados. Nós olhamos para a origem do som e encontramos uma confusão de pessoas na frente do bar. De repente, a multidão se abriu e um dos seguranças surgiu, carregando um corpo mole em seus braços. Era uma garota de longos cabelos claros, que parecia desfalecida nos braços do homem. A única coisa que indicava o contrário era a sua boca coberta de uma espuma branca e o jeito que seus olhos se reviravam.

— Puta que pariu! — Pedro exclamou, sendo seguido pelo som da ambulância.

Oliver e Pedro correram juntos até a frente do bar, e eu aproveitei toda a confusão para me esconder no ponto de ônibus do final da rua.

De confusão já bastava a minha própria vida.

**XXX**

Quando eu cheguei no apartamento, Emanuelle não estava lá, o que eu suspeitei que aconteceria durante todo o trajeto de volta.

Eu pensei em ligar para ela enquanto me despia no banheiro, mas achei melhor dar tempo ao tempo. Eu ainda estava zonha pela bebida, com o estômago embrulhado e me sentindo muito mal. Precisava dormir um pouco e pensaria no que fazer no dia seguinte.

Depois de tomar um banho quente e longo, coloquei um pijama qualquer e me deitei na cama. Com os olhos fechados, lembrei-me de Oliver com outra garota e dos olhos de Pedro antes de me beijar. As imagens se misturavam a minha embriaguez, e eu adormeci com a cena do traficante do fumódromo me dizendo *“Por favor, você realmente acha que os donos dos estabelecimentos não saem ganhando com isso? Tem que ser realmente muito ingênua para acreditar nisso.”*

**XXX**

Eu acordei com uma dor de cabeça aguda. A luz solar atravessava a minha cortina por pequenas frestas e atingiam o meu rosto, o que potencializava a dor. A minha boca estava seca, minha cabeça prestes a explodir e o meu estômago parecia um emaranhado de arame farpado.

Por cerca de cinco minutos, eu só fiquei deitada na cama, esperando que aquela sensação horrível passasse. Mas ela não passou, e eu fui obrigada a me

levantar apenas três horas depois de ter me deitado.

Me vesti lentamente, depois de beber duas garrafas inteiras de água que encontrei na geladeira. Depois, sentei-me no sofá da sala e liguei o computador no colo, entrando primeiro nas contas de Sergio Maia, sem nenhuma novidade, para depois acessar o meu e-mail da USP. Eram e-mails e mais e-mails de coisas que não me interessavam, até que um me chamou a atenção. Ele tinha como título “Falecimento da aluna Amanda Lima” e dizia:

*“Caros alunos(as),*

*Lamentamos informar que a aluna Amanda Lima, do curso de Engenharia de Produção, faleceu na noite passada.*

*O velório será feito em sua cidade natal, Jundiaí, às 14h. O enterro será amanhã, no cemitério municipal, ao meio-dia.*

*Agradecemos se todos que conheceram Amanda pudessem comparecer e confortar a família nesse momento tão difícil.*

*Gratos,*

*a Direção.”*

De repente, a cena do dia anterior, da confusão na porta do bar, fez algum sentido. Sentindo a minha ressaca piorar duzentas vezes, entrei no grupo da USP no Facebook para procurar sobre o que havia acontecido, encontrando facilmente vários *posts* sobre a garota, que, aparentemente, havia convulsionado no banheiro do bar, em uma overdose de cocaína.

Dentre os comentários, um deles me chamou a atenção.

“Ela me disse que havia comprado de um traficante novinho que estava no fumódromo, eu disse a ela para que não se envolvesse com isso”, uma de

suas amigas lamentou.

Eu estava com os olhos arregalados. Sem saber direito o que fazer, fechei o Facebook e abri o fórum dos hackers. Com as mãos tremendo, mandei uma mensagem para L. Love.

*K. Hunter [mensagem enviada às 08h03]:*

L., uma garota morreu ontem. De overdose. Eles mataram uma garota, L.! Ela morreu!

*L. Love [mensagem enviada às 08h03]:*

K., desculpa, eu não posso falar agora. Depois conversamos.

*L. Love está offline.*

Meu coração estava a mil e, no momento em que eu mais precisava de L., ele estava ocupado demais para mim. Ele havia me colocado naquela enrascada e não tinha tempo para me acalmar e tirar as paranoias da minha cabeça.

Tremendo da cabeça aos pés, peguei o meu maço de dentro da bolsa e acendi um cigarro, ignorando totalmente a regra de não fumar dentro do apartamento.

Foda-se aquela regra estúpida.

Uma garota havia morrido.

No meio da minha crise, o meu celular vibrou duas vezes em cima do criado-mudo. Eu ainda terminei de fumar antes de pegá-lo, e fiquei com vontade de jogá-lo na parede quando vi quem havia enviado uma mensagem.

**Oi, Hannah. Você está melhor? Depois que você sumiu aquela garota que**

**nós vimos no colo do segurança morreu na nossa frente. Foi... uma das piores coisas que eu vi na vida. Você viu? Está bem? Desculpa não ter respondido a sua mensagem antes, eu estava ocupado com algumas coisas.**

Ao invés de responde-lo, eu tentei ligar para Emanuelle, mas as ligações só caíam na caixa postal. Enquanto tentava falar com a minha melhor amiga, a cena da garota sendo carregada pelos seguranças parecia passar diante dos meus olhos como um filme projetado. Eu só conseguia lembrar dos seus olhos virados para cima e da baba esbranquiçada que escorria da sua boca.

Aquela garota tinha a minha idade. Aquela garota estava viva, dentro do bar, provavelmente bem próxima a mim. E eu havia conversado com o causador da sua morte. E não havia feito nada para evitar aquilo.

Quando dei por mim, estava ouvindo a mensagem da caixa eletrônica de Emanuelle e chorando compulsivamente em cima da minha pilha de roupas para lavar.

**XXX**

Eu decidi não ir a aula e passei o dia trancada no quarto, esperando por sinais de Emanuelle. Tentei falar com ela por todos os meios possíveis – celular, e-mail, Twitter, Instagram, Facebook, WhatsApp –, mas ela havia desaparecido do mapa. Até liguei para a sua casa, mas uma de suas muitas empregadas apenas disse que não via Emanuelle há tempos.

Liguei para alguns de seus ficantes, alguns amigos, mas nenhum deles havia encontrado Emanuelle naquele dia. Cansada da procura e com uma dor de cabeça que só aumentava, desisti de Emanuelle, tomei duas aspirinas e me deitei.

Eu adormeci rapidamente, acordando algumas horas depois com o pôr do sol. Um pouco sonolenta, abri o computador para ver se Emanuelle havia respondido alguma de minhas mensagens, mas só encontrei uma de Oliver para K. Hunter no fórum de escritores.

**Oliver C. Morais diz:**

Por favor, me diga que está aí.

Eu não queria responde-lo – aliás, não queria nunca mais vê-lo na minha frente. Entretanto, algo em seu pedido me parecia sofrido, e eu não conseguia me livrar da crença de que o Oliver da Internet era o verdadeiro Oliver, e o Oliver da vida real não passava de um garotinho confuso querendo se provar. Além disso, eu havia me colocado naquela situação e teria que a levar adiante: K. Hunter e Hannah Knight eram duas pessoas completamente diferentes e, naquele momento, Oliver precisava da melhor amiga.

**K. Hunter diz:**

Sim, eu estou.

**Oliver C. Morais diz:**

Parece que eu não falo com você há décadas... como você está?

**K. Hunter diz:**

Eu estou bem. Um pouco cansada, mas bem... e você?

**Oliver C. Morais diz:**

Eu estou... impressionado.

**K. Hunter diz:**

Por que?

**Oliver C. Morais diz:**

Uma garota morreu na minha frente ontem.

**K. Hunter diz:**

Como assim uma garota morreu na sua frente ontem? O que aconteceu?

**Oliver C. Morais diz:**

Overdose. Eu estava em um bar... sei lá, foi tudo muito confuso, mas hoje de manhã recebemos um e-mail da direção da USP sobre o horário do velório e do enterro... eu não consigo tirar isso da minha cabeça...

**K. Hunter diz:**

Meu Deus... eu sinto muito, Oliver! Ela era sua amiga?

**Oliver C. Morais diz:**

Não. Mas, mesmo assim, eu não consigo tirar da cabeça a imagem dela desfalecida, revirando os olhos... além disso, antes de tudo acontecer, eu encontrei a Hannah, aquela menina de quem eu havia te contado, vomitando no meio da rua. E acho que... não sei, acho que talvez eu possa ter causado isso. Depois que nós fomos jantar ela me mandou uma mensagem, eu não respondi, depois sai com outra garota e ela viu... eu sou um idiota, né?

**K. Hunter diz:**

Bom, com base nesse relato, sim, você é um idiota completo. Por que não respondeu? Por que saiu com outra garota? Eu pensei que você tivesse gostado dela!

**Oliver C. Morais diz:**

Exatamente. Eu gostei dela. Mais do que eu gostaria... sei lá, eu disse para você que estou com medo, e sempre que alguma coisa tem a possibilidade de ficar séria, eu dou um jeito de estragar. Não sei se ainda estou pronto, depois do que rolou com a Emanuelle...

**K. Hunter diz:**

Isso é papo furado.

**Oliver C. Morais diz:**

O quê?

**K. Hunter diz:**

Isso mesmo que você leu: isso é papo furado. Uma desculpinha qualquer para que você possa continuar pegando garotas sem compromisso e sem peso na consciência. Você está agindo como um idiota, sabe que está agindo como um idiota, mas deu um jeito de se safar das consequências disso com esse pensamento de “oh, céus, como eu sou sofrido, uma vez na vida uma garota partiu o meu coração, como posso continuar vivendo?” Você deveria ter mais responsabilidade emocional, Oliver.

**Oliver C. Morais diz:**

Uau, isso foi... uau.

**K. Hunter diz:**

Verdadeiro? Bom, alguém tinha que te contar a verdade uma vez na vida, não é? Se você realmente gostasse dela, estaria com ela agora, e não choramingando sobre o fato de que nunca consegue levar para frente um relacionamento, porque isso é besteira. Um relacionamento é baseado em tentativa e erro. “Sempre que alguém se aproxima do meu muro de proteção eu não sei como agir”, ou “Eu sai de um relacionamento longo e me machuquei muito” e todas essas frases prontas são nada mais, nada menos do que um tapa buraco do fato de que você está sendo um babaca. Agora, você tem duas opções: lide com a sua babaquice e tente dormir tranquilamente a noite ou mude e tente fazer com que dê certo. Deu certo uma vez, não foi? Com a Emanuelle, não é? Por que foi diferente com ela? Porque você gostava de verdade dela. Porque você queria que desse certo. E não deu, e agora você está descontando as suas frustrações em garotas que não tem nada a ver com o fato de que você é uma criança que não amadureceu.

Eu estava tão nervosa que sentia vontade de ir até o apartamento de Oliver e lhe dar um tapa bem dado na cara. Quem aquele imbecil pensava que era para usar a famosa carta do “eu gosto muito de você e não sei como agir” comigo? Mesmo que ele não soubesse que estava falando comigo... de qualquer maneira, ele pensava que eu era idiota?

Oliver estava digitando a resposta quando eu ouvi batidas na porta.

Com esperanças de que fosse Emanuelle sem a chave, sai correndo, sem me importar com o fato de que usava um pijama antigo, o meu blusão da USP e o cabelo preso de qualquer jeito, parecendo um ninho de passarinhos.

Abri a porta com tudo, só para encontrar Pedro parado do outro lado.

— Oi, Hannah — foi tudo o que ele disse, antes de me pegar pela cintura e me beijar pela segunda vez em menos de 24 horas.

Totalmente pega de surpresa, a única coisa que eu fiz foi empurrá-lo.

— Pedro, o que é isso?

— Uma noite — ele pediu, entrando no meu apartamento sem pedir autorização e fechando a porta com o pé. — Uma noite para eu te provar que a gente está perdendo muito tempo.

— Você não precisa me provar nada — eu murmurei. — Eu não sou do tipo de garota que espera pelo príncipe encantado.

— Pois deveria — Pedro se aproximou de mim, e eu pude sentir o seu cheiro característico de loção pós-barba e grama sintética. — Porque você merece alguém que te faça sentir especial. E eu sou esse alguém.

Ele colocou uma das mãos na minha nuca e a outra na minha cintura. Seus olhos escuros estavam bem próximos dos meus, esverdeados e confusos. Por que, do nada, Pedro havia decidido investir em mim? No meio do furacão que a minha vida havia se tornado, com a minha mãe doente, Sergio Maia, Oliver brincando com os meus sentimentos, Emanuelle enfurecida comigo...

Mas, por outro lado, as minhas pernas haviam ficado bambas pelo simples toque dos dedos de Pedro na minha pele. E a minha boca havia se entreaberto com o jeito que ele a olhava.

Aquilo parecia certo, por mais esquisito que pudesse parecer.

Eu olhei com o canto dos olhos para o meu computador, e a resposta de Oliver estava paralisada na tela.

Sem me permitir rever aquela decisão, juntei os meus lábios aos dele e nós dois caminhamos juntos para o meu quarto; eu fechei o meu computador no trajeto.

Deitei-me na cama e Pedro tirou o blusão que usava antes de deitar-se por cima de mim, revelando uma camiseta do The Who. Ele voltou a me beijar e tudo o que eu conseguia pensar era no quão errado era aquilo. E no fato de que a minha depilação não estava muito em dia também... não que eu estivesse com uma floresta amazônica, mas também não estava perfeita como deveria estar para uma primeira vez.

E aquilo me atingiu em cheio.

Eu teria a minha primeira vez com Pedro? Sem pensar? Sem planejar? Só porque eu estava magoada e irritada com as pessoas na minha vida? Só porque eu estava puta com Oliver e precisava me desligar de todos os meus problemas?

Só porque os lábios de Pedro tinham gosto de hortelã?

Será que aquela era mesmo a decisão certa?

Claro que qualquer garota em plenas faculdades mentais guardaria tudo aquilo para si e fingiria demência.

Mas eu tinha que estragar tudo.

— Eu sou virgem — disparei de uma só vez, empurrando Pedro de leve para cima. Ele se apoiou nos cotovelos e me olhou, arregalando os olhos. — É, eu sou virgem, é isso aí. Eu nunca nem... nunca nem... peguei... em um... hm... é... é isso aí...

— Eu... — Pedro pigarreou antes de continuar. — Eu... nem sei o que dizer... eu quero muito ficar com você, mas isso muda as coisas. Porque, não sei, você vai lembrar disso pro resto da sua vida. Você quer que... bom, você quer se lembrar comigo? Eu só não quero fazer nada que você se arrependa depois.

Pedro poderia ter dito que não se importava. Poderia ter dito que iria devagar comigo. Poderia ter dito que faria com carinho. Mas, ao invés disso, ele se importou em me perguntar se eu queria ter a minha primeira vez com ele.

Aquilo só me deu mais certeza de que aquele era o momento certo.

Podia não ser como eu havia sonhado. Nem com quem eu havia sonhado. Mas eu nunca estivera tão certa em toda a minha vida.

— Só — eu o puxei para mais perto e ele se deitou sobre mim novamente — vá devagar.

E foi o que ele fez.

Pedro tirou a minha roupa enquanto me beijava, peça por peça, até que eu ficasse pelada. Foi estranho, eu nunca havia ficado como vim ao mundo na frente de alguém que não Emanuelle, mas ele parecia à vontade. Depois que sentíamos apenas pele contra pele, ele fez coisas que arrancaram gemidos de mim, coisas gostosas, que eu nunca havia provado antes; desceu os beijos em trilha até o meio das minhas pernas e, apesar do meu constrangimento, ficou algum tempo por lá, acariciando os meus seios enquanto isso. Foi gostoso, mas eu não atingi o orgasmo como fazia sozinha.

Depois, ele voltou a beijar a minha boca e, de repente, tirou uma camisinha sabe-se lá de onde, protegendo-se.

— Você está pronta? — ele perguntou, posicionando-se.

O seu rosto estava lindo, tomado por tesão.

— Sim — murmurei. — Vai com cuidado.

— Eu vou.

Pedro me penetrou devagar, ofegando, e o meu hímen foi rompido.

Eu não posso dizer que foi a coisa mais confortável do mundo, porque não foi. Foi dolorido e esquisito, mas acabou rápido e Pedro deitou-se ao meu lado, ofegante e suado.

Eu, por outro lado, não estava ofegante, nem suada. Estava... esperando que fosse melhor do que aquele vai e vem estranho.

Então era por aquilo que as pessoas perdiam a cabeça?

Acho que eu preferia ficar no computador.

— Me desculpe por isso — ele murmurou, depois que a respiração se normalizou. — Geralmente eu duro mais.

— Desculpe por parecer uma múmia — respondi. — Não foi a coisa mais confortável do mundo, mas acho que vou melhorar nas próximas.

Assim que eu acabei de pronunciar aquilo, senti o meu rosto esquentar. Como eu era idiota, já supondo que teria uma próxima e que nós andaríamos de mãos dadas no shopping!

— Se houver uma próxima, é claro, eu não quis...

— Vai haver uma próxima — ele se virou para o lado e beijou a minha bochecha. — Para falar a verdade, eu já estou me preparando para uma próxima agora mesmo. O que você acha?

— Eu acho — eu observei a maneira como Pedro sorria com os olhos, e como ele parecia feliz e realizado com tudo aquilo, e aquilo me contagiou de uma maneira inexplicável — uma ótima ideia.

De repente, eu não tinha mais nenhum problema.

De repente, minha vida era linda.

De repente, éramos Pedro e eu.

## TREZE

— Consegui, seus merdas — Dênis e João deram um pulo do sofá no qual estavam sentados assim que a terceira perna do tripé invadiu o quarto de João. Os dois passaram o dia esperando por ele, mas, mesmo assim, não estavam preparados quando ele chegou. Nunca estavam. — Sábado nós teremos uma queima de arquivo.

— Queima de arquivo? — Dênis arregalou os grandes olhos infantis. — Vocês vão... vão *matar* a garota?

— O que você esperava que nós fôssemos fazer, princesa? — ele perguntou, sentando-se longe dos dois e acendendo um cigarro. — Nós ainda não temos a arma do MIB Homens de Preto para fazê-la esquecer do que viu. É isso ou lidar com o Maia depois que ele souber que vocês se deixaram ser seguidos. O que vocês preferem?

— Ela é uma garota, cara — João sussurrou, com os olhos fixos no cigarro do amigo. — Uma garota da nossa idade.

— A que morreu de overdose ontem também era — o garoto se levantou, soltando a fumaça do cigarro no rosto de Dênis. — Vocês deviam ter pensado nisso antes de entrar na parada. Agora a grana não parece mais tão fácil assim, não é mesmo?

Ele soltou uma risada sádica e saiu do quarto, apagando o cigarro quase inteiro no aquário do peixinho dourado de João.

Assim que ele saiu, Dênis enfiou as duas mãos entre o ralo cabelo.

— Puta que pariu, cara, eles vão matar a garota! Puta que pariu!

— Sim, eles vão. E você vai ficar com essa porra dessa boca fechada — João o fuzilou com os olhos, também nervoso. — Ao menos que queira ser o próximo. Agora vaza, eu preciso fazer algumas coisas.

Dênis saiu do quarto do amigo sem dizer nada. No corredor, encostou-se na parede e ligou o celular, com a página do Facebook aberta nas informações do velório e enterro da garota morta no dia anterior.

O moreno sentiu um arrepio percorrer a coluna e saiu correndo, vomitando todo o seu café da manhã pela janela.

### XXX

Depois da segunda vez, eu e Pedro nos cansamos e adormecemos, eu com a cabeça em seu peito, ele me fazendo cafuné. Eu estava dolorida e me sentindo um pouco esquisita, mas, acima de tudo, morta de cansaço – não tinha ideia de que fazer sexo fosse ser tão desgastante e cansativo.

Acordei algum tempo depois, ouvindo barulhos do lado de fora. Abri os meus olhos, crente de que já era de manhã, mas percebi então que o quarto estava sendo iluminado pela luz da lua, e que Emanuelle estava parada no batente da porta.

— Emanuelle? — eu sussurrei, com a voz rouca, sem entender o que estava acontecendo. Pedro se mexeu ao meu lado, e eu me lembrei de tudo, arregalando os olhos. — Emanuelle, o que você está fazendo aqui?

Minha melhor amiga não respondeu, parecendo paralisada. O seu rosto estava molhado de lágrimas, algumas percorrendo as suas bochechas e atingindo o pescoço.

— Emanuelle, por que você está chorando?

— Eu não acredito que você pôde fazer isso comigo — ela disse, chorosa, soluçando entre as palavras. — Eu não acredito que você nasceu sem empatia alguma. Eu não acredito nisso!

— Por favor — eu me sentei na cama, cobrindo os seios com o lençol. Pedro, ao meu lado, resmungou alguma coisa, ainda um pouco sonolento. — Por favor, Manu! Não fale isso, por favor!

Emanuelle me olhou, e aquilo partiu o meu coração. A sua maquiagem estava toda borrada e ela parecia um lixo – eu nunca havia visto a minha melhor amiga daquela maneira.

— Eu não estou falando com você, Hannah — foi tudo o que ela disse.

Aquilo me deixou mais confusa do que eu já estava. Porém, antes que eu pudesse responder qualquer coisa, Pedro se sentou na cama, olhando para ela.

— E aí, Emanuelle — ele disse, a voz rouca e os olhos vermelhos.

Emanuelle não conseguiu conter os soluços, e eu arregalei os meus olhos.

Se ela não estava falando comigo, então estava falando com...

— O que foi? Por que está chorando e falando sobre empatia? Só você pode transar agora? — ele quis saber, acendendo a luz do abajur.

— Ah, vai se foder, Pedro — Emanuelle respondeu, secando com força as lágrimas do rosto. — Pode voltar para a sua programação normal. Sexta-feira, madrugada, fingir estar apaixonado para transar com garotas inocentes...

— Ah, então eu vou receber lição de moral agora? De você? Essa é nova! Por essa eu não esperava! — Pedro bateu algumas palmas acima da minha cabeça. — Você realmente deveria ter investido na sua carreira de atriz, Manu.

— Pedro! — eu exclamei, olhando incrédula para ele.

— Você não cansa de me surpreender, Emanuelle — ele deu de ombros, ignorando a minha chamada de atenção.

— *Cala a boca, seu babaca!* — ela exclamou. — A única coisa que você fez entrando na minha vida foi bagunçar tudo. Primeiro o meu orgulho, depois a minha sanidade mental, e agora a minha melhor amiga!

— Você não é o umbigo do mundo, sabia disso? — Pedro também levantou a voz, e o vizinho deu dois socos na parede.

— Você não podia ter feito isso! *Não podia!* — Emanuelle rosnou, apontando para mim e abaixando a voz. — Ela não merecia fazer parte desses seus joguinhos mentais nojentos.

Eu olhei de Pedro para Emanuelle, sem entender nada.

— Todos os seres humanos têm o livre arbítrio de dizer não, Emanuelle, inclusive a Hannah — ele deu de ombros. — Você também teve o seu. Não me culpe pela situação em que nós estamos.

— Você é nojento — Emanuelle chorava tanto que a gola da sua camisa estava molhada. — Eu tenho nojo de você.

Pedro soltou uma risada debochada.

— Nojo de mim, é? — ele provocou. — Essa é nova. Você deveria ter nojo dos caras com quem passa a noite.

Emanuelle desencostou-se da porta e veio até nós, dando um tapa ardido no rosto de Pedro, que abriu a boca de espanto.

— Nunca mais me dirija a palavra — ela espumava de ódio, com o dedo indicador em riste na frente do rosto dele. — Você morreu para mim. E você — ela se virou para o meu lado, com os olhos apertados em uma expressão de ódio — não se faça de vítima quando tudo estourar na sua cabeça, porque eu tentei te avisar que ele é um merda, mas você não quis me ouvir!

— Ótimo! — Pedro exclamou, com a mão na bochecha estapeada, enquanto eu não conseguia dizer nada. — Era isso o que eu queria.

Emanuelle lançou um último olhar magoado em minha direção e saiu do quarto, batendo a porta atrás de si.

Assim que ela saiu, eu empurrei Pedro para o lado e puxei todo o lençol, enrolando-me nele. Saí correndo até a porta, mas ele veio atrás e me impediu de sair.

— Esquece, ela está de cabeça quente, não vai adiantar nada — ele disse, segurando o meu cabelo com delicadeza. Eu me virei e o empurrei para longe. — Ei, qual é? O que eu fiz?

— Que merda foi essa, Pedro? — eu quis saber, com ódio. — Que merda foi essa que acabou de acontecer aqui? O que exatamente existe entre você e a Emanuelle? O que você está escondendo de mim?

Pedro me olhou por alguns segundos, e depois caminhou em silêncio até a sua cueca, vestindo-se sem me responder.

— Me responde, Pedro! — eu implorei, jogando uma almofada em formato de hambúrguer nele, atingindo a sua coxa esquerda. — Me responde, porra!

Ele continuou em silêncio, vestindo as suas peças de roupa uma por uma, enquanto eu esperava uma resposta. Depois de vestido da cabeça aos pés, ele me olhou, e o Pedro que havia me prometido o mundo algumas horas antes havia desaparecido.

— Por favor — eu pedi, não conseguindo acreditar naquilo. — Por favor, não me diga que vocês dois...

— É complicado. E eu preciso ir, Hannah — ele murmurou com a voz rouca, caminhando em minha direção e beijando a minha testa. — Eu sinto muito.

Ele saiu do meu quarto e fechou a porta. No mesmo instante, eu comecei a

chorar. Não de tristeza, mas sim de ódio. Ódio por ter acreditado na sinceridade dele, ódio por não ter ouvido Emanuelle, ódio de mim mesma... peguei uma escova de cabelo de cima da escrivaninha e joguei em direção a porta, gritando.

Sem saber direito o que estava fazendo, coloquei uma calça de moletom e uma camiseta, calçando os meus chinelos. Peguei o meu maço de cigarros da bolsa e vesti um casaco qualquer, saindo porta afora.

### XXX

Madrugada adentro, me dei conta de que havia esquecido o isqueiro na bolsa. Sem vontade de voltar para o meu quarto, caminhei para fora do prédio e sem rumo, até encontrar um banco de concreto. Sentei-me nele e enfiei a cabeça entre as mãos.

Estava dividida entre a perspectiva de me tornar freira ou mudar para a Indonésia quando senti uma presença. Assustada, levantei a cabeça e dei de cara com Caio, o amigo de Oliver e Pedro.

— Desculpe, eu te assustei? — ele quis saber, sentando-se ao meu lado.

— Um pouco — respondi, dando de ombros. — Você por acaso teria um isqueiro para me emprestar?

— Eu não fumo — ele me lembrou, e eu fiz uma careta. — Mas como hoje é o seu dia de sorte e você está de moletom no meio da rua, eu estou com o isqueiro do Oliver no bolso da calça.

Ao ouvir o nome de Oliver eu fiquei com vontade de chorar novamente. Mas, para não parecer uma maluca depressiva, apenas aceitei o isqueiro e acendi o meu cigarro com as mãos trêmulas.

— O que está fazendo acordada às 3h23 da madrugada? — ele quis saber, guardando o isqueiro no bolso da calça assim que eu o devolvi.

— Esfriando a cabeça — murmurei.

— Não podia esfriar a cabeça no seu quarto?

Eu fuzilei Caio com os olhos, que jogou os braços para trás em sinal de rendição.

— Ei, eu só estou brincando!

— Eu não podia mais ficar no meu quarto, estava me sentindo claustrofóbica — eu expliquei, tragando o cigarro.

— É, eu também estou dando uma esfriada na cabeça — o moreno apontou para o prédio da frente, onde dividia o apartamento com Samuel. — O Samuel engoliu um trator e não para de roncar.

Aquilo me fez rir um pouco, e ele sorriu.

— Finalmente!

— Finalmente o que?

— Você sorriu — ele deu um soquinho carinhoso no meu queixo, e eu abaixei o rosto.

— Obrigada, Caio — agradei. — Essa está sendo uma noite muito difícil.

— Quer conversar?

— Eu acho melhor não — eu encolhi os ombros. — Não é com você nem nada do tipo, eu só... não quero conversar sobre isso.

— Tudo bem, podemos falar sobre unicórnios — ele sugeriu, me fazendo rir novamente. — Isso está sendo mais fácil do que eu planejei.

Eu acabei o meu cigarro enquanto ele me contava uma história sobre um unicórnio voador que tinha três filhos unicórnios e um pônei que se sentia menosprezado. Na metade da história, eu pedi pelo amor de Deus que ele parasse com aquilo, e nós rimos por bastante tempo.

— Bom, acho que eu já consegui te animar o suficiente — ele colocou uma mão no meu ombro. — Eu preciso dormir. Mas te vejo no meu aniversário, né?

— Ah, sobre isso... — eu comecei, mas ele negou com a cabeça diversas vezes.

— Não! Não, não e não! Você prometeu que iria e eu vou contar com a sua presença! E se você não for eu vou te assombrar pelo resto da sua vida!

— Tudo bem — menti, para que ele não continuasse tentando me convencer. — Eu dou uma passada por lá.

— Isso, boa menina! — Caio bagunçou o meu cabelo como se eu fosse uma criança e se levantou. — Nos vemos amanhã.

— Sim, nos vemos amanhã.

Ele se afastou e eu continuei no banco de concreto, amaldiçoando a minha maldita falta de sorte.

### XXX

Eu voltei para o meu quarto quando o sol já estava nascendo. Queria só pegar as minhas coisas, tomar um banho e ir direto para a USP, pois sabia que não iria conseguir dormir com tantas coisas na cabeça.

Entrei no apartamento, estranhamente vazio, e me sentei na cama. Cansada, suspirei e olhei para o meu computador fechado na escrivaninha. Caminhei

até ele e o abri, só para que pudesse desliga-lo corretamente. A tela brilhou e eu coloquei a minha senha. Quando enfim fiz o *login*, o fórum de escritores pulou aos meus olhos, e a resposta de Oliver estava paralisada na tela.

Sentindo o meu coração praticar *bungee jump*, eu respirei fundo e comecei a ler.

**Oliver C. Moraes diz:**

Você está sendo injusta comigo.

**Oliver C. Moraes diz:**

Eu gostei dela! Gostei da risada dela. Eu gostei do modo como ela me atacou por minha personagem favorita em Game of Thrones ser a Cersei. Gostei como ela me deixou na mão no final da noite, me fazendo perder o sono pensando no que poderia ter sido. Gostei também como ela ficou vermelha depois de tomar quase uma garrafa inteira de saquê... para ser sincero, eu não paro de pensar nela. Fico imaginando todos os tipos de encontros que poderíamos ter, e em como seria legal leva-la para a cama. Eu saí com outra garota e fiquei comparando as duas o tempo inteiro... eu gostei demais dela, K., e é justamente por isso que não posso me dar ao luxo de cair de cabeça.

**Oliver C. Moraes diz:**

Eu não sei se você vai conseguir me entender, porque já fiz todos esses pré-julgamentos baseados em experiências pessoais anteriores que eu compartilhei com você. Mas ela é a melhor amiga da minha ex-namorada, que foi a única garota que eu amei nessa vida. Além disso, o Pedro parece uma mosca varejeira em cima dela, o que complica mais ainda as coisas, já que ele é o *meu* melhor amigo.

**Oliver C. Moraes diz:**

Seria complicado demais, e de complicado já basta a minha vida. Se por um lado eu quero andar no shopping de mãos dadas com ela, por outro, eu não quero me envolver em mais uma relação confusa e turbulenta, por doeu demais da primeira vez.

**Oliver C. Moraes diz:**

Será que é pedir demais por uma garota normal? Uma garota que eu

possa, sei lá, levar para jantar sem ficar pensando em todas as pessoas que vão ficar magoadas com aquela história? Uma garota que eu possa apresentar para os meus pais sem ter que ficar explicando depois como diabos eu fui acabar com a melhor amiga da minha ex-namorada?

**Oliver C. Morais diz:**

Acredite em mim, K., eu não estou receoso porque tenho medo de ficar com peso na consciência, ou porque quero apenas relacionamentos casuais. Eu estou receoso porque tenho medo de magoar as pessoas a minha volta. Tenho medo de magoa-la, inclusive.

**Oliver C. Morais diz:**

E sim, você está correta quanto ao fato de que eu talvez esteja descontando as minhas frustrações antigas nesse novo relacionamento, se é que eu posso chama-lo assim. Sim, eu tenho medo de me magoar de novo. Sim, eu tenho medo de gostar tanto dela a ponto de não imaginar mais a minha vida sem ela ao meu lado, e, do dia para a noite, perceber que a perdi. Aconteceu com a Emanuelle, e doeu demais. Homens também sofrem por amor, homens também tem medo de se machucar.

**Oliver C. Morais diz:**

É uma junção de tudo. Medo de magoar os outros, medo de que a trilha sonora da minha vida volte a ser Adele.

**Oliver C. Morais diz:**

E quer saber do que mais eu tenho medo? E isso vai soar bem idiota, mas eu tenho medo de ficar com ela e, depois de muito tempo, perceber que a garota certa para mim é você. Você, que eu nunca vi pessoalmente, que eu não sei como se parece, mas que já é uma parte tão importante da minha vida.

**Oliver C. Morais diz:**

Eu nem sei porque estou dizendo todas essas coisas... eu não sou o tipo de cara que fica se lamentando. Eu não sou o tipo de cara que consegue explicar o que está sentindo – eu geralmente faço piadas sobre isso.

**Oliver C. Morais diz:**

Bom, acho que você saiu. Eu vou sair também, o Pedro ainda não voltou e eu vou aproveitar para tentar dormir.

**Oliver C. Morais diz:**

Por favor, não se assuste com o que eu disse, eu só precisava tirar isso do meu peito.

**Oliver C. Morais diz:**

Eu sei que posso ser um pé no saco às vezes, mas eu sou realmente grato por tê-la como minha melhor amiga.

**Oliver C. Morais diz:**

Boa noite, K.

Eu acabei de ler tudo aquilo me sentindo um lixo, e apenas apoiei a testa na escrivaninha, voltando a chorar.

## QUATORZE

Eu fui para a USP me sentindo um lixo. Na verdade, só fui porque tinha prova valendo metade da média. Eu não havia estudado absolutamente nada; com tudo o que estava acontecendo, cálculo III era a minha última preocupação.

Imaginando o que a minha mãe diria daquela irresponsabilidade, sentei-me no fundo da sala e esperei. Quando o professor chegou e todos começaram a repassar informações uns com os outros, eu tive a plena certeza de que estava ferrada; eles pareciam falar grego.

Eu recebi a prova e fiquei uns bons 10 minutos só olhando para ela, tentando descobrir se aquilo era mesmo português. Tentei fazer alguns exercícios, mas, de tempos em tempos, me pegava pensando em como Pedro havia ido embora do meu quarto depois que transamos, ou na resposta de Oliver no chat dos escritores.

Eu havia causado tudo aquilo – eu e mais ninguém.

A minha consciência nunca mais estaria limpa... eu havia crucificado Oliver, não me importando em ouvir a sua resposta, e havia perdido a minha virgindade com Pedro só porque ele estava me tratando bem, fazendo bem para a minha autoestima, mesmo sabendo como ele era, mesmo Emanuelle tendo me avisado diversas vezes sobre a sua fama. Aquilo tudo era culpa minha, e eu me sentia um lixo.

Sabendo que não conseguiria terminar aquela prova, levantei-me e a entreguei em branco para o professor, que me olhou surpreso.

— Srta. Knight...?

— Me desculpe, professor, eu não estou passando muito bem — respondi, e não era mentira, eu estava mesmo passando um pouco mal.

Sai da sala e comecei a caminhar a esmo pelo IME, sem rumo nem objetivo. Não sabia o que fazer, nem como reverter aquela situação. Eu não era mais virgem e nunca mais seria, e havia perdido a minha virgindade com alguém que não havia sido sincero comigo. Por outro lado, não poderia ficar com Oliver, pois ele havia deixado claro que nunca se sentiria confortável ao meu lado, já que eu era a melhor amiga da sua ex-namorada.

Sentindo o estômago roncar, fui até o restaurante estudantil, que ainda estava vazio por ser bem cedo. Lentamente, servi-me de pequenas batatas assadas, creme de espinafre, bisteca e fui me sentar. Escolhi uma mesa vazia no fundo do salão, e agradei por poder comer em silêncio, eu e os meus pensamentos. Estava no meio da minha refeição quando ouvi quatro vozes conhecidas.

Obriguei-me a não me mexer, pois sabia que Oliver, Pedro, Samuel e Caio estavam sentados atrás de mim.

— ...estou tentando convencer o dono do bar de...

— ...porra cara...

— ...mas não vai ganhar nem uma garrafa de...

Eu enfiei o resto das minhas batatas na boca e engoli tudo com ajuda da Coca-Cola que havia comprado. Levantei-me rapidamente, mas calculei mal o espaço entre a mesa e a cadeira, e acabei derrubando o prato e os restos de comida no chão. *Putá que pariu*, eu pensei, agachando-me para recuperar a bandeja. Eu sentia os olhos do salão inteiro em mim, inclusive dos quatro amigos.

Respirando fundo, ajeitei-me e caminhei para longe dali. Entretanto, eu não consegui me controlar, e acabei olhando para os garotos. Acabei flagrando Pedro, que desviou os olhos de mim e voltou a conversar, como se a noite anterior não tivesse acontecido. Ao contrário dele, Oliver me olhava sem

vergonha, com um sorriso triste nos lábios.

Querendo que um buraco se abrisse embaixo dos meus pés, despejei a bandeja no local indicado e paguei o almoço, saindo correndo dali.

### XXX

Voltando a ficar sem rumo, decidi dar uma volta pelo campus para tentar clarear as minhas ideias. Fumei alguns cigarros, ajudei alguns calouros perdidos e, quando cansei de fingir que estava distraída, caminhei até o instituto de biologia.

Já na entrada, encontrei quem eu estava procurando. Emanuelle estava sentada em um banco de concreto, conversando com um garoto e de costas para mim. Eu nem sei quanto tempo fiquei ali, observando a minha melhor amiga e tentando juntar coragem para ir falar com ela. A coragem não apareceu e, no meio da conversa, o garoto colocou uma mecha do cabelo de Emanuelle atrás de sua orelha, disse alguma coisa e os dois se abraçaram.

Com medo de que eles pudessem me ver e amedrontada demais para falar com Emanuelle, dei meia volta e saí dali, com o coração na boca. Eu queria consertar as coisas com ela, mas não era mulher o suficiente. Sentia-me estúpida pelo o que havia feito, por ter traído a sua confiança mesmo suspeitando dos seus sentimentos por Pedro, e completamente miserável por não ter ouvido a minha melhor amiga. Amiga essa que sempre havia sido ótima comigo, que estava pagando o caríssimo tratamento da minha mãe, e eu optei por apunhalá-la na primeira oportunidade.

Voltei para o apartamento e, ignorando todas as coisas de Emanuelle espalhadas pela casa que me faziam lembrar dela e me deprimiam, eu me enfiei no quarto, agora vazio e triste; eu tinha a impressão de que as paredes estavam produzindo eco, mas podia muito bem ser coisa da minha cabeça exausta.

Caí na cama e acordei cinco horas depois, tremendo. Abri os olhos e percebi que a janela estava aberta. Irritada, fechei-a e voltei para a cama, mas não tinha mais vontade de dormir. Ao invés disso, abri o meu notebook e entrei nos arquivos de Sergio, para ver se encontrava alguma novidade; mesmo que estivesse despedaçada, precisava terminar o trabalho para poder pagar Emanuelle e deixar L. Love feliz.

Aos poucos, e para o meu total desespero, fui percebendo que o computador do empresário havia passado de a prova viva de um criminoso para um diploma de homem de família exemplar, o famoso “homem de bem” brasileiro. As fotos com as prostitutas e os capangas haviam desaparecido, dando lugar a fotos dele com os filhos e a esposa, além de e-mails de trabalho e sites de notícias, gritando “empreendedor” na minha cara.

Fucei todas as pastas possíveis, mas não consegui absolutamente nada. Eu tinha todos os arquivos antigos no meu próprio computador, então aquilo não era propriamente um problema, mas eu estava assustada mesmo assim. Por que diabos ele havia deletado tudo? Algum motivo ele tinha que ter.

Depois, tentei me *logar* no programa “GoAndGone”, que ele usava para se comunicar com os seus capangas, mas descobri que, assim como as fotos, ele havia sido deletado.

Fechei tudo rapidamente e entrei no fórum de hackers. L. Love teria que me responder dessa vez.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h49]:*

L., você pode falar?

*L. Love [mensagem enviada às 19h49]:*

Posso.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h49]:*

Sergio deletou os arquivos que o incriminavam do computador. Acho que ele sabe de alguma coisa... tenho por que ficar com medo?

*L. Love [mensagem enviada às 19h50]:*

Provavelmente.

Eu respirei fundo. O que estava acontecendo? Aquele não era o L. Love, meu melhor amigo e mentor. Aquele era um estranho, que já há alguns dias não se importava comigo – alguém que eu nunca pensei que L. fosse se tornar. Mesmo que eu não soubesse o seu nome, mesmo que ele fosse somente uma sombra, alguém que não tinha nenhuma foto no computador, ou qualquer coisa que revelasse a sua verdadeira identidade, eu confiaria a minha vida a ele. Ou pelo menos à versão dele de quando resolvi aceitar aquele trabalho, e não aquele indiferente e distante L. Love.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h50]:*

L., o que foi? Qual é o problema? Por que você está me tratando assim? Eu posso estar correndo risco de vida, e você parece não se importar nenhum pouco.

*L. Love [mensagem enviada às 19h50]:*

K., eu não tenho tempo para crises existenciais. O que você quer que eu faça? Minta? Não, você não corre perigo de vida, fique tranquila e não tranque a porta de casa. Pronto!

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h51]:*

Você está agindo como um completo imbecil.

*L. Love [mensagem enviada às 19h51]:*

E você está agindo como uma garotinha mimada e inconsequente. Você sabia das consequências de pegar esse caso. Além disso, resolveu por conta própria investigar mais do que eu te pedi, e mais do que a mulher dele pediu. Eu perguntei se você queria desistir logo no começo, e você não quis, depois insisti que você deveria sair a qualquer sinal de perigo, e você não quis também. Agora encare como a mulher que você é.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h51]:*

Eu não acredito que estou lendo essas coisas. Você sabe muito bem porque eu aceitei o trabalho! Eu preciso pagar a Emanuelle!

*L. Love [mensagem enviada às 19h53]:*

Ah, pelo amor de Deus, pare de agir como se o mundo estivesse sempre

contra você e comece a assumir os seus próprios erros. Eu não vou estar aqui para ser o seu babá pelo resto da vida! Alguma vez você já parou para pensar que está arriscando a sua vida só para poder alimentar o seu ego e o seu orgulho? Nem sempre as pessoas fazem um favor esperando algo em troca, principalmente alguém que limpa a bunda com notas de 100 como você já me disse várias vezes. A Emanuelle não está esperando um pagamento, mas você se envolveu nisso mesmo assim, você quer pagar a sua amiga só para provar que pode, só para não parecer inferior aos olhos dela. Comece a parar de colocar a culpa nos outros e comece a olhar para os próprios erros, Hannah Knight.

Eu tive vontade de fechar o fórum e jogar o computador pela janela, mas continuei, pois queria entender o porquê de L. estar agindo daquele jeito. Mesmo que o nó na minha garganta estivesse quase me sufocando.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h53]:*

É da minha mãe doente e da minha melhor amiga que nós estamos falando aqui.

*L. Love [mensagem enviada às 19h56]:*

Então você talvez devesse começar a separar o seu trabalho da sua vida pessoal.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h56]:*

L., por favor, me diga o que aconteceu, o que eu fiz para você? Você não é assim, você é meu amigo.

*L. Love [mensagem enviada às 19h56]:*

Sim, eu sou seu amigo, e sempre serei, mas amigos não têm como função passar a mão na cabeça de todos os erros do outro. Eu estou ocupado, preciso sair, mas quero todas as informações que conseguir até domingo, antes que a senhora primeira dama resolva jogar merda no ventilador. E tome cuidado antes de sair de casa, não quero ter que lidar com a morte de um dos *hackers* que trabalha para mim.

*L. Love está offline.*

Eu fechei meu computador com um tapa forte e o empurrei para o lado, batendo com a testa diversas vezes na escrivaninha gelada.

### XXX

**Hannah, será que podemos conversar? Não ouço nada de você desde aquele dia no bar... espero que esteja bem.**

Recebi a mensagem às 3h23 da madrugada. Eu estava deitada na cama, olhando para o teto sem conseguir dormir. Há algumas semanas eu a teria respondido no mesmo instante, saltitando de alegria pelo quarto por ter recebido uma frase completa de Oliver, por ele ter se lembrado do meu nome.

Mas lá estava eu, desiludida, sem amigos e correndo risco de morte. Além de ter perdido a virgindade com um completo desconhecido e que se mostrou também um completo babaca e ser uma carta fora do baralho daquele por quem meu coração batia mais rápido.

Deletei a mensagem sem responde-la. Depois, peguei o meu celular e me virei de lado, colocando os fones de ouvido e ligando o reproduutor de músicas no *shuffle*. The Love I Meant to Say do musical Smash foi a primeira selecionada, e eu derrubei uma lágrima solitária.

Eu poderia perder o grande amor da minha vida, poderia ter sido um fantoche nas mãos de um galinha, poderia não conseguir concluir o caso de Sergio Maia e ficar sem receber nada, mas não poderia, em hipótese nenhuma, perder Emanuelle. Ela era a minha melhor amiga, a única que me aceitou por quem eu era, que me ajudou nos piores momentos, que esteve sempre ao meu lado, mesmo que do jeito maluco dela. No final do dia, ela só

estava tentando me proteger, e por aquilo eu não me perdoaria nunca.

Arranquei os fones de ouvido na metade da música e fui até a sacada do apartamento. Aproveitando que Emanuelle não estava por perto, acendi um cigarro e senti o vento gelado da madrugada nas minhas bochechas. Eu tinha que acertar as coisas, e começaria por documentar todo o caso de Sergio. Depois, pagaria Emanuelle e imploraria pelo o seu perdão, qualquer que tenha sido a história dela com Pedro.

Aquele era meu plano, e eu o seguiria à risca. Pela primeira vez em muito tempo, sentia que o meu destino estava em minhas mãos. E eu faria bom uso daquele poder.

## QUINZE

No sábado pela manhã eu já não sentia mais tanta pena de mim mesma. Pelo contrário, estava pronta para consertar os meus erros estúpidos. Havia conseguido dormir um pouco e me sentia bem-disposta e focada.

A primeira coisa que eu fiz foi ligar para a minha mãe e explicar que eu não poderia voltar para Ribeirão naquele sábado; conversamos por bastante tempo e eu prometi que voltaria no próximo final de semana. Em seguida, liguei para Caio, depois de descobri que tinha o seu número anotado como “Incrível Caio”; eu suspeitava que ele mesmo havia anotado na noite em que ficamos completamente bêbados em Campinas.

Ele atendeu no sexto toque, e a sua voz parecia sonolenta.

— Alô?

— Caio, sou eu — o outro lado da linha ficou em silêncio, e eu pigarreei —, a Hannah.

— Hannah! — ele exclamou, e eu relaxei os ombros. — Como vai?

— Eu vou bem... feliz aniversário, aliás! Muitos anos de vida e todas aquelas coisas que as pessoas falam sempre!

— Muito obrigada! — Caio riu. — Você vai hoje, né?

— Eu estou ligando justamente para falar sobre isso...

— Você não vai dar para trás, não é? — ele quis saber. — Eu não vou te deixar desis...

— Não, eu não vou! — eu me apressei a dizer, antes que mudasse de ideia.  
— Eu só queria saber se você podia me dar uma carona. Eu e a Emanuelle brigamos e eu... bom, eu não tenho como ir. Claro que eu posso ir de ônibus, mas eu pensei que talvez você pudesse...

— Hannah, você já pode parar de se justificar agora, eu te pego às 20h — ele me cortou, rindo. — Me espera na frente do seu prédio, ok?

— Obrigada, Caio.

— Sem problemas, eu que agradeço por você estar indo no meu aniversário!

Nós nos despedimos e eu olhei desolada para o meu armário. Como eu me arrumaria sem Emanuelle? Eu não tinha a mínima noção do que vestir, nem como me maquiar, nem como arrumar o cabelo, nem nada...

Então me dei conta de que eu era uma garota da Internet, e podia muito bem me virar sozinha. Abri alguns tutoriais de maquiagem e moda no YouTube; a antiga e sempre vítima Hannah Knight não existia mais.

### XXX

Às dez para às 20h eu já esperava do lado de fora do prédio, fumando um cigarro. O meu cabelo estava mais liso do que eu queria que tivesse ficado e eu sentia os olhos coçarem por conta do delineador que demorei décadas para conseguir passar sem me auto cegar. Eu não estava tão bonita quanto ficaria se Emanuelle tivesse me arrumado, mas dava para o gasto.

Caio apareceu pouco tempo depois, parando no meio fio e buzinando duas vezes. Eu andei um pouco desequilibrada com os saltos até o carro e entrei, agradecendo pelo ar-condicionado; fazia muito calor naquela noite.

— Boa noite, Caio — desejei, fechando a porta e virando-me para ele. — Feliz aniversário mais uma vez! Agora pessoalmente.

— Obrigada, Hannah — Caio agradeceu. — Estou ficando velho...

— Com carinho de criança — respondi, fazendo-o rir.

O trajeto durou cerca de meia hora e a nossa conversa girou em torno de quem venceria uma luta hipotética entre o Batman e o Homem de Ferro. Chegamos a conclusão de que os dois provavelmente chegariam a uma solução diplomática, tomando whisky em algum campo de golfe, e rimos bastante imaginando a cena. Ao chegarmos na rua do pub onde comemoraríamos o aniversário de Caio, ele deixou o carro no *vallet* (“afinal, é meu aniversário!”) e nós saímos. Quase que instantaneamente, Samuel apareceu na porta do pub e sorriu para nós dois.

— Olha se não é a famosa Hannah Knight! — ele desceu os degraus aos pulos, me cumprimentando com um abraço de quem já havia bebido um pouco. Depois, abraçou Caio. — Feliz aniversário, filho da puta.

— Valeu, seu pau no cu — Caio agradeceu. Eles se separaram e ele apontou para a entrada do pub. — Tem um pessoal chegando, Hannah, vou esperar eles aqui na porta. Se já quiser ir entrando e pegando uma mesa...

Eu concordei com a sugestão e entrei no pub. No caminho, passei por Pedro e Oliver, que conversavam entre risadas perto do bar, e eles não pareceram me notar ali – claro que, enquanto eu sofria pelos dois igualmente, eles seguiam melhores amigos. Tão típico dos homens...

Eu estava me sentindo muito sozinha e deslocada, e teria ido embora, se não tivesse decidido tomar as rédeas da minha vida e todas aquelas coisas... além disso, eu precisava desesperadamente fechar as pontas soltas de todo o esquema de Sergio Maia, e suspeitava que a festa de aniversário de Caio fosse uma ótima maneira de descobrir mais pistas.

Varri o salão com os olhos, procurando por alguma mesa livre, mas todas estavam ocupadas. Sem saber o que fazer, como me comportar e onde

colocar as minhas mãos, fui até o bar e pedi uma Coca-Cola. Quando a recebi, dei dois passos para trás, dando de cara com Pedro.

— Hannah — ele sorriu.

— Pedro — eu permanecia séria, me sentindo um pouco incomodada. Olhei de relance para o final do balcão e percebi que Oliver nos observava com o canto dos olhos. — Será que a gente pode conversar?

— Conversar sobre o que? — eu saí de perto do bar para deixar as outras pessoas pegarem as suas bebidas. Pedro veio atrás de mim, como um cachorrinho abandonado. — Eu não tenho nada para conversar com você.

— Hannah, por favor, me deixa explicar — ele segurou o meu braço e eu me irritei.

Irritei-me porque ele não tinha mais o direito de me pedir um favor, já que havia deixado bem claro que eu não passava de uma noite de sexo.

— Eu não quero conversar com você, eu só quero que você me deixe em paz — rosnei. — Eu confiei em você. Achei que você fosse diferente! E o que você fez com a minha confiança? Enrolou e enfiou no cu, para falar o português bem claro.

Pedro esboçou um sorriso, o que me deixou mais brava ainda. Irritada, dei as costas para ele e voltei a andar. Avistei uma mesa vazia e corri até ela, apoiando o meu refrigerante no tampo de madeira.

Porém, Pedro ainda não havia desistido, parando ao meu lado.

— Eu sei, eu fui um idiota, mas eu quero me explicar — ele suspirou, olhando em volta. — Será que podemos ir para algum lugar mais calmo?

Eu mordi o lábio inferior. Por mais que eu estivesse extremamente magoada, a minha curiosidade falou mais alto. Sem dizer mais nada, caminhei em direção a parte mais reservada do pub, onde alguns casais dividam a mesa e o jantar. Nós paramos perto dos banheiros e eu me apoiei

na parede.

— Você tem cinco minutos — anunciei, olhando para as horas no celular para dramatizar um pouco mais a cena.

— Hm, ok... bom, vamos começar do começo, não é? Eu sempre fui desapegado, nunca levei nenhum relacionamento a sério. Quando a Emanuelle entrou na faculdade e nós ficamos, eu achei que a mesma história fosse se repetir — Pedro discursava olhando para mim, sem se intimidar pelo tratamento de choque. Uma coisa eu não podia negar: ele tinha o dom da oratória. — E, num primeiro momento, foi exatamente o que aconteceu. Nós ficamos e no dia seguinte eu nem lembrava mais da existência dela, e suspeito que ela também nem lembrava mais da minha.

Pensei em dizer que Emanuelle havia ficado muito mal quando ele a tratou como merda, mas fiquei quieta; se ela não quis que ele soubesse daquilo, não seria eu que contaria.

— Foi mais ou menos nessa época que eu conheci você, na porta daquela livraria no centro. Você foi a primeira garota que não correspondeu ao meu flerte, e devo admitir que aquilo chamou a minha atenção. Mesmo assim, eu estava ocupado demais marcando o meu território entre as garotas da USP para investir em você. Eu não estava pronto para desistir da minha vida de solteiro. Aos poucos, e com a nossa convivência, eu passei a vê-la como uma amiga e não como uma transa em potencial.

Ótimo. Era a segunda vez que eu era colocada na categoria “não transaria, mas contaria várias piadas”.

— Algum tempo depois, a Emanuelle começou a namorar o Oliver. Ele era e continua sendo o meu melhor amigo, e estava completamente louco por ela, por isso eu nem mencionei que nós já havíamos transado, e, aparentemente, ela também não contou nada para ele. Porém, quando a Emanuelle passou a conviver mais com a gente, eu percebi o erro que havia cometido. Em pouco tempo de convivência, eu me vi completamente louco por ela. Eu não conseguia dormir, não conseguia comer, não conseguia me concentrar... Emanuelle era tudo o que eu parecia pensar!

“Eu passei muito tempo me sentindo culpado ao desejar a namorada do meu melhor amigo. Ela passava quase todos os dias no nosso apartamento, e a dor era quase física... assistir enquanto os dois se beijavam, ou riam juntos de alguma piada... eu cheguei ao ponto de começar a buscar outros apartamentos para morar. Oliver era o meu melhor amigo, e eu não podia trair a sua confiança daquele jeito.”

“No final daquele ano, Oliver voltou para casa, mas eu fiquei em São Paulo, já que tenho os compromissos do time de futebol. Emanuelle também ficou, ela não queria ter que passar o Natal e o Ano Novo com os pais. Por artimanha do destino, nós nos encontramos pelos corredores da faculdade, e combinamos de tomar uma cerveja. Na minha cabeça, era uma coisa ingênua, só uma bebida com a namorada do meu melhor amigo – eu havia prometido a mim mesmo que iria superar a Emanuelle, e aquela era a prova de fogo.”

“Naquela noite nós rimos, relembramos a nossa própria ficada e nos divertimos muito. E eu pude perceber que, por mais que ela tentasse esconder, sentia o mesmo que eu. Depois de horas no bar, nós estávamos bêbados, e o nosso desejo falou mais alto. Acabamos aquele amigável encontro na minha cama, e eu acordei no dia seguinte sozinho e me sentindo um lixo. Tentei falar com ela durante a semana inteira, mas não obtive nenhuma resposta. No sábado seguinte, Emanuelle bateu na minha porta determinada a contar a verdade para Oliver, mas nós acabamos ficando novamente.”

“Passamos as festas de final de ano juntos. Quando Oliver voltou, duas semanas depois, eu já não podia mais viver sem a Emanuelle. Ela terminou o relacionamento com ele e nós ficamos escondidos por algum tempo; era cedo demais para contar para Oliver. Nós tínhamos o plano de esperarmos alguns meses para contar a verdade. Estávamos com medo da reação dele.”

Lembrei da cena de Emanuelle no bar, quando contei que havia saído com Oliver; quem é que não confiava em quem naquela amizade?

— Apesar de viver uma mentira, eu estava muito feliz. Eu via o meu futuro com ela... pode parecer muito estúpido, mas eu imaginava o nosso

casamento, os nossos filhos, a nossa casa... eu nunca havia me sentido daquele jeito com ninguém, e eu sabia que nem ela. Eu e Emanuelle éramos dois espíritos livres, e havíamos encontrando um motivo em comum para finalmente aquietar.

“Mas é claro que estava tudo muito bom para ser verdade. Algumas semanas de romance proibido depois nós decidimos contar para o Oliver e assumir o nosso relacionamento para todo mundo. Combinamos a data, o dia G. No dia, eu levei o Oliver para jantar, e o combinado era de Emanuelle já estar lá. Entretanto, ela não apareceu. Aliás, ela desapareceu nas duas semanas seguintes. Eu já estava ficando desesperado quando ela me mandou uma mensagem explicando o porquê do sumiço e avisando que talvez tivesse que trancar a faculdade, já que o seu pai havia sido internado na reabilitação e a sua mãe estava histérica.”

“Eu não aceitei aquilo muito bem. Eu era um garoto mimado e egoísta. Emanuelle estava passando por problemas muito sérios em casa, e eu só consegui pensar no meu bem-estar. Como seria estudar sem Emanuelle? Almoçar sem ela, viver sem ela? Naquele dia, eu bebi demais, e não lembro de muita coisa. Só me lembro de ter acordado com uma garota na minha cama e Emanuelle na porta do meu quarto, com lágrimas nos olhos. Eu saí correndo de cueca e, no meio do corredor, ela me contou que havia ido para o apartamento contar a verdade para Oliver e me contar que ficaria na faculdade.”

“Eu tentei me desculpar, tentei reconstruir o nosso relacionamento, mas ela nunca me deu uma segunda chance. Depois disso, nós fomos ladeira abaixo. Ela passou pela fase da indiferença, da tristeza e, finalmente, da raiva. Passamos a nos tratar com hostilidade, como você deve ter presenciado algumas vezes, e voltamos a nossa velha forma: passando as noites em camas aleatórias.”

“Então chegamos a você. A garota que havia chamado a minha atenção anos atrás, a melhor amiga da Emanuelle. Eu queria seguir em frente, queria tirar ela da minha cabeça, e, ao mesmo tempo, queria atingi-la onde mais poderia doer. Você parecia a escolha perfeita, e eu investi. Mas nada do que

eu disse a você foi mentira, Hannah. Eu posso ter exagerado um pouco, porque tinha os meus objetivos, mas eu verdadeiramente queria fazer parte da sua vida. Eu sempre gostei de você e acredito que você mereça alguém que te faça sentir especial. E eu realmente achei que fosse ser esse cara, mas, mais uma vez, a minha tentativa de esquecer a Emanuelle foi em vão.”

“Eu estou me sentindo muito mal por ter te magoado. Eu sei que foi a sua primeira vez, e eu deveria ter pensado melhor no que estava prestes a fazer, mas, naquele momento, eu senti como se pudesse pegar as rédeas do meu destino de novo. Mas descobri da pior maneira que eu não posso... eu sou atormentado por uma paixão que eu temo que nunca vai acabar.”

“Essa é toda a história, e eu sei que você nunca vai me perdoar por ter te envolvido e feito você acreditar que eu seria um cara diferente na sua vida. Mas, se te serve de algum consolo, eu estou tentando mudar! O que eu fiz com você me deixou tão abalado que eu decidi não ser mais esse cara. Sei que não deveria ter chegado a esse ponto, mas estou aqui me justificando e te pedindo perdão.”

Eu estava estática, tentando processar tudo aquilo. Eu me sentia muito mal por dentro, me sentia usada e totalmente desvalorizada.

— O que eu quero te pedir é uma segunda chance. Nós podemos recomeçar! A sua amizade sempre foi importante para mim, e eu não queria perder isso.

Eu tomei um longo gole da minha Coca-Cola, tentando processar tudo aquilo.

A verdade era que eu não conseguiria formular nada muito inteligente para dizer e, sinceramente, eu não me importava mais. Então só olhei muito bem no fundo dos olhos escuros de Pedro e fui embora.

Ele ainda me chamou algumas vezes, mas eu não queria mais qualquer tipo de contato com ele. “A sua amizade sempre foi muito importante para mim”, quem diabos ele pensava que era para rotular como “importante” alguma coisa entre nós? Principalmente depois de ter feito o que fez?

Era claro que eu tinha o livre arbítrio e havia escolhido transar com ele, mas ele mentiu para mim, me fez acreditar que ele gostava de mim, que queria ficar comigo.

Pedro não merecia mais nada de mim.

Nem mesmo as minhas palavras.

### XXX

Do lado de fora do pub, acendi um cigarro e encostei a cabeça na parede. As minhas têmporas latejavam e eu estava pensando seriamente em ir embora dali e deixar os meus planos de investigação para outro dia. Como eu poderia ficar? Sabendo que havia sido feita de idiota mais uma vez?

Eu estava tão distraída que nem reparei quando alguém se aproximou de mim.

— Oi — esse alguém disse, e eu revirei os olhos.

— Escuta, eu não estou a fim de conversar, me deixa em... — eu fui dizendo, mas, quando olhei para o lado, encontrei Dênis olhando em volta e parecendo assustado.

Dênis, um dos garotos envolvidos no esquema do tráfico dentro da USP. Dênis, que eu havia visto no laboratório de química.

Aquilo me deixou sem palavras.

— Eu vou falar rápido, antes que ele me encontre aqui — ele sussurrou com os olhos injetados. — Você está correndo perigo. Vá embora, saia daqui o quanto antes. Ele já descobriu que você invadiu o computador dele e o nosso laboratório. Ele te conhece, sabe o seu nome e está monitorando os seus passos. Vá embora, para outra cidade, para outro país, se ainda quiser

viver.

— O que...?

— *Dênis!* — o moreno se virou para o lado, avistando João, que estava na porta do pub berrando o seu nome.

— Sêrio — ele disse, já se afastando de mim —, vá embora. *Agora.*

Eu ainda tentei o chamar de volta, mas Dênis desapareceu entre as pessoas, e eu fiquei apoiada na parede, sentindo o meu coração bater muito rápido.

## DEZESSEIS

Eu voltei para dentro um pouco atordoada. Ainda procurei por Dênis, mas ele e João pareciam ter entrado em algum portal para outra dimensão – não estavam em lugar nenhum.

Sentindo as minhas costas molhadas de suor, entrei no banheiro e me tranquei em uma das cabines, olhando fixamente para a porta de madeira inteira pichada com mensagens engraçadinhas e desenhos mal feitos. Dentre alguns recados mal-educados, um me chamou a atenção. “Precisa de ajuda? Procure por Deus, ele sempre foi e sempre será o seu amigo”.

Eu nunca havia acreditado em Deus. Sempre havia sido o tipo de pessoa que preferia confiar na ciência. Porém, devido as circunstâncias daquele momento, senti que deveria tentar.

Sem saber direito como começar, sentei-me na tampa da privada, cruzei as mãos e abaixei a cabeça. A música alta do pub invadia o banheiro e tremia o chão sob os meus pés, e algumas meninas riam do lado de fora da cabine, mas eu tentei esvaziar a mente e apenas me concentrar.

*Oi Deus, pensei, com uma mistura de esperança, enjoo e ceticismo. Tudo bom? Aqui é a Hannah. Hannah Knight. Você não deve me conhecer muito bem, porque, devo admitir, eu nunca fui a sua maior fã. Não que agora eu seja uma entusiasta da fé ou algo do tipo... eu só... preciso da sua ajuda?*

As garotas perto da pia riram muito alto, e eu tive que respirar fundo antes de continuar.

*Uau, acho que eu pareci bastante arrogante agora! Me perdoe, eu não quis diminuir a sua influência e poder sobre as pessoas. Afinal, você criou tudo em sete dias! Acho que eu estou me enrolando aqui... o que eu quero*

*mesmo dizer é: você já deve ter amparado pessoas sem fé antes. Aliás, dizem que não existem ateus quando o avião está prestes a cair, não é mesmo? Bom, agora acho que é a minha vez. O avião está caindo.*

*É o seguinte: eu me meti em algumas confusões. No começo desse ano, eu era apenas a boa e velha Hannah, invisível e feliz. Mas então eu resolvi aceitar um caso online, você sabe, da Internet, eu trabalho como hacker e... bom, você deve saber o que faz um hacker, já que você, bom... inventou tudo.*

*Continuando... eu aceitei esse caso, e tudo o que ele fez foi bagunçar as coisas e colocar a minha vida em risco! Eu tinha boas intenções, Deus, eu juro que eu tinha... eu só queria pagar a minha melhor amiga pelo tratamento da minha mãe! Só isso! Mas agora a minha única e melhor amiga me odeia porque eu me apaixonei pelo seu ex-namorado e perdi a minha virgindade com o cara que ela gosta, mas que eu não sabia que ela gostava, porque ela resolveu não ser uma amiga tão boa assim e não me contou o que estava acontecendo. Além disso, a minha mãe continua doente, e eu não sei o que eu vou fazer se perder ela também, já que o meu pai morreu quando eu ainda era uma adolescente. Como se não bastasse tudo isso, Deus, para completar a minha desgraça, aparentemente tem alguém tentando me matar. Pois é, nada promissor...*

*Agora você deve estar se perguntando: e eu com isso? Por que eu deveria ajudar uma garota que nunca acredito em mim? Bom, é aí que entra o meu pedido desesperado de misericórdia, Deus. Porque sim, eu estou desesperada! Eu não sei o que fazer, como resolver todos esses problemas... e eu não quero que você resolva eles por mim, afinal, eu mesma me coloquei nessa situação. Para ser bem sincera, eu só queria uma luz. Alguma coisa que pudesse me guiar, porque eu tenho medo de que essa noite acabe da pior maneira possível e eu não consiga pedir perdão por todo mal que eu causei às pessoas que eu amo.*

*Me dê uma luz, Deus.*

*Eu só preciso de uma luz.*

### XXX

E uma luz Deus me deu.

Literalmente.

— Alô? — um clarão irritantemente forte atravessou as frestas da porta da cabine em que eu estava e eu tive que semicerrar os olhos. Por um momento, acreditei que estivesse presenciando algum tipo de milagre divino, mas logo percebi que se tratava da segurança do pub com uma pequena lanterna em mãos. — Tem alguém aí? Você está passando mal? Precisa de ajuda?

Eu destranquei a porta e quase trombei com a mulher. Ela tinha traços grosseiros e o cabelo escuro preso em um coque muito profissional. O uniforme todo preto era um pouco intimidador, mas eu não me deixei abalar; já estava prometida de morte, que mal aquela mulher poderia me causar?

— Eu estou bem — saí do cubículo sentindo-me um pouco estúpida por estar travando um diálogo com Deus dentro do banheiro de um pub segundos atrás.

— Tem certeza? Você ficou aí dentro um bom tempo — a segurança veio atrás de mim enquanto eu observava o meu reflexo no espelho; eu nunca havia parecido tão velha e cansada. — Não quer que eu te chame um táxi?

— Olha, eu estou bem, ok? — eu me virei para ela, lágrimas formando-se embaixo dos meus olhos. — Eu só não sei o que fazer da minha vida, e eu estava justamente dentro daquele cubículo fedido e sujo pedindo uma luz para Deus, ou quem quer que seja, porque eu estou realmente desesperada. Eu não preciso da sua pena ou da sua preocupação, porque eu já cansei de ser a vítima, de ser um fardo para as pessoas. Agora, se você me dá licença, eu preciso sair daqui e passar o resto da noite tentando fechar um caso particularmente difícil de tráfico de drogas, enquanto tento me proteger de alguém que supostamente quer me assassinar.

A segurança piscou os pequenos olhos negros algumas vezes, olhando-me de uma maneira esquisita. Depois, ajeitou-se e apontou com a cabeça para a cabine do banheiro de onde eu acabara de sair.

— Eu não vou encontrar drogas ali dentro se resolver dar uma olhada. Ou vou?

Eu pisquei algumas vezes, encarando a mulher na faixa dos seus 40 anos, que esperava por uma resposta.

— Não — eu disse finalmente, afastando-me dela —, você não vai.

### XXX

Quando voltei ao salão principal do pub, encontrei uma banda no palco, tocando o que deveria ser a sua primeira música.

Dei alguns passos para o lado, avistando ninguém mais, ninguém menos que Sergio Maia, mexendo no celular.

O meu coração acelerou muito e eu senti um formigamento esquisito nas mãos. Eu estava tendo um ataque cardíaco aos 19 anos? O que Sergio Maia estava fazendo ali, no aniversário de Caio?

Os seus fieis escudeiros, Dênis e João, pareciam ter magicamente reaparecido, e estavam por perto. O ruivo agia naturalmente, enquanto o moreno olhava para os lados constantemente, com os olhos arregalados e o corpo em guarda.

*"Vá embora, Hannah, vá embora, Hannah, ouça o garoto, vá embora, você é jovem demais para morrer!"*, metade do meu cérebro dizia.

*"Fica mais um pouco. Você está próxima demais da verdade para desistir agora"*, o outro lado respondia.

Então, entre conflitos internos e paralisação do medo, ao final da primeira música eu ainda estava parada perto da porta do banheiro feminino, sem conseguir me mexer.

O que eu deveria fazer?

— Vocês com certeza são a melhor plateia que nós já tivemos, não é mesmo? — o vocalista falou ao microfone.

— Com certeza — o guitarrista respondeu, também ao microfone. — Esse está sendo o nosso melhor show!

As pessoas berraram animadas em resposta, e o vocalista tirou a guitarra dos ombros, substituindo-a por um violão elétrico.

Sergio Maia leu algo em seu celular e, como se fosse seu próprio apartamento, entrou no *backstage*. Dênis e João o seguiram.

O sentimento de perigo diminuiu um pouco, mas eu ainda estava em alerta.

— Antes de continuarmos com as músicas próprias, eu gostaria de tocar um *cover* — a voz do vocalista atravessou os meus pensamentos. — Essa música não faz nem um pouco o meu estilo musical, mas o meu amigo Oliver me pediu e eu estava devendo um favor a ele. Aparentemente, ele quer pedir desculpas a alguém. Então vamos lá!

*"Aparentemente, ele quer pedir desculpas a alguém".*

De repente, toda a minha confusão mental sumiu e o medo de morrer ficou em espera, porque eu só queria saber de uma coisa: quem poderia ser esse alguém que Oliver queria pedir desculpas?

Quase que hipnotizada, caminhei em direção a multidão. Quando cheguei perto o suficiente para ser vista, franzi o cenho sobre a luz forte do palco e procurei por Oliver com os olhos, encontrando-o próximo ao bar.

Ele sorriu com certo pesar e estendeu a sua cerveja em minha direção, e o

meu coração diminuiu dentro do peito.

Para mim. Ele queria pedir desculpas para mim.

"*Hannah, você precisa ir embora!*", a metade racional berrou dentro da minha cabeça.

"*Não, agora você precisa ver isso!*", a metade emocional rebateu.

— Essa é *When I Was Your Man*, do Bruno Mars — o vocalista sussurrou com a boca colada ao microfone, antes de começar a tocar a música no violão.

A voz do cara era rouca e grave demais para cantar Bruno Mars, mas aquilo não tirava a beleza de como ele havia conseguido deixar *When I Was Your Man* muito mais bonita e um pouco melancólica.

Eu não conseguia me mexer, ainda sentindo os olhos de Oliver em cima de mim. Ao mesmo tempo que eu queria ir até ele e beijá-lo na boca, sentia vontade de enfiar a cabeça na terra como um pequeno avestruz amedrontado.

— *And all just sounds like ooh, ooh, ooh, ooh... too young, too dumb to realize!* — o vocalista cantou. — *That I should've bought you flowers! And held your hand... should've give you all my hours when I had the chance. Take you to every party 'cause all you wanted to do was dance... now my baby is dancing, but she's dancing with another man!*

Apesar da vergonha que eu estava sentindo, o que saía da boca de Oliver através do vocalista era justamente o que eu estava precisando ouvir... ele admitindo que havia errado. Ele me pedindo desculpas.

Claro que Oliver não tinha a menor ideia do quão ridicularizada e humilhada eu havia sido durante toda a minha vida. Ele não sabia quantas vezes eu havia me sentido um lixo. Ele não tinha como saber o quão magoada e diminuída as pessoas já haviam feito eu me sentir. Ele não sabia de nada daquilo, ele não conhecia a minha história, logo, ele não estava me dedicando aquela música por pena, e sim porque via algo em mim. Algo que eu pensei

que ninguém nunca veria.

Algo que eu mesma já não acreditava mais havia muito tempo.

— *My pride, my ego, my needs and my selfish ways... caused a good strong woman like you to walk out my life! Now I never, never get to clean up the mess I made...* — Oliver olhava fixamente para mim, e a mensagem era clara. Mais clara ainda depois das coisas que ele havia escrito para K. Hunter. Ele estava arrependido, e queria que eu conseguisse entender as suas motivações para ter agido como um completo babaca. — *And it haunts me every time I close my eyes...*

Eu via todos a minha volta serem amados e respeitados, e tudo o que me restava era insegurança e medo de que eu nunca sentiria o que eles sentiam. E uma vontade imensa de viver dentro de um livro, ou dentro de outra realidade, onde as pessoas que eu mais amava não morriam, onde eu podia ser eu mesma sem ser julgada e ridicularizada, onde todos tratavam todos com respeito, e as pessoas enxergavam além daquilo que queriam enxergar.

E lá estava eu. Hannah Knight, a esquisita, a que nunca havia se encaixado, a eterna invisível, parada no meio da multidão, sob o foco de um holofote, enquanto o vocalista de uma banda qualquer me dedicava uma canção, a pedido do cara que havia morado nos meus pensamentos durante tanto tempo.

Era difícil de acreditar.

— *Although it hurts, I'll be the first to say that I was wrong* — eu sentia o meu rosto quente e os meus olhos úmidos, mas Oliver não tirava os olhos de mim, e, de repente, eu não tirava os olhos dele. Eu queria saber se ele entendia a magnitude daquele momento, se ele entendia o quanto aquilo significava para mim. Talvez para ele fosse só um pedido de perdão ingênuo, feito através de uma música, mas, para mim, aquilo significava o mundo. — *Oh, I know I'm probably much too late to try and apologize for my mistakes... but I just want you to know! I hope he buys you flowers, I hope he holds your hand... give you all his hours when he has the chance! Take you to every party cause I remember how much you loved to dance... do all the*

*things I should've done when I was your man!*

Ainda com as bochechas coradas, desviei os meus olhos e encontrei Pedro, mas ele não parecia estar ali; ele estava distante, encarando os próprios pés, perdido na própria confusão que era a sua vida. Eu sabia que Oliver pensava que agora eu e ele estávamos juntos, e por isso a escolha daquela música, e foi justamente naquele momento que eu entendi – Pedro era só mais um atormentado, assim como eu, vivendo em função de alguém que talvez nunca pudesse corresponder àquilo que ele sentia.

Eu me volvei para Oliver, e ele sorriu com tristeza.

— *Do all the things I should've done... when I was your man...*

Quando o último acorde foi tocado, a multidão explodiu em aplausos e gritos, mas eu apenas fiquei parada onde estava, sem saber como me sentir, mas sentindo tudo ao mesmo tempo.

### XXX

O show da banda continuou até às duas da manhã. Depois de pequena serenata indireta que recebi, encontrei uma mesa vazia perto das escadas e me afundei em uma das cadeiras, querendo me esconder; por mais que eu quisesse aproveitar aquele momento emocionante, a mistura do medo pelo o que Dênis havia dito mais cedo e o desespero por tentar encontrar a peça que estava faltando do quebra-cabeças que era Sergio Maia e seu esquema estavam me consumindo.

Quando os garotos tocaram a última música, a banda foi ovacionada e Caio subiu no palco para receber os parabéns, descobrindo que Oliver, Samuel e Pedro haviam comprado um bolo. Sergio reapareceu das sombras, aplaudindo junto e sorrindo, como um pai orgulhoso; eu ainda não conseguia entender o porquê ele estava ali, seria aquela banda mais uma das suas? De qualquer

maneira, aquela cena me causou arrepios da cabeça aos pés, e eu tentei me camuflar mais ainda, tentando perceber qualquer coisa fora do normal, qualquer coisa que pudesse me ajudar a entender.

Poucos minutos depois, todos desceram do palco, inclusive Oliver. Sem entender direito o que eu estava fazendo, e não pensando muito bem naquela exposição desnecessária, me vi caminhando em sua direção.

— Oliver — chamei, e ele se virou em minha direção no mesmo instante.  
— Oi.

Ele sorriu e se aproximou de mim com um sorriso tão doce que seria capaz de derreter as calotas polares.

— Oi — ele respondeu, estendendo a caneca de cerveja que segurava em minha direção. — Não está bebendo hoje?

— Não — apontei com a cabeça para a porta do pub. — Não deu muito certo da última vez.

— É, não deu mesmo — ele riu, e eu logo fui contagiada pela a sua risada gostosa. Apesar disso, Oliver estava esquisito. Ele parecia retraído, e até um pouco... envergonhado? — Escuta, Hannah, eu queria te pedir...

— Você não precisa pedir desculpas, Oliver — eu o cortei, respirando fundo e buscando coragem para prosseguir. — Não tem nada do que se desculpar. Acho que eu levei o nosso primeiro encontro um pouco a sério demais e as minhas expectativas eram maiores do que as suas. Eu entendo, você já é experiente nessas coisas, e eu nunca passei por nada parecido, então acabei forçando um pouco a barra...

— Hannah — Oliver também me cortou. — Eu não ia te pedir desculpas.

Eu fiquei um pouco sem reação, e ele se aproximou, segurando os meus braços que estavam estendidos ao longo do corpo.

— Eu ia te pedir a sua mesa, convidei uma garota da psicologia...

*brincadeira!* — ele exclamou, quando percebeu que eu estava prestes a soca-lo. — É brincadeira, brincadeira... muito cedo para isso?

— Muito cedo — concordei, negando com a cabeça.

Oliver gargalhou e eu revirei os olhos, tentando eu mesma não rir da piadinha de mal gosto.

— Mas é verdade, eu não ia te pedir desculpas — ele ficou sério de repente, mas eu ainda conseguia perceber um fundo de deboche na sua voz; o bom e sarcástico Oliver estava de volta. — As desculpas eu já pedi através de Bruno Mars, e assumi que você as aceitou, já que está aqui conversando comigo.

— E já estou começando a me arrepender disso — eu murmurei entre os dentes, mas ele não se deixou abalar pelo meu mau humor.

Oliver estava tão lindo que me deixava sem ar, com o cabelo ajeitado e a barba por fazer, além do sorriso completamente deslumbrante que me fazia querer sorrir também.

— Hannah, você precisa parar de assumir a culpa pelos outros. Fui eu quem estragou tudo, eu que não valorizei a garota que tinha do meu lado, não foi você que esperou demais, ou que forçou a barra... — ele deu mais um passo em minha direção, abaixando as mãos pelos meus braços e encontrando os meus dedos. — Ainda bem que uma boa amiga me fez ver as coisas por outra perspectiva, e eu não quero mais passar a minha vida com medo de que qualquer relacionamento vá me foder como aconteceu com o primeiro. Então, bom, resumindo todo esse papo furado sentimental do qual eu não sou muito bom, eu queria... bom, eu *gostaria* de te pedir uma segunda chance.

— Uma segunda chance do que? Tentar me vencer no pôquer? Por favor, Oliver, você joga como um garotinho — graciei, tentando diminuir um pouco a tensão daquele momento, e sem realmente saber o que responder.

— Uma segunda chance — ele inclinou a cabeça em minha direção — de fazer isso aqui.

O beijo que Oliver me deu foi gostoso e intenso, nossas bocas chocando-se com ritmo, as línguas encontrando-se como velhas conhecidas, as suas mãos enfiando-se entre os fios de cabelo da minha nuca, os meus braços envolvendo a sua cintura. Porém, ele não durou mais do que alguns segundos, e logo ele estava me olhando com seus grandes olhos castanhos de cachorrinho, tirando-me do chão e me fazendo flutuar como uma garotinha de 13 anos ao abraçar o seu ídolo pela primeira vez.

Ao mesmo tempo que eu queria me entregar, Oliver havia me magoado muito. Eu não sabia se podia confiar nele novamente, por mais que quisesse, com todas as minhas forças.

Olhando por cima dos seus ombros, eu finalmente encontrei Emanuelle, que conversava com algumas garotas da sua turma. Ela parecia tranquila, embora as suas olheiras estivessem um pouco fundas. Eu queria tanto que a minha melhor amiga me desse uma segunda chance... e aquilo me atingiu em cheio.

Por que eu merecia uma segunda chance quando não conseguia dar uma ao cara parado na minha frente?

— Olha, eu sei que você talvez esteja interessada no Pedro, e eu não quero atrapalhar nada entre vocês dois, ele é o meu melhor amigo, e você é minha amiga também, antes de qualquer coisa — Oliver recomeçou, quando percebeu que eu não diria nada —, mas eu realmente queria tentar de novo.

Que grande bagunça as nossas vidas haviam se transformado. Eu gostava do ex-namorado da minha melhor amiga, e havia ficado com o melhor amigo dele, que era apaixonado por Emanuelle, que gostava dele de volta.

Se não estivesse vivendo tudo aquilo, diria que era mentira.

— Oliver, eu não estou... — eu fui me justificando, mas Oliver não estava me ouvindo; os seus olhos estavam presos em algo atrás de mim, e ele parecia aterrorizado. — Oliver?

Eu fiz menção de me virar também, mas ele me agarrou pelos ombros e me

empurrou com toda a força para o lado, gritando.

— *Abaixa, Hannah!*

O que aconteceu a seguir foi uma confusão de disparos, gritos e correria. Eu aterrissei ao pé de uma mesa de madeira, batendo com a minha cabeça na quina do tampo. Instantes depois, Oliver agachou-se ao meu lado.

— O que está acontecendo? — choraminguei, mas ele não respondeu, e o alerta de Dênis me veio a cabeça.

*"Vá embora, para outra cidade, para outro país, se ainda quiser viver."*

Quando eu me virei para o lado para perguntar se estava tudo bem com Oliver, percebi que havia um pequeno furo atravessando a sua camiseta na região da clavícula, encharcado de sangue, e que ele estava com os olhos fixos em um ponto no horizonte, vidrados em uma expressão de torpor.

— *Oliver!*

Rastejei até ele, sem me importar se haveria outro disparo, ou com as pessoas que corriam desesperadas a nossa volta. Ao chegar perto o suficiente, percebi que ele já estava desacordado. Por instinto, eu o puxei para mais perto, apoiando a sua cabeça no meu colo e sentindo o sangue viscoso do buraco que havia atravessado o seu corpo encharcar a minha saia.

Ele estava apagado, mas eu pude sentir a sua respiração fraca contra o meu peito, e tentei agir o mais racional possível. Tremendo, retirei o celular da bolsa e liguei para a emergência. Com a voz cortada, passei o endereço para a mulher do outro lado e gritei para que ela se apressasse. Quando desliguei, comecei a chorar.

— Vamos lá, Oliv — eu murmurei, beijando a sua testa. — Se você ficar aqui comigo eu te dou quantas chances você quiser!

O cheiro metálico de sangue estava me deixando enjoada, mas eu consegui retirar forças sabe-se lá de onde para medir os seus batimentos cardíacos pelo

pulso, e eles pareciam mais fracos a cada segundo. A gritaria ainda preenchia o salão, mas os meus olhos embaçados pelas lágrimas me impediam de ver o que estava acontecendo ao meu redor.

— Por favor, por favor, por favor, não morra — eu pedia, chorando copiosamente em cima dele, as lágrimas atingindo a sua testa e rolando sem vida pelo o seu rosto. — Eu nem pude te dizer o que eu sinto, você não pode... não pode... por favor...

Eu ouvi as sirenas da ambulância e olhei em volta, encontrando o caos no salão; pessoas gritando, pessoas chorando, corpos machucados no chão e sangue para todo o lado. Tentei limpar o meu rosto molhado, mas só o sujei mais ainda com sangue, e olhei desesperada em direção a porta. Quando os paramédicos entraram no pub, senti como se pudesse gritar de alívio.

Sem pedir autorização, eles puxaram Oliver dos meus braços e o colocaram em uma maca, guiando-o para fora do pub enquanto já começavam os procedimentos médicos. Com as pernas bambas, o coração batendo a mil por hora e sangue por todo o meu corpo, eu corri atrás deles, sentindo alívio e muito medo ao mesmo tempo.

Eu estava a poucos metros da porta que me levaria para o lado de fora e já pensava em como conseguiria chegar ao hospital o mais rápido possível quando alguém me puxou para trás com força e as portas do pub se fecharam.

## DEZESSETE

E ali estava ele. Sergio Maia em carne e osso.

Eu deveria estar esperando por aquilo, mas acho bati a cabeça forte demais na queda, porque foi uma surpresa. Não em saber do que ele era capaz, mas por encontra-lo ali, e não algum de seus capangas, ou mesmo Dênis e João.

Aquilo me deixou sem reação, e eu só consegui me livrar das mãos do empresário num puxão desajeitado.

— *Você* — ele rosnou — fica aqui.

Eu estava tão paralisada de medo que fiquei no mesmo lugar, acatando à ordem.

O pub ficou completamente vazio em questão de minutos, com a aparência de ter presenciado uma guerra sangrenta; cadeiras e mesas jogadas no chão e sangue por todo o lado. O cheiro estava me deixando enjoada e eu queria sair dali o mais rápido possível. Porém, Sergio poderia ter uma arma, e eu não queria morrer antes de saber o que havia acontecido com Oliver.

*Ele não tem uma arma*, pensei, enfiando a mão no bolso, enquanto o empresário olhava em volta. *Ele não pode sujar as próprias mãos, por isso o tiroteio.*

Aquele pensamento me deixou um pouco mais valente. Eu puxei o celular alguns centímetros pelo tecido da saia e, com uma destreza que eu não sabia que tinha, liguei o gravador no mesmo instante em que Sergio se voltou para mim.

— A culpada disso tudo é sua — ele parecia irado, mas falava entre

sussurros contidos. — E agora o seu amorzinho irá morrer em uma maca de hospital e você não poderá comparecer ao velório.

Ele se aproximou de mim e eu engoli a seco, dando dois passos para trás. Quanto maior a nossa distância, maior era a possibilidade de manter a minha integridade física.

— Você é um rato imundo mesmo. Se não tivesse se esquivado, já estaria morta, nada disso teria acontecido e eu não teria que finalizar esse trabalho.

*Bom, talvez ele tenha uma arma*, estremei, voltando a ser o ratinho medroso que eu nunca havia deixado de ser.

— Por que você me quer morta? O que eu te fiz? — eu pensava em perguntas que pudessem incriminar Sergio na gravação, mas a minha inteligência estava mais concentrada em maneiras de sair viva dali. — Eu sou só amiga do Oliver, só isso...

Sergio soltou uma risada lunática e segurou o meu braço mais uma vez, os olhos injetados bem próximos aos meus. Eu me curvei de dor, mas não desviei o olhar; se fosse morrer, pelo menos morreria com alguma dignidade.

— É uma graça você achar que eu sou um imbecil — ele afirmou, empurrando-me com força contra a parede e subindo a mão até a minha garganta. Ele apertou o suficiente para que eu ficasse ofegante, mas não a ponto de me deixar sem ar. — Eu sei que é você que anda entrando no meu computador. Sei que você é o pequeno ratinho bisbilhotando a minha vida. Você se acha muito inteligente, não é mesmo? Aluna da USP e *hacker* nas horas vagas. Mas você não tem a inteligência da vida, Hannah, a inteligência das ruas. Não contou com a possibilidade de que eu tivesse alguns com a sua habilidade do meu lado.

— Eu... não sei... do que... você está... falando...

— Não se faça de imbecil, Hannah Knight. Você quis brincar com fogo, mas vai acabar queimada — as minhas costas continuavam latejando contra a parede gelada, e a minha garganta estava em chamas, trazendo lágrimas para

debaixo dos meus olhos. — Você acha mesmo que um homem como eu deixaria que uma garotinha intrometida saísse por aí contando os segredos de um império que eu demorei anos para construir?

Em um acesso de raiva, influenciada pela falta de oxigenação no meu cérebro, eu o empurrei para longe e corri até a porta, mas ele conseguiu me capturar novamente com certa facilidade. Dessa vez, acertou um soco em minha têmpora e eu caí no chão, sentindo-me muito zozna. Tudo começou a rodar e eu tive medo de que o gravador tivesse parado de funcionar, mas segui com o meu plano inicial, olhando com ódio para ele, cuspidando as palavras que me vieram a boca.

— Você achou mesmo que ninguém fosse descobrir? Corromper alunos, professores e todo o complexo de bares para traficar drogas dentro da Universidade, escondido sob uma fachada de bom moço, de empresário dos artistas? Você só pode ser muito imbecil mesmo.

Sergio soltou uma risada rápida, afastando-se de mim e olhando em volta mais uma vez. Ele parecia estar esperando por alguém.

— Eu preciso admitir que você é bem corajosa, garota — ele disse, retirando vagarosamente uma pistola de pequeno porte de dentro do bolso da calça jeans de lavagem clara. Ela era tão pequena que eu não havia reparado no seu volume. — Felizmente, existem poucos de você no mundo. Sabe o que mais existe entre nós, porém? Uma mistura de ganância e medo. E essa mistura é particularmente explosiva, você não acha?

Eu continuei imóvel, com dor demais para me levantar.

— O que você quer dizer com isso?

— Imagine esse cenário: você é dono de um bar, tem uma família amorosa e toca o seu negócio tranquilamente. Então aparece um jovem qualquer no seu bar, parecendo inofensivo, e ele oferece perspectivas infinitas de riqueza. Você sabe que vai ter que permitir que vendam drogas dentro do seu negócio, que você construiu com muito afinho e ética. Mas sabe também que, com o dinheiro que vai ganhar, vai poder comprar aquele carro zero que o seu filho

tanto quer, ou aquela viagem internacional que quer fazer com a sua mulher. *Ganância*. Além disso, você sabe também que o garoto parado na sua frente é muito poderoso, filho de gente perigosa, e que, se você tentar dar uma de herói não vai adiantar nada, sua vida estará em risco e o garoto nunca será pego. Além disso, esse garoto te conhece, conhece a sua família, conhece os seus hábitos, sua rotina. *Medo*. O que você faz? — ele olhou para mim, pura e simplesmente, esperando uma resposta.

Garoto? Do que ele estava falando? Não era ele que abordava as pessoas? Quem era esse garoto? João? Dênis?

Eu fiquei em silêncio, imaginando o terror que aquelas pessoas estavam passando nas mãos de Sergio; o mesmo terror que eu estava sentindo.

— Exatamente — ele sorriu quando eu não respondi nada, caminhando em minha direção e agachando-se ao meu lado.

Eu fechei os olhos e senti o cano gelado da arma contra a minha testa. Num momento de loucura, murmurei:

— Você é nojento.

— Ah, Hannah, Hannah... todos os seres humanos são nojentos. Ou você acha que eu teria qualquer negócio se os seus colegas de faculdade não consumissem os meus produtos?

— Você matou uma garota. Destruiu uma família. Como consegue se olhar no espelho? Como consegue dormir a noite?

— Eu não matei ninguém, ela se matou sozinha — ele respondeu, num discurso sádico, doente e complementemente distorcido, o que revelava muito bem como funcionava a mente dele. — Quem destruiu uma família inteira foi aquela garota egoísta que só queria se divertir. Agora, vamos acabar logo com esse monólogo de vilão de filme. Antes de morrer, você precisa me contar quem te envolveu nisso.

— Eu estou sozinha nessa — murmurei.

Por mais que estivesse com raiva de L. Love, por mais que quisesse jogar na cara de Sergio que a sua própria mulher havia contratado os meus serviços, eu optei por ir sozinha para a vala.

Não tinha porque destruir mais vidas.

— Eu vou te dar mais uma chance — eu ouvi o ‘clique’ do gatilho e apertei os meus olhos que já estavam fechados. — Quem te mandou bisbilhotar a minha vida?

— Ninguém.

— Bom, é uma pena que uma garota tão jovem tenha que morrer em vão, encobrendo os verdadeiros culpados de tudo isso...

Um barulho alto me fez abrir os olhos e chamou a atenção de Sergio. Um homem todo de preto surgiu pela porta vai e vem que ligava o salão à cozinha.

— Precisamos sair daqui. *Agora*.

— As câmeras? As fitas?

— Quebradas. Já me livrei de todas.

— Ótimo — Sergio se voltou para mim e apertou o cano contra a minha cabeça. — Últimas palavras, Hannah?

— Vai se foder.

Os segundos que se sucederam foram intermináveis, mas eu não vi a vida passar diante dos meus olhos. Ao invés disso, pensei em minha mãe e em Pietra. Pensei no meu pai, e perguntei-me se ele havia sofrido ao morrer. Se ele me encontraria do outro lado.

Mas o que aconteceu na realidade foi a maior sorte da minha vida, uma vez que um grupo de paramédicos retornou para dentro do salão fazendo barulho e perguntando por sobreviventes e, como um vampiro ao entrar em contato

com a luz, Sergio Maia desapareceu no ar, atravessando as portas vai e vem atrás do seu capanga.

E eu fiquei ali, no chão, sem conseguir acreditar na minha sorte.

### XXX

A equipe de paramédicos veio correndo em minha direção, mas eu expliquei que estava bem, não estava ferida, apenas em choque. E, no meio do falatório que começou a se desenrolar ao meu redor, uma voz me alcançou como um bota salva-vidas.

Emanuelle.

— Hannah! — ela berrou e eu me virei lentamente, em estado de letargia.  
— Ah, meu Deus, eu estava tão preocupada!

A minha melhor amiga se agachou e me abraçou com força, e eu reparei que ela também estava suja de sangue. Eu fiquei imóvel por alguns instantes, olhando para fora do pub pelas portas que ela deixou abertas. As pessoas corriam e trombavam entre si, bastante desorientadas, e duas ambulâncias estavam dispostas uma ao lado da outra. Em uma delas, uma garota estava sendo carregada para dentro, com uma máscara de oxigênio no rosto.

Deixei o meu corpo relaxar e enfiei a cabeça no ombro elegante de Emanuelle, fechando os olhos. Deixei-me levar por alguns instantes, antes de um milhão de perguntas invadirem a minha mente.

— Oliver — eu disse, soltando-me do abraço.

— Ele foi o primeiro a ser levado — Emanuelle respondeu, e eu percebi que ela havia chorado. Nós duas nos levantamos enquanto ela continuou com as informações. — Sete pessoas foram baleadas. Ninguém sabe o que

aconteceu, nem o porquê. O cara passou pela segurança, disparou algumas vezes e foi embora!

Eu queria contar o que eu sabia para Emanuelle, mas não tinha como prever qual seria a sua reação – ela provavelmente iria querer me mandar para fora do país, o que eu aceitaria de bom grado se não estivesse atolada até o pescoço naquela história toda.

— Provavelmente algum maluco — respondi, sentindo como se a minha voz não pertencesse a mim. — Para qual hospital levaram o Oliver?

— Para o São Luiz. Eu estava te procurando para irmos até lá, quando percebi que você havia sumido, e pensei que... — Emanuelle fungou. — Ah, Hannah...

Eu a abracei pelos ombros e, como era consideravelmente mais alta, Emanuelle ficou com a cabeça no meu peito, soluçando baixinho.

Claro que eu queria que nós voltássemos a ser amigas novamente, mas não naquelas circunstâncias, não daquele jeito.

— Eu estou aqui, estou viva — murmurei, tentando acalmá-la. — Fica calma, eu nunca te deixaria aqui sozinha. Ainda vou te encher muito a paciência.

Emanuelle se recompôs e concordou com a cabeça.

— Vamos até o hospital, lá eu te conto melhor tudo o que aconteceu — sugeri. — O Oliver precisa de nós.

— Sim, vamos, os pais dele devem estar precisando de alguém.

**XXX**

A viagem até o hospital foi silenciosa. Trocamos meia dúzia de palavras sobre a localização e nos perdemos em pensamentos, Emanuelle concentrada na estrada, eu repassando os últimos instantes do tiroteio na cabeça. Por mais que tentasse, não conseguia me lembrar do rosto do homem que havia atirado... num momento, Oliver sorria para mim, e no outro estava apagado no chão.

Só de pensar na possibilidade de que aquela poderia ser a última vez que o veria com vida, o meu coração batia descompassado e eu sentia o meu estômago afundar. Mesmo que tenha sido por reflexo, mesmo que ele não tivesse pensado em se sacrificar por mim, eu sabia que a culpa nunca me deixaria. Nem a culpa, nem o arrependimento por nunca ter dito o que ele significava para mim.

*Ele não morreu*, eu pensava sem parar, apertando os meus dedos uns contra os outros. *Ele não morreu*.

A paisagem passava como um borrão, enquanto Emanuelle pisava fundo no acelerador. O hospital ficava a cerca de 15 minutos do pub em que estávamos, mas nós chegamos lá em muito menos. Quase não acreditei quando percebi que já estávamos no estacionamento.

As duas ambulâncias já estavam nos fundos do hospital. De uma delas, a garota que eu vi sendo colocada estava sendo retirada e a outra parecia estar vazia.

— Os pais dele devem chegar a qualquer instante, Vinhedo não fica muito longe — Emanuelle comentou, desligando o carro.

Nós saímos em silêncio e demos a volta, entrando pela recepção. Lá, vários alunos da USP se concentravam, aflitos e falando alto, perto das poucas recepcionistas de plantão. Eu e Emanuelle nos aproximamos da confusão, e eu percebi que havia esquecido completamente que estava lavada de sangue.

— Oliver Moraes, ele já chegou? — eu me enfiei entre as pessoas, que pareciam um pouco chocadas com o meu estado.

— Você está bem? — uma das recepcionistas me perguntou, arregalando os olhos por trás dos óculos de armação clara.

— Sim, eu estou bem, é sangue de outra pessoa — eu pigarreei, pois todos me olhavam com curiosidade. — Bom, não importa, eu estou bem, mas preciso saber do Oliver Mo...

— Ele está na UTI sendo operado — ela respondeu, e eu quase desmontei ao saber que ele estava vivo.

Vivo! Oliver estava vivo!

— Mas qual é o estado dele, como ele está?

— Nós não sabemos, ainda não temos essa informação, mas, mesmo se tivéssemos, só estamos autorizadas a informar a família. Mas você pode aguardar na sala de espera da UTI.

Irritada com aquela situação, eu saí do meio das pessoas e vi que Emanuelle parecia um pouco constrangida por também estar suja de sangue.

— Vem, vamos procurar a loja do hospital, eles devem ter alguma coisa para trocarmos essa sujeira — eu sugeri, e ela me seguiu, parecendo bem perdida e totalmente diferente da Emanuelle que eu conhecia, independente e até um pouco arrogante.

Nós seguimos as direções nas placas e fomos até o quarto andar, onde encontramos uma lanchonete 24 horas que, para a nossa sorte, vendia camisetas básicas. “Isso é mais comum do que você imagina”, o jovem atrás do balcão disse, percebendo as nossas roupas imundas e passando as nossas compras pelo *scanner*.

Emanuelle pagou por tudo e eu nem me importei em brigar com ela por isso; estava tão cansada, tanto física quanto emocionalmente, que deixei para lá. Nós então fomos até o banheiro e saímos de lá com a mesma camiseta branca de algodão com o *slogan* do hospital. Emanuelle me olhou dos pés a cabeça e sorriu.

— Você se saiu bem sem mim.

— O que alguns tutoriais da Internet não fazem, não é? — eu sorri.

Nós nos sentamos nas mesas da lanchonete. O lugar estava quase deserto, exceto pelo garoto atrás do balcão e algumas enfermeiras em horário de descanso. Eu me joguei na cadeira dura de plástico e suspirei.

— Quer alguma coisa? — Emanuelle ainda estava de pé e com o cartão em mãos.

— Só um expresso, por favor.

Ela foi até o caixa e eu esperei pacientemente enquanto ela fazia o pedido. Alguns minutos depois, Emanuelle voltou com duas xícaras de café e uma garrafa d'água.

— Por que você estava suja de sangue? — ela começou com as perguntas que nós duas estávamos ensaiando para fazer.

— Eu... — eu olhei para baixo, sendo atingida pelo choque de realidade. — Bom, eu estava conversando com o Oliver quando ele foi baleado...

— E o que aconteceu? Eu só fiquei sabendo que ele havia tomado um tiro do lado de fora, quando vi os médicos o colocarem na ambulância. Onde ele tomou o tiro? Ele estava acordado, ele...?

— Ele estava respirando — respondi, tentando acalmá-la um pouco. — E com pulso também. Mas o tiro foi um pouco acima da clavícula direita.

— Puta que pariu... — Emanuelle negou com a cabeça, os olhos enchendo-se de lágrimas.

— E você? Por que estava suja de sangue? — os meus olhos acompanharam os de Emanuelle.

— A garota que tomou outro tiro estava em pé do meu lado. Eu não a conheço, mas ela caiu em cima de mim, e eu fiquei com ela até a ambulância

chegar. Ela estava falando, tomou o tiro no braço, mas estava chorando muito de dor. Eu nem sei o nome dela...

— E as outras pessoas que tomaram tiros?

— Acho que foram para outro hospital — Emanuelle disse, respirando fundo e soltando o ar com força. — Hannah, me desculpe...

— Emanuelle, eu que preciso te pedir desculpas — eu coloquei a minha mão por cima da mão dela na mesa. Os nossos cafés estavam esfriando, mas eles não eram importantes naquele momento. — Eu sei que eu fui uma... eu nem sei o que eu fui. No mínimo, uma péssima amiga. Eu estava perdida, sabe? Tão perdida quanto você e... bom, o Pedro me contou tudo. Eu sinto muito, de verdade, nada disso teria acontecido se eu soubesse a verdade...

— O que o Pedro te contou? — Emanuelle ficou vermelha de repente, inflando as narinas.

— Que vocês ficaram, que ele não deu bola, que você começou a namorar o Oliver e que ele estava apaixonado por você, e tudo mais...

Emanuelle levou a xícara de café aos lábios e eu fiz o mesmo. O gosto amargo me arrancou uma careta, e eu adicionei um saquinho de açúcar ao meu café.

— Na verdade, Hannah, o Pedro me pediu em namoro um dia depois que nós ficamos pela primeira vez, mas eu recusei — ela disse pausadamente, como se estivesse revivendo os momentos. — Depois eu me arrependi, mas então já era tarde demais, e ele começou a agir como um completo imbecil. O resto você aparentemente já sabe. Não sei porque ele omitiu isso...

— Eu sinto muito por ter... bom, você sabe... — eu senti o meu rosto esquentar e tomei mais um gole do café para disfarçar.

— Não, Hannah, eu deveria ter sido uma amiga melhor. Você é a minha melhor amiga e eu guardei todas essas coisas de você — Emanuelle estava sendo sincera; eu a conhecia tanto a ponto de saber quando ela estava

mentindo ou não, e ela não estava. — Quero dizer, claro que vai ser um pouco difícil esquecer que tudo isso aconteceu, mas a culpa não é sua... e sobre o Oliver, bom... eu sei que aquela música de hoje foi para você.

Eu abaixei o rosto, sentindo uma pontada no peito. Havia esquecido da música de mais cedo em meio a toda a adrenalina que havíamos vivido, mas agora tudo voltava com força total. Eu não queria pensar na possibilidade de perder Oliver, mas a lembrança da canção deixou tudo muito mais real. Ele havia tomado um tiro e estava em uma mesa de cirurgia naquele exato momento. Ele poderia morrer. E eu não estava preparada para perde-lo.

Não quando eu quem deveria estar entre a vida e a morte.

— Acho que eu fui egoísta e mimada, mas é como se o Oliver tivesse se tornado um irmão que eu nunca tive, e eu perdi a cabeça quando descobri de vocês dois juntos. Mas não é a mesma coisa com o Pedro. Eu posso viver com a possibilidade de você e Oliver juntos... aliás, agora que eu pensei bastante sobre isso, fico até feliz com essa ideia, de verdade.

— Vamos só... torcer para que ele fique bem. Depois podemos pensar nessas complicações mínimas — eu sorri sem nenhum humor.

— Isso, vamos — ela concordou. — Então... você pode voltar a ser a minha melhor amiga?

— Eu nunca deixei de ser.

Emanuelle sorriu e nós terminamos os nossos cafés em silêncio. Tudo estava terrível, mas pelo menos eu tinha a minha melhor amiga de volta para dividir aquele fardo comigo.

**XXX**

Quando nós descemos para a sala de espera da UTI, os amigos de Oliver já estavam lá. Pedro e Samuel conversavam em voz baixa, e Caio parecia muito abalado, olhando fixamente para o nada. Eu e Emanuelle fomos até eles e eu contei tudo o que sabia, mas a conversa não evoluiu muito. Estávamos todos muito preocupados e sem vontade de interagir uns com os outros.

Por volta das 3 da manhã, os pais de Oliver chegaram. Eu e Emanuelle estávamos aflitas e cansadas, e a chegada deles não melhorou muito as coisas. A mãe dele não parava de chorar enquanto ouvia as poucas informações da recepcionista, e os dois irmãos parecia devastados. O pai, apesar de tudo, era quem consolava os três.

Eu não conhecia a família de Oliver, mas K. Hunter sabia tudo o que havia para saber sobre eles. Silvia Moraes era a mãe, uma arquiteta de 50 e poucos anos, muito distinta e um pouco “esnobe”, nas palavras dele. Ela platinava os cabelos e, pelas fotos do Facebook, estava sempre impecável – bem diferente da mulher parada a poucos metros de mim, com olheiras profundas e um aspecto terrível. O pai, Jaime Moraes, era um empresário do ramo automobilístico e Oliver costumava dizer que se o encontrava duas vezes por ano, era muito. Era impressionante como os dois eram parecidos; Oliver era uma cópia do pai, e, se ele envelhecesse bem daquele jeito, continuaria lindo aos 60 anos. Apesar dos defeitos, Oliver gostava muito dos pais, e gostava mais ainda de contar como os dois eram moderninhos por se comunicarem com ele por Instagram.

Os dois irmãos eram mais velhos. Fernando Moraes, o primogênito, seguia os passos do pai na empresa. Ele era mais parecido com a mãe, com traços mais femininos e olhos verdes, mas tinha o mesmo cabelo cor de areia que os três haviam puxado do pai. Ele era o menor de todos, apesar de ser o mais velho, mas, mesmo assim, estava acima da média de altura dos brasileiros. Ao lado dele, João Moraes, o irmão do meio, parecia ter acabado de sair da cama, com calças largas de moletom e uma camiseta branca puída. Ele ainda estava na faculdade, assim como Oliver, mesmo sendo mais velho – mas o fato de ele estar terminando o curso de medicina o deixava com carta branca para ainda estar estudando aos 26 anos. Ele era bem parecido com o pai e Oliver, mas tinha os olhos verdes da mãe.

Assim que a recepcionista os informou de tudo o que sabia, a família veio em nossa direção. A sala de espera da UTI ainda estava povoada por alunos da USP, alguns amigos de Oliver, outros amigos da garota que havia tomado um tiro no braço. Assim que a Sra. Moraes avistou Emanuelle, correu até ela.

— Emanuelle, querida, por favor, você pode nos dar mais alguma informação, me dizer o que aconteceu...?

— Olá, Sra. Moraes, Sr. Moraes, Fernando, João — Emanuelle cumprimentou um por um com um abraço carinhoso, e eu fiquei quieta, só observando. — Na verdade, eu estava do outro lado do pub quando tudo aconteceu. Quem ficou com ele foi a Hannah.

Emanuelle me abraçou pelos ombros e a família de Oliver inteira cravou os olhos famintos por qualquer informação em mim.

— Ah, oi — eu disse, acenando brevemente, com uma mistura de constrangimento e pena por eles, que me olhavam tão aflitos. — Eu sou a Hannah, sou... bom, sou amiga do seu filho.

A mãe de Oliver se sentou ao meu lado e segurou minhas mãos entre as dela, que estavam geladas. Os homens continuaram em pé, concentrados em mim.

— Me conte o que aconteceu, querida.

— Eu estava conversando com ele perto do palco, depois do show — comecei, odiando reviver aqueles momentos. — De repente, ele me empurrou para o lado e eu ouvi tiros. Nós dois caímos no chão e eu fui até ele, que já estava desacordado, mas respirando. Nós não sabemos o que aconteceu, nem quem atirou — eu menti, pois não queria envolver mais ninguém naquela história.

— E onde... onde ele levou o tiro? — o pai de Oliver perguntou.

— Um pouco acima da clavícula direita.

Eles olharam para João, que franziu o cenho.

— A bala atravessou? — ele quis saber.

— Sim — eu concordei com a cabeça. — Parece que sim.

— Não é uma área de muito risco, mas está perto demais do pescoço — ele murmurou, mais para ele mesmo do que para a família. — Não sei dizer ao certo, precisaria avaliar... só nos resta esperar...

— E rezar — Emanuelle completou, o que me deixou um pouco surpresa, já que ela não era a pessoa mais religiosa do mundo.

A família dele se sentou a nossa volta e ficou coletando informações dos outros alunos, mas eles não tinham nada de muito interessante para compartilhar, só fofocas, lembranças vagas e mais do mesmo.

Eu e Emanuelle permanecemos em silêncio, observando a porta vai e vem da UTI, como se a vida de Oliver dependesse daquilo.

### XXX

Perto das 5 da manhã, a maioria dos alunos já havia ido embora, depois da família da garota baleada ter avisado que os médicos haviam retirado a bala e ela passava bem, e da mãe de Oliver prometer dar informações assim que soubessem de algo. Ela ofereceu para que eu e Emanuelle fôssemos para a casa, mas nós nos recusamos. Ao todo, ficamos nós duas, a família de Oliver, Pedro, Caio e Samuel. Os meninos estavam tão calados quanto nós, sentados no fundo da sala e parecendo perdidos em suas próprias preces.

Eu estava caindo de sono, mas não pretendia fechar os olhos. Percebendo a minha situação, João se sentou ao meu lado e me ofereceu um copo de café de máquina.

Eu agradeci e tomei um gole, fazendo uma careta em seguida, sentindo um gosto estranho de melado no café.

— Me deixa acordado durante as provas — ele disse, tomando um gole também. — Café e energético.

— É um tanto quanto... exótico — comentei, e ele soltou uma risada curta pelo nariz. — Sinto muito por vocês estarem passando por tudo isso.

— É... eu nunca imaginei que fosse me encontrar em uma situação como essas, principalmente com o Oliver, que paga de *bad boy*, mas é o cara mais certinho que eu conheço — João respondeu, e eu percebi que ele tinha as mesmas covinhas discretas nos cantos da boca de Oliver; os dois eram parecidos demais, o que deixava as coisas bem difíceis para mim. — O seu nome é Hannah, não é?

— Sim, Hannah Knight.

— Então você é a garota de Ribeirão — o irmão de Oliver sorriu com certo mistério. — Ouvi falar de você.

— Você ouviu falar de mim? Como?

Eu estava ansiosa pela resposta de João, mas a movimentação a minha volta me fez desviar os olhos dele. A mãe e o pai de Oliver haviam se levantado e Emanuelle parecia ter acordado do pequeno cochilo que tirava. Eu virei o meu corpo em direção a porta da UTI, que um médico havia acabado de atravessar.

Ele veio até nós e olhou para a ficha que levava em mãos.

— Vocês são a família de... Oliver Moraes?

— Sim! Sim, doutor, nós somos. Como ele está? — a mãe de Oliver exclamou.

O médico de cerca de 50 anos de idade tinha os fios de cabelo já

completamente brancos. O seu semblante era o de um homem cansado, com rugas acumuladas na testa e os olhos caídos, então ficava difícil ler qualquer expressão de tristeza ou alívio em seu rosto.

Ele ficou em silêncio algum tempo, analisando a ficha de Oliver.

— E então, doutor? — Emanuelle perguntou, aflita.

— Bom, o Oliver...

## DEZOITO

Aqueles foram os três segundos de espera mais agonizantes da minha vida. O doutor revirou algumas páginas e finalmente achou o que estava procurando, perdendo o semblante preocupado.

— O Oliver está bem. Nós retiramos a bala cirurgicamente, ela não se alojou em nenhum lugar complicado e ele não corre mais risco de vida. Mas vai precisar passar mais uma noite na UTI, somente por precaução.

O alívio foi geral. A sra. Moraes até sentou, depois de soltar um gritinho de exclamação, enquanto os irmãos se abraçavam. Eu estava tão preocupada com a reação dos familiares que nem reparei que havia pego a mão de Emanuelle e a apertava com força. Só fui me dar conta quando ela exclamou.

— Hannah, você está me machucando!

Eu saí do transe em que me encontrava e soltei a sua mão, só para ser recebida por um abraço carinhoso da minha melhor amiga.

— Está tudo bem — ela murmurou. — Agora está tudo bem.

Eu concordei, com a cabeça enfiada em seu cabelo. Toda a tensão do meu corpo foi embora e, conforme eu relaxava, o cansaço me atingiu. Assim que soltei Emanuelle, bocejei demoradamente, fazendo-a rir.

— Acho melhor irmos para o apartamento descansar um pouco — ela sugeriu, coçando os olhos vermelhos de sono.

— Pode ir, vá descansar um pouco, eu vou esperar ele acordar — eu decretei, mas Emanuelle não pareceu gostar muito da ideia.

— Hannah, olha só para você! Você está caindo de sono, precisa dormir um pouco! Ele está bem, não vai sair daqui! Além disso, deve estar sedado e só vai acordar daqui muito tempo.

— Eu estou legal, só preciso de mais um café — eu realmente queria dormir, mas, ao mesmo tempo, não queria estar longe quando Oliver acordasse.

O médico conversava com a família enquanto Emanuelle tentava me convencer do quão irresponsável eu estava sendo, mas eu não queria deixar Oliver naquele momento.

Não quando ele estava ali por minha causa.

Os amigos dele se aproximaram e Emanuelle suspirou; ela sabia que não conseguiria me tirar dali.

— Vocês vão ficar aqui, meninos? — ela perguntou.

— Nós vamos voltar e dormir um pouco... — Caio explicou, com um pouco mais de cor no rosto. — Vamos voltar depois.

— Ótimo, vamos voltar juntos então! — Emanuelle sugeriu.

— E você, Hannah? — Pedro perguntou, e eu tomei um susto ao ouvir a sua voz.

Não sei porque, mas o que havia acontecido camuflou um pouco toda a raiva que eu estava sentindo dele. Porém, depois que tudo estava parcialmente resolvido, apenas o som da sua voz tinha o poder de me desagradar.

— Eu vou ficar — resmunguei, lançando um olhar apreensivo para Emanuelle e me afastando deles.

Sentei-me na cadeira dura da sala de espera e observei meus amigos conversarem um pouco com o pai de Oliver e se despedirem. Depois, tentei

escutar a conversa do médico com a Sra. Morais e João, o irmão médico, mas não consegui entender muita coisa.

Com os olhos pesados, encostei a cabeça na parede branca de gesso e os fechei, pelo o que pensei que fossem alguns minutos, mas acordei com o dia já clareando. O Sr. e a Sra. Morais estavam ao meu lado, mas não havia nenhum sinal dos irmãos.

— Bom dia, querida — a Sra. Morais desejou, estendendo um copo de café fumegante para mim. — Você devia ter ido para casa.

— Obrigada — eu aceitei o café e assoprei fraquinho dentro do copo, com medo de queimar a língua. — Onde estão...?

— Ah, eles estão lá dentro, o Oliver acordou! — ela sorriu, mas suas olheiras denunciavam o cansaço. — Ele será transferido para um quarto ainda hoje... estamos tão aliviados, você nem imagina! Obrigada por ficar aqui, tenho certeza de que você é uma boa amiga para o Oliv.

Eu estava preparando a minha resposta quando ouvimos as vozes parecidas e afinadas dos irmãos de Oliver. Voltei-me para eles, que pareciam muito mais jovens do que há algumas horas.

Os dois se aproximaram e foi Fernando quem começou a falar.

— Ele está legal, está fazendo até piada!

— Nem um tiro tira o sarcasmo daquele babaca — João comentou, fazendo a família rir. — Ah, Hannah, ele quer te ver! Mas a visita acaba em quinze minutos, então é melhor se apressar... e diga que você é uma prima distante, eles só aceitam família.

Com os olhos arregalados de surpresa, eu me levantei depressa, derrubando o copo de café na camiseta branca novinha em folha.

— Puta merda — xinguei, ficando vermelha logo em seguida; belíssima primeira impressão eu estava dando para a família de Oliver.

— Não se preocupe querida — o Sr. Morais disse, me enxotando com as mãos. — Vá logo!

E foi o que eu fiz, sem saber o que me esperava.

### XXX

Por mais que eu não fosse o ser humano mais sensível, a UTI não era o lugar mais agradável do mundo. Diversas camas separadas apenas por cortinas de plástico revelavam sofrimentos os quais eu não estava preparada para assistir. Da maioria delas, só se podia ouvir os apitos das máquinas trabalhando, mas gemidos sôfregos atravessavam alguns dos biombos e as lágrimas solitárias dos familiares pareciam inundar os corredores.

A silenciosa enfermeira me levou até a cama de Oliver a passos apressados. Quase me perdi enquanto observava em volta, mas ela já devia estar acostumada com aquele tipo de reação, batendo palmas para que eu a acompanhasse.

Quando chegamos, ela afastou a cortina e eu pude enfim vê-lo.

Oliver estava meio sentado e meio deitado, com diversos tubos e canos saindo do seu corpo. O seu rosto estava pálido e os lábios um pouco azulados, mas, fora isso, e o imenso curativo acima da clavícula, ele parecia o mesmo Oliver de sempre.

— Você tem quinze minutos — a enfermeira sussurrou antes de desaparecer.

Até então, eu não havia tido tempo para pensar realmente no que aconteceria se Oliver não tivesse resistido, e só a sombra daquele pensamento encheu os meus olhos de lágrimas.

— Ah, por favor, eu não aguento mais lágrimas — ele resmungou, apontando com os olhos para o próprio colo. — Minha mãe já me encharcou delas.

Aquilo me fez rir, e eu me aproximei dele. Segurei a sua mão sem agulhas e a senti gelada sob meus dedos. Vi pela visão periférica que ele estava recebendo sangue, e aquilo me deixou um pouco enjoada.

— Obrigada — eu murmurei, gravando cada traço do rosto dele em minha memória.

Seus lábios finos e elegantes, os olhos amarelados, os fios de cabelo cor de areia que caíam na testa estreita.

— Não tem problema. Eu sempre quis saber como era levar um tiro, para o caso de eu precisar assassinar algum dos meus personagens — ele fez a menção de dar de ombros, mas parou no meio do caminho, prevendo toda a dor que aquele simples gesto provocaria. — Agora eu sei como é. E não é nenhum pouco legal. Mas pelo menos agora eu posso calar a boca de quem diz que todo escritor só escreve porque não pode fazer.

— Por favor, os escritores são os mais legais — eu fui obrigada a entrar na brincadeira, pois não queria cair no choro na frente dele. Quero dizer, ele havia tomado um tiro e eu que chorava? Não estava certo. — Além do mais, olha só para você, recebendo sangue de desconhecidos! Que tipo de superpoder você poderá obter?

Oliver sorriu e fixou os olhos nos meus. Eu mordi o lábio inferior, apenas curtindo aquele momento, e decidi que estava finalmente na hora de contar tudo o que eu sentia.

Eu poderia dizer tudo. A atração física arrebatadora que senti a primeira vez que coloquei os meus olhos nele, a obsessão com a qual descobri cada detalhe de sua vida, a segunda personalidade que havia criado só para me aproximar dele, o amor que crescia dentro de mim a cada conversa descontraída no fórum de escritores... mas, ao invés disso, apenas me aproximei da cama, coloquei sua franja rebelde para trás da orelha com

carinho e murmurei.

— Eu estou apaixonada por você.

Os lábios de Oliver se curvaram em um sorriso sincero e ele segurou o meu braço com delicadeza. Primeiro, ele beijou as costas da minha mão, depois subiu os beijos para o pulso e antebraço.

Eu me sentei na beirada da cama, do lado oposto ao seu curativo e, com uma força que eu pensei que ele não tivesse após receber um tiro, Oliver se aproximou de mim e me beijou.

Não foi um beijo apaixonado, apenas tocamos os nossos lábios, mas foi o suficiente para que o meu corpo inteiro esquentasse. Depois, eu apoiei a minha cabeça em seu peito e coloquei as pernas em cima da cama, fechando os olhos. Ele colocou a mão em minhas costas e começou a acaricia-la delicadamente.

— Acho que levar um tiro deve ser prova o suficiente — ele murmurou, e eu ri baixinho —, mas, se ainda restaram dúvidas, eu também estou apaixonado por você.

— Algumas garotas recebem alianças, outras, cachorrinhos, ou ursos de pelúcia, flores e chocolate... eu recebo tiros — comentei, e nós dois rimos.

— E uma serenata, se não me falha a memória.

— “Se não me falha a memória”. Quantos anos você tem, 80?

— Eu acho que não se deve tirar sarro de uma pessoa encamada — Oliver subiu a mão para a minha nuca e ficou fazendo círculos com o dedo no meu cabelo.

— Me desculpe, eu não estou acostumada a ser gentil e dócil com você — eu disse, com certa sinceridade, e Oliver apenas soltou um rastro de risada, mostrando-se frágil.

— Nós teremos que trabalhar isso.

Eu decidi não alongar aquela conversa. Ele estava cansado e com dores, e eu começava a apagar com os olhos fechados. E meus últimos pensamentos antes de dormir foram “nós teremos que trabalhar isso”.

### XXX

Acordei com a mesma enfermeira silenciosa me cutucando. Abri os olhos, extremamente sonolenta, e demorei um pouco para me lembrar onde estava.

— Você precisa ir — ela murmurou, parecendo irritada.

Eu saí da cama vagarosamente, com medo de acordar Oliver, que dormia tranquilamente ao meu lado. Levantei-me, beijei a sua testa de leve e segui a enfermeira mais uma vez.

Já do lado de fora, encontrei a família de Oliver perto do balcão.

— Como ele está, querida? — a Sra. Moraes perguntou.

— Dormindo — eu tentei parecer animada, mas um bocejo repentino me traiu. — Desculpe, eu estou um pouco cansada.

— Um pouco cansada? — João interferiu. — Você deve estar destruída. Chegou antes de nós e ainda não foi embora!

— Vá para casa dormir um pouco — Sérgio sugeriu, pegando o próprio celular. — Me passe o seu número e, assim que o Oliver for transferido para o quarto, eu te mando uma mensagem.

Eu aceitei a sugestão, sonhando acordada com a minha cama. Depois, despedi-me da família de Oliver – que insistiu em pagar um táxi ao descobrir que eu não estava de carro – e entrei no automóvel, dando as instruções para

o motorista.

Cheguei no meu prédio e subi para o meu quarto. Eu estava desejando a minha cama mais do que qualquer outra coisa. Porém, antes de sucumbir aos meus desejos, liguei o computador, peguei o meu cabo USB e transferi o áudio de Sergio para os meus documentos. Ainda ouvi por cima – não estava a fim de reviver aqueles momentos – e, com certa felicidade mórbida, constatei que a minha prova crucial estava intacta.

Depois, abri o fórum de hackers e mandei uma mensagem para L. Love, anexando todo o material que tinha sobre Sergio Maia, desde as imagens de seu notebook até o áudio do dia anterior.

*K. Hunter [mensagem enviada às 08h08]:*

L., eu estou te mandando tudo o que sei. Hoje era o prazo final, então espero que a mulher de Sergio ainda possa aceitar o material e destruir a vida daquele filho da puta. Agora lavo as minhas mãos – não quero mais colocar em risco as pessoas que eu amo.

Depois de esperar o carregamento dos anexos, enviei a mensagem e desliguei o computador. Tirei a saia suja de sangue e a camiseta branca suja de café e me enfiei em um pijama de flanela, sem forças para tomar um banho.

Adormeci no instante em que fechei meus olhos.

**XXX**

Acordei com o dia já claro. O meu relógio de cabeceira mostrava que já passava das 14h e eu dei um salto da cama, ciente de que Oliver já deveria estar no quarto e que eu estava perdendo minutos preciosos ao seu lado;

depois de tanto tempo escondendo o que eu sentia, a única coisa que eu queria era ficar com ele até que ele enjoasse de mim e me mandasse ir embora. Não me importava mais com Sergio nem com o que ele poderia fazer comigo... pelo menos não enquanto Oliver estivesse hospitalizado.

Tomei um banho quente e demorado, esfregando todas as partes do corpo com força para me livrar dos vestígios de sangue e cansaço. Depois, sequei o cabelo e vesti uma calça jeans e uma camiseta, exatamente como no dia em que eu e Oliver tornamos mais do que somente conhecidos no ônibus que ia para Ribeirão.

Eu tinha noção de que era segunda-feira e eu estava perdendo uma aula importante sobre cálculo de limites, mas usei a carta do “sou uma aluna brilhante e mereço um pouco de descanso” para me convencer de que aquilo não atrapalharia a minha graduação.

Bati na porta do quarto de Emanuelle, mas ela não estava mais lá. Saí então do apartamento e desci correndo as escadas do prédio, sem paciência para esperar pelo velho e lento elevador. Já do lado de fora, coloquei os meus óculos escuros e comecei a caminhar até o ponto de ônibus. Na metade do caminho, ouvi buzinas às minhas costas e me virei. Caio estava ao volante, sorrindo para mim. Eu o esperei se aproximar e abaixar o vidro.

— Está indo visitar o Oliv? — ele quis saber.

— Sim — olhei para dentro do carro vazio. — Os meninos não vão?

— Eles já estão lá, eu acabei dormindo demais — Caio suspirou. — Eu fiquei bastante tenso com tudo o que aconteceu e quando eu fico tenso eu durmo muito.

— Somos dois! — apontei para mim mesma, o que exemplificava o que estava dizendo.

— Entra aí, eu levo você.

Dei a volta no carro e me sentei no banco de passageiros. Caio me deu um

beijo rápido no rosto e aumentou o volume do rádio, cantarolando algum rap comercial.

Eu encostei a cabeça no vidro e fechei os olhos, ainda muito cansada. Fiquei uns bons 15 minutos daquele jeito, até que passamos por um buraco e o carro sacolejou inteiro, me despertando.

Olhei em volta e percebi que não sabia onde estava.

— Você está perdido?

Caio sorriu com o canto dos lábios, os olhos fixos na estrada.

— Ah, não, eu estou pegando um caminho mais rápido.

Eu bati os olhos no relógio do painel e vi que de fato já haviam se passado 15 minutos, tempo suficiente para chegar do nosso prédio até o hospital, ou pelo menos nas proximidades.

Aquilo ligou a parte desconfiada do meu cérebro e eu segurei a maçaneta da porta.

— Como você e o Oliver se conhecem? — Caio perguntou repentinamente, abaixando o volume do rádio.

— Ele namorou a Emanuelle, né? E ela é a minha colega de apartamento — pensei que aquela história era um pouco óbvia demais e que ele já sabia a resposta. Eu estava sentindo uma mistura de desconfiança e estupidez por achar que Caio podia ser alguma ameaça para mim. — E você?

— Nos conhecemos através do Samuel — ele disse simplesmente.

Caio entrou em um conhecido bairro grã-fino de São Paulo, onde as mansões se estendiam imponentes atrás de muros e guaritas. Nós estávamos do outro lado da cidade e a minha cabeça foi a mil. Mas ele continuava calmo, insistindo em conversar.

— Eu gosto muito do Oliver — ele continuou.

— Eu também gosto — concordei com a cabeça.

— Gosto tanto, que apresentei o meu padrasto a ele — Caio comentou.

Olhei para ele, que entrou em uma rua estreita, sem tirar os olhos da estrada. O que ele estava querendo dizer?

— O meu padrasto é bastante influente nesse meio artístico, sabe?

Eu fiquei em silêncio, pensando na possibilidade de abrir a porta e me jogar. Mas no que diabos eu estava pensando? Por que aquela conversa estava me dando tanto medo?

— Você deve conhecer ele — ele sorriu e virou o rosto para mim, mostrando uma feição totalmente diferente do dócil e prestativo Caio. — Ele esteve no IME esses dias. Fez uma doação milionária ao instituto.

O meu coração parou dentro do peito.

Sergio Maia. Sergio Maia era o misterioso padrasto de Caio? Os negócios dele que o garoto assumiria ao final da graduação? Então Caio era o "garoto"?

Com um minúsculo controle preso no retrovisor, Caio abriu o portão de uma das mansões e entrou na garagem. Assim que ele parou o carro, eu tentei abrir a porta, sem obter muito sucesso. Finalmente eu me dei conta de que estava presa.

Com a maior calma do mundo, ele saiu do carro e o rodeou. No espaço de segundos em que ele fez isso, eu conectei tudo o que havia para se conectar, sentindo-me estúpida por não ter conseguido enxergar aquilo antes. Como diabos Sergio Maia havia encontrado dois alunos de química da USP idiotas o suficiente para fazer parte daquele esquema? Como ele havia angariado professores e donos de estabelecimentos sem atrair atenção? Ele precisava chegar até essas pessoas através de alguém em quem eles confiavam, através de alguém que não chamava atenção e atuava pelas sombras, através de Caio

Moreira, seu enteado, aluno da USP. Muito provavelmente ele que havia dado a ideia de expandir os negócios para dentro da Universidade – era tão óbvio que chegava a ser estúpido.

Caio abriu a minha porta e eu tentei passar por cima do câmbio para sair do outro lado, mas ele foi mais rápido, pegou-me pelo braço e me jogou no chão. Com o rosto na grama recém regada, reparei em dois pares de sapatos pretos. Nem tive tempo de me situar e já estava sendo carregada aos trancos pelos dois seguranças imensos. Eu comecei a gritar, mas Caio enfiou uma mordança na minha boca, inutilizando qualquer tipo de tentativa de pedir socorro.

Já do lado de dentro, um dos seguranças, cansado de receber chutes e socos, pegou-me pela cintura e me colocou nas suas costas, andando como se eu não pesasse mais do que algumas gramas. Tentei soca-lo e chuta-lo novamente, mas os meus pés e as minhas mãos foram amarrados em questão de segundos. Tudo o que me restava era pedir mentalmente que algum tipo de milagre me livrasse daquela situação.

Nós quatro descemos dois lances de escada. Lá embaixo, dentro de uma adega climatizada e revestida por materiais que impediam que o som vazasse, a porta foi fechada e eu fui colocada em uma cadeira de madeira no meio do cômodo. No canto, Sergio Maia já me esperava com um saco preto ao seu lado. O cheiro era terrível e eu senti ânsia de vômito. A minha mordança foi retirada e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o saco preto foi puxado, revelando o corpo sem vida de Dênis.

O mundo parou de rodar.

Eu ensaiei um grito, mas recebi um tapa na cara antes de deixa-lo escapar da garganta. A minha visão escureceu, minha bochecha esquerda ficou quente e eu senti gosto de sangue.

— É isso o que acontece quando nós conseguimos pegar os nossos traíras — Sergio Maia sorriu como se nós estivéssemos comemorando o Natal. — Ele te avisou do tiroteio, não avisou?

Eu fiquei muda, observando o corpo imóvel na minha frente. O rosto

estava desfigurado e eu imaginei o que eles haviam feito com ele para que confessasse. Vomitei na mesma hora, lavando o chão com o pouco que tinha no estômago. Recebi mais um tapa depois disso, e, dessa vez, cuspi o sangue.

Caio estava parado atrás do padrasto, mexendo no celular. Ele não demonstrava nenhum tipo de emoção em relação a mim, parado ali como um projeto de *serial killer*.

— Nosso encontro aconteceu mais rápido do que eu imaginava, Hannah Knight — Sergio aproximou-se de mim e passou as costas da mão pelo meu rosto. Com repulsa, joguei a cabeça para trás e ele riu. — É uma pena acabar com um rostinho tão bonito... a sua família vai ficar decepcionada em ter de enterrá-la em um caixão fechado.

Eu imaginei minha mãe e Pietra chorando próximas do meu rosto desfigurado como o de Dênis, tendo de reconhecer o meu corpo. Eu não acreditava que, depois de tudo o que havia acontecido, aquele seria o meu fim, presa na armadilha de um cara que eu achei que fosse meu amigo.

— Você desaprendeu a falar, Hannah? — Caio perguntou, ainda mexendo no celular, sem nem se dar ao trabalho de me olhar. — Você costumava não calar a boca.

— Seu filho da puta! — eu cuspi mais sangue no chão, com um ímpeto surreal de me livrar daquelas cordas e esfaquear o rosto de Caio Moreira. — Seu nojento desgraçado, você vai pagar por isso!

— Por isso o que? — Sergio perguntou, dando um chute no corpo de Dênis. — Pela vida desse aí? Ela não valia nada... assim como a sua. Quem vai clamar por justiça depois da sua morte? Ninguém, porque ninguém se importa com uma maldita hacker que se meteu onde não foi chamada. A mídia vai te pintar como uma bandida promíscua e logo estarão todos comemorando a sua morte em grupos de WhatsApp de pessoas de bem.

Aquilo me atingiu mais do que os tapas, porque era verdade. Quem genuinamente se importava comigo? Minha mãe? Minha irmã? Emanuelle? Oliver? Claro que eles eram importantes na minha vida, mas como a minha

mãe doente, a minha irmã menor de idade, a minha melhor amiga com problemas imensos só dela e um cara que dizia estar apaixonado por mim poderiam me vingar depois de morta? A minha morte seria sentida por um grupo minúsculo de pessoas e, depois de alguns anos, eu não passaria de um fantasma na vida daqueles que um dia me amaram.

A minha morte seria totalmente em vão.

— Mas antes, eu quero saber quem encomendou os seus serviços. Se você for prestativa, eu prometo acabar logo com isso. Se você não colaborar... — Sergio estendeu a mão e Caio lhe entregou uma faca muito bem afiada. — Uma imagem vale mais do que mil palavras, não é? Porque o nosso Dênis aqui não quis colaborar, e olha só onde ele está agora.

Eu não quis olhar para o corpo de Dênis, olhando fixamente nos olhos de Sergio Maia e toda a sua maldade.

Eu queria machuca-lo. Queria fazer com que ele pagasse por tudo aquilo.

— Por que você não pergunta à sua mulher? Andressa o nome dela? — eu olhava fixamente para a personificação do mal e, pela primeira vez desde que comecei toda aquela loucura, senti hesitação no empresário. E talvez um pouco de... mágoa? Caio, ao seu lado, arregalou os olhos ao ouvir o nome da mãe. Aproveitando a deixa, continuei a provoca-los; eu não tinha mais nada a perder mesmo. — E os seus filhos? Os legítimos, aqueles com o qual você se importa, não os que você usa como bode expiatório — sorri para Caio antes de continuar. — Será que ficariam orgulhosos do papai, assassinando pessoas a troco de quê? Dinheiro? Poder? Eu não sei, Sergio, mas eu acredito que eles ficariam no mínimo decepcionados. Isso se eles realmente se importarem com você, não é? Porque a sua mulher claramente só quer caçar uma grande e gorda pensão e cair fora, se lançar nos braços de um homem que valha a pena. Agora, os seus filhos, coitados, não têm a opção de trocar de pai, e terão que ficar aqui, trancados, odiando o homem que os gerou enquanto gastam sua grana em — Sergio abaixou um pouco a guarda, percebendo onde eu queria chegar — isso mesmo, Sergio! Em cocaína. E se Deus for justo, vai ser a sua cocaína.

— Onde está ela? — Sergio perguntou a Caio, que parecia estarecido. — Você a viu hoje? *Onde está a porra da sua mãe, Caio?*

O caos se instalou entre os dois. Sergio pegou o celular do bolso e Caio começou a praguejar ofensas contra a própria mãe. E eu fiquei na cadeira, sentindo o meu rosto latejar.

— Não consigo falar com ela! — Sergio exclamou, digitando no pequeno aparelho furiosamente. — Onde ela está?

— Como eu vou saber, porra? — ele respondeu, olhando para mim. — Talvez *ela* saiba!

— Não adianta saber onde ela está — eu ri mais uma vez. — Independentemente do paradeiro da Sra. Maia, ela detém todas as informações necessárias para fazer com que o maridão apodreça na cadeia. E o poderoso e indestrutível Sergio Maia não vai cair sem levar os outros com ele, não é mesmo?

— Sua putinha — Sergio desferiu uma joelhada no meu estômago e eu caí no chão, arfando.

A dor se acumulou nas minhas costelas, mas eu nem tive tempo de sentir, pois já estava recebendo um chute na cabeça provindo de Caio; enquanto o enteado marcava o meu corpo com chutes e socos, Sergio tentava localizar a mulher.

Eu fiquei deitada no chão, gritando de dor e esperando que aquilo acabasse rápido. A beira de perder a consciência, comecei a imaginar a minha mãe em um leito de hospital, com Pietra ao seu lado. A imagem ficou um pouco distorcida e eu pude ver meu pai se juntando a elas. Lágrimas rolaram pela minha bochecha, misturando-se com o sangue acumulado na boca. Pelo menos a morte me levaria para perto do meu pai. Só eu sabia o quanto sentia a falta dele... mas, ao mesmo tempo, eu me preocupava com a família que ainda estava viva e ficaria aqui, preocupava-me com a doença da minha mãe, e em como a minha irmã sobreviveria quando todos os membros da sua família estivessem mortos. Ela não merecia aquilo, não tão jovem, não tão

doce.

O bico do tênis de Caio atingiu a minha cabeça e eu apaguei por alguns instantes. Quando voltei, o cano gelado de uma arma estava encostado na minha testa. Eu olhei para cima com dificuldade e vi que Caio estava no oposto da arma, segurando-a com as mãos trêmulas.

— Você estragou tudo — ele murmurou e eu pude perceber lágrimas solitárias escorrendo pelo seu rosto. A sua voz estava tremida e irada e ele se parecia muito mais como o jovem que era. Ao fundo, Sergio berrava ao celular. — Tudo! Você e a vagabunda da minha mãe! Vocês não prestam para nada! Nada!

Eu ouvi o ‘clic’ do gatilho e fechei os olhos.

E a última coisa que pensei foi: “O que será que L. Love vai pensar de tudo isso?”

## DEZENOVE

O que aconteceu em seguida foi algo além dos meus mais profundos desejos. Eu tinha certeza que Caio havia disparado e que eu estava morta, partindo do plano terreno para me juntar ao meu pai. Mas eu não senti dor alguma e os barulhos de tiro foram se multiplicando. Quando resolvi abrir os olhos para ver se já estava na porta do paraíso – porque, convenhamos, eu merecia um lugarzinho lá –, a adega estava uma zona.

Homens vestidos de preto com armas nos ombros gritavam coisas que eu não conseguia entender e imobilizavam Sergio, e Caio não podia ser visto em lugar nenhum.

Eu tentei gritar, mas apenas o esforço de abrir a boca desencadeou uma onda de dores intensas, e eu só voltei a chorar, pensando que morrer deveria ser melhor que aquilo.

Foi uma policial que me percebeu jogada no chão, ensanguentada e deformada, e correu até mim. O corpo de Dênis estava há poucos metros de nós duas e o cheiro de carne podre ainda podia ser sentido.

— Precisamos de uma ambulância aqui! — a mulher era negra e tinha os traços muito bem desenhados; meus olhos estavam tão inchados que eu só conseguia ver borrões da mulher, o que a transformava em quase um anjo. O nome na lapela dizia Agente Pereira. Ela segurou meu pulso e falou com a voz firme. — Fique tranquila, querida, a ajuda já vai chegar.

O que aconteceu em seguida ficou na minha memória como uma mistura confusa de pessoas me carregando, transportando, apalpando, limpando, conversando... enquanto eu sentia dor.

Muita dor.

Quando cheguei ao hospital, observei o teto branco de todo o trajeto da entrada da emergência até alguma sala desconhecida, sentindo todas as dores com o dobro de potência. Meu estômago estava pegando fogo, enquanto minha cabeça latejava tanto que eu tinha certeza de que alguém estava dentro dela martelando o meu cérebro. Eu estava chorando sem nem ter forças para chorar, sentindo o gosto amargo do sangue na minha boca. Tudo o que eu mais queria era dormir e acordar quando tudo já estivesse resolvido. Mas eu só tive esse desejo realizado quando um médico de meia idade colocou uma máscara no meu rosto e disse com toda calma do mundo.

— Agora durma.

E eu dormi.

### XXX

Eu acordei ouvindo um apito. Os meus olhos estavam pesados e a minha vista turva, mas eu pude reconhecer a minha mãe sentada na cadeira dura do hospital, dormindo sentada.

Fiquei confusa, pois, por um instante, pensei que estava acordando da longa noite de sono que tirei após passar a madrugada inteira no hospital esperando por Oliver. Mas então os acontecimentos foram se materializando na minha mente e eu senti uma profunda dor de cabeça.

Olhei em volta mais uma vez e percebi que estava na UTI, e os apitos que me acordaram vinham da máquina que monitorava os meus sinais vitais.

— Mãe — murmurei, uma voz que não se parecia mais com a minha.

A minha mãe acordou com um pulo, seus olhos se enchendo de lágrimas. Ela se levantou e me abraçou com todo o cuidado, soluçando e dizendo sem parar:

— Ah, querida... ah, minha querida...

Eu deixei que ela desabafasse, tentando reconstruir tudo o que havia vivido.

Alguns acontecimentos pareciam irrealis demais, mas estavam tão frescos na minha memória que só podiam ser verdade.

— Mãe — eu repeti e ela se afastou, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — O que... o que aconteceu?

A minha mãe abriu a boca para responder, mas foi o grito da minha irmã que invadiu o lugar. Uma enfermeira qualquer pediu silêncio e ela correu até mim, atravessando o corredor inteiro em alguns segundos.

— Hannah, você acordou! — ela fez menção de se jogar em cima de mim, mas, para o bem da minha existência, parou no último instante.

— Pietra! Saia de cima da sua irmã, ela está com dores! — a minha mãe a afastou e Pietra me olhou, sorrindo de orelha a orelha.

— Que bom que você não morreu! — ela disse simplesmente.

— Como eu estou nesse hospital? Quem está pagando por isso? — perguntei, olhando em volta.

— Não importa quem está pagando por isso — a minha mãe resmungou. — O que importa é que você está viva! Onde estava com a cabeça, Hannah?

Eu podia contar sobre o pagamento do serviço, que serviria para cobrir as despesas da internação e do novo tratamento da minha mãe, mas resolvi ficar quieta; não queria que elas ficassem com culpa pela minha irresponsabilidade.

Fiquei me perguntando o quanto elas sabiam e o que estava sendo dito.

— Eu não sei onde eu estava com a cabeça — foi tudo o que eu respondi.

— Enfiada na bunda.

A voz veio da cama ao lado. Pietra, soltando risadinhas, afastou a cortina e eu pude ver Oliver sorrindo para mim. Ele estava sem camiseta com o curativo imenso onde havia levado o tiro.

Nós nos olhamos e nossos olhos se encheram de lágrimas. E então, como se tivéssemos planejado, começamos a rir.

A gargalhar.

Eu queria levantar e ir até Oliver, abraça-lo e beija-lo, mas suspeitava que não seria possível. O contrário também parecia inviável.

— Desculpe pelo palavrão Sra. Knight, mas você tem que concordar comigo nessa — Oliver continuou.

— Sim, Oliver, eu tenho — a minha mãe estreitou os olhos em minha direção. — Se você não estivesse tão machucada, eu mesmo te daria uns tapas.

— O que você está fazendo aqui, Oliver? Não deveria estar em um quarto? — eu quis saber, ao mesmo tempo aliviada por saber que Oliver estava bem e preocupada por ele ainda estar na UTI.

— As coisas se complicaram um pouco — ele foi bem vago e a minha mãe crispou os lábios.

Os dois trocaram olhares cúmplices e aquilo me intrigou.

— Como assim “se complicaram um pouco”? Você está bem?

— Nunca estive melhor — Oliver me deu um de seus sorrisos irônicos e eu senti o meu coração derreter.

— Não mude de assunto, Hannah Knight! — minha mãe exclamou. — A polícia vai querer saber por que você estava na casa de um dos maiores traficantes de entorpecentes do Brasil, e eu também! Você perdeu

completamente o juízo?

— Eu fui enganada, mãe — comecei, tentando não mencionar nomes; ainda não sabia se Oliver estava sabendo de Caio. — Eu confiei nas pessoas erradas, descobri coisas que não deveria ter descoberto e, do dia para a noite, eles me queriam morta.

Sentia que só podia ir até ali com as minhas revelações, e, aparentemente, era o suficiente para a minha mãe, já que os seus olhos se encheram de lágrimas e ela acariciou a minha mão.

Ao mesmo tempo, eu também senti uma pontada de dor terrível nas costelas e fiz uma careta. Só então me lembrei de que deveria estar horrível e que Oliver estava me olhando daquele jeito. Com os olhos arregalados, pedi por um espelho, que foi prontamente entregue por Pietra.

O meu rosto estava realmente terrível; o meu olho direito estava inchado e arroxeadado, a minha bochecha vermelha e sangrenta e a minha testa com um hematoma horrível. Aos poucos, fui me apalpando e descobrindo lugares doloridos e lugares *muito* doloridos. Meu corpo inteiro latejava e eu enfim percebi que meu pé estava imobilizado.

— Meu Deus — foi tudo o que eu consegui murmurar.

— Três costelas fraturadas, pé quebrado, luxações ao longo do corpo, pontos na boca e na testa — Oliver foi enunciando. — E provavelmente muita dor.

— Muita dor — eu concordei. — Quando tempo fiquei desacordada?

— Quase um dia inteiro — minha mãe respondeu.

— E... o que aconteceu...? — eu repeti a pergunta, sem saber direito se queria saber a resposta.

Oliver perdeu o sorriso que tinha e ficou sério, observando os próprios pés na cama da UTI. Minha irmã sentou-se e a minha mãe segurou a minha mão.

— Nós não sabemos direito — ela começou. — Só sabemos que foi a mulher de Sergio que chamou a polícia. Se eles tivessem chegado...

Minha mãe não conseguiu continuar, a voz embargada. Foi Oliver que continuou por ela.

— Se tivessem chegado alguns segundos depois, você não estaria aqui — ele resumiu, sorrindo com pesar para mim. — Eu não fazia ideia, Hannah, eu nem imaginava... Sergio era um empresário famoso, conhecido, e Caio sempre foi um cara legal, completamente normal, eu nunca imaginaria...

— Eles estão presos?

— Sergio, sim. Caio, bom...

Oliver engoliu a seco, bastante abalado com tudo aquilo.

— O Caio tentou fugir e tomou um tiro na nuca — Pietra disse, ao perceber que nem a minha mãe, nem Oliver conseguiriam continuar a história.

Eu fiquei em silêncio, tentando digerir aquelas informações. Era difícil sentir raiva de Caio agora que ele estava morto. Eu só conseguia lembrar dos bons momentos que passei com ele. Era difícil vê-lo como um ser humano ruim... talvez atormentado? Eu nunca saberia, ele nunca poderia se arrepender, nem se explicar, muito menos me pedir perdão.

— Hannah.

Eu olhei para cima, encontrando Emanuelle parada na beirada do meu leito, com os olhos arregalados. Ela provavelmente nunca havia colocado seus olhos em alguém tão desfigurado.

Minha melhor amiga se aproximou e me abraçou de leve, molhando o meu ombro direito de lágrimas. Depois, cumprimentou a todos e se sentou perto de Oliver, sem conseguir parar de chorar.

— Tudo bem, Manu — eu tentei consola-la. — Agora está tudo bem.

— Eu fiquei com tanto medo... — ela soluçou, olhando para mim.

— Já passou. Sério. Olha só, eu estou linda, maquiada, sombra roxa nos olhos! — grincei, arrancando uma risada de Emanuelle, que negou com a cabeça.

— Você não existe...

Nós ainda ficamos conversando por algum tempo sobre tudo o que havia acontecido. Descobri por Emanuelle o “caso Hannah” era a mais nova sensação jornalística do Brasil e que haviam muitos jornalistas do lado de fora da UTI, me esperando sair para conseguir uma entrevista inédita. Porém, para falar com eles, eu primeiro teria que me explicar para a polícia.

Emanuelle ainda contou que a mulher de Sergio havia dado uma entrevista onde explicou que havia recebido “informações anônimas” sobre o trabalho ilegal do marido e estava em um carro do lado de fora da mansão quando viu Caio chegando. Sem conhecer a garota que estava no banco de passageiros, ela achou esquisito e resolveu acionar a polícia; depois disso, não conseguiu falar mais nada, ainda em choque com a morte do filho mais velho.

Sergio foi preso em flagra e, depois que a notícia se espalhou, denúncias começaram a pipocar sobre os seus inúmeros esquemas ilícitos ao redor do Brasil.

A história que rodava pela mídia era a história que João havia contado ao descobrir do assassinato de seu amigo Dênis: Sergio era traficante e havia me sequestrado quando soube que eu fiquei sabendo dos seus esquemas dentro da USP. Felizmente, o ruivo não chegou a mencionar que eu descobri tudo de maneira ilegal, e eu esperava que continuasse daquela forma. Algumas pessoas chegaram a ligar as “informações anônimas” que Andressa recebeu ao que João contou, mas aquela linha de investigação foi categorizada como “teoria da conspiração” e começava a cair por terra.

Tudo isso em um dia.

Depois que os meus familiares e amigos me colocarem a par de tudo o que

havia acontecido, a enfermeira os fez sair, alegando que eu precisava descansar e que ela não conseguiria segurar a polícia do lado de fora se a minha maca estivesse em festa. A minha mãe prometeu que voltaria no dia seguinte e eu enfim fui deixada sozinha.

— Enfim, a sós — Oliver comentou, rindo da nossa situação cômica se não fosse trágica.

— Ah, como eu esperei por esse momento!

— Eu sei que as circunstâncias não são as melhores — ele ficou sério de repente —, mas eu prometo que o próximo encontro será fora do hospital.

Nós dois rimos, lado a lado, ouvindo os resmungos e gemidos das pessoas a beira da morte a nossa volta.

Não era um lugar muito romântico, mas já havia se transformado em nosso ponto de encontro.

— Eu sinto muito pelo Caio — desejei, sincera.

— Eu não — Oliver murmurou, virando o rosto para me olhar. Ele tinha um brilho meio insano nos olhos, uma mistura de ódio e dor. Eu franzi o cenho, sem entender. — Ele quase te matou, Hannah. Quando eu descobri... quando você chegou aqui, eu estava sendo transferido e fiquei desesperado! Você estava toda ensanguentada e eu não sabia o que... Hannah, eu pensei que você fosse morrer!

Eu fiquei em silêncio, lembrando de todo o desespero que senti quando Oliver tomou um tiro; eu sabia como ele se sentia. O desespero, o pânico.

— Eu saí correndo em sua direção, mesmo o médico tendo me proibido de qualquer esforço físico, e as enfermeiras tiveram que me sedar e me deixar na UTI, porque a ferida da bala acabou abrindo de novo. Quando acordei, você estava dormindo ao meu lado, com a aparência um pouco melhor. Mas seu rosto, suas costelas... eu senti tanto ódio que queria procurar por quem havia feito isso com você e mata-lo com as minhas próprias mãos.

— Você não devia ter feito isso, poderia ter se machucado.

— Mais do que eu já estava? — Oliver perguntou, e eu não sabia se era fisicamente ou emocionalmente. — Depois a sua mãe chegou, contou tudo o que sabia e eu só consegui odiar Caio. Não consegui sentir mais nada que não ódio por ele.

Nós ficamos algum tempo em silêncio, enquanto eu processava aquelas informações. O sol começava a se pôr, deixando Oliver com uma luz alaranjada que o deixava mais bonito ainda. Seu peito nu subia e descia com a respiração e eu só queria me deitar ao seu lado e adormecer, agora que tudo estava resolvido.

Mas algumas coisas ainda estavam na minha cabeça. Como o porquê eu estava naquele hospital de rico se não tinha plano de saúde e se L. Love já estava sabendo de tudo o que havia acontecido comigo.

— Por que você foi se envolver nisso, Hannah? — Oliver sussurrou, tirando-me dos devaneios.

E aquela pergunta me atingiu em cheio. Por que diabos eu havia me arriscado daquela maneira? Pelo dinheiro? Não, eu sabia que Emanuelle nunca me cobraria por ter ajudado a minha mãe, mesmo que eu sentisse o dever moral de pagá-la de volta. Então tinha sido a insistência de L. Love? Também não... mesmo porque, ele me alertou diversas vezes de que eu não deveria seguir se estivesse com medo.

Então porque eu havia colocado um alvo vermelho brilhante na minha testa? A troco de nada?

Olhei para Oliver com o imenso curativo na clavícula e uma imensa vontade de entender os meus motivos; seus olhos cor de mel estavam alguns tons mais claros e o cabelo cor de areia se espalhava de qualquer jeito por todos os lados... aquele era o rosto que eu amei desde a primeira vez que o vi, e foi ele que me fez perceber que a resposta daquela pergunta parecia estar ali o tempo todo.

— Porque — a minha voz saiu rouca —, quando eu descobri tudo sobre Sergio, tive medo de que ele te fizesse mal.

Eu ouvi movimentações do leito ao lado, mas estava com medo de começar a chorar se me virasse para ver. Logo, foi bem surpreendente quando Oliver se deitou ao meu lado.

— Oliver! — exclamei, tomando um susto. — Você não pode se levantar! A enfermeira vai te matar!

— Eu acho que nós já podemos parar de nos colocar em situações perigosas, mesmo que na melhor das intenções — ele sugeriu, ignorando meus protestos e passando o dedão de leve pelo meu rosto machucado. Eu olhei para ele, sentindo o calor do seu peito no meu braço. Nossos narizes se tocaram e eu senti sua respiração no meu queixo.

— Quando foi que você mudou de ideia quanto aos seus sentimentos por mim? — perguntei, porque eu precisava saber.

— Depois que eu te vi com o Pedro — ele admitiu e eu me perguntei se ele sabia que nós havíamos transado. — Parece infantil, mas te ver com ele foi a pior coisa que aconteceu no meu ano. Bom, depois de levar um tiro, claro.

— E a Emanuelle? — eu quis saber, porque tínhamos que deixar tudo esclarecido; eu não queria ficar ao lado de alguém que ainda era apaixonado por outra.

— Eu amei a Emanuelle, não posso negar. Mas a Emanuelle ficou para trás, porque eu acabei me apaixonando pela garota que ficou bêbada tomando saquê e depois não quis dar uns pegás no carro comigo.

— Você sabe mesmo como fazer um discurso romântico, Oliv — eu disse com ironia e Oliver riu.

— Nós ainda vamos retomar de onde paramos, logo depois que conseguirmos nos mexer direito — foi a minha vez de rir.

Mas eu sabia que precisava contar o que havia acontecido entre Pedro e eu; infelizmente, havia acontecido, e eu não podia reverter as minhas atitudes. Aproveitando o momento de colocar tudo em cima da mesa, respirei fundo e comecei.

— Oliver, eu e o Pedro, bom, nós...

— Eu sei — ele me cortou, ficando sério repentinamente. — Ele me contou. Tudo. Agora, nós podemos ficar remoendo isso por muito tempo ou podemos fingir que nunca aconteceu. Eu prefiro a segunda alternativa. E você?

— A segunda, com certeza.

— Ótimo, agora chega mais pra lá — ele pediu, remexendo-se com uma careta de dor estampada no rosto.

— Eu não consigo “chegar mais pra lá”, eu quebrei minhas costelas por sua causa, lembra?

— Vai jogar na cara mesmo? — ele se ajeitou e eu deitei minha cabeça em seu peito, rindo.

— Apreendi com o melhor.

— Sabe, Hannah, quando nós nos esbarramos naquele ônibus indo para Ribeirão há duas semanas, eu não imaginava que estaríamos na UTI dias depois, abraçados e declarando o nosso amor juvenil um pelo outro.

— Pois deveria — beijei seu ombro nu com meus lábios inchados —, não é para isso que os escritores servem? Imaginar histórias mirabolantes?

— Essa ficou muito além da minha criatividade, meu amor — ele respondeu e nós rimos.

Acabamos adormecemos abraçados instantes depois, exaustos.

Nenhuma enfermeira veio nos incomodar aquela noite. E eu dormi sorrindo

por ter sido chamada pela primeira vez de “meu amor”.

## VINTE

— Emanuelle, sai daí — eu resmunguei, jogando um lençol em cima da minha melhor amiga; não que melhorasse muito a situação, já que ele era branco e quase transparente. — Você acha isso tudo muito engraçado, mas quero ver quando a sua bunda sair no Fantástico!

— Relaxa, meu amor — Emanuelle riu, desfilando em frente a sacada só de calcinha e sutiã, enquanto os fotógrafos no prédio em frente faziam um milhão de fotos por segundo, gritando coisas desconexas. — Eu só estou tentando te proteger!

— Você está tentando entrar para A Fazenda, isso sim! “A Melhor Amiga Peladona Daquela Moça Que Foi Sequestrada Pelo Sergio Maia”, esse vai ser o seu título de subcelebridade — eu saí do banheiro e marchei até a sacada, fechando as cortinas e acabando com a festa. Ainda pude ouvir “Hannah, nos conte como Sergio conseguiu te sequestrar!” ecoar pelo vão entre os prédios, mas eu já estava ficando boa em apenas ignora-los. — O que o Pedro vai pensar disso?

— O Pedro vai rir bastante e será o primeiro a comprar a minha revista — Emanuelle revirou os olhos, vestindo o shorts jeans que estava em cima do encosto do sofá.

Um mês havia se passado desde o meu quase assassinato e os jornais e revistas de todo o país ainda queriam descobrir os detalhes sórdidos do que diabos havia acontecido na adega do milionário Sergio Maia, que havia sido processado por assassinato, formação de quadrilha, tráfico e outros diversos crimes e aguardava julgamento em regime fechado; nem o melhor dos advogados conseguiu tira-lo daquela merda toda.

Provavelmente, o meu voto de silêncio era o que mais intrigava a mídia e

os fazia continuar me caçando, mesmo com a minha nota oficial que dizia, de uma maneira educada, “me deixem em paz, seus filhos da puta”.

— Eu amo o verão! — Emanuelle anunciou, amarrando a sua camisa xadrez para deixar a barriga de fora. Eu estava fuçando em meu próprio armário, decidindo qual calça jeans usar, mas ela foi mais rápida. — Não, não, mil vezes não! Você não vai colocar uma calça jeans nesse calor, Hannah!

Um vestido florido voou em minha direção e atingiu o meu ombro esquerdo. Eu pensei em protestar, mas Emanuelle era especialista em tirar a minha paciência, então apenas revirei os olhos e me despi.

— Sabe, você é o tipo de pessoa que merecia um calote — eu resmunguei, colocando o vestido pela cabeça —, infelizmente, a minha honra não me permitiu gastar todo aquele dinheiro em chocolate.

— E eu te disse mil vezes que você poderia ter gastado — Emanuelle pareceu um pouco ofendida —, eu nunca te cobre nada e você sabe disso. Eu amo a sua mãe e queria vê-la saudável, não estava te fazendo um empréstimo, estava ajudando alguém que precisava de mim!

*Você deveria ter dito isso antes que eu me envolvesse em um esquema de tráfico de drogas e acabasse quase morta no chão de uma adega gelada, eu pensei em responder, mas tudo o que eu fiz foi voltar a me concentrar na difícil tarefa de ajeitar o vestido nas minhas coxas.*

Além disso, eu sabia daquilo. Emanuelle era uma boa alma.

O dinheiro da espionagem virtual caiu na minha conta no dia em que eu saí da UTI. 50 mil reais, como o prometido. Eu entreguei os 25 mil do tratamento da minha mãe à Emanuelle, alegando que aquele dinheiro provinha do uso da minha imagem em jornais e revistas e peguei os outros 25 para mim. Guardei 20 na poupança e o resto torrei em um notebook novo de última geração. A princípio, Emanuelle não queria receber a sua parte, mas eu fui bastante insistente e ela aceitou, mas disse que doaria a alguma instituição de caridade.

Devia ser bom ser rica.

Logo, eu voltava a ser a boa e velha Hannah de sempre, continuando a receber trabalhos de L. Love – menores e menos perigosos, como eu havia pedido –, que tratava tudo o que havia acontecido comigo como “um infeliz acidente de percurso”. No começo, aquilo me deixava possessa, mas depois eu entendi que o humor do meu amigo hacker era um tanto quando deturpado e aprendi a rir junto.

— Isso, você está linda! — Emanuelle suspirou, caminhando em minha direção e alisando o tecido na minha bunda. — Pena que não pode colocar um salto alto nessa bota infernal, se não estaria completa!

Eu ri e coloquei os meus óculos escuros, mancando até a escrivaninha e pegando a minha bolsa. Eu estava quase totalmente curada, não fosse as complicações no meu pé quebrado. Mas, olhando pelo lado positivo das coisas, pelo menos a minha enfermidade fazia com que Oliver me carregasse no colo de um lado para o outro, como se eu fosse uma princesa em perigo. Era de brincadeira, mas eu adorava.

Nós demos uma espiada no corredor antes de sair e deixamos o apartamento. Passaríamos as férias de verão separadas, Emanuelle em sua mansão pé na areia na Riviera, com Pedro, e eu em minha velha e aconchegante casa em Ribeirão, com Oliver.

Depois de tudo o que nos aconteceu, Emanuelle e Pedro perceberam que a vida era imprevisível demais para continuar brigando. Eles contaram toda a verdade para Oliver, que não podia ter reagido melhor, e decidiram tentar de novo; os homens e as mulheres da USP ficaram bastante decepcionados quando Emanuelle e Pedro pararam de “curtir a vida”. Claro que ainda era estranho encontrar com Pedro, mas nós estávamos tentando conviver pacificamente, ainda mais porque ele e Oliver eram amigos.

Emanuelle me ajudou em todo o percurso do elevador até o hall e nós saímos do prédio. Parados na frente da portaria, Oliver e Pedro conversavam animadamente, ambos de óculos escuros e estupidamente lindos. Claro que eu nunca admitiria isso nem a Emanuelle nem a Oliver, mas era um tanto

quanto gratificante saber que os meus dois únicos parceiros sexuais da vida inteira eram os caras mais gatos da USP.

Nada mal para uma *nerd* sem vida social!

Eu acenei brevemente com a cabeça para Pedro, que repetiu o gesto e foi até Emanuelle. Porém, antes que eu pudesse ser agraciada com a cena dos dois se beijando, Oliver me tirou do chão e me levou até o seu carro.

— Você não precisa fazer isso todas as vezes, Oliv — eu comentei, sentindo os seus músculos rígidos nas minhas costas.

— Eu faço porque gosto que as pessoas pensem que eu sou forte — ele rebateu.

— Um ponto para o time da masculinidade frágil — gracejei.

Oliver me colocou no banco de passageiro e deu a volta pela frente do carro, assumindo o volante. Pedro buzinou para nós, saindo do estacionamento com Emanuelle ao seu lado, e Oliver buzinou de volta.

— Pronta para as férias de verão, *mon amour*? — ele quis saber, inclinando-se em minha direção e beijando a ponta do meu nariz.

— Você fica tão sexy fingindo que fala outras línguas — eu descii uma trilha de beijos até a sua boca e nós nos beijamos demoradamente, enquanto eu acariciava a sua nuca e sentia o seu cabelo fino entre os meus dedos. Quando nos separamos, nós dois estávamos sorrindo. — E você sabe que eu nasci pronta.

**XXX**

Ao invés de pegarmos o ônibus, Oliver dirigiu até Ribeirão, e nós passamos horas divertidas dentro do carro, conversando, cantando alto e

parando em um restaurante charmoso na beira da estrada para almoçar a típica comida da fazenda. Quando finalmente chegamos na minha cidade natal, ele estacionou na garagem e Pietra nos ajudou com a bagagem.

Já dentro de casa, a minha mãe fez Oliver se instalar na sala – como se ela fosse permitir que dormíssemos juntos – e nos preparou um delicioso jantar, com rosbife, batatas assadas e ervilhas. Algumas horas depois, quando acabamos de jantar e conversar, Oliver saiu para correr, um hábito que havia adquirido depois que nós dois decidimos parar de fumar juntos, quase como um agradecimento por ainda estarmos vivos.

Eu fiquei para ajudar a minha mãe na cozinha, já que o meu pé me impossibilitava acompanhá-lo.

A minha mãe lavava a louça e eu a secava, e estava com o pano de prato em uma panela de inox quando ela me surpreendeu com um curto monólogo.

— Querida, queria que você soubesse que eu gosto muito do Oliver — ela me passou mais um prato e eu comecei a secá-lo. — Confesso que quando o conheci, pensei que ele fosse um garoto cheio de si que partiria o seu coração ingênuo. Sabe, esse é um dos piores medos de qualquer mãe, ter de observar passivamente enquanto seus filhos sofrem, seja por decisões erradas, seja por corações partidos. Mas eu não podia estar mais enganada... o jeito como ele ficou quando descobriu que você estava na UTI foi a prova de que ele é um garoto muito especial e te ama de verdade.

— Obrigada, mãe — eu coloquei o prato seco na pilha e recebi outro. — Eu fico feliz em ouvir isso. Eu... bom, eu o amo de verdade também.

— Eu sei que ama — ela sorriu, concentrada na tarefa de ensaboar os talheres. — O jeito que você olha para ele... eu olhava da mesma maneira para o seu pai.

— O papai foi um homem de sorte então — eu comentei e nós continuamos com os nossos afazeres.

### XXX

Naquela noite, depois que a minha mãe e irmã foram dormir, Oliver me carregou até o jardim dos fundos, muito bem cuidado por Pietra, e nós nos deitamos no gramado molhado pelo orvalho, observando as estrelas e dando nomes engraçados às constelações inexistentes.

— Aquela ali — Oliver apontou para um amontoado sem qualquer sentido de estrelas brilhantes. — “O Tiroteio no Pub”.

— Só é engraçado porque ninguém morreu — nós dois rimos e eu apontei para uma linha de estrelas menores. — Aquela ali. “A Fila do Bandejão”.

— Hannah, eu agradeceria se você não mencionasse a USP em um momento como esses — Oliver fingiu estar magoado e nós caímos na risada mais uma vez.

Eu levantei o braço para apontar para mais uma “constelação”, mas Oliver cruzou os nossos dedos no ar e levou a minha mão até a sua boca, beijando-a com carinho.

— Hannah Knight, o que você acha de elevarmos esse relacionamento de “leve um tiro por ela” para “namorando no Facebook”?

Eu virei o meu corpo para o lado e Oliver fez o mesmo. Nós dois estávamos sorrindo tanto que os nossos rostos podiam rasgar a qualquer momento.

— Isso é um pedido de namoro, Oliver Morais?

— Por que? Não ficou claro?

— Você precisa entender que é difícil acompanhar a mente de um escritor quando a minha diversão é resolver equações logarítmicas, Oliv.

Oliver se aproximou e me deu um selinho demorado. Depois, separou as

nossas bocas e mordeu a minha bochecha.

— E então, sim ou não?

— Sabe, para um aluno da melhor universidade do Brasil, você faz perguntas muito idiotas — eu coloquei a minha mão em sua nuca. — É claro que sim!

— Ótimo! — ele sorriu. — Agora os meus pais vão parar de perguntar se eu sou gay.

— Sempre romântico — eu revirei os olhos, juntando as nossas cabeças para um beijo mais demorado.

Depois, quando o soltei, precisei tirar um grande segredo do meu peito.

Um segredo que estava me matando.

— Oliv, eu preciso te contar uma coisa — disse, e ele concordou com a cabeça para que eu continuasse. —Eu nunca tive um namorado em Ribeirão. Eu nunca namorei. Voltava para visitar a minha família mesmo.

Oliver ficou em silêncio por alguns instantes, mas depois começou a rir sem parar. Quando terminou, acariciou o meu rosto lentamente e disse:

— Para tudo tem uma primeira vez.

Naquela noite, depois que nós dois fingimos que fomos dormir, Oliver foi de mansinho até o meu quarto e nós fizemos aquilo que estávamos viciados em fazer desde que os nossos médicos nos haviam liberado para o “esforço físico”.

Se a minha primeira vez havia sido esquisita, a minha primeira vez com Oliver havia sido incrível, delicada e mágica, como eu imaginei que seria. A verdade é que eu havia aprendido que a virgindade era um mito, e transar pela primeira vez quase sempre seria uma merda, mas com treino, prática e paciência tudo começava a ficar gostoso e se encaixar.

Exatamente como eu e Oliver.

### XXX

No dia seguinte, expulsei Oliver do meu quarto logo pela manhã, com medo que a minha mãe nos pegasse juntos e pelados, e voltei a dormir. Acordei algumas horas depois, com a minha irmã avisando que o almoço estava pronto. Eu tomei um banho e me arrumei, encontrando Oliver no corredor, observando algumas fotos da família penduradas na parede.

Eu fui até ele e o abracei por trás, beijando o seu ombro.

— Bom dia, namorado.

— Bom dia, namorada — ele falou de uma maneira um pouco vaga, concentrado em uma foto em particular.

— Esse era o meu pai — expliquei, saindo de trás dele para poder apontar para o homem mais jovem da foto, abraçado a um senhor que eu não conhecia, mas que não me parecia estranho. — Você teria gostado dele.

— Que estranho — Oliver disse, franzindo o cenho. — Esse senhor ao lado dele é a cara do avô da Emanuelle!

Eu observei a foto atentamente. O senhor parecia mesmo uma versão mais jovem do homem que estava com Emanuelle no dia da matrícula na USP, mas era muito improvável que o meu pai fosse amigo íntimo de um bilionário da rede de farmácias.

— Deve ser alguém parecido — eu disse, não me convencendo muito bem daquilo.

— *Meninos! A comida vai esfriar!*

Eu e Oliver nos entreolhamos, rindo. Ele me pegou no colo e nós descemos a escada, esquecendo do antigo retrato na minha parede.

Já na mesa, Oliver contou a novidade de que estávamos namorando e me fez entrar no Facebook pelo celular para aceitar o seu pedido de mudança de perfil.

Aquelas foram com certeza as melhores férias da minha vida. A minha mãe estava saudável, a minha irmã pôde ser a pré-adolescente que tinha o direito de ser e eu passei um mês maravilhoso ao lado de Oliver, o grande amor da minha vida.

No final de tudo, eu havia aprendido muitas lições. Nunca dever dinheiro a ninguém, não se envolver com criminosos perigosos, não confiar em qualquer um, não perder a virgindade para o cara mais galinha da faculdade, ouvir os conselhos da minha melhor amiga, nunca aceitar caronas de desconhecidos, ser sincera sobre os meus sentimentos e, o mais importante de tudo, sair um pouco do computador e viver a vida real.

Afinal, foi só quando eu decidi colocar o nariz para fora de casa que a maior aventura da minha vida aconteceu.

### XXX

— Emanuelle, pelo amor de Deus, o que tanto você digita nesse computador? — Pedro berrou de dentro do banheiro. — Se não começar a se arrumar nós vamos perder as reservas para o nosso último jantar de férias!

Emanuelle revirou os olhos e continuou a escrever. Pedro então saiu do banheiro com apenas uma toalha branca na cintura e se apoiou no batente da porta, observando a sua namorada concentrada no notebook.

— Sério, meu amor, qual é a desse computador? Eu vou começar a achar

que você tem outro namorado.

A morena riu e virou o rosto para Pedro.

— Se você quer mesmo saber, eu vou contar. O meu avô tinha um melhor amigo — ela começou, e Pedro estreitou os olhos, sem entender o que aquilo significava. Porém, antes que ele pudesse perguntar qualquer coisa, ela continuou falando. — Um pupilo, na verdade! Eles se conheceram quando esse cara trabalhou na farmácia do meu avô e eles ficaram muito amigos. O plano era que ele assumisse a farmácia depois que o meu avô morresse, já que o meu pai era um drogado imprestável, mas esse homem nunca quis... aliás, ele nunca aceitou um só favor do meu avô, e sempre ficou ao lado dele, nos momentos bons e ruins! Era como o filho decente que o meu avô nunca teve. Depois de algum tempo, esse cara se casou e começou a construir uma família, e saiu da farmácia, procurando melhores oportunidades em outros empregos.

Pedro continuava parado na porta, ouvindo a história com atenção. Emanuelle continuava a digitar enquanto falava.

— Até que um dia esse amigo do meu avô adoeceu. O meu avô não suportava vê-lo se deteriorando cada dia mais e os dois começaram a se comunicar apenas por e-mail. Em um desses e-mails, um dos últimos antes dele ficar de vez na cama, ele pediu para que o meu avô cuidasse da sua família e, mais especificamente, da sua filha mais velha, que era, nas palavras dele, “uma garota muito especial”. Depois que ele faleceu, o meu avô pagou o financiamento da casa em que eles moravam e ajudou a família até quando pôde, mas a velhice o impediu de continuar tão ativamente. Foi quando ele me transferiu essa tarefa e me pediu sigilo, porque sabia que aquelas eram pessoas muito honradas e não aceitariam ajuda tão fácil assim, apesar de todos os problemas. Em respeito ao meu avô, eu passei a ajuda-los. Consegui uma bolsa para a menina mais nova em um ótimo colégio e comecei a oferecer oportunidades anônimas de trabalho para a filha mais velha, além de ter ajudado a mãe delas, que ficou doente. O meu avô vira e mexe me pergunta como andam as coisas, se eu continuo ajudando, dá pra ver que ele gostava mesmo desse homem. E sabe de uma coisa? Eu sinceramente

pretendo continuar com isso depois que ele se for, porque acabei me apegando a elas. E é isso que eu faço no computador, meu amor, eu continuo a ajudar essa família a pedido do meu avô.

— É muito legal da sua parte, Emanuelle — Pedro se aproximou da namorada e beijou o topo da sua cabeça. — Obrigada por compartilhar isso comigo.

— Agora vamos, já acabei — Emanuelle apertou o *enter* e fechou a tela do notebook. — Vou só tomar banho e ficar cheirosa para você.

Os dois deram um longo beijo no meio do quarto e Emanuelle foi até o banheiro, despindo-se e tomando um banho demorado, rindo sozinha do diálogo que tivera há poucos minutos.

*L. Love [mensagem enviada às 19h23]:*

E aí? Já voltou das suas férias românticas e totalmente inúteis? Porque eu preciso de você para alguns serviços. Tranquilos, mas que prometem uma boa grana!

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h23]:*

Primeiro: você precisa parar de invadir o meu computador e a minha vida, está ficando esquisito, até para você; essa viagem era para ser algo pessoal, sabe? Segundo: você está cada dia mais rabugento, L.! Me deixe chegar em São Paulo antes de me estressar com essas coisas... meu Deus, nem parece que foi mês passado que você quase fez com que eu fosse assassinada!

*L. Love [mensagem enviada às 19h24]:*

Não seja injusta. Se não fosse o meu repasse de informações, a mulher do canalha nunca teria chamado a polícia. Ou seja, eu salvei a sua vida e ainda te entreguei de bandeja 50 mil reais.

*K. Hunter [mensagem enviada às 19h24]:*

Ok, continue vivendo essa ilusão. Eu preciso ir agora, o meu namorado gostosão está me apressando. Até logo, L.

*L. Love [mensagem enviada às 19h24]:*

Até muito logo, K. Hunter.

*L. Love está off line.*

## EPÍLOGO

**K. Hunter diz:**

Oi, sumido.

**Oliver C. Moraes diz:**

Meu Deus, K. Hunter, você ainda existe? Há quanto tempo nós não nos falamos? Desde que... bom, desde que você me deu uma lição de moral e nunca mais respondeu ao que eu disse.

**K. Hunter diz:**

Sim, e eu peço desculpas por isso! A minha vida ficou tão maluca nos últimos tempos... mas eu nunca deixei de sentir a sua falta! Para falar a verdade, eu queria te dizer que estou agora mesmo segurando uma cópia de “Só Seu” e simplesmente não consigo parar de chorar. POR QUE VOCÊ FEZ ISSO COM O BERNARDO? Muita maldade. Mas eu amei! Amei, amei, amei, estou viciada no livro e fico feliz por ter feito parte do processo criativo.

**Oliver C. Moraes diz:**

Tanta coisa aconteceu depois que nós nos falamos pela última vez, K... para resumir tudo, eu tomei um tiro, me declarei para aquela garota sobre quem nós conversávamos, ela quase foi assassinada, nós ficamos juntos na UTI, eu a pedi em namoro e o meu livro, aparentemente, é um sucesso entre as donas de casa!

**K. Hunter diz:**

Um tiro? Meu Deus, isso é horrível. Você está bem?

**Oliver C. Moraes diz:**

Eu nunca estive melhor, K. Hunter, nunca estive melhor.

**K. Hunter diz:**

Bom, eu fico mais do que feliz! De qualquer maneira, eu só passei aqui para te parabenizar e dizer que estou fechando essa conta. Eu preciso viver um pouco a minha vida real, Oliver! E você também, agora que as coisas estão indo tão bem na sua carreira! Mas eu achei prudente te dizer adeus

antes, porque, bom, você foi uma parte importante da minha vida durante todo esse tempo. Obrigada por compartilhar comigo o seu talento! E eu te desejo todo o sucesso do universo. De coração.

**Oliver C. Moraes diz:**

Obrigada, K. Hunter. Espero um dia poder te encontrar na vida real, mesmo sem nunca ter visto o seu rosto.

**K. Hunter diz:**

Você já encontrou, Oliver.

**A conta de “K. Hunter” não existe mais.**

FIM

# Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer você, que chegou até aqui! Muito obrigada pela confiança e pela leitura, fico muito feliz que você tenha dado uma chance a nossa *hacker* Hannah.

Já é a terceira vez que reescrevo essa histórias, mas agora, finalmente, ela ficou do jeitinho que vocês merecem, e eu espero de coração que tenham gostado. Eu adoro a Hannah e toda a sua fragilidade durona, e contar a história dela ao longo desses anos tem sido um privilégio imenso.

Gostaria também de agradecer ao meu namorado Renato, que me ouviu reclamando sem parar sobre todos os meus receios e medos durante esse processo e que nunca, nunca mesmo, me deixar desanimar. Eu te amo, Rê.

Quero agradecer também a Andy, que fez a capa maravilhosa desse livro e profetizou que tudo daria certo; eu espero mesmo que dê, mas se não der, pelo menos nós nos divertimos no caminho.

Também quero agradecer aos meus familiares e amigos, todos eles, sem exceção, por serem parte tão importante da minha vida. Amo todos vocês, muito obrigada!

Por último, mas não menos importante, quero agradecer do fundo do meu coração todos os leitores e leitoras que tiram um tempinho de suas vidas para lerem as minhas histórias. Vocês significam tudo na minha vida, tudo mesmo, e eu não seria nada sem vocês, então: muito obrigada.

Finalmente, quem avaliar essa história lá na Amazon e me mandar um print no [rct.jacobucci@hotmail.com](mailto:rct.jacobucci@hotmail.com) vai ganhar um conto inédito de Hacker, então não deixa de avaliar! Você vai perder 5 segundos e ganhar mais coisas para ler, yaaay! <3

## **MINHAS REDES SOCIAIS**

Instagram: @rayctjay

Twitter: @rayctjay

Facebook: /rayctjay

Wattpad: @ray\_tavares